3 1761 05281636 0

A MULHER EM PORTUGAL

Antonio da Costa

DOM ANTONIO DA COSTA

A MULHER EM PORTUGAL

OBRA POSTHUMA

PUBLICADA EM BENEFICIO DE UMA CREANÇA

LISBOA
Typ. da Companhia Nacional Editora
50, Largo do Conde Barão, 50
1892

LIBRARY
MAY 4 1977
UNIVERSITY OF TORONTO

HD
1697
C67

ADVERTENCIA DO EDITOR

Tem o leitor ante os olhos uma das mais bellas obras de D. Antonio da Costa, se não é a mais bella.

Ficou infelizmente por acabar este nobre edificio; mas, ainda assim, já vale pelo que é, e bem revela quanto podia ter crescido no plano, e melhorado nos pormenores, se a mão de Deus, em seus imperscrutaveis designios, não apagasse tão cedo o espirito sublime do architecto!

Appareceu o manuscripto entre o espolio litterario legado pelo auctor ao coração do seu amigo mais intimo; e entendeu-se que seria optimo serviço ao Publico Portuguez offerecer-lhe, tal como a deixára o escriptor, esta producção notavel. Desamparal-a por incompleta, consentir que ficasse esquecida, quando ella é de si tão valiosa, tão espiritualista, tão actual, e tão cheia de intenções beneficas, seria imperdoavel crime,

em quem saiba apreciar a uncção e eloquencia d'essas paginas, e o muito amor que D. Antonio da Costa n'ellas encerrou.

Quantos templos, quantos paços senhoris e realengos não admira a Historia-critica da Arte, embora incompletos ou truncados! Com faltar uma torre, uma ala de salões, uma varanda, um azulejado de corucheo, não deixa o paço de vir a ser habitado pelos seus destinatarios; e o templo, embora lhe falte um lanço de claustro, uma portada, uma capella, uma sineira, não deixa de se adornar de sedas e flores, estrellar-se de luzes, attrahir o povo, e resoar com os canticos sinceros da devoção.

Assim é este livro: um alcáçar litterario, onde avulta em todo o esplendor um talento de primeira ordem; um templo magnifico, onde o culto do bom, do bello e do grande se manifesta com toda a pujança e toda a singeleza da verdade.

D. Antonio da Costa queria muito a este livro (por outra: á ideia d'este livro); lidou em tão pesada faina longo tempo; empregou n'ella avultado cabedal de trabalho e perseverança, que mal parecia já compativel com as suas doenças e a sua idade; e, como certos paes, que vigiam com amargo sobresalto os filhos tardios das suas entranhas, e estremecem á lembrança de já não poderem dirigir-lhes de perto a educação e o desabrochar juvenil, assim D. Antonio da Costa, por um presentimento sinistro, que assustava os amigos, encarava com immensa e invencivel melancholia este filho derradeiro do seu engenho poetico e da sua indole essencialmente philanthropica. Nas conversações caseiras, quanta vez manifestou elle o susto de não

pôr a ultima lima em tão complicada concepção! Quanta vez, percorrendo e acariciando com algum amigo esses capitulos formosissimos, ou relendo algum trecho d'esses estudos historico-philosophicos, se lhe via o receio de não chegar ao termo da tarefa! E por mais que tentassem distrahil-o d'esses pensamentos negros, desannuviar-lhe o espirito, e levantar-lh'o, elle, na apathia morbida dos seus ultimos mezes de vida, parecia succumbido ante a ideia de deixar sem tutor, e inhabil para cumprir a sua missão civilisadora, um livro como este, tão meditado, tão sentido, tão filho do seu estro, ou antes, do seu coração!

O estro entrou aqui para muito n'estes quadros de poeta; mas o coração teve quinhão maior n'estes anhelos de homem bom.

Quem procurar estudos historicos, quem quizer deliciar-se na restauração intelligente e conscienciosa de personagens historicos e paineis de interesse nacional, tem na Parte I muitissimo onde saciar a sêde. Quem se quizer entregar aos devaneios (talvez arrojados) do philosopho humanitario, ás suas considerações em favor da melhoria do lar portuguez, em favor da civilisação de Portugal pelo estudo e pelo trabalho serio, em favor da mulher portugueza, como filha, esposa, mãe, educadora, e modelo, percorra os vibrantes capitulos da Parte II.

O que o leitor ha de lamentar... é que de alguns d'esses capitulos só existam o titulo e os apontamentos principaes, e que outros ficassem em meio, pasmados e inertes como as arcarias desmanteladas de uma ruina! O que ha de compungir muito dolorosamente o leitor affectuoso, é que o sôpro creador não tivesse

chegado ainda a todas as partes componentes d'esta vasta mole; e que, em summa, por entre as cantarias amontoadas para a prosecução do edificio, se leia já entre musgos um lugubre AQUI JAZ!

E comtudo... (tal é o condão do talento!) d'entre essa mesma confusão de trechos por acabar e polir, entremeados de grandes lanços já polidos e soberbos, resae um encanto mysterioso, que ainda vem augmentar o prestigio do livro. No incompleto do todo ha uma grandeza inconfundivel, como nas «capellas imperfeitas» da Batalha. N'aquelle não-concluido do plano, parece pairar, descansando do lavor interrompido apenas, o espirito immortal do auctor; e junto do AQUI JAZ, como que lhe escutâmos claramente: AQUI ESTOU.

Sim; é porque D. Antonio da Costa não morreu; continúa vivo na saudade dos Portuguezes, que o viram dedicar toda a sua vida, todo o seu engenho de artista, todos os seus esforços de funccionario, de particular, e de escriptor, em prol do bem da sua Patria.

A leitura, pois, do presente livro «A Mulher em Portugal» tem o que quer que seja do sombrio e prophetico bradar de uma voz occulta, ainda viva além-tumulo. Estas folhas, escriptas muita vez com lagrimas, são um testamento. Oxalá saibam cumpril-o os poderes publicos, a quem o auctor o destinou.

Uma ultima advertencia:

Com tal publicação continúa, por assim dizer, a exercer-se posthumamente a inexhaurivel caridade de D. Antonio da Costa. O producto da edição é destinado a uma creança desvalida que elle protegia, a quem sentava á sua mesa, e a quem dava, além dos carinhos, os conselhos moraes.

Quando esse menino crescer, e souber comprehender os sentimentos bons encerrados ao longo d'estas paginas, ha de apreciar então, com as suas saudades. todo o affecto que trasbordava do grande coração do seu Protector e seu Amigo.

11 de junho de 1892.

PARTE PRIMEIRA

A MULHER NA HISTORIA

SECÇÃO I

A' SOMBRA DO CLAUSTRO

CAPITULO I

A Mulher nas classes elevadas

I

Assim como seria crime, nas eras do absolutismo, negar á mulher popular o seu merecimento, injustiça menor não seria, nos nossos tempos democraticos, regatear ás classes elevadas a commemoração que merecem por virtudes, valor, ou caridade. A cada um a gloria dos serviços que soube prestar, e dos exemplos que deixou.

Logo no principio da Monarchia, recordarei o valor com que o fraco resistiu á oppressão do poderoso.

Duas senhoras, a Infanta D. Thereza em Montemór, e a Infanta D. Sancha em Alemquer, cercadas por seu irmão D. Affonso II, que ambicionava rehaver as villas de que ellas eram donatarias, por tal modo dirigiram a defensa, que o Rei se viu obrigado a propôr-lhes a paz.

Passam os annos. Ao valor bellico d'essas Princezas,

vemos corresponder n'outra a generosidade do coração. Ao filho alheio, acolhe como se d'elle fôra mãe. É esposa, e lança sobre as fragilidades do marido o veo da misericordia. Quando vê seu proprio herdeiro armado contra o pae, vôa a reconcilial-os. Quando em Santarem vê os orphãos morrendo á mingua de curativo, funda-lhes um hospital. Funda outro em Coimbra para homens e mulheres. Emfim, se a apparição das rosas no inverno é uma lenda, essa lenda encerra um exemplo social, patenteando a modestia, que é sempre formosa.

Não é de colorido menos vivo o quadro da que, pela educação, deu á Patria uma raça de heroes. Para celebridade d'essa raça, bastariam o maritimo Descobridor, e a rija tempera de um braço que lançou n'este Reino a base das franquias populares, realisadas depois pelo Reformador de ferro, que se chamou D. João II.

D'entre tantas outras senhoras que no seculo XV illustraram Portugal, vejo agora erguer-se aquella, que mais do que portugueza de adopção, é portugueza dos quatro costados. Duas vezes bisneta de D. João I, por seu pae o infante D. Fernando, e por sua mãe a infanta D. Beatriz, D. Leonor deixou á sua Patria padrões indeleveis. As suas cinzas não jazem com pompa no mosteiro de S. Vicente, nem no da Batalha, nem no dos Jeronymos, nem sequer os encerra modesto mausoleo. Modesta como ella, a simples campa que lhe abriga os restos no claustro da egreja da Madre de Deus, que fundou, fala ainda mais do que esses monumentos. As suas obras derramam mil bens sobre successivas gerações, alliviando infortunios, arrancando victimas aos precipicios, estimulando talentos, iniciando

artes, desenvolvendo progressos; e essas obras são o hospital das Caldas, as mercearias, edições importantes nos inicios da Typographia, a protecção ao immortal que se chamou Gil Vicente, a fundação de um theatro portuguez segundo a possibilidade do tempo. Corôa tudo isto a Misericordia de Lisboa, já por si um monumento de beneficencia, quando mesmo não houvera sido o toque de alvorada de toda essa cohorte de estabelecimentos analogos, que tantos fructos tem sabido espalhar da grande arvore da Caridade.

II

Segundo as indicações de D. João III, a Rainha D. Catharina, sua viuva, havia de assumir a Regencia do Reino em nome d'el-Rei D. Sebastião.

D. Catharina tinha já conquistado, pelos seus antecedentes, a opinião geral, e a sua auctoridade moral attrahia o respeito de todos. Vieram os seus actos confirmar esse conceito. Dotada de superior sagacidade para comprehender os negocios nos differentes ramos da administração, juntava á prudencia o animo. Patenteou-o nos assumptos da administração ultramarina, sendo d'isso notavel exemplo os promptos soccorros e activas providencias a que se deveu o livramento de Mazagão, e o levantamento do cerco posto á nossa importante fortaleza por Muley-Hamet.

Em prova do que deixo dito, leiam-se palavras de um escriptor coevo (e de bom credito), Frei Bernardo da Cruz, na sua Chronica editada por Herculano:

«A Rainha D. Catharina começou com muita suavi-

«dade a tratar os negocios, sem faltar ponto na admi-«nistração da justiça, como nos apparatos da Africa e «India, o que fazia com tanta prudencia e esforço de «animo, que fez vantagem a muitos principes, desejo-«sos de alcançar famosos nomes.»

Sollicita pela gloria das letras nacionaes, mandou recolher das universidades estrangeiras os estudantes portuguezes, para virem cursar a de Coimbra, que pela nova reforma havia progredido. Não lhe foi menos affecta a educação das creanças, e fundou em Lisboa um instituto para orphãos. Velou pela misera sorte da mulher, e arrancou á depravação quantas infelizes poude. Finalmente, acudiu com soccorros aos cavalleiros de Africa, se regressavam á Patria pobres ou impossibilitados, depois de bons e gloriosos serviços.

Fado nosso! (e porque não do mundo todo?): diante da justiça, a cavillação; contra os altos espiritos que se apresentam á franca luz do dia, a intriga que mina nas trevas. Um corrilho mesquinho, acoitando-se á sombra do Cardeal D. Henrique, tão mesquinho como elle, não podia encarar aquelle merito que o offuscava; lançou mão da arma traiçoeira, e empeçonhou com intrigas successivas o animo da Regente.

Não era D. Catharina caracter que sossobrasse aos tiros da emboscada; fez-lhe frente. Mas a injustiça desgosta; a Rainha succumbiu. Convocou as Côrtes para resignar o mando; mas essa sua retirada foi um triumpho. Nobres, prelados, camaras populares, a voz geral, que era a voz da nação, ergueram-se reclamando contra a renuncia da Rainha, por meio das mais energicas representações.

Entre estas, figura com chiste a de D. Frei Bartho-

lomeu dos Martyres. Simples frade no Mosteiro de Bemfica, acceitára violentado a mitra de Braga, por apresentação e instancias de D. Catharina. Depois de enumerar em sua carta de 7 de junho de 1561 as razões que obrigavam a Regente a manter-se no seu posto, accrescentava:

«Lembre-se Vossa Alteza do que me dizia, per-«suadindo-me a tomar esta Braga, muito mais pesada «para mim do que são todos os seus Reinos para «Vossa Alteza. Dê o exemplo conforme o conselho; e «se não, tambem eu irei buscar minha vida e quietação, «e tornar-me-hei para Bemfica, aprendendo com Vossa «Alteza».

O laço fôra bem armado. A Regente houve de ceder á voz geral da nação, como ainda depois, accedendo tambem ao rogo do seu povo, teve de desistir da sua retirada para Castella.

N'este caso, sobresahiu d'entre todas as reclamações a da Camara de Lisboa, que por si, e em nome das outras, dizia á Rainha que a sua partida de Portugal equivaleria a uma «calamidade publica».

Viuva, tendo visto morrer seu marido na força da vida, na flôr da juventude o herdeiro da Corôa, e successivamente os outros seus filhos, só lhe restava a solidão no meio d'aquelles paços, onde lhe entreluzia saudosa a epocha brilhante de D. Manuel, e o primeiro tempo em que ella mesma presidira á Corte. A solidão é triste, quando succede ao bulicio das festas, e á felicidade da familia. N'aquelle ermo, o conforto unico da Rainha era seu neto, a quem ella estremecia, e para quem governara o Reino como deposito que intentava entregar-lhe puro e respeitado.

Se D. Catharina havia resignado o governo, nem por isso se julgava desobrigada de aconselhar algumas vezes o Neto durante a Regencia do Cardeal, e até mesmo depois que o Rei assumiu o mando supremo; e se nem sempre lhe foram acceitos os conselhos, para o ingrato inexperiente era o erro, e para o Reino a desgraça.

Afim de dissuadir o tão brioso como ferrenho mancebo da infeliz jornada de Africa, empregou esforços successivos; mas inutilisou-os o partido contrario. D. Sebastião esfriou as suas relações com a antiga Regente, chegando até a não a visitar quando vinha a Lisboa.

III

Estava reservado a este mesmo tempo o apparecimento de um espirito elevadissimo: a Duqueza D. Catharina de Bragança.

Erudita em sciencias, letras e linguas, de inquebrantavel rigidez de caracter e animo varonil, foi merecedora do respeito geral. Na corrupção que invadira as classes principaes, conservou-se impolluta; e sendo a Rainha legitima, teve de simular que o não era, por lhe faltar a força militar que a sustentasse.

Com que fortaleza não soube ella conciliar o respeito aos seus direitos de Rainha, e a sua tutella de mãe, com a sujeição forçada a um Rei intruso! A quantas vicissitudes não foi sobranceiro o animo varonil da Duqueza de Bragança! Chegou a dizer ao Cardeal-Rei, que o unico allivio que n'aquella apertada circumstancia podia ter, era considerar as propostas que lhe fo-

ram feitas, «como provindas d'el-Rei D. Filippe e não de Sua Alteza.» Chegou até a indicar alvitres, pelos quaes, renunciando ao seu direito individual, ficaria o Reino com seu filho, por principe proprio, e de nenhum modo unido a Castella. O verdadeiro Rei então foi D. Catharina e não Filippe II, que, se poude vencer pelas armas, ficou vencido pela dignidade e pelo desprezo.

E em quanto este Rei vai dirigir com mão de ferro os destinos da patria infeliz, e em quanto meio mundo se dobra ao aceno do seu braço, é esta mulher que recolhe no seu coração as lagrimas e esperanças de um povo, cuja liberdade ella lhe salvaguardou.

IV

Correram os annos; e a nação, vingando a affronta, reconquistou a independencia que a força lhe arrebatára.

Se é lenda o brado de Villa Viçosa — «Antes uma hora Rainha, que Duqueza toda a vida», — o futuro mostrou que a lenda poderia ter sido realidade. Fraquejaria acaso o animo de D. Luisa de Gusmão na sua Regencia, quando, invocada a rasão do soccorro inglez para nos proteger a independencia, cedia Bombaim, como presente de nupcias á sua estremecida filha Catharina? Se com a rasão de estado se mesclou o amor materno, atenuação lhe seja, porque, a par de mãe amorosa, foi tambem viril no pulso com que dirigiu o governo.

Amou effectivamente em extremo os seus filhos. Exemplo curioso se deu no Tejo, n'aquella manhã do

levantar ferro, antes de entufar as vellas a armada que ia conduzir a Rainha de Inglaterra.

Foi n'essa manhã, que o padre Antonio Vieira não fez senão andar n'um corropio, do paço para a camara da capitania, da camara da capitania para o paço; «sendo eu — (como annos depois o proprio Vieira recordava a essa mesma D. Catharina, já no regresso d'ella a Portugal) — «o correio fiel das lembranças da «mãe e das saudades da filha; e por signal, que então «me disse S. M. uma coisa muito digna da sua gran- «deza e do seu amor, que foi: *Estou mui mal com «Catharina, por me ter agradecido umas perolas que «lhe mandei.* Onde o agradecimento é offensa, bem se «pode ser secretario d'estes corações.»

A ternura do amor materno destilla d'estas palavras, como bem nota Vieira; mas o que não menos se está a perceber é a invenção de pretextos por parte de D. Luisa para fazer andar o Padre n'aquelle comico vai-vem, por se lhe afigurar ainda a ella, n'estes ultimos recados, tornar a ver e a abraçar a filha.

E ainda por ventura podéra o Padre Antonio Vieira dar fama de caso parecido, na carta da mesma Rainha D. Luisa, de 11 de Novembro de 1651, a seu filho D. Theodosio, carta que, sobre primor de ternura, o era tambem de graça e delicadeza.

Ao mallogrado Principe não lhe soffria o animo ter os braços cruzados ao ver combater Portuguezes dentro do Reino em defensa da Patria. O que fez então, n uma bella manhã? desappareceu. Para onde partiu sem licença do pae? para a fronteira, a offerecer á nação o sangue e o exemplo.

Então aquella mãe manda o coração ao fugitivo n'uma

carta, que traslado do hespanhol em que foi escripta:

—«Não sei responder á tua carta — (era de certo a carta das desculpas) —; «o que sei só é amar-te, e «sentir a falta que me fazes, e entender que os teus «actos são sempre acertados, que de o não serem é «que eu duvidaria; e então dizia-t'o e defendia-te em «toda a parte, porque é este o meu natural, quanto «mais para ti, que és todo o meu coração e todo o meu «bem! Tu bem has-de adivinhar que estou cheia de «presumpção por te festejarem ahi tanto os moradores. «Terei muito gosto em que me respondas a respeito «do que te quero mandar, e tambem me digas de que «queres que seja a guarnição do teu capote. Fico ro- «gando a Deus que te guarde, pois bem sabes que és «todo o meu pensamento; e por te não cançar abrevio. «Perdôa estes gatafunhos, que nem a saudade me con- «sente mais descanço, e trago um dedo muito doente. «Mil recados de teus irmãos, e diz Catharina que te «não esqueças de lhe responder. Lisboa 11 de Novem- «bro (de 1651). — Tua Mãe, que mais que a si propria «te quer

«Rainha.»

Oh! se este Principe, morto na flor da edade, e de quem seu pae dizia no Conselho de Estado «Vamos a «ver com que se sae o meu Salomão» — não houvera morrido tão prematuramente, quantas desgraças e desgostos não se teriam evitado!

O seculo respeitou esta mulher notavel, instruida, de conversação captivante, e que, ambiciosa do mando,

enlaçava á firmeza da resolução a tenacidade do intento. O Rei encontrava na Rainha, que parecia o Rei verdadeiro, conselho e estimulo. Depois, na propria Regencia, soube esta Princeza manter-se no seu logar, dando occasião a que os embaixadores a descrevessem para os seus Governos tal como ella era, resistindo com firmeza ás instancias da França, não accedendo ás exigentes condições da alliança proposta, e collocando-se frente a frente de um poderoso que se chamou Luiz XIV.

Foi pena, e foi-lhe sombra, que, tão extremosa no culto da familia, deixasse de obter o perdão (dado que o podesse obter) para certo filho innocente, cujo unico delicto consistia em não delatar o crime capital de seu pae. D'este erro (se o teve) tomou-lhe depois contas outro filho, e não lhe foram pouco amargas. O supplicio do Duque de Caminha nunca deixará de ser uma pagina negra na historia nacional. Exigir que um filho entregue ao carrasco a vida de seu pae, é uma monstruosidade propria só de cannibaes.

A esta Regente D. Luisa de Gusmão houveram por bem deixar devassar o tumulo no mosteiro que ella fundára (mal pensaria ella que lhe aconteceria isto na sua propria casa!), roubar-lhe as vestes, e profanar-lhe os restos, que foram enviados para o mosteiro de S. Vicente menos respeitosamente do que tinham direito a esperal-o de quem menos o devêra consentir. Eram cinzas da primeira Rainha da Casa de Bragança.

*

Ficaremos por aqui. Já não é pouco brilhante essa galeria de mulheres notaveis das classes altas em Portugal.

CAPITULO II

A Mulher nas classes populares

I

De classe nenhuma é feudo a heroicidade; e assim como nas mais culminantes vimos sobejamente a distincção da mulher portugueza, tambem não menor direito de se gloriarem dos seus feitos podem invocar as classes populares.

Ardilosas e guerreiras se apresentam algumas das nossas patricias.

Ali temos aquella, merecedora de que a sua municipalidade adopte por brazão uma mulher sobre as ameias de uma torre, com dois pães nas mãos, e em posição de os arremeçar aos inimigos. Que fez Deusadeu Martins para inspirar um brazão tão original?

Exhausta de mantimentos, via-se a praça de Monção obrigada a render-se pela fome. Que ideou a ladina da Portugueza? De uns restos de farinha mandou preparar uns pães; depois subiu á muralha, e uns apoz ou

tros os atirou aos sitiantes, bradando que havia pão dentro da praça para dar e vender.

As armas de Monção, revelando á posteridade o levantamento do cerco diante d'aquelle ardil feminino, provam que Deusadeu acertou no vinte para a libertação da sua terra.

Foi isto em tempo d'el-Rei D. Fernando. Passados seculos, em dias de D. João IV, tornou a valentia feminina a achar-se ligada á historia bellica de Monção. Pasmou um dia o exercito sitiador castelhano, ao ver sahir da praça, e em som de guerra, o batalhão das trinta guerreiras, levando á frente, de chuço na mão, como repto ao inimigo, a afamada Helena Peres.

Se é lenda o caso da nossa Brites de Almeida, nem por isso deixo de admirar o amor patrio que girava nas veias da famosa padeira; mas consinta-se-me que ao seu acto de amassar dentro no forno os Castelhanos fugitivos e já fóra de lucta, eu prefira os feitos de uma Maria de Sousa, que, pelejando entre os cavalleiros do Mestre de Aviz, se immortalisou no campo da peleja com prodigios de audacia.

E já depois da batalha, estando os nossos cercando ainda a praça de Melgaço, que presenceiam os dois exercitos? nada menos do que uma pequenina amostra do combate dos Horacios e Curiacios. Grande arruido sôa n'um dos pontos da muralha. Destaca-se, do lado inimigo, uma intrepida Castelhana; do outro, uma Portugueza valorosa. As mutuas injurias sibillam de uma para a outra como rajadas de vento: e os punhos, depois de se levantarem como imprecações tremendas, arremeçam-se para diante, como se no aereo espaço cada uma suppozesse já despedaçar a contraria. As

linguas já não teem mais injurias para despedir, nem os braços mais ameaças. O repto para virem ás mãos rompe a final como supremo anceio. Correm então para o meio do campo. Não são duas mulheres, são duas furias. Teem por espectadores, que as excitam, os soldados de ambos os campos; e as duas feras, primeiro com as armas, depois corpo a corpo, ennovellam-se aos murros, arrancam mutuamente os cabellos na sua raiva furiosa, até que a inimiga, heroica mas vencida, é forçada a ceder a palma á nossa Ignez Negra, a popular combatente de Melgaço.

E assim, pelo correr dos tempos, sempre que o estrangeiro occupou o nosso territorio, viu-se a Mulher portugueza, aqui, além, reagir como protesto vivo em nome do seu sexo, gentil nas salas, meigo nos lares, mas ainda mais furioso do que o nosso quando o impeto de qualquer paixão lhe referve na alma.

No tempo dos Filippes, é Joanna da Silva, em Peniche; Jeronyma de Moraes, em Ponta Delgada; e na aldeia de Regalados é Margarida de Abreu apunhalando o rosto de um cavalleiro castelhano que a ultrajára. (Este feito recorda o da gentil Guiomar, filha do grande cosmographo Pedro Nunes, quando, despresada por um mancebo, se vingou d'elle golpeando-o largamente na face).

Na restauração de D. João IV, assignalaram-se outras mulheres por feitos energicos; é certo, embora ponhamos de parte o que a lenda ou a exageração patriotica possa tentar impôr.

II

Não só em terra: tambem no mar.

Na manhan de 20 de Março de 1714 Gaspar dos Santos, Commandante da nau «Nossa Senhora do Carmo», navegando da Bahia, avista, a quinze leguas ao mar das Berlengas, tres navios com cento e trinta boccas de fogo (como depois se soube), em quanto as nossas eram só vinte e oito.

A nau tinha diante de si uma esquadrilha de corsarios argelinos.

A's 7 horas o inimigo despediu os primeiros tiros. Respondeu-lhe a nau; e em breve se travou rijo combate.

Logo no principio levantou-se grande tumulto. Os presos gritavam que era melhor render-se a nau. Viu-se n'esse momento apparecer uma moça de dezanove annos, lançar-se no meio do conflicto, bradando que a rendição seria morte certa, porque os corsarios não davam quartel. Applaudido o seu brado, eil-a reappareceu dentro em pouco em trajo de homem, collocando-se entre os combatentes, victoriando uns, excitando outros, e chegando mesmo a dar fogo. Quando a noite veiu interromper a peleja, passou-a a valorosa rapariga, com as suas pretas e duas judias, a fazer cartuxos, que iam já faltando.

Continuou no segundo dia o fogo; e os nossos, defendendo vida e honra, praticavam proezas proprias de um combate tão desegual. Toma-se de espanto o inimigo quando vê tornar a nau a marear depois de uma

granada lhe haver ateiado o fogo na vella de estai; investe n'uma abordagem; é repellido; e aos gritos d'elle «Amaina, canalha!», bradava-lhe a joven Portugueza, como em resposta: «Viva a Fe de Christo, infieis!» E ora incitava os combatentes, ora auxiliava o curativo dos que a seu lado cahiam feridos.

A' noitinha, estrondeavam nos ares as ultimas descargas; e quando, ao romper da manhã seguinte, o Commandante começava de novo a manobrar, para resistir até á ultima, viu-se que a esquadrilha inimiga se havia distanciado, e por fim desapparecido, cedendo o mar e a victoria á nau portugueza, que na tarde d'esse dia 22 entrava a barra de Lisboa. Remunerou el-Rei D. João V o intrepido capitão com o Habito de Christo e uma tença.

E quem era aquella moça, que tanto se distinguiu por seu valor e constancia? Era D. Maria de Sequeira, mulher de Antonio da Cunha Souto Maior, Desembargador que do Brazil regressava a Portugal.

III

Quer no continente, quer alem-mar, a Mulher portugueza apparece-nos, representando gloriosamente o seu sexo, quando se trata do brio nacional.

Nos memoraveis cercos de Diu, eil-as formando um batalhão, acarretando pedras, acudindo aos feridos, levando os aprestes necessarios ao fogo, e arremessando contra os inimigos quanto lhes podia causar damno. Lá cantou essa briosa legião o nosso Francisco de Andrade no seu «*Primeiro cerco de Diu*»:

Eis o femineo corpo forte e honesto,
a que um viril desejo estimulava,
pouco curando então do lindo gesto
a que antes de cural-o só curava.
Qual sustentando a alcofa, qual o cesto,
a pedra e o necessario acarretava
sobre os loiros anneis, que enterneciam
inda as pedras que sobre si traziam.

E Jacintho Freire de Andrade, na «*Vida de D. João de Castro*»:

«Taes houve, que, vestindo armas, fizeram ao ini-«migo rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á «muralha. A diligencia d'estas matronas servia de alli-«vio no trabalho, nos perigos de exemplo, acudindo a «qualquer obra, servil ou arriscada que fosse, prom-«ptas e opportunas.»

E se era assim o geral, que especialidades não appareciam!

Vemos, d'entre as intrepidas, sobresahir Isabel Madeira, uma das commandantas. Cae trespassado o marido no calor da peleja, expira-lhe nos braços: ella, auxiliada de outra, vai sepultal-o, e volta logo sem temor ao trabalho das tranqueiras.

Isabel da Veiga resiste ás instancias do marido para que regresse a Goa, e consegue que a deixe ser uma das *capitans* d'aquella gente feminina.

O femineo esquadrão formoso e lindo,
que era de Anna e Isabel estimulado.

Aqui nos apparece agora esta Anna Fernandes, a famosa velha de Diu. Afigura-se incançavel esta mulher, que durante o dia lidava nos trabalhos das muralhas, e de noite acompanhava as patrulhas. Celebrou-a o cantor do cerco:

> Nem tanto n'esta pia obra se assenta
> que n'ella só consumma a noite e o dia.
> Mas quando o sol nas ondas se apresenta,
> e a noite pelas terras se extendia,
> arrimada a um bordão em que sustenta
> o seu pesado corpo, se sahia
> ella de casa então, a dar effeito
> ao que lhe pede o forte viril peito.
>
> Nem pára n'isto o seu peito esforçado;
> antes quando o combate horrendo e duro
> faz com que perca a côr o mais ousado,
> ella a casa não vae pôr-se em seguro;
> mas, como se do mais forte soldado
> fizera a obrigação, se sobe ao muro,
> sem mostras de temor de um tal perigo
> que a morte por mil vidas traz comsigo.

Foi de certo um dos dias mais celebres da *velha de Diu* o do assalto chamado da mina, no baluarte de D. Fernando. De longe percebeu o governador, D. João Mascarenhas, que estava a mina para rebentar, e gritou aos defensores que deixassem o baluarte, por ser inutil defendel-o. A este brado de fóra responde outro brado de dentro. D. Diogo Reynoso grita: «Que não «deixam o seu posto, mesmo o posto da morte, caval-

«leiros portuguezes.» E de feito, aguardam oitenta Portuguezes a morte sem arredarem pé.

De repente, a um estrondo horroroso, desconjuncta-se a terra! e alicerces, paredes, pedras, petrechos, cavalleiros, soldados, vôa tudo pelos ares! e da grande altura a que subiu toda aquella massa envolvida em fogo e fumo, caem os corpos, uns despedaçados sobre a nossa fortaleza, outros no proprio campo inimigo. Mortos são os nobres cavalleiros D. Diogo Reynoso, o que bradava que ali morressem todos pela Patria, e o joven D. Fernando, filho de D. João de Castro, e D. João de Almeida, D. Jorge Coutinho, Gil Coutinho, Ruy de Sousa, Luiz de Mello, Antonio Rodrigues, Alvaro Ferreira, Lourenço de Faria, João Brandão, Tristão de Sousa, Francisco Lopes, e Garcia Ferraz. Dos poucos que sobreviveram por terem cahido sobre os telhados, uns ficaram cobertos de feridas, outros inutilisados por aleijões. No meio d'este horroroso terremoto, um caso estranho aconteceu: D. Diogo de Souto Maior, arrebatado pelos ares, veiu cahir no forte, ficando illeso, em pé, e sem largar a lança da mão. Poude considerar-se resuscitado, D. Diogo de Souto-Maior!

O inimigo, ao ver o caminho aberto pela explosão, tratou de escalar a altura que fôra o baluarte de D. Fernando. Cinco Portuguezes lhe embargaram heroicamente o primeiro impeto. Em seguida, um troço dos nossos, e depois outro, commandado pelo proprio D. João Mascarenhas, embora com forças deseguaes, lhe disputaram a victoria.

E foi quando a investida dos Mouros rompera mais furiosa, que se viram as nossas Indianas, umas arremessando pedregulhos, outras ministrando pelouros,

outras em trajo de soldados, e á frente d'ellas a velha de Diu, bradando para os nossos com todas as forças:

— «Pelejae por vosso Deus! pelejae por vosso Rei, «Cavalleiros de Christo, porque Deus está comvosco!»

E terminou a renhida lucta d'este dia pela expulsão heroica dos sitiadores e salvação da cidade.

Se nos memoraveis cercos se comportavam as nossas patricias de além-mar com este valor, no proprio theatro da guerra, com abnegação não menor, offereciam para essa mesma guerra todas as suas joias as donas e donzellas de Chaul, quando urgiu a necessidade de soccorros. Aquellas, é verdade, arriscavam as vidas; mas estas sacrificavam os adornos da belleza, o que não é mesquinho sacrificio.

Uma d'ellas, Catharina de Sousa, achando-se em Goa quando ali chegou a riquissima dadiva das patricias, mandou logo as suas joias ao palacio do Governador D. João de Castro, escrevendo-lhe:

«Que não julgasse poucas as joias de ouro e pedra-«ria por serem diminutas as suas, visto havel-as re-«partido pelas filhas; mas que empenharia a sua pro-«pria filha Catharina, se tanto fosse necessario para o «serviço da Patria.»

IV

A' India responde a Africa.

Alcacer é cercada pelo enorme exercito do Rei de Fez? Toma D. Isabel de Castro o commando do batalhão feminino, que presta serviços relevantes.

Atacam Ceuta as hordas mouriscas? E' outra Isabel,

D. Isabel Galvão, mulher de Ruy Mendes de Vasconcellos, que, reunindo ás suas creadas outras mulheres, filhas de capitães e soldados, as conduz aos trabalhos da guerra. D. Maria Ursula de Abreu até chega a assentar praça, distinguindo-se no ataque de Amboná.

Houve offertas ainda mais penosas. Um dia a Regente D. Catharina recebeu uma carta; abriu, e leu o nome da signataria; *D. Joanna de Avellar*. Não conhecia a dama; ficou, porém, conhecendo o coração portuguez que lhe escrevia:

— «Senhora! acabo de perder dois filhos: um que me ficou morto na guerra de Mazagão; o outro, na guerra da India. Resta-me só este meu terceiro filho, o mais novo, ainda não soldado, e que é o portador d'esta carta. Offereço-o a Vossa Alteza para seguir o exemplo que seus irmãos lhe deram.»

A Rainha, commovida, agradeceu a D. Joanna de Avellar um sacrificio, que, por quasi exceder as forças humanas, nenhuma Rainha poderia acceitar.

V

...Aqui a temos, formosa, sympathica, toda ella pilhas de graça. Filha de quem? de um pobre maritimo. Esposa de quem? de um fidalgo. (E digam que estas visualidades veem só da mofina da liberdade!) Ah! mas esta mulher de quem falo não comprou os seus brilhantes nas pacificas ourivesarias do tempo; ganhou as suas esporas de ouro nos campos em que d'antes se conquistavam.

Antonia Rodrigues, ou a Antoninha, como lhe chamavam, fôra trazida em pequena para Lisboa por sua misera mãe, que a entregou aos cuidados de outra filha mais velha, casada na capital. Cresceu a pobre menina; e percebendo ser pesada á irmã, foi ruminando no seu talento nem ella sabia o quê! De um talento audacioso como o de Antonia vem sempre a sahir caso grave. E veiu. Vendo chegados os seus doze annos, disse de si para comsigo:

Pois uma mulher não ha-de servir para nada n'este mundo?

Um dia corta os cabellos, enverga um humilde trajo de rapaz, e... em bem pouco está a sorte de uma creatura! na simples mudança, de um a n'um o. Era Antonia? E' já Antonio. Sae de casa ás escondidas, e eil-o grumete n'uma caravella demandando Mazagão. O mundo é vasto, e o espirito ainda mais vasto do que o mundo.

Em Mazagão o grumete da caravella transforma-se em soldado. Estimavam-n-o pela sua boa indole. Nas ruas da cidade esgrimia com tanta graça, que o mudou para cavallaria o Capitão. Quando faltava a lenha e o farro, eil-o a cavallo com a sua espingarda, dirigindo audazmente a sortida. Nas investidas contra os Mouros mandavam-n-o na dianteira por seu valor e perspicacia.

Tudo isto concorreu para laurear a fama d'este militar, distincto como um valente, e de trato gentil como donzella. Franquearam-se as casas principaes a esse moço, que por sua galanteria enfeitiçava as damas. N'uma d'essas casas, tão requestada foi por certa menina, que se considerou o casamento como justo!

Houve elle então de representar a sua comedia, porque nem podia, para não levantar suspeitas, recusar a sua mão, nem, por impossivel, dar esperanças... O caso complicou-se. A sua felicidade era o seu mesmo perigo. O joven fronteiro d'Africa viu necessaria uma resolução.

Procura o Governador, e revela-lhe o seu segredo. O Governador, espantado, manda-lhe deixar a farda. Ressurge a mulher em todo o seu garbo. Colloca-a honestamente n'uma das principaes familias.

Se corrêra a fama do militar, a fama da mulher que fôra guerreira resoou ainda mais: toda a gente a queria vêr. Então mudaram-se as scenas: se até ahi as donzellas requestavam o brioso mancebo, passaram os homens a apaixonar-se pela formosa donzella. Ganhou a palma, e desposou-a um gentil cavalleiro, filho de uma das casas mais nobres, e militar valente.

Tempos depois, voltava ao Reino a aventurosa Antonia Rodrigues.

«E' hoje viva e está n'esta cidade (Lisboa) com ou«tro requerimento — diz Duarte Nunes do Leão na «*Descripção de Portugal.* — E' mulher de 35 annos, «bem parecida, de muita graça no falar, e grande vi«veza de espirito».

Accrescenta o mesmo auctor, que em Mazagão a tinham em alta conta por seus grandes merecimentos, sendo ali denominada a *Cavalleira*, pelo esforço que nas armas mostrou, e vindo receber na capital grandes distincções, e uma tença. que el-Rei lhe concedeu.

Se ainda vivesse a mãe, a pobre maritima de Aveiro, com que lagrimas não viria abraçar aquella sua pe-

quenina Antonia, que em tão propicia hora trouxera, humilde e desvalida, da sua terra natal!

V

Ao rever este capitulo, oiço as acclamações que uma geração inteira está levantando á Patria, ultrajada por um povo, que, menos que nenhum, nos devia desrespeitar. Nunca o injuriámos, quando eramos o forte e elle o fraco. Depois, combatemos heroicamente ao seu lado os inimigos communs, auxiliámol-o nos seus interesses, condescendemos até com os seus caprichos, e mais de uma joia arrancámos do nosso imperio ultramarino para o presentearmos a elle. Em paga, recebemos a negação do direito, e a injustiça da força!

Ao protesto solemne da minha Patria seja-me permittido reunir o meu humilde protesto; e junto de todos nós, os vivos, levantem-se das suas sepulturas as sombras d'estas heroinas, cujos feitos acabamos de vêr commemorados n'esse mesmo Ultramar onde recebemos a affronta. Surjam Isabel Madeira, Isabel da Veiga, Maria de Abreu, Isabel de Castro, Antonia Rodrigues, Joanna de Avellar, e tantas outras! e de entre todas, aquella velha de Diu, grande na vida, ainda maior no exemplo! Venham, com a memoria das suas inolvidaveis façanhas, juntar ao nosso protesto vivo a sentença da Justiça Eterna, que, se não esmaga hoje, esmagará ámanhã os orgulhosos e usurpadores!

CAPITULO III

As versejadoras da Côrte

I

E' no reinado d'el-Rei D. João II que apparece a mulher de Côrte a versejar. Feição original e curiosa do tempo.

Como figura principal do quadro, destaca o Soberano; não vejo n'elle agora o politico; seria isso alheio ao nosso proposito; vejo o festejador brilhante, em redor do qual, e da artistica Rainha D. Leonor, revoluteava uma Côrte juvenil.

Principe cavalleiro em todo o rigor do termo; espirito phantasioso e brilhante. Avultava n'aquelle homem o valor, e o amor da grandeza; aprazia-se em elevar e premiar o merito, nos proprios inimigos até. Era dadivoso; aos seus repentes de colera succediam-se logo momentos de brandura. Premiava os juizes se contra elle sentenciavam conscienciosamente; commutava as penas com facilidade.

A sombra do quadro é esta: puniu, com violencia talvez excessiva, os que aliás se propunham arrancar-lhe a Corôa e a vida.

Aos dezasseis annos de edade, sollicita do pae o poder estrear-se como pelejador nos campos de Africa; e praticando actos valorosos na tomada de Arzilla, junto do destemido Affonso V, é ali mesmo armado cavalleiro por seu proprio pae diante dos cadaveres dos valentes Portuguezes, e conquista assim, com justiça, as suas esporas de ouro.

Quando seu pae vae ferir em Castella a batalha de Touro, corre a soccorrel-o com a sua gente; e no momento em que D. Affonso V, tendo combatido como leão, é obrigado a ceder o campo, quando o Rei castelhano, sem pessoalmente combater, o abandona tambem, o Principe D. João, pelejando na linha esquerda contra forças muito superiores, desbarata-as, vinga a desdita do exercito do Rei de Portugal, obriga a levantar campo o exercito contrario, e mantem com a victoria das suas armas o renome da sua terra.

Quando, por occasião do tratado de paz, os embaixadores de Castella quizeram dilatar a vinda da Infanta D. Izabel, o Principe D. João com tal imperio lhes impôz o seu ultimatum apenas com duas palavras, *Paz ou guerra*, que os embaixadores cederam instantaneamente, por conhecerem a fundo o caracter de ferro que se defrontava com elles.

Quando, no verdor dos annos, rompendo atravez do escuro, cantarolando no pensamento as suas aventuras amorosas, não se defendeu com o seu nome invulneravel da investida dos contrarios, mas respondeu-lhes com a sua já destemida espada; e depois de os

prostrar de noite, retribuiu-lhes no dia seguinte o valor com que brigaram contra elle.

Quando, já proclamado Rei pela cedencia absoluta de seu pae, vê regressar ao Reino o voluntario proscripto, corre-lhe ao encontro, e surdo ás instancias paternaes para conservar a Corôa, desce de Rei a Principe, subindo de Principe a filho respeitoso.

O destemido é, de ordinario, coração amoravel. D. João II, como contraposição ao sanguineo da sua justiça para os conspiradores, inimigos seus, amou de veras os paes, amou sua mulher, era doido por seus dois filhos, á Princeza D. Joanna, sua irmã, dedicou intenso affecto, a sua tia D. Filippa consagrava devoção filial, e o conselho da filha perspicaz do Infante D. Pedro ouvia-o sempre com reconhecimento, quer o perfilhasse, quer se affastasse d'elle. Se com a supremacia da auctoridade régia abateu o abusivo dominio dos nobres, amou com extremos o povo e a Patria.

Foi um Rei essencialmente popular, não só pela sua lhaneza com as classes inferiores, mas tambem pela egualdade com que distribuia a justiça, pelas franquias que abriu, pelo fausto com que accendia as imaginações, e (quando não fosse por esses meios) por um instincto de que o povo tem o segredo. O povo é um mimoso; quer ser amado. Se, quando o opprimem, levanta a cerviz para sustentar os seus direitos, tambem, quando o beneficiam, reclina a cabeça, reconhecendo os que o affagam. E bem o pagará a D. João II, quando o pagamento da divida já não fôr marcado com o ferrete da lisonja, porque «se foi desamado dos grandes, foi amado dos pequenos» diz com

fundamento Duarte Nunes do Leão, bem insuspeito em relação a este Rei. Ao passamento de D. João II o Reino vestir-se-ha espontaneamente de borel e almáfega, e, (caso até ali nunca visto) a Camara da Capital, seguida de outras, determinará sob graves penas, que barbeiro nenhum faça barbas nem corte cabellos a ninguem durante seis mezes, em demonstração do sentimento geral.

Na phantasia, e na originalidade, dir-se hia ser este Rei um artista. Subsidiava mancebos para cursarem universidades e academias, attrahia artistas de primeira plana para levantarem construcções grandiosas, e, segundo a phrase concisa do Abbade Corrêa da Serra «empregava todos os talentos, e favorecia todos os trabalhos uteis». Folgava tambem de cavalgar, de luctar; agradava-lhe tudo em que pudesse correr um perigo, ou de que surgisse uma peripecia.

Nas festas de Evora, ao regressar, com o Principe e a Côrte, do convento de Santa Maria do Espinheiro onde se cantava o *Te Deum*, vem pelas ruas principaes. Janellas adornadas, musicas, foguetes, bombardas, fogareos, repiques de sinos, a população toda em alvoroço, dansas mouriscas, tudo n'um delirio de festejos. De repente el Rei teve de suspender a mula, e com elle parou todo o luzido prestito que o acompanhava.

Que succedia?

Uma dama sizuda e nobre, respeitavel por seu porte e por sua edade, D. Briolanja Anriques, ao vêr approximar-se el-Rei sae toda lepida de casa, irrompe até ao centro da rua, braço erguido, pandeiro na mão. Abrem-lhe terreiro as gentes populares; e D. Briolanja,

em figurados recortes, voltando-se para todos os lados, joelho direito, joelho esquerdo, cotovello esquerdo, cotovello direito, hombros, cabeça, tudo referve em turbilhão aos compassos do buliçoso instrumento; ella parece multiplical-o em giros, fal-o repenicar com sons nervosos, agita-o, bamboleia-se ella mesma nos ademanes proprios da dansa, e, entre applausos da multidão, levanta o canto festival, defronte d'el-Rei, ao consorcio do Principe.

Abafado o final do canto pelas palmas e bravos de todos os lados, que faz D. João II? Inclina-se para D. Briolanja, monta-a nas ancas da sua propria mula Real, com o braço direito faz-lhe especie de tribuna para ella não cahir, e, por entre vivas geraes, leva em triumpho a sua original prisioneira, entra no paço, e vae apresental-a á Rainha, que a abraça e festeja.

Phantasioso, como disse, aprazia-se em vêr nos paços grande riqueza no trajar. Era elle o modelo; vestia-se deslumbrantemente; do mesmo modo a Rainha, os velhos cortezãos, que assim remoçavam, os galantes para quem a vida era o amor, e a juvenil cohorte das damas. Succediam-se os *serões*, os bailes, a musica, as dansas, e entrava como uma das principaes instrumentistas a celebre Antonia Nunes, que a Rainha D. Leonor tomou para o seu serviço por ser tão dextra em tanger.

E elle então, o audaz reformador, o *Homem*, como n'uma só palavra o resumia levantadamente Isabel a Catholica, tornava-se (como o attesta o presencial testemunho de Ruy de Pina) «nas cousas de prazer e gazalhado muy alegre e de excellente graça, e com gracioso despejo bem desenvolto em todas as danças».

Com um Rei e uma Rainha assim, n'um paço d'este fulgor, é que vae tomar incremento a feição especial da epocha.

II

Não eram só a musica e o bailar, que formavam as diversões da Côrte de D. João II; era tambem a poesia.

Representa o poetar um papel mais social do que litterario.

A questão não era fazer poemas, ser Virgilio ou Dante. Camões ainda não despontára; o poeta não se singularisava n'aquelle tempo, multiplicava-se.

Então a Rainha estabelecia no paço educação ás donzellas das casas illustres; e este enxame de juventude e belleza compunha a base da inspiração e do enredo. Por outro lado, além da instrucção, mandava el-Rei adextrar os moços-fidalgos em dansar e bailar. Os cortezãos, os officiaes do paço, os cavalleiros e poetas, entravam com o seu mais ou menos perspicaz talento, com a sua veia mais ou menos comica. Não havia os bailes, nem os theatros, como nós hoje temos, onde se democratisassem e nivellassem as classes. O povo, tomado no sentido geral, servia; o nobre era chamado aos divertimentos da Côrte.

A poesia, ou, para melhor dizer, a *versejação*, reinou com todo o vigor. Era ella o noticiario, a senhora visinha, a ardencia do ciume, a perfumada carta de amores, a ironia, o desabafo, ou (por me exprimir com a palavra do tempo) a *blasfemação* do desprezado. Era a liberdade de imprensa fazendo explosão n'um publico palaciano, rodeado de pannos de Arrás, entra-

jado de sedas, e rutilante de pedrarias. Falava-se em verso, amava-se em verso, em verso se choravam saudades, e se promettiam eternidades de sentimento!...

E assim, a formosa D. Branca Coutinho, a terna requestada do Principe D. Affonso, pedia a Diogo de Brito que lhe glosasse este sentido mote, echo apaixonado do coração d'ella:

Teme-se mi triste suerte.

E o poeta glosava-lh'o, lastimando essa dôr quasi ao pé da lettra dos seus desgostos intimos.

E a joven D. Filippa de Almada, respondendo ao seu apaixonado perseguidor Ruy Moniz, que lhe lançava em rosto não responder ella ao seu amor, desfechava-lhe primeiro este tiro de indifferença desconsoladora:

O que recobrar não posso
mundo de ordem desigual
faz que não deseje vosso
bem, nem queira vosso mal;

e logo depois, passando de tiro menor para tiro mais perigoso, este cruel desengano:

Mais me praz que assim viva
no limbo d'estes favores,
que vossos tristes amores
me darem vida captiva.

Mas vão lá entender as Donas Filippas d'este mundo! Tempo depois, a gentil e desdenhosa poetisa entregava-lhe captiva essa propria vida, dando a mão de esposa

ao *valdevinos*, que depunha aos pés da sua rendida conquistadora as suas libertinas aventuras de Lisboa e Santarem.

III

Se umas vezes propunham motes aos poetas, outras vezes os poetas é que lançavam rifões ás damas, a que ellas tambem respondiam.

Foi um dos principaes o que D. Diogo, filho do Marquez de Villa-Real, lançou á que por fascinadora appellidavam «a Brigosa», D. Beatriz de Menezes.

Tambem usavam as damas mandar lavrar processos poeticos para a decisão dos seus galanteios, como succedeu com a celebre contenda do *Cuidar* e *Suspirar*, que foi das mais renhidas, andando por largo espaço entretidas aquellas cabeças. Por fim D. Leonor da Silva, a Santa da festa, confirmou a decisão dos arbitros, e foi pelo *Suspirar*, sentença que daria a palma a Jorge da Silveira, se a gentil zombeteira Leonor (permitta-se-me a phrase) roendo a corda aos dois rivaes, não fosse entregar o pomo a um fidalgo beirão, em quem (oh! compensações d'este mundo!) pregou uma tremendissima bofetada no proprio dia do seu casamento (se não inventou a bofetada o gracioso Garcia de Resende).

Ainda outras vezes a dama taes enredos tecia, ou tão inconstante se mostrava, que os seus requestadores fugiam d'ella espavoridos... (em verso, já se entende), e sem voltarem a cabeça com receio de se tornarem a labyrintar.

N'este genero, o caso mais cantado foi o da desdenhosa D. Leonor Mascarenhas. Resumamos.

Surge a scena tremenda do ajuste de contas. D. Affonso Valente brada-lhe: que, por ella se repartir por tantos adoradores, deve fugir-lhe quem a fundo a conheça, e que, se o não fizer assim, só lhe restará morrer.

Nervoso se adianta do outro lado D. João de Sousa, exclamando-lhe: que, se (por seus peccados) já por ella tinha perdido a cabeça, bem arrependido está.

Sae-lhe ainda da direita outro despresado, e troveja-lhe: que as fracas esperanças que ella promette são capazes de fazer mudar o mais firme, e que, por isso, arrear bandeiras será o mais prudente.

Ruy Gomes da Gram, rompendo tambem o campo, lança-lhe em rosto: que, embora seja grande o pesar, é força desapparecer deante da enorme crueldade que os manda levantar ferro a todos; mas que o fazem, *blasfemando-a*.

Parece o côro final do Acto I da *Lucrecia Borgia!* Apontavam todos indignados para a crua Leonor, e lançavam sobre o seu desdem o maldição suprema.

Então Affonso de Boim avançando submisso, confessa que todos estes infelizes, obrigados a deixal-a em consequencia das suas asperas palavras, lhe pedem quitação, visto, em bom portuguez, terem sido por ella despedidos.

Assim todos descançados,
como Vossa Mercê vê,
livres de vossos cuidados
(que daveis demasiados)
se vão com vossa mercê. (1)

(1) *Cancioneiro* de Resende ed. de Stuttgart, T. III, pag. 190 e seg.

Fizeram elles muito bem.

Mas caso estrondoso vae ainda succeder, em que as damas figuraram em grande numero (1).

O Coudel Mór Francisco da Silveira expõe o seu picante argumento, pedindo que lhe respondam a esta cantiga.

Faz-me muito recear
de servir uma donzella
ver muita gente queixar
sempre d'ella.
Receio de me metter
onde depois me não possa
nenhuma coisa valer,
porque sei que é mui fermosa
e mui airosa.
E' mais para recear,
senhores, a tal donzella?
ou é mais para folgar
perder por ella?
Acuda todo o galante
co'uma copla a este rifão,
e diga sua tenção,
pondo estas ambas diante.

Em duas palavras:

Ha uma dama; muitos a requestam; e quantos a requestam, tantos se queixam d'ella. Receia o Coudel Mór enlear-se tanto (metter-se em camisa de onze varas, diriamos), que depois se não possa desenredar, visto a dama ser tão airosa e bella. Então propõe á gentil Côrte poetica das damas e dos galantes o seu

(1) *Cancioneiro* citado T. III, pag. 179 e seg. Uso nas coplas a orthographia moderna para maior clareza.

quesito: DEVE FUGIR D'ESTA DONZELLA? OU FOLGAR DE POR ELLA SE PERDER? e pede que lhe respondam.

Vejamos o que as damas responderam.

A snr.ª D. Filippa acha o caso muito serio, mas é bastante amavel para não lhe aconselhar a que se arrisque.

Responde a sr.ª D. Filippa:

Formosa dama servir
receio deve fazer;
mas mais se deve sentir
por ella se não perder.
Nem se me pode negar,
em Portugal e Castella,
que perder é mór folgar
por tal donzella.

Bem se queria desculpar D. Beatriz de Ataide com as suas longas ausencias; mas que bello não é perder-se um homem por uma donzella tão galante! Responde:

Não pode bem responder
quem d'estas vive tão perto;
mas, pois que meu parecer
quereis tomar e saber,
perdei-vos logo n'ess'ora.
Não é nada recear
servir galante donzella,
em respeito de folgar
perder por ella.

Lá vem a priminha, a boa Catharina Anriques. Lê de cadeira a boa prima. A quantos moços-fidalguinhos, dos que andam no paço a estudar grammatica, e a

adextrar-se nos jogos, não terás tu feito andar a cabeça a roda, Catharina dos peccados d'elles, se o deixas entrever na tua comparação! Ah! tu sabes quanto é para temer uma donzella... quando seja como tu. Responde:

A taes perguntas não sei,
senhor primo, responder;
mas, pois quereis, eu direi,
e vos aconselhari
o que deveis de fazer:
deveil-a de recear,
se, tal como eu, é donzella;
mas mais deveis de folgar
perder por ella.

Eil-a toda vaidosa dos abysmos que abre diante da sua formosura, moralisando que sem heroicidades não se conquistam velos de ouro, a altiva Guiomar. Responde:

Quem ousa de me servir,
em grão perigo se mette
a mil desprezos ouvir,
e tanto mal de sentir
com que lhe sue o topete.
Mas que devais recear
a perigosa donzella,
mui mais é para folgar
perder por ella.

Branca, menos bella do que presumida, segundo lhe assacaram os mysteriosos *Porquês* de Setubal, mas sempre tão piedosa que deseja compensar os tormentos que já lhe deu n'outro tempo, diz-lhe em confiden-

cia que a morte o espera no sorriso da gentil senhora de quem se trata. Responde:

Por quanto mal vos já fiz,
vos aconselho agora
que olheis bem o que diz
esta formosa senhora:
ha-vos certo de matar
de amores, que eu o sei d'ella,
mas eu escolho o folgar
de ser por ella.

Porque vem toda em pranto D. Joanna de Mello? Como a fada com a varinha perdida, bate no hombro do Coudel-Mór, e murmura-lhe: Animo! sorri á morte entre flores! Responde:

Pois vos hei-de aconselhar
tudo o que me parecer,
convem-me de vos chorar,
que se não pode excusar
ver-vos morte padecer.
Não cureis de recear!
perdei-vos antes por ella!
folgae de vos ver matar
a tal donzella!...

Ella ahi vem. Ella? Elle?
Quereis saber?
(Porquês de Setubal):

«Porque é tão mau rapaz
«Dona Margarida Anriques?»

No seu constante bulicio vos dá ella a resposta. Uma grande traquinas! Responde:

Não me é mais de responder
a isto, nem conselhar,
que se vos visse morrer
ante mim, sem vos poder
em nada remediar.
Mas, pois não posso excusar,
não temais esta donzella,
que não é morte matar
se é por ella.

A experta D. Maria de Tavora sabia o ganha-perde. Responde:

O praser de ser perdido
por dama d'estes signaes
não vos nego ser subido,
porque em perder-vos ganhaes.
Mas mais deveis recear
o ousar de commettel-a,
pois fazel-o é acabar
de perdel-a...

Vem, vem, prudente donzella Maria Jacome; vem, ó compadecida. Deixa-as falar. Estende a esse misero o braço salvador, se ainda é tempo. Responde:

Se meu conselho tomar
quizerdes, não curareis
em tal perigo entrar
como este em que vos metteis;

que hei dó de vos ver matar
a esta crua donzella;
e por isso o affastar
é melhor d'ella.

Estava dada a sentença do feminino areopago (pois que só do feminino tratamos aqui). Mas se tu, desgraçado, tinhas a tua tenção formada, e se em todo o caso te havias lançar no doce precipicio, então para que pediste conselho áquellas cabecinhas zombeteiras? Para que foi todo esse espalhafato, pobre Coudel-Mór? Ah! damas! que natural condão é o vosso para vencer!

O infeliz, entre envergonado e vencido, dando as mãos á palmatoria, concluiu assim, lançando a sua resposta final á sua pergunta:

Grão medo é commetter
quem meus males ha por viço;
mas mór gloria é perder
mil vidas em seu serviço.
Tudo é de supportar
a tão formosa donzella
se não der aso a conchar-
se outrem d'ella.

Sim senhor; quem corre por gosto não cansa.

Gentil foi Francisco da Silveira com as poetisas dos paços de D. João II. Se porém o caso fosse a valer, daria o Coudel-Mór todas aquellas vidas pela *fremosa donzella?*

Podiam-se accrescentar n'outros rifões outras batalhas poeticas; mas estas são sufficientes como exemplos.

IV

Assim deslisavam os dias na Côrte de D. João II, pelo que diz respeito á *versejação* feminina.

E' certo que de todas estas gentis versejadoras não sahiu uma verdadeira poetisa; mas nem por isso desmereceu a intenção da Rainha D. Leonor abrindo a educação ás filhas das classes elevadas, que bem precisavam d'ella. Aquellas pelejas incessantes, aquelle lidar da intelligencia, elevavam o espirito, e desenvolviam idéas. A Côrte feminina, durante este reinado, desempenhou um papel litterario: foi actriz, para no reinado seguinte subir a espectadora. Estava para surgir o fundador da scena portugueza, fazendo das salas do paço da Ribeira o theatro das suas producções, em que algumas d'essas mesmas damas se reconheceriam pintadas ao vivo com as côres naturaes d'aquella palheta immortal.

CAPITULO IV

A senhora D. Filippa

I

N'esta mesma Côrte de D. João II, onde acabamos de entrar, apparecia, embora excepcionalmente, uma senhora respeitabilissima, diante da qual, não só como tia d'el-Rei, senão pelos seus merecimentos pessoaes, litterarios e artisticos, todas as frontes se curvavam; espirito sympathico, figurando por sua modestia ou pela sorte dos tempos, na segunda plana, mas merecendo por virtudes, talento, e rigidez de caracter, desempenhar-se de uma alta missão no Reino.

Teve por pae um homem que se chamon o Infante D. Pedro; por mãe, a Infanta D. Isabel, respeitavel senhora, a mesma que encommendou a Frei Bernardo de Alcobaça a traducção da *Vita Christi*, que veiu a ser depois primorosamente impressa em Lisboa por ordem da Rainha D. Leonor e de D. João II.

Neta de um Rei nacional, irmã de dois Principes que foram Reis em terras estrangeiras, de um Cardeal, e

de uma Rainha portugueza, não merecia ficar esfumada na sombra a mais nova, D. Filippa. Poucos haveres lhe couberam; em quanto seus irmãos se alliavam em casamentos Reaes, ficava ella solteira; e quando a Côrte brilhava, desenvolvia a sua intelligencia no estudo, dilatava a alma com a educação artistica, e aos feitos da historia nacional inflammava-se-lhe o patriotismo. Concentrava no coração toda a seiva das suas qualidades moraes e intellectuaes.

Quando mataram seu pae, quasi á vista do ingrato que mais que todos lhe devia, a mãe e a irmã encontraram na joven Filippa meigo allivio ás saudades de ambas. Quando, no correr do tempo, D. Affonso V lhe entregou sua filha a Infanta D. Joanna, educou-a com maternal carinho no convento de Odivellas, onde se recolhèra; e foi para esta sobrinha que traduziu do latim, em que era insigne, o *Tratado da vida solitaria*, de Frei Lourenço Justiniano.

Tendo a Infanta concluido a sua educação, obtido licença d'el-Rei para residir algum tempo no convento das freiras em Aveiro, e rejeitado successivamente tres casamentos, foi-lhe outra vez sollicitada a mão pelo Rei de Inglaterra. Valeu-se então D. Affonso V da senhora D. Filippa, rogando-lhe viesse a Alcobaça, onde elle, o Principe D. João, e a Princeza, se reuniram em conferencia. Correu de Odivellas D. Filippa; e lançando mão de todas as rasões e carinhos para a convencer, ouviu-lhe o seguinte: «Que se ella, Infanta, resistia ao amor da que lhe fôra mãe extremosa, é porque a ninguem n'este mundo cederia.» Prova tudo isto o alto conceito em que toda a familia Real tinha a respeitavel filha do Infante D. Pedro.

Deliberando-se emfim a Infanta D. Joanna a professar, vestiu a occultas o habito de noviça. Ahi a visitou de novo a tia. Passou-se então um caso estranho! a Infanta, que recebia sempre sua tia dentro no mosteiro, recebeu-a agora só na grade, e ainda assim coberta com um panno preto. Divulgou-se a nova de bocca em bocca, e a final desvendou-se o mysterio. D'esta vez D. Filippa escandalisou-se, recusou tornar a visital-a, «ou de sentida do feito, — como diz Frei Luiz de Sousa na sua *Historia de S. Domingos* — ou de recear «ser havida por consentidora n'elle»; e decorridos poucos dias tornou-se para Odivellas.

Mas D. Filippa amava-a; e o amor, passado o repente, que ainda é amor, reacorda sempre nas occasiões em que periga o ente amado. O amoroso ressentimento atravessara aquelle cerebro, mas não lançara raiz. Ainda correu ao mosteiro D. Filippa; e quando? ao chegar-lhe a nova de grave enfermidade. Eil-a então de novo a caminho de Aveiro. Ali, enfermeira desvelada, acompanhou a doença da sobrinha querida, e ali assistiu ás ultimas scenas d'aquella tragedia; d'entre ellas, a uma que a todos impressionou.

Tinha sido a Infanta D. Joanna a educadora do infantil D. Jorge, filho natural de D. João II, que aos cuidados d'ella o entregara. N'um dos ultimos dias, julgando ser o derradeiro, mandara a Infanta lhe trouxessem o menino, e esforçando-se por levantar meio corpo, abraçando o sobrinho, e com as lagrimas nos olhos, depois de lhe recommendar o amor de Deus, disse-lhe na presença da tia de ambos:

« — Filho! peço-vos que vos lembre sempre que viestes para esta casa de tres mezes, e n'ella vos criei

chorando, cantando, e vestida de borel. Tende sempre d'ella lembrança, porque ella é a minha alma!!...»

A senhora D. Filippa e as circumstantes mal poderam conter o pranto, quando logo em seguida a Infanta accrescentou com voz tremula:

«—E agora... levem-n-o, e não torne mais a verme...»

Todas comprehenderam o que estas palavras encerravam de saudade e carinho. Sentia-se emfim morrer, e com resignação expirou a 11 de maio de 1490 nos braços da que lhe servira de mãe.

O retrato da Infanta D. Joanna, deixou-nol-o Frei Luiz de Sousa, não descripto, mas pintado n'uma das suas telas raphaelescas:

«Tinha de edade trinta e oito annos. Era grande de «corpo, rosto redondo, olhos verdes, nariz proporcio-«nado, bocca grossa, a côr muito alva e rosada, aspe-«cto senhoril, e muito ar e graça na disposição e em «todo o meneio.»

Cumprido o sacrificio de amor, a senhora D. Filippa de novo recolheu á sua Odivellas.

II

Volvamos um tanto ao passado.

Fôra, desde muito, desejo seu o emprehender a celebre peregrinação a Santiago de Compostella. Mas como, se a peregrinação verdadeira não podia ser senão a pé, e por que estradas! D. Filippa não era espirito que recuasse. A pé foi, peregrinando, acompanhada de uma freira de Odivellas; nos dias proprios da

romagem se conservou na cidade do guerreiro Apostolo, e a pé, ao longo de todos aquelles caminhos, atalhos, e charnecas, regressou, dando assim, como dissemos, o exemplo da firmeza.

A Patria pedia-lhe a penna de escriptora, e ella consagrou-lh'a. Escreveu então o *Conselho e voto de D. Filippa, filha do Infante D. Pedro, sobre as terçarias e guerras de Castella.* N'este seu escripto, em que se mostra não simplesmente theorica, mas politica, expondo as suas ideias conforme os assumptos nacionaes do momento, allia a uma nobre prudencia um nobre arrojo. Faz votos pela paz com o Reino castelhano, mas proclama a defeza, alto e bom som, para a sustentação dos nossos direitos.

«Os nossos naturaes — escreve a Auctora — são mais «firmes naturalmente, mais esforçados em pelejas e re«bates, menos temem a morte, mais procuram a hon«ra e o proveito; digo pela maior parte, ainda que em «todos haja fracos e fortes. E assim concluo: sua paz «deve ser desejada com grande rasão; mas sua guer«ra (que Deus nos guarde) não deve ser mui temida, «quando sem causa procurarem mettel-a em obra, pois «Deus, justiça, verdade, rasão humana, são em nossa «ajuda, e a elles contrarias.»

Com que votos não almeja D. Filippa em favor da paz! mas tambem, com que esforço não estimula o valor dos seus em favor dos nossos direitos e da nossa honra!

N'uma occasião em que se receavam tumultos na capital, tambem escrevia a *Pratica ao Senado de Lisboa.* Depois, *Nove Meditações da Paixão,* que vieram a imprimir-se na Regencia da Rainha D. Catharina. Da sua artistica obra illuminada em breve se dirá.

III

Avaliava e estremecia tanto seu sobrinho D. João II, que, no escripto acima indicado sobre as guerras de Castella, a expansão do seu affecto lhe faz soltar este grito:

«Bem sabe Nosso Senhor que eu não tenho desejos «de governos; mas as coisas d'este senhor — (a seu «sobrinho se referia) — «me tocam, porque lhe quero «em meu verdadeiro bem quanto sei e quanto posso, «ainda que de mais digna seja sua virtude e grandeza.»

Se D. Filippa avaliava D. João II, o Rei não a tinha em menos conta, e alto era o apreço que dava ás qualidades de sua tia; e, apesar de não ter a filha do Infante D. Pedro desejos de governo, quantas vezes lhe não daria o voto sollicitado!

Não a molestavam invejas, porque não florescia na Côrte. Entretanto, o odio dos influentes a quantos provieram do Infante D. Pedro tambem a havia ferido anteriormente, na occasião solemne em que teve de comparecer no baptisado d'esse mesmo sobrinho, o Principe D. João, desconhecendo-se-lhe o direito de ser uma das suas madrinhas, e substituindo-a pela Marqueza de Villa-Viçosa. Mas que importam odios torpes ao espirito em que a bondade estrelleja? O coração bem formado é iman que attrae os corações não pervertidos. Ha na bondade um não-sei-quê mysterioso, que nos domina suavemente como o encanto de uma voz me-

lodiosa. Não a feriu a setta envenenada, porque a sua justiça a tornava invulneravel. Se fosse um ente vulgar, escandalisar-se-hia; ella... nem isso. A offensa d'aquella gente miseravel dirigia-se á memoria de seu pae. A sombra grandiosa ainda lhes mettia medo. D. Filippa comprehendeu, e uma lagrima dos seus olhos, tão pura que nem sequer o desprezo a manchava, lavou a nodoa, que n'aquelle dia não ficava bem nos paços de Affonso V.

D. Filippa foi amada, ao longo da vida, por quantos lhe sabiam avaliar o caracter, tão meigo, que até á sua escrava chamava «a sua Antonia». N'esse affecto a Communidade de Odivellas, onde residiu os ultimos dezassete annos teve um dos primeiros logares. Foi á Abbadessa e á Communidade, que offereceu a sua traducção de francez para portuguez, do livro *Evangelhos e Homilias de todo o anno*. A offerta ia acompanhada de uma dedicatoria, em que se referia, com chiste, a haver copiado pessoalmente o livro:

«Dei-me a esta occupação, porque não sou boa offi-
«cial, em muitas partes vae a lettra mui descontinuada,
«ás vezes faminta, outras vezes grossa, de rabiscas a
«logares, de outros assás fallimentos abastada. Rece-
«bei caridosamente o meu fraco bem obrar; dando-lhe
«de contrapezo a boa vontade minha.»

Como se vê por este periodo, é uma carta repassada de carinho e modestia.

No fim do livro escreveu estes sentidos versos, que transcrevo da *Bibliotheca Lusitana:*

Nom vos sirvo, nom vos amo,
mas desejo-vos amar.
De tempo vossa me chamo
sem Quem não ha repousar.
O' vida! lume e luz!
infinito bem e inteiro!
meu Jesus, Deus verdadeiro,
por mi morto em a cruz!
De mi mesma nom desamo
nom vos posso bem amar.
A me ajudar vos chamo
para saber repousar.

A' escriptora accrescia a illuminista. O primor que se admira n'este mesmo livro, traduzido por D. Filippa, é ter ella debuxado á penna, em finas illuminuras caracteristicas do tempo, as figuras e imagens de cada um dos Mysterios a que o texto se ia referindo. Conservavam este precioso livro as freiras de Odivellas. Por onde lhe dispersaria as folhas o vento da destruição? Tel-o-hiam roubado para ser vendido em leilão n'algum mercado inglez? ou a que mãos inconscientes iria, se é que o não lançaram á rua como objecto inutil?

Era a senhora D. Filippa da tempera dos que podiam representar um papel grandioso na politica nacional, pela sua erudição nas sciencias, pericia nas linguas, agudeza de talento, e fortaleza de animo. Embora a intriga a ferisse, nem sequer a avaliou a torpe camarilha de D. Affonso V. Ao menos, foi-lhe isso providencial, porque lhe pouparam a peçonha offerecida a seu sobrinho. Ainda lhe fizeram essa mercê os assassinos de seu pae, pois que assassinos se lhes pode chamar.

E que pae! D'elle herdou o amor da Patria, que parecia converter-se-lhe no sangue das veias, e o amor da familia, que a fez chorar as lagrimas da Alfarrobeira, de Aveiro, e Santarem. Tinha a respeitabilidade de sua avó Lencastre, a energia de sua tia Borgonheza, e a benevolencia da Infanta sua mãe; e aprimorava a ainda o seu proprio caracter.

IV

Um dia, recebeu no seu retiro uma nova cruel: seu sobrinho-neto o Principe D. Affonso acabava de expirar desastrosamente na Ribeira de Santarem. O desgosto foi-lhe enorme. Não lhe tendo o destino dado occasião de crear um lar, amou como proprio o lar dos seus. Querendo muito a D. João II, não menos affecto lhe mereceu o filho, e por ventura lhe duplicaria a impressão o lembrar-se de que o sceptro portuguez poderia sahir, como sahiu, da familia de seu pae.

Ainda viveu cerca de tres annos, até que em 1493 falleceu n'esse mosteiro, em que se conservára recolhida tantos annos, exceptuados os intervallos em que o dever ou a piedade a arrancava do seu retiro.

Então, deu-se um facto formoso na sua singeleza:

Exhalado o suspiro derradeiro, celebrados os officios funebres, e depositado o cadaver no jazigo dentro no claustro, a Communidade ajoelhando diante do precioso livro que a escriptora e illuminista lhe havia dedicado, escreveu no fim do mesmo livro esta memoria affectuosa:

EM A ERA DE 493, A 11 DE FEVEREIRO,
DORMIO GRACIOSAMENTE NO SENHOR, E
JAZ EM ODIVELLAS.

Dormiu graciosamente no Senhor! Uma phrase, resumindo uma vida.

Affectuosa fôra a offerta; affectuosa foi a palma de gratidão collocada na ara da artista, que havia conquistado pela sua modestia a corôa do triumpho.

Com lagrimas suaves esculpiram no seu livro, que encerrava uma parte da sua alma, um epitaphio de amor. Sim, dormiu graciosamente no espirito de Deus, como no berço, embalado por ternas mãos, dorme a creança.

CAPITULO V

Duas poetisas infelizes

I

Em principios do seculo XVI, nascia de paes nobres, em Vianna do Alemtejo, D. Joanna da Gama. Não recebeu educação esmerada; mas esta falta realçava-lhe o merito natural. Foi infeliz no seu lar, enviuvando anno e meio depois de casada. Vendo-se em precoce isolamento, encerrou-se com algumas companheiras n'um modesto edificio, que denominou «do Salvador», na cidade de Evora, sem professarem, mas observando a regra de S. Francisco.

Deixou-nos D. Joanna da Gama um livro de prosa e versos intitulado na primitiva *Ditos diversos,* e depois *Ditos da Freyra,* na 3.ª edição revista pelo sr. Tito de Noronha em 1872.

Comprehende o livro na sua primeira parte uma serie de *Pensamentos*, *Sentenças*, ou *Conselhos moraes*,

que escreveu a rogos das suas companheiras. A incorrecção é compensada com um excellente criterio, conhecimento do coração, e verdadeiro desejo do bem.

Na parte poetica do livro, a qual se compõe de trovas, villancicos, sonetos, cantigas, e romances, ella propria é o assumpto principal, e revela-se por uma queixa magoada. Os seus olhos quasi que não existem senão para chorar, e não vêem senão os gosos que se lhe despedaçaram. Lastima-se de que, havendo confiado na roda da fortuna, se lhe quebrasse o fio; invade-a a tristeza, e o seu silencio é cortado por mil gritos.

O coração de Joanna, amante e solitaria, sentia o vacuo, e percebe-se-lhe a pena de não lhe ser dado preenchel-o. Appellava para a contemplação, mas a contemplação não a saciava; a sua queixa é um brado, que se perde nas abobadas do Recolhimento.

Que martyrio era o seu? o que dizem aquelles versos, que ella cantou, direi melhor, que fez sangrar das veias? De certo era a sua precoce viuvez, a saudade de um esposo que só lhe appareceu para lhe fugir. O que é effectivamente um anno n'este immenso abysmo do amor? Tem ironias a vida, miragem que se desfaz n'um repente!!. Assim canta a poetisa:

O mundo lá me levou
apóz si um pouco tempo,
cedo me desenganou
e me pagou com tormento.
Quando lhe tomei o tento,
achei-o bem differente;

vi que não ia segura ;
vi muita desaventura,
nenhum estado contente,
e todos de pouca dura.

A vaidade segui,
de que tenho grande affronta
De alguns gostos que fingi,
de mi mesma me corri
quando me tomava conta.

Mas no meio da sua desconsolada viuvez não haveria n'aquelle coração outro pezar ? Não se pressentem entrelinhas no seu livro, entrelinhas vagas, que deixam comtudo verdadeira impressão ? Não estarão aquellas trovas (quem sabe ?) a calcular um resguardo, que não se casaria exclusivamente com a sua saudade natural ?

Porque é que a poetisa (dil-o ella propria) encobre e cala o que sente, para dissimular o seu mal ? Porque diz que não foi acaso, mas o quererem se vingar ao darem-lhe aquella pena ?

«Buscava a perfeição n'aquelle palanquê religioso» insinua ella ; mas a perfeição não foi concedida a este mundo ; e, quer buscasse a solidão pelas saudades do marido, a quem amou, quer por outro motivo, é certo que do seu Recolhimento a foi arrancar uma ordem do Cardeal D. Henrique. Mandou este Principe comprar essa casa e arrazou-a, para dar largura ao terreiro da egreja do Collegio Jesuitico, promettendo ás recolhidas, segundo declara a «Evora gloriosa», dar-lhes sitio asado para o seu instituto, quando as rendas lhes permittissem fundal-o.

D. Joanna da Gama teve de se recolher ao seu lar

na rua de S. Pedro da mesma cidade, onde falleceu em 1586.

E' muda a historia sobre os ultimos dias da notavel poetisa; mas não é mudo o livro que ella escreveu, e de que destillam, ao lado da finura dos conceitos, e do ensino pratico da vida, lagrimas sentidas de um coração que muito amou.

II

Permitta-se-me que eu dê um salto de dois seculos, para collocar, junto de uma poetisa enclausurada, outra enclausurada poetisa. Ha porém uma differença: a auctora dos *Ditos da Freyra* recolheu-se por vontade propria; á mais moderna, foi-lhe imposto o sacrificio do encerro.

Amigo leitor! se tu soubesses os cuidados que deves aos pobres cabouqueiros das lettras, que te consagram os trabalhos dos seus dias e as vigilias das suas noites! Mal o pensas, quando, recostado na tua commoda poltrona, buscas distracção nos intervallos da lida quotidiana. Julgas que só ha o vicio do jogo, dos cavallos, da avareza, do luxo, e outros por ventura? Pois ha tambem o vicio da investigação. Abençoado vicio, que nos dá a Historia, se é *Historia* este redemoinho em que andamos, despendendo um quarto da vida a aprender, outro quarto a desaprender o que aprendemos, outro quarto a duvidar, e o resto... a perguntar a nós mesmos se a Historia não será algum romance!

Ia eu dizendo que a investigação é um vicio, e aben-

çoado, porque é a intelligencia em demanda da verdade; é ainda o acto honroso do trabalho, e o desejo da perfeição.

Indaga-se primeiramente o facil, e indaga-se com prazer. Depara-se-nos em seguida o difficil, e duplica o prazer com a ancia da victoria. Planeamos então o combate, lançamos a vista para as estradas que nos possam conduzir ao ponto desejado: é este archivo; é aquelle cartorio; é aquella bibliotheca. Entramos com alvoroço. Atravessamos por entre as fileiras d'aquelles soldados, mortos no campo da lide, mas redivivos n'aquellas estantes, jazigos gloriosos, para ainda nos auxiliarem. Sentamo-nos; abrimos os livros. Não é este; nem este; aquelle será talvez. É; achamos. Sentimos a pulsação da alegria. Não é. Entra comnosco a tristeza.

A investida não surtiu effeito? investida nova; nova alegria em parte; em parte novo desprazer. Dias, ás vezes, para descobrir um facto! horas, para vencer uma linha, ou para conquistar uma data! e é alguma cousa já. Peor é quando jornadeamos para não passarmos do deserto.

Mas se um dia se perdeu, outro se ganhará. Não desanimar.

São mudos os archivos conhecidos? lancemo-nos no aventuroso. Perguntas aos nossos amigos; cartas para as provincias: desenganos d'aquelles em quem mais confiavamos; auxilios d'aquelles em quem tinhamos menos fé: sempre a furta-côr do destino, umas vezes a anoitecer-nos o espirito, outras a allumial-o! Virá a resposta? Não chegou. —«Este costume portuguez!...» Veio. — «Ora viva o amigo, que sabe avaliar o que descobriu, e nos respondeu!»

E as noites! Quantas mal dormidas! e quantos repentinos alvitres de um achado! e quanto pesar, na alta madrugada, por nos faltar um lapis á cabeceira! e quantas ideias, que o somno nos desvanece! e de quantas outras nos recordamos com alegria no dia seguinte! Oh verdade! que formosa não és, para deveres, a todos os seculos e a todos os teus operarios, tantos sacrificios!

E aqui tens, amigo leitor, como tu és servido, sem o suspeitares; pois é para ti que o escriptor investiga, para tua utilidade ou recreio que elle trabalha, para ti que elle padece, por ti que elle se gloria. E ai d'elle, se, quando investiga ou trabalha, te não suppuzer defronte de si, advertindo-o ou animando-o!...

.....

Veem estas reflexões a proposito do mysterio que envolveu a poetisa D. Theresa Margarida da Silva e Orta, dama de agudo talento, perita nas linguas principaes, e de elegancia na forma litteraria.

Foi esta senhora infeliz em tudo, ao que parece. As duas primeiras edições do livro sobre as *Aventuras de Diophanes* tinham sido publicadas com o anagramma de Dorothea Engrassia Tavareda Dalmira, que Barbosa Machado declarou, mas não documentou, ser o anagramma de D. Thereza. Na 3.ª edição porém, impressa em 1790, sahiu a obra tendo por nome de auctor a Alexandre de Gusmão, e dando o editor por unico motivo ser d'este o anagramma das edições anteriores, o que aliás não era exacto.

Innocencio, embora reconheça que, vivendo ainda Alexandre de Gusmão quando o livro se publicou pela primeira vez, o não deixaria correr com outro nome,

hesita, e diz que fica o pleito indeciso até haver meio de se resolver a difficuldade.

O pleito acha-se felizmente resolvido n'este momento, e satisfeita a appellação de Innocencio, na presença das investigações feitas no convento de Ferreira de Aves, a diligencia de quem escreve estas linhas. Veremos, mais a diante, que tanto se prova ser de D. Theresa Margarida o anagramma de Dorothêa Engrassia, que a propria D. Theresa se assignou com elle n'uma carta, que a respeito de outro assumpto escrevêra á abbadessa, quando já encerrada no mosteiro de Ferreira. A questão fica portanto resolvida hoje com este documento, e feita assim justiça completa á verdadeira auctora do livro.

Entremos agora no assumpto principal e tenebroso.

Deixou D. Theresa manuscripto um poema em cinco *prantos*, intitulado:

Theresa Margarida da Silva e Horta
encerrada no mosteiro de Ferreira
encaminha aos ceos os seus justissimos prantos
no seguinte poema
epico-tragico.

Este poema confirma a existencia de um mysterio. Infelizmente as circumstancias do momento parece não terem permittido á auctora descerrar, de todo, o veo do seu segredo. Innocencio viu o poema, que pertencia ao colleccionador Francisco de Paula Ferreira da Costa. Revelava ser viuva a infeliz poetisa, ter um filho, e achar-se encerrada havia seis annos no referido convento.

Qual o motivo da nefanda perseguição? d'aquelle encerro forçado? Não o aclara o poema, mas deixa vêr que foi injusto o intento, precipitada a violencia, e mão poderosa a perseguidora. Assim o confessa logo a introducção:

> Com rouca voz e lyra dissonante
> meus males contarei; que injusto fado
> contra mim suscitou com mão possante
> empenho vil, rigor precipitado.
> Da fortuna mortal, sempre inconstante,
> darei um exemplar nunca cantado,
> pois que a da casa, honra e liberdade
> me usurpou a maior fatalidade.

No intento de descobrir o ponto capital d'este mysterio, empregaram-se agora todas as diligencias, consultaram-se as chronicas, investigou-se o inedito Diccionario de Luiz Cardoso, e foi posto o fito no proprio convento de Ferreira.

Mas qual *Ferreira*, havendo differentes povoações d'este nome? Por alguma se havia de principiar; foi pela de Ferreira de Aves. Era com effeito aqui, e no convento de freiras benedictinas fundado n'aquella villa por D. Mayor Soares na seculo XII. Lá existia a ultima freira, D. Josepha Emilia da Costa Machado. Por pessoa respeitavel de suas relações foi instada para informar o que por documentos ou tradição soubesse. Por estas palavras respondeu amavelmente em 25 de Agosto de 1889:

«A respeito das informações da tal senhora achei o seguinte, por tradição: que a senhora de que se trata veio para aqui por ordem do Marquez de Pombal, co-

mo prisioneira; até o que a acompanhou entrou dentro para escolher uma cella que servisse de carcere e não via sol nem lua. Quanto ao motivo porque a metteram aqui, não se sabe; sabe-se só que ella era muito boa senhora, de muito talento, e muito instruida.

«Ha aqui uma novena do Patriarcha S. Bento, que ella fez e offereceu ás religiosas E' muito bem feita, e no principio diz alguma cousa relativa á tragedia que estava soffrendo.»

Eis a informação local, e fidedigna. Em vista d'ella, é claro que se devia pedir a novena para ver o que por ventura podesse elucidar. Veio tambem obsequiosamente a novena manuscripta.

Precede-a, é certo, uma carta dedicatoria á Abbadessa do mosteiro, D. Anna Josepha de Castel-Branco.

Na primeira parte d'esta carta a encarcerada, sempre com um certo resguardo, entra a referir-se a si propria, e este é o ponto a que miràmos. Diz:

«Sobre os seus altares—(de S. Bento)—«tem cor-«rido o meu pranto. Elle sabe que pelos dictames da «rasão foram sempre dirigidas as minhas acções; que «a honra, o decoro, e o pondonor foram sempre inse-«paraveis do meu coração, que é mais prompto a pa-«decer enganos, que a *admittir infames industrias,* por «serem sempre honrados os seus sentimentos.....
«Em face do Ceo e da terra estão justificadas as obri-«gações com que nasci, e não posso deixar de dizer «que o vosso santo Patriarcha parece de justiça rigo-«rosa obrigado a soccorrer-me, pois não ignora que eu «*não segui indiscretas insinuações, pelos vinculos da na-«tureza.* Elle desprezou as elevações do Throno, co-«nhecendo que é maior grandeza pisal-o, que subir a

«elle; e eu, infeliz, sem o seu grande espirito, sempre «segui que *para os lustres de alheias fidalguias não de-«via incommodar-me, havendo nascido de illustres, e que «pela esperança de possuir não é sujeito a desacertos «quem nasceu entre thesouros, e nunca sentiu indigen-«cia*.....

«De vossa senhoria, captiva a mais fiel e obrigada — «Dorothèa Engrassia Tavareda d'Almira.»

Este nome supposto é o anagramma do verdadeiro, que bem se deprehende porque não escreveu o proprio.

Esta carta parece descobrir uma ponta do veo. Ninguem a lerá sem se convencer de que a encarcerada lança o grito da verdade ao proclamar a sua innocencia. A verdade tem comsigo este condão: brilha como o sol, e vibra como o raio. Não ha fugir-lhe.

Na presença d'estes preciosos documentos ineditos, ficamos sabendo que D. Theresa Margarida da Silva e Orta teve a desgraça de ser despojada da sua casa e liberdade, e que foi encarcerada no mosteiro de Ferreira de Aves por haver preferido os sentimentos da honra a beneficios infames, e a propostas indiscretas.

Foi um facto politico este, que o Marquez de Pombal quiz punir? ou um facto particular, de que recorreram para o seu poder?

. Parece-me pouco admissivel a primeira hypothese. Nenhum indicio ha para fazer d'esta dama uma conspiradora, nem apparece n'esta sua carta uma unica allusão ao seu encerro por motivo algum politico: ao mesmo tempo que as allusões são transparentes a respeito de assumpto individual e de familia. Não julgo alheio á verdade descobrir-se do teor da carta á Abba-

dessa a proposta ou imposição de um casamento de grandes haveres, acompanhado de qualquer indignidade, com pessoa elevada, que o pondonor da noiva devesse repellir, preferindo o seu martyrio vitalicio á aceitação das *infames industrias* a que se refere.

Não sei de outra explicação.

Crime politico, mostra-se que não o havia.

Delicto de familia? Qual?

E se o tivesse havido, como é que a sua viuvez a não salvaguardava?

E se, como viuva, já não tinha no esposo um protector; se, por novo, ainda não tinha no filho quem lhe advogasse a innocencia; como é que a sua honra e a sua liberdade não encontraram escudo em seu irmão Mathias Ayres Ramos da Silva d'Eça, que por sua influencia na Côrte, e por seu elevado cargo de Provedor da Casa da Moeda, teria de certo força moral para defender o direito de uma irman, duas vezes sagrada para elle?

Dar se-hia o caso... (e perdôe-me a memoria d'esse homem, se é testemunho) de que a violencia proviesse de seu mesmo irmão? Se assim era, porque provinha d'elle? Se não era, porque não protegia a desventurada?

Na presença d'este mysterio, e d'este padecimento, quem não bemdirá (apesar dos seus abusos) os parlamentos, a independencia dos poderes publicos, a grande instancia da opinião geral, esmagadora das tirannias, e libertadora em taes casos? Hoje não podéra succeder isto.

A desgraçada não encontrou um braço que se lhe estendesse, nem uma instituição que a salvasse; e

n'este abandono, sem luz, sem liberdade, sem marido, sem filho, sem ninguem, só na vingadora poesia encontrou uma voz, para lançar a maldição aos seus oppressores, e deixar um protesto contra a injustiça dos homens perante as gerações futuras.

Nota do Editor.—Estavam junto com este capitulo alguns apontamentos, dos quaes parece util fazer-se menção, apesar de que o auctor não julgou dever incluil-os no seu escripto.

Eis aqui alguns:

D. Theresa Margarida da Silva e Orta, filha de José Ramos da Silva, Provedor da Casa da Moeda. Era natural de Lisboa. Irmã de Mathias Ayres Ramos da Silva d'Eça, Provedor da Casa da Moeda, nascido em 1705 e já fallecido em 1770.

Ella vivia em 1760.

Reclusa, havia seis annos que era viuva, e tinha um filho.

Maximas de virtude e formosura com que Diofanes, Clymena, e Hemirena, Principes de Thebas, venceram os mais apertados lances da desgraça—Lisboa—na officina de Miguel Manescal da Costa—1752—8.º.

Sahiu com o nome supposto de Dorothêa Engrassia Tavareda Dalmira (anagramma do seu).

Publicada 2.ª ed. com o titulo de *Aventuras de Diofanes, imitando o sapientissimo Fénelon na sua viagem de Telemaco.*—Lisboa—na Regia Officina Typ.—1777—8.º—(com o mesmo nome).

3.ª ed. ibid. na mesma off. 1790, com o mesmo tit., mas com um accrescentamento, declarando o editor ser o verdadeiro autor *Alexandre de Gusmão,* que o editor diz ser anagramma do nome da autora, mas não é.

Mathias, irmão de D. Theresa, era Cavalleiro na Ordem de Christo; foi Mestre em Artes pela Universidade de Coimbra, e

formado em França nos Direitos civil e canonico. Nasceu na cidade de S. Paulo no Brazil, a 27 de Março de 1705, e quanto á sua morte, sabe-se (diz Innocencio) que era já fallecido em 1760. Escreveu:

Reflexões sobre a vaidade dos homens.—Lisboa 1751—Ha 4 edições.

Problema de Architectura civil—Lisboa—1770—Sahiu posthuma esta obra por diligencia do filho do auctor.

CAPITULO VI

D. Leonor de Mendanha

(SOROR BRIGIDA DE SANTO ANTONIO)

I

Era no verão. Debruçada na janella, que dava para o nosso Tejo, n'uma vivenda á beira-rio, onde a mãe ia passar as estações calmosas, poderia lembrar o que Bulhão Pato escreveu depois:

> Onde? nas praias em que o mar batia;
> e ella em silencio contemplava o mar.

Não era na praia, mas á janella da sua casa, como eu ia dizendo, que ella contemplava em silencio o Tejo, vendo deslisar as aguas do rio, que á noite, ao luar, mais se casam com a tristeza, do que offerecem alegrias aos espiritos scismadores.

Ali se conservava tempo esquecido, até que a mãe, já viuva e sem o filho, a ia arrancar aos seus devaneios. Pedia-lhe a edade que se entrajasse em harmonia com

a formosura. A propria mãe, desvanecida como todas as mães, a adornava de galas, e a enfeitava. Um espinhosinho do que então poderiam alcunhar de vaidade entrever-se-hia por ventura n'aquella flor em botão. Haverá menina que não goste de se saber formosa? e formosa era ella, não de leite e rosas, como pintavam a belleza os poetas da Arcadia (Deus nos livre de lindezas taes!), mas d'aquella que imprime um tom de suavidade no rosto, de que transparece a modestia unida á gravidade do pensamento. Era pallida, da pallidez attrahente, ao de leve tingida pela côr, que apenas pede licença para despontar.

Diz tudo isto a tradição; e se dos olhos não diz nada, tinham elles obrigação de ser peninsulares, pelas duas raças de que provinham.

A voz era de timbre insinuante, como no correr d'este escrito se verá. Desenvolvia-lhe a viva intelligencia uma educação esmerada. A um caracter impressionavel, desde os verdes annos, reunia uma condição suave. No conjuncto emfim, destacava das outras meninas.

Era a joven Leonor de Mendanha filha posthuma de Jorge Vaz de Campos, e de sua mulher D. Isabel de Mendanha, já portuguezes ambos, mas de origem castelhana. Provinham de Pero de Mendanha, Alcaide da fortaleza de Castro-Nuno, segundo relata Ruy de Pina na Chronica d'El-Rei D. Affonso V, sendo este Pero o primeiro que passou a Portugal no tempo d'aquelle Rei, acompanhando a Excellente Senhora.

Nasceu D. Leonor em Lisboa, no palacio de seus paes, á Betesga, em 1576, e era o encanto da mãe.

Porque ia esta encontral-a pensativa, mirando o Tejo?

Seria talvez desde que lera a Vida de Santa Isabel, Rainha de Hungria? Quantas vezes circumstancias casuaes não dão rebate de alvoroço á tendencia do caracter ou ao instincto do sentimento!...

Vendo-a assim educada, e tão distincta, D. Isabel resolveu-se a casal-a. Não a quizera deixar só no mundo. A mãe, que só tem uma filha, almeja por enthesoural-a, como um avarento; mas ao seu immenso amor sobrelevava um amor ainda maior, o sacrificio da propria soledade, para a ver feliz. Propôz-lhe então alguns mancebos, dignos d'ella. Quem não ambicionaria a formosa e rica Leonor de Mendanha! A requestada é que os ia rejeitando. Admirava-se a mãe do frio coração da filha; pois era mais ardente do que suppunha. Uma insistia; a outra dilatava; a galeria dos noivos esvahia-se diante da reluctancia da joven Leonor; e em quanto a mãe perdia as noites a cogitar maridos para a filha, esta perdia-as a procurar o modo de professar no convento das Inglezinhas, da Ordem de Santa Brigida.

E todavia, no coração de D. Leonor ateava-se um combate. De um lado, a mãe, que ella adorava, e a quem tinha de deixar só; do outro lado, a propria vocação, que a attrahia com ardor. Foi longo e penoso o combate; mas de combates d'estes despertam resoluções decisivas.

Um dia Leonor de Mendanha pediu á mãe para irem á grade das Inglezinhas, como de outras vezes. Chegaram; mandou-se recado á Abbadessa, abriu-se uma porta no locutorio, correu para ella uma sombra, a porta cerrou-se de improviso. O convento recebia uma noviça de mais; D. Isabel ficava sem a filha.

A mãe teve forças para não sossobrar; e como era mãe, que ideou? ir morar junto do convento, para estar mais perto da filha. E a filha, que a amava muito, e que avaliava a dôr materna, que planeou por sua parte? conseguir (como conseguiu) que se abrisse communicação por dentro; e assim viveram, sem se separar.

D. Leonor de Mendanha desappareceu debaixo do habito de Soror Brigida de Santo Antonio, sem pena das formosas tranças dos seus cabellos, sem saudades do mundo, que abandonava por vontade propria, sem ser arremeçada para a clausura, como tantos milhares de victimas sacrificadas por paes ou irmãos, que mercadejavam com a Religião e o sentimento. Soror Brigida recebia o escapulario com a sinceridade do seu intento. Entrava de fronte erguida, pisando as lageas sem um pensamento reservado, obedecendo resoluta, na flôr dos annos, ao que a sua consciencia lhe dictava.

A virtude póde abrigar-se em todas as classes, e em todas as carreiras. A historia da longa vida de Soror Brigida dá testemunho da sua virtude, da sua elevação como poetisa, da sua inspiração como oradora, do seu talento no escrever, e do respeito que os contemporaneos lhe consagravam.

Sismondi exclamou n'um dos seus livros magistraes:

«Quando no alto mar se desencadeia a tempestade, «e o navio está a pique de sossobrar, é ao mais perito «dos passageiros que pertence o mando»;

e n'um dos seus famosos discursos lançou Thiers esta sentença ao mundo:

«O poder pertence aos mais sabios.»

Soror Brigida de Santo Antonio foi eleita successivamente para cada uma das funcções: refeitoreira, escrivan, zeladora, mestra das noviças, enfermeira (durante quatorze annos) pelo cuidado e carinho com que tratava as doentes, escolhida por vezes para accumular dois d'estes cargos, e por fim subiu a Abbadessa.

Exerceu todos esses empregos por fórma, que marcou época. Só não sabia castigar. Dizia:

«Pela punição não fazemos senão amedrontar; pelo amor attrahimos.»

Duas phrases, que fariam um codigo social, e que definem um caracter. Não o define menos, por sua modestia, o facto de mandar substituir na casa do capitulo a cadeira abbadessal por um simples banco semelhante ao das outras freiras.

Guiada por estes principios de fraternidade, applicava-os successivamente. Soror Brigida tornou-se, no correr do tempo, conhecida pelo seu perspicaz criterio e insinuante conselho. Ali vinham, á sua grade, os Duques do Cadaval, de Aveiro, e de Caminha, D. Filippa de Vilhena, e não só outros grandes da Côrte, como pessoas de classes menos elevadas. Quando aquelles se escandalisavam de serem preteridos pelos pequenos, que primeiro haviam chegado, respondia-lhes a que fôra D. Leonor de Mendanha:

«que tanto estimava um negro, como um titular, «porque em todos considerava a imagem do Creador.»

Ha n'este mundo os dias fastos, e os nefastos. Era a 17 de Agosto de 1651, pelas 9 horas da manhã. Estava a Abbadessa na sala grande, procedendo a capitulo, quando de repente se ouve de toda a parte o grito de alarma: Fogo! fogo!

O convento ardia espantosamente. As freiras alvorotadas rodeavam a sua Abbadessa, que se encaminhou com ellas para a portaria, e todas sahiram a refugiar-se nas casas proximas, pertencentes a D. Emerenciana de Vallada. A noticia correu logo pela cidade, e todos os concorrentes se offereceram para receber a Communidade desalojada. Foi acceita a offerta das freiras da Esperança.

Como era natural, encheram-se de povo as ruas, e a cada momento chegavam as familias nobres. Serenada, quanto possivel, a confusão, pôz-se o prestito a caminho. Precedia a pé a Côrte, titulares e senhoras; seguia-se a creadagem, as moças do côro, as noviças, as freiras, umas chorando de commoção, outras de espanto, e ainda outras levadas quasi em desmaio; e na cauda do sequito, com o espirito compungido, á luz do mundo de que havia tantos annos se afastára, a Abbadessa, serena, dominando a todos com a apparente tranquilidade da sua alma, attrahindo as vistas geraes por entre as alas do povo, que, descobrindo-se diante do vulto sympathico, despedia successivamente aquelle musical murmurio, que na sua rouca eloquencia exprime entranhado sentimento. Assim chegaram ao largo da Esperança.

Abriu-se de par em par a grande portaria. A Communidade da Esperança, tendo á frente a sua Abbadessa D. Francisca da Conceição, irman do Conde de Villa Nova, fez profunda reverencia, e recebeu a proscripta Communidade, que se recolhia áquelle refugio. As duas Abbadessas, adiantando-se uma para a outra, déram-se o osculo da paz. Em seguida, a Abbadessa Brigida de Santo Antonio voltando-se para a Côrte, que

toda se descobrira, ajoelhou, pôz as mãos, e pronunciou estas palavras:

«— Dou-vos graças, senhores; e por mim pague «Deus á nobreza de Portugal a honra e favor que nos «acaba de fazer.»

Ergueu-se. Corriam lagrimas pelas faces de muitos. A grande portaria cerrou-se. As freiras da Esperança correram a acudir ás suas hospedas.

Se bem que no convento das Inglezinhas patenteou successivamente as suas qualidades, foi depois, n'este da Esperança, que ellas mais se manifestaram, perante um publico (diriamos em linguagem de hoje) mais numeroso, e n'uma scena mais vasta, por ser diante de duas communidades formando um todo. Os seus discursos eram eloquentes. Nervosa e impressionavel, applicava os preceitos aos actos humanos. Ella, que tanto luctara, apresentava a existencia com tintas suaves, e descrevia o livro da vida com lettras de amor. «Amae ao vosso semelhante» — era a sua divisa, e o resumo dos seus conselhos.

A referida Abbadessa do convento da Esperança, testemunha ocular, auctora do manuscripto que offereceu á Rainha D. Luisa de Gusmão depois da morte de Soror Brigida, diz terem sido muitos os interesses que todas lograram com o seu trato, porque a sua doutrina era fogo que transmittia aos corações, os seus conselhos cheios de sabedoria, e a sua conversação toda lhaneza e humildade. (1)

Mas se a sua doutrina era fogo, que expressão não teria quando, instada para cantar as estrophes do seu

(1) Uma parte d'este manuscripto, intitulado *Relação*, está impressa no *Agiologio Lusitano*. T. III, pag. 881.

hymno em versos hespanhoes, as entoava exaltada em amor sobrehumano!

Digo *sobrehumano* intencionalmente. Podemos avaliar os amores de uma Heloisa, ou de uma Alexandrina de la Ferronnays, o amor aceito e correspondido, que vive de uma esperança, que se consola com uma promessa, que se despedaça mesmo com uma ingratidão ou um desengano; o amor que é, e não o amor que se entresonha ou se entre-vê; mas o amor de Magdalena, ou de Theresa de Jesus, abrazado por uma crença sincera de além-mundo, deve ser um deserto immenso, em que a sêde busque a fonte sem a poder encontrar.

Era assim que ella entoava o seu hymno na presença das duas communidades. Levantando os olhos ao Céo, como se buscasse realmente o amante da sua alma, chamava-lhe nos seus versos *a luz dos seus olhos*, pedia-lhe que respondesse aos seus desejos, pois que o buscava entre suspiros. «Está morta, sendo Elle a sua existencia! gelada, sendo Elle o fogo! perdida, sendo Elle o verdadeiro caminho! que Elle é pomba nos ares, cidadão na cidade, nos mares marinheiro, cordeirinho nos campos; vinho precioso para saciar a sêde; pão alvo para mitigar a fóme. Nos oratorios, é Christo; na dureza dos trabalhos, consolação suavissima. Quando o terá nos seus braços, e morrerá de amores por Elle? A alma esconde-se-lhe na chaga aberta do seu peito para n'ella se abrazar em labaredas de puro amor. Finalmente: ali está como cadellinha humilde diante da meza do dono; almejando pelas migalhas que das mãos lhe cahirem...»

Este é o resumo do seu hymno.

Soror Brigida de Santo Antonio não publicou os seus

discursos, ou praticas, mas deixou manuscriptos, segundo affirma na *Relação* já citada a sua companheira Abbadessa do convento da Esperança. Eram *Considerações, Pensamentos, Annotações.*

D'ella houve tambem larga correspondencia.

No livro de Frei Agostinho de Santa Maria veem publicadas dezasseis cartas das trinta que escreveu ao Bispo eleito de Elvas Pantaleão Rodrigues Pacheco. São notaveis, além de bem escriptas, pelo perspicaz talento e alto juizo que d'ellas se reflectem.

N'uma lê-se esta phrase original, que cito:

«Jesus nos embebede do seu doce amor!»

Tambem escrevia a uma sobrinha residente em Portalegre; e d'entre as cartas ha uma chistosa, que mais parecia de sobrinha para tia, do que de tia para sobrinha. N'esta carta, dando á sobrinha o motivo de não lhe ter respondido á anterior, dizia: não lhe querer noticiar cousa que não fosse do seu gosto, por uma rasão: quando lhe pedira por um prezo, havia já um mez que elle tinha sido enforcado!

Tal foi a que no seculo se chamou D. Leonor de Mendanha.

Mas o tempo não passa de balde. Completára setenta e oito annos; e o seu corpo, tão molestado, cahira mortalmente de cama. Ainda poude assignar a sua escriptura da fundação do convento de Marvilla.

Apparece-nos aqui, n'esta occasião solemne, uma figura sympathica por sua dedicação e modestia. Filha da aia que D. Isabel de Mendanha dera á joven Leonor, Ignez não quiz nunca deixar a sua bemfeitora.

Conseguiu entrar para o mesmo convento, mas só por obediencia professou, por não se julgar digna de se egualar á sua antiga ama. Pagou-lhe Soror Brigida fazendo-a sua secretária e confidente.

— Extremadas dôres são as de hoje! — disse para a sua affectuosa enfermeira.

Quando se sentiu menos atribulada, desejou que lhe cantassem. Adorava a musica desde os verdes annos, em que a aprendera no seu palacio da Betesga. Quando ouviu o canto, sorriu como em tranquilo bem-estar. Depois agradeceu ás que lhe tinham velado, despediu-se de todas, e chamando pela sua Ignez, pediu-lhe que lhe desse a vela da morte. Soror Ignez comprehendeu a distincção, adiantou-se, e ajoelhando (como palpitaria aquelle peito!) collocou-lhe a vela na mão, segurando-a.

Passado um quarto de hora, a moribunda, procurando vagamente o quadro que pendia na parede fronteira, entre-disse:

— Mãe de Deus! valei-me!..

E ficou-se.

Decorridas as primeiras horas, Soror Ignez cumpriu entre lagrimas o derradeiro dever, e deu á morta a derradeira prova do seu affecto: amortalhou a que lhe tinha sido ama, bemfeitora e amiga, e cobriu-a de fiores. Apoz tres dias do que hoje chamariamos camara ardente no côro da Esperança, o corpo de Soror Brigida de Santo Antonio foi dado á sepultura. Ao fim de tres mezes, reentrando no seu convento as Inglezinhas, trasladaram-se os restos mortaes de Soror Brigida, n'um caixão riquissimo offerecido pelo Marquez de Gouvêa, para a casa do capitulo do mesmo convento,

situado na actual rua do Quelhas, lavrando-se-lhe um epitaphio apropriado.

II

D. Leonor de Mendanha sobreviveu a si propria. Durante os ultimos cincoenta annos alimentou uma ideia.

O seu convento, se bem que admittia Portuguezas (e para prova ali estava ella) provinha de origem ingleza. Desejava ella por isso fundar um convento da mesma Ordem exclusivamente para nacionaes; mas as edificações não se fazem só com desejos.

Certo dia, foi-lhe apresentado na grade o Padre Sebastião Ribeiro, que chegára da provincia do Algarve. Praticaram sobre a ideia fixa de Soror Brigida; e ella exclamou por fim:

— É força metter hombros á empreza. Quer-me Vossa Reverencia auxiliar?

— Do melhor grado, Madre Abbadessa.

— Eu nada tenho por ora; mas principiemos. Veja o snr. Padre Sebastião se procura informações de sitio apropriado.

O Padre Sebastião não descançou; lançou-se á faina, e trouxe primeiro informações do sitio da Gloria. Não agradaram. Trouxe-lh'as depois do sitio de Santa Barbara, para além da Bemposta. Tambem não satisfizeram.

— Veja lá para as bandas de Marvilla, Padre. Tenho a favor d'esse sitio um pressentimento favoravel.

O Padre andava n'uma roda-viva. Em breve tornou, todo elle contentamento.

— Excellente, Madre Abbadessa! a não poder ser melhor! Na mesma Marvilla, junto ao Poço do Bispo. Sitio famoso, mui limpo de ares, mananciaes de agua, um achado! Entra-se n'um grande pateo; do pateo para uma quinta...

— Bem, bem, Padre Sebastião; mas a quem pertence essa quinta?

O Padre, que ainda em suores se atropellara no correr dos seus dizeres, esbogalhou os olhos, escancarou a bocca, e ficou extactico.

— Queira continuar, Padre Sebastião, tornou-lhe Soror Brigida com a sua serenidade costumada.

O Padre, como que despertando do seu lethargo, meneou a cabeça, e nem palavra!

— Mas diga. Deus ha-de auxiliar a nossa obra, e tocará o coração do dono para nol-a vender barata.

Á palavra *barata* o Reverendo Sebastião Ribeiro teve um estremeção, e depois de um momento, precipitou-se lhe dos labios este brado:

— Barata aquella quinta!.. Aquelle portento! barata! Saiba Vossa Maternidade que tambem tirei informações do dono. O dono não vê outra coisa senão aquella quinta, e não a quer vender, ou só a venderia por uma exorbitancia, porque (para maior infelicidade) e elle o homem mais apertado de mãos de toda aquella redondeza.

E o Padre desabafou um grande suspiro.

Na phrase mais popular e significativa: o dono era um refinado sovina.

— Mas quem é?

— E' o Reverendo Fernão Cabral, Arcediago da Sé de Lisboa.

Soror Brigida uniu as palmas das mãos, cruzou os dedos, e inclinando a cabeça sobre elles fitou os olhos no chão. Reflectiu silenciosa. D'ahi a instantes olhou para o seu interlocutor, e disse-lhe:

— Não desanimemos. Queira Vossa Reverencia procurar brevemente o sr. Arcediago, e dizer-lhe que a Abbadessa do convento das freiras de Santa Brigida lhe pede a graça de vir a esta grade.

— Será cumprida a ordem da Madre Abbadessa — tornou o Padre Sebastião, mais desafrontado; e feitos os comprimentos de despedida, sahiu.

Estou d'aqui a ver o Arcediago da Sé Cathedral de Lisboa, anafado, com a sua barba de dois andares, e as suas rubicundas bochechas, entrando no grande pateo da sua quinta de Marvilla, desmontar-se da possante mula, que da capital o transportava, findas as obrigações do seu cargo, subir os degraus um tanto estropiados e esverdeados nas fendas, da larga escada de pedra, entrar no quarto da cama, tirar do tacão da bota direita a larga espora de corrêa, despir as vestes da cidade, encaixar a sua pessoa no leve trajo caseiro, e, assim, á vontade, descer a escada interior, entrar na sua quinta, correspondendo aos comprimentos dos trabalhadores com um aceno, e assentando a vasta palma da mão nas cabeças descobertas de alguns dos rapasinhos da vivenda.

Estou a vel-o, n'aquella calmosa tarde, correr algum dos pomares, entrar nos parreiraes, d'onde tirou um convidativo cacho, dar uma vista de olhos a alguma das terras de semeadura, passar junto da chiadora nora, que o mansarrão do boi fazia gemer pela fresca, ir beber um copasio de agua da fonte da Sereia, pas-

sar ao jardim, pegar no regador, debruçar-se, enchel-o de agua no tanque limoso, regar os seus allegretes favoritos, e roubar-lhes um grande cravo, vermelho como as suas faces.

Logo em seguida a toda esta passeata, estou ainda a vel-o encaminhar-se, de cabeça ao ar livre, para o seu caramanchão, repimpar-se na grande cadeira de cortiça, abrir a redonda caixa do simonte, sorver duplamente a monumental pitada, recostar a cabeça á mão direita, d'ahi a instantes fazer duas cortezias *in partibus*, e engolfar-se nas delicias da sésta. E d'ella o estou ainda a ver sahir, meio estonteado, já entre lusco e fusco, ao abanar-lhe respeitosamente o hombro, á terceira avançada, o impaciente caseiro, tendo a scena por espectador o curioso caseirinho, que, meio desbarretado, e com cara de parvo, olhava boquiaberto para o acto heroico do pae, e para a obediencia estremunhada do amo.

Era o caso: a ama tinha-o mandado chamar para a ceia, que fumegava saborosa, e ao mesmo tempo para lhe entregar uma carta do Padre Sebastião Ribeiro. N'esta carta, com a declaração de urgente, e depois de respeitosos comprimentos, rogava-lhe este, que no dia seguinte o esperasse na Sé para assumpto grave.

Com effeito, no dia seguinte, a conferencia do Padre Sebastião com o Arcediago passava-se na sacristia da Sé quando Sua Reverencia acabára as vesperas. Dadas as mutuas saudações, chegaram ao conhecimento de que ambos eram algarvios.

Depois de fallarem da sua provincia e das suas familias, o Padre Sebastião disse:

— Venho incumbido de uma missão para Vossa Reverencia.

— Diga, patricio, — respondeu o Arcediago com ar benevolamente auctoritario.

— Trago recado.

— De quem?

— Encarrega-me de dizer a Vossa Reverencia a Madre Abbadessa do convento das freiras de Santa Brigida, que por serviço de Deus precisava muito fallar-vos, e pedia a Vossa Reverencia que a procurasse quando possivel.

— Engano, Padre; — respondeu o outro — a Abbadessa de Santa Brigida é Soror Brigida de Santo Antonio.

— Pois é exactamente Soror Brigida de Santo Antonio que manda recado a Vossa Reverencia.

Se n'aquelle momento viessem dizer ao Arcediago da Sé de Lisboa que a sua quinta de Marvilla tinha voado pelos ares, o assombro não lhe seria maior.

O Arcediago recuou dois passos, como se despertasse de um sonho, e sem pronunciar palavra. Conhecia elle de nomeada a Soror Brigida, sabia quanto era respeitada por el-Rei, estremecida pela Rainha, e bemquista na capital; havia muito que se empenhava em conhecel-a; e de repente, desprevenido, ouve que d'ella mesma é que viera o recado! Todo confuso replica, suppondo não ter ouvido bem:

— Dizeis, Padre Sebastião, que a mim me chama Soror Brigida?

— A vós, sim senhor; é a vós mesmo que chama Soror Brigida.. Desejaes que vol-o diga tres vezes?

O Arcediago sahiu com o Padre, chegou ao largo,

procurou uma liteira, entrou com o seu patricio, e indicou a direcção do convento.

Foi-lhes aberto o locutorio, e em breve lhes appareceu na grade a Abbadessa, acompanhada, como de costume, por Soror Ignez.

Relata-se de Soror Brigida ter ella sido tão agradavel em suas palavras, que «ninguem lhe fallava uma vez só que a não buscasse muitas». Vejam, além do mais, em que mãos vinha cahir o Arcediago!

Sobre a affabilidade costumada, accrescia n'este momento a instinctiva doçura, que provinha da esperança, n'um assumpto do coração.

Encetada a conferencia, a Abbadessa sentia-se commovida, sobretudo pelo receio do alto preço que as apertadas mãos do proprietario exigiriam, dado mesmo o caso de que elle se resolvesse a vender a quinta. O Arcediago ainda parecia estupefacto.

Soror Brigida, continuando, disse-lhe:

— Desde que eu ainda lá estava, no mundo, desejei iniciar um convento da minha Ordem, portuguez como nós. Dizem-me que Vossa Reverencia tem, para as bandas de Marvilla, uma quinta. Se Vossa Reverencia quizesse vender-m'a, eu buscaria dinheiro pelos meus amigos.

O Arcediago da Sé de Lisboa ergueu-se, como impellido machinalmente, e respondeu de prompto:

— Madre Abbadessa, não tenho em Marvilla uma quinta; são duas as que ali possuo, e ambas lhe dou, Soror Brigida de Santo Antonio.

Soror Brigida ergueu-se tambem n'um repente, como ferida pela felicidade, e pondo as mãos, exclamou com as lagrimas nos olhos:

— Gloria a Deus!...

Serenaram aquelles dois espiritos. N'ella tinha ardido a fé. Pelo cerebro do *avarento* havia atravessado o fogo sublime, que da fraqueza do homem faz a grandeza do heroe.

Não descançou o Arcediago. Deu seguidamente as ordens para o preparo dos materiaes; procedeu-se á construcção da egreja, e, em seguida, do convento, obtida de D. João IV a necessaria licença para a fundação.

Tres dias antes da sua morte assignou Soror Brigida de Santo Antonio, como acima disse, a escriptura do seu mosteiro, na presença do Arcediago, da Duqueza de Aveiro, de sua filha D. Maria de Guadalupe, e do Vigario geral. Não logrou já a fundadora assistir á inauguração, que se realisou em 1660, cinco annos depois do seu fallecimento.

Quem hoje queira vêr esse convento, no terreno que foi a quinta do generoso Arcediago, quem quizer vêr esse convento que durante meio seculo desvelou o espirito da ardente iniciadora, procure, á beira do caminho que sobe do Poço do Bispo para Marvilla, onde é o «Asylo de D. Luiz» para infancia do sexo feminino.

Se D. Leonor de Mendanha ressuscitasse, prantearia com a saudade de não encontrar ali a sua instituição primitiva. Era natural, e justo. Mas se por um lado a entristecia o presencear, pela successão das ideias e transformação dos tempos, desviado do seu fim o seu mosteiro, por outro lado ser-lhe-hia grato vêr a sombra da sua memoria dar ali agazalho e educação a gerações de creanças desvalidas, como as que ella amou quando vivia.

CAPITULO VII

Soror Violante do Céo

I

Os dois conventos, das Inglezinhas de Santa Brigida, e das Dominicanas do largo da Rosa, á Costa do Castello, apresentavam na poesia mystica duas faces differentes.

No primeiro, como acabamos de vêr, Soror Brigida de Santo Antonio era, com a austeridade temperada pela doçura, o arrebatamento apaixonado do amor divino, a pomba voando com os olhos no Ceo. Nas Dominicanas, Soror Violante, a meio caminho das alturas, debruçava-se para o mundo, e de lá fitava os olhos na terra.

Isto não é pôr em duvida o espirito seraphico de Soror Violante; e o proprio Frei Pedro Monteiro, no seu livro *Claustro Dominicano,* relata que fôra ella Religiosa «mui observante». Tambem não é desconhecer que uma grande parte das suas paginas deixem de ser

cantos elevados a Deus, e dedicatorias a toda a Côrte celeste. Não: mas teremos occasião de vêr que a freira exaltada era tambem mulher da terra, e que, se a Dominicana tinha o Ceo até mesmo no appellido claustral, nem por isso deixava de pizar o caminho d'este mundo.

A Rainha D. Luisa de Gusmão, contemporanea de ambas, e amiga tão intima de Soror Brigida de Santo Antonio, admirava tambem o talento de Soror Violante; e ás vezes a visitava; mas quando é que a Rainha se lembraria de enviar assumptos, quasi motes, á Abbadessa das Inglezinhas, como tantas vezes os mandou á freira da Rosa, para poetar sobre elles? Tambem, por outro lado, não quer isto dizer que esta grade do convento das Dominicanas fosse, no ponto a que me refiro, a grade dramatica do mosteiro de Santa Clara de Coimbra.

A *grade* dramatica, não o *convento*.

A grade n'aquelles tempos era uma especie de instituição social, uma diversão. Raro seria o mosteiro, em que uma parte das freiras, não pertencesse ás familias da Côrte, ou á classe mais achegada a ella. O parentesco attrahia as familias, e estas attrahiam outras. De fora, os visitantes amiudados; de dentro, juventude e belleza; narravam-se as historias do dia, as anecdotas, os acontecimentos publicos, as scenas dos lares, e não se iam as visitas sem os fartos chás e a infinita doçaria, que Ferraris e Baltresquis não foram capazes de imitar.

Mas eu ia dizendo «a grade dramatica de Santa Clara de Coimbra», querendo referir-me ás tardes poeticas de Soror Maria de Jesus.

O caso foi este:

O Conde da Feira tinha duas parentas professas no mosteiro de Santa Clara de Coimbra. *Duas*, não é para admirar; não menos de *dez* filhas fez professar nos conventos de Bragança o Tenente General Francisco Xavier da Veiga Cabral da Camara! Foram *dez!!*

Como contrapezo ás duas irmãs, foi tambem lançada na balança claustral uma sobrinha d'ellas, menina de quatro annos, filha e neta de titulares, para as tias a educarem n'aquelle ambiente, e seguir depois a vida monastica. Aprendeu a tocar e cantar, noviciou, e, passado o anno da prova, fez a sua profissão. Até aqui tudo corria muito bem; mas o que as freiras lhe não ensinaram, foi exactamente o que ella aprendeu por sua conta, ou por conta do seu talento.

Um bello dia achou-se poetisa, sem o saber.

As tias nas suas cellas escutavam as poesias da menina; e se não batiam com as mãos, applaudindo theatralmente, eram os corações que lhes batiam de alvoroço. Foram passando palavra ás outras Religiosas, e as cellas das nobres parentas do Conde da Feira alargaram a sua platêa. Quanto mais exaltavam a joven Maria de Jesus, mais ella poetava. Via-se que tinha mais geito para os madrigaes, do que para as matinas.

Ora succedia que á celebre grade de Santa Clara concorriam de ordinario visitantes illustres. Ao principio eram os do costume; e constando-lhes a habilidade da joven Madre, iam-lhe pedindo que recitasse. Não se fazia rogada. Os que primeiro a ouviram, foram contando a novidade aos amigos. Desejavam estes que os

apresentassem. Vinham ainda mais. Correu por toda a cidade a fama de que uma freira bonita, fidalga, e talentosa, poetava na grade de Santa Clara. Foram tambem apparecendo lentes, e outros cavalheiros que não pertenciam á Universidade. Ás tardes a grade povoava-se. Alastrava-se então por ella o sussurro da espectativa, e a curiosa impaciencia dos que ainda a não tinham ouvido, porque ainda se não resolveu o problema (nem por ventura se resolverá nunca) de qual seja mais apetitoso: o prazer que pela primeira vez se gosa, ou a repetição do que já se gosou.

Finalmente, sente-se pelo corredor o ruido dos passos e o som de vozes; abre-se a porta, e seguindo as tias desponta a joven poetisa, D. Maria de Jesus, que, terminados os comprimentos, se ergue, e lança a recitação intervalada com as felicitações e os commentos laudatorios. Umas vezes recitava poesias soltas, outras vezes lia as suas comedias, ou discorria sobre qualquer materia.

Mas não ha felicidade que dure sempre. Sons de surda murmuração principiaram a correr pelo mosteiro. Soror Maria de Jesus quanto mais poetava na cella e recitava na grade, menos se lembrava dos encargos da sua profissão. A grade agrilhoava-lhe o corpo; mas o espirito fugia-lhe para um horizonte que ella entresonhava.

Se julgam exageração, venham a terreiro as proprias palavras do insuspeito chronista da Ordem franciscana, que dizem assim:

«Com os applausos foi admittindo desvanecimento, e «com a vangloria se foi empenhando mais na poesia,

«fazendo comedias e versos a varios assumptos, cujos «empregos a distrahiam totalmente das obrigações do «seu estado.» (1)

As freiras mais reformadas abriram-se então com as tias, pronunciando respeitosamente a palavra *relaxação do estado;* e pediram-lhe que cessasse a invasão d'aquella grade, e a causa que a motivava. As tias, cada vez mais gloriosas do seu sangue, fizeram ouvidos de mercador, e a mimosa sobrinha continuou a carreira dos seus triumphos.

Um dia as religiosas do mosteiro de Santa Clara de Coimbra viram deslisar ao longo dos corredores uma figura desconhecida, mas grave e pausada. Vinha descalça; envolvia-a um habito de tosco borel; sobre a cabeça, uma toalha liza; e velando-lhe o rosto um veo grosseiro. Penetraria a furto no convento alguma estranha? Affirmaram-se mais de perto. Era Soror Maria de Jesus.

A poetisa evolara-se. Principiava a penitente.

II

Se a grade de Soror Violante do Ceo no mosteiro da Rosa de Lisboa não era a grade de Soror Brigida de Santo Antonio, tambem não era a da joven parenta dos Condes da Feira em Santa Clara de Coimbra, como acabamos de ver.

A grade da Rosa era uma das principaes grades da

(1) Tomo V, pag. 723.

nobreza. El-Rei D. João IV, a Rainha D. Luisa, e o Principe D. Theodosio, ouviam a Soror Violante do Ceo as poesias, cujos assumptos lhe tinham dado.

Tratava-se do Infante D. Duarte? entoava a monja sentido canto á sua morte.

Vencia-se a batalha de Montes-Claros? exaltava a gloria das armas portuguezas.

Publicava-se um livro de Antonio de Sousa de Macedo? cantava-lhe as *Flores de Hespanha e Excellencias de Portugal.*

Fallecia na flor dos annos a gentil filha de D. Fillippa de Vilhena? pintava-lhe o encanto da formosura, e lastimava-lhe a desdita da sorte em alevantados sonetos.

Cantou os Reis e as Rainhas, os consorcios e os fallecimentos Reaes, a Condessa da Ericeira, D. Isabel de Castro, D. Leonor de Tavora; cantou, em summa, as glorias e as tristezas da Côrte.

Mas quem era Violante do Ceo?

Foi filha de Manuel da Silveira Montesino, e de Helena Franco; viu a luz em Lisboa a 30 de Maio de 1601, e professou no convento das Dominicanas da Rosa a 29 de Agosto de 1630. Sabe-se que aos dezasseis annos tinha composto a comedia *La transformacion por Dios*, e aos dezoito a sua segunda comedia *Santa Engracia*, cuja representação teve por espectador a Filippe III no anno de 1619 em que veio a Lisboa. Ainda escreveu mais duas comedias. Da sua vida anterior á profissão, nada mais conheço, apezar de investigações reiteradas, porque em silencio ficaram os seus contemporaneos Lavanha, D. Francisco Manuel, Faria e Sousa, e outros, que de tantos louvores a coroaram como poe-

tisa, mas que tão pouco disseram d'ella em quanto mundana.

Sabe-se que tocava harpa admiravelmente, e que no canto se acompanhava a si mesma. Não logrou possuir a brilhante educação de D. Bernarda de Lacerda, e de Soror Brigida de Santo Antonio, suas amigas; e de não ser culta nas sciencias, nem versada nos segredos dos poetas, pede modesta desculpa n'um dos seus sonetos; mas de sobra possuia intelligencia natural, e um delicado sentimento, que perfumou as suas poesias.

III

Foram as suas obras principaes as *Rymas varias*, collecção de epistolas, sonetos, romances, e canções, mandada imprimir pelo Conde Almirante, e o *Parnaso Lusitano*, em dois volumes, publicado em 1733, e onde tambem se incluiram outras obras suas que andavam impressas em separado. Foi premiada esta poetisa em varios certames poeticos.

Baseiam-se os seus versos, em grande parte, em assumptos divinos, mas tambem em grande parte se referem a assumptos profanos; e até mesmo no titulo de um dos seus livros principaes, o *Parnaso Lusitano*, se accrescenta: de divinos e *humanos* versos. Aquelle coração sentia o que era humano.

Nos vinte e seis romances, ou poemetos, das suas *Rimas varias* a autora abre o vôo á sua alma affectuosa, e pinta o coração nas suas diversas paixões. D'esses romances, em versos hespanhoes, transplantarei dois re-

sumidamente, na minha humilde prosa, para se conhecer a feição litteraria de Soror Violante:

O RETRATO

Está só. Tem diante de si o retrato d'elle; e encarando-o amorosamente pergunta-lhe:

Como poderei deixar de me lembrar do meu idolo, se da sua gentileza és a imagem fiel? Que importa que o padecimento me definhe, se só vendo-te, retrato, te escuto dizer-me que soffra e me cale? Ha seis annos que és o allivio dos meus males, sem do peito de Silvia te apartares um momento. Não, não me fugirás como Silvano; aqui te retenho captivo, sem mulher nenhuma te possuir. Se estou só, acompanhas-me; se me queixo, consolas-me, já com a eloquencia muda, já com o benigno semblante. Que duvida pode haver, de que o teu dono quizesse que eu o adorasse, quando, negando-me tudo, me concedeu a sua imagem?

O CORAÇÃO

Volta-se para o coração, e exclama-lhe:

Pobre coração! já que a sua mão te fere, torna a ser meu, pois dono que nega premios, não ha duvida de que te dê castigos. Chega a ser delirio um amor não correspondido. Que phases diversas admiro nos actos d'Elle! se uns me traspassam de pesares, grandes allivios me causam outros. Haverá alguem na terra, a quem não assombre um semelhante labyrinto, quando,

no momento em que antevejo glorias, Elle me dá martyrios? Fóge pois, coração, para escuro abysmo, que a morrer de duvida prefiro morrer de esquecimento. Mas não, coração infeliz. Se antes queres ser maltratado do que fugir-lhe, então occulta os anhelos do teu amor immenso, e, vencido, soffre, ama, e vive escravo.

. . . . . .

Outra amostra:

> Que suspensão, que enleio, que cuidado,
> é este meu, tiranno deus Cupido,
> pois tirando-me emfim todo o sentido,
> me deixa o sentimento duplicado!...

E' um soneto, em que a autora pede ao Amor que cesse tão formoso encanto, porque basta menos rigor para quem d'elle não se defende.

Estas e outras poesias do mesmo genero sahiram de coração profano; ainda não são da freira; são da mulher.

No teor do fogoso madrigal a Lisardo, lamentando a fuga do amante, havia apparecido o soneto invocando Elysa; faz introducção aos sonetos profanos, aos romances em que a poetisa descreve a sua paixão, e aos outros cantos do seu livro. N'esse soneto diz á ditosa Elysa que vae ser chronista dos seus triumphos; que solemnisará as glorias da mesma Elysa, aquella que deve a essas glorias a sua dor; e que juntamente vae cantar aquelle por quem chora, querendo a sorte que a sua propria penna lhe seja homicida.

Como se vê, a poetisa é sacrificada aos victoriosos

amores de uma Elysa qualquer, de cuja felicidade, de mais a mais, vae ser a cantora.

IV

Mas (pergunta-se) a poetisa do soneto e do livro é um ente imaginario, ou é a propria poetisa, a mesma Violante? Quem foi a dona d'aquelle retrato? quem foi aquella apaixonada em abandono? aquella ciosa tão elevada em pondonor, como ardente ainda no seu sentimento?

Professando no convento dominicano da Rosa aos vinte e nove annos, Soror Violante do Ceo escreveu, n'um dos seus primeiros sonetos da clausura, o seguinte:

«Se cantei assumptos profanos, e não só a Vós, «Objecto Divino, bem castigado está o meu erro na «publicação d'elle mesmo (Soneto III)».

Segue lastimando que chegue depressa a ser aborrecido quem ainda com mais extremo fôra amado; que o merito seja condemnado ao esquecimento só por um aggravo supposto, e não por um delicto que se devesse primeiro averiguar; e brada ao Senhor, que bem differente é o seu amor por ella, do que fôra o amor humano (Sonetos LXII e LXIII).

Vae ainda mais adiante; e com uma tristeza magoada lamenta que, offendendo-a desperdiçassem o seu desinteressado affecto (Soneto LXV); mas que, já desenganada, quer morrer para o mundo e viver para Deus (Côro VI dos Romances de Therpsicore).

Na presença d'estas approximações, parece innega-

vel que houve para Violante uma grande ingratidão, que a levou a abandonar o mundo, e a recolher-se ao claustro. E se ainda confrontarmos esta serie de queixas com os poemetos anteriormente citados, poderemos perguntar se nas entrelinhas d'aquelle *Retrato*, e dos outros Romances, não estaria descripta a poetisa, ou se ella não faria mais do que pintar um quadro de imaginação.

Parece-me, com os documentos á vista, que effectivamente feriu a alma de Violante um immenso e immerecido desgosto, que lhe desfez os castellos de felicidade em que esperava tocar; mas não se me afigura provado que no decorrer do seu livro pozesse ella em absoluto a pintura de si propria.

V

A vida é um sonho — escreveu-se. Foi-lhe com effeito um sonho a vida, ou cantou apenas o sonho da vida com a inspiração da arte? Se a descreveu em ficticia tempestade de amor, não foi por isso menor o seu talento, que do rosto soube fazer a mascara, e collocar na ficção o que o seu sentimento lhe adivinhava.

Obedecendo á quadra em que viveu, foi gongorica, requintou no trocadilho das phrases, abusou da antithese na ideia e da affectação na fórma. Mas que sentimento se não encontra n'uma grande parte dos seus versos!! que delicadeza e mimo em outros, como, para exemplificar, em numerosos villancicos do seu presepio!! E o sentimento não varia com os tempos, porque é eterno, como eterna e constante é a elevação

da alma, a energia da phrase, e a viveza da imaginação, que me parece formarem o caracter litterario d'esta escriptora.

Se a paixão extrema do mysticismo não a arroubava ao ponto de Soror Brigida de Santo Antonio, se não a arrebatou a paixão humana, como n'outro claustro á infeliz Marianna Alcoforado, representa certas mulheres que nem anceiam exclusivamente pela concepção do Infinito, nem enlouquecem quando as esmaga o desengano.

No silencio da sua clausura, e na rigorosa observancia da sua regra, elevou a alma para Deus, como a sua crença e o seu estado lhe pediam.

Na expansão do seu espirito, a parte profana, mas nobre, da sua obra, mostrou, já dentro d'esse claustro, que a intelligencia não é privilegio de nenhuma profissão, e que, tanto aos pés do altar, como ao ar livre do mundo, é o glorioso distinctivo humano, uma vez que se torne digna de si, e seja conscienciosa na sua missão.

Nota do editor, seguindo apontamentos do proprio auctor. — Soror Violante do Céo nasceu em Lisboa a 30 de Maio de 1601; filha de Manuel da Silveira Montesino, e de Helena Franca. Professou no Convento da Rosa a 29 de Agosto de 1630. Falleceu a 28 de Janeiro de 1693.

CAPITULO VIII

D. Feliciana de Milão

I

Ella cá está! Retumbante! D. Feliciana de Milão! Como quem dissera Joanna de Flandres! Margarida de Borgonha!

E quem foi o pae? um *x*. A mãe? uma incognita. O berço que a embalou? a roda dos engeitados. E d'ahi, rica, sabia, requestada, escriptora, enredando todas as classes, accommodando um labyrinto no cerebro, aspirando ao amor de um Rei! Uma original.

Onde nasceu esta mulher? em Lisboa a 8 de Outubro de 1632. Onde foi educada? ninguem o sabe.

Estou-a vendo sahir de casa, em pleno seculo XVII, e, com uma semceremonia pouco propria do seu tempo, correr a cidade nas diversas direcções, acompanhada de uma ou duas creadas, e disparando para a direita e para a esquerda a agudeza dos seus ditos. Lá entra pela afamada Rua Nova, com ar imponente e

movimentos flexiveis, fazendo do mantéo, como do leque as Andaluzas, uma linguagem; ora rebuçando-o de mais para picar a curiosidade, ora ageitando-o e reprehendendo-o, como se elle é que tivesse a culpa de ser indiscreto. Lá segue, ao longo de uma das alpendradas, aqui entrando n'uma loja para mercar sedas, ali no livreiro da moda a comprar livros de estudo para a composição da obra que traz entre mãos; mais adiante, como demandista açanhada, subindo ao escriptorio do seu lettrado, fazendo-lhe deitar a livraria a baixo com perguntas e recommendações; e se encontrava os de mais intimidade, mostrando-lhes a *Gazeta*, quando noticiava feitos gloriosos da guerra na Beira ou no Alemtejo; conhecendo meia Lisboa; chronica viva das novidades recentes, e dos successos interessantes. E tendo ido do Terreiro do Paço pelo Arco dos Pregos, lá segue pela rua dos Ourives do ouro, rua dos Douradores, largo dos Escudeiros, desembocando no Rocio, onde, tomando largo fôlego, se dirige ás lojas do linho de Hollanda ou dos panos da India. Como está perto da rua das Arcas, á Betesga, se o apetite a morde lá dá uma saltada ao theatro do celebre Pateo das comedias. Se é em occasião dos volatins italianos, eil-a a ver os dançarinos e os homens das forças, que toda Lisboa ia admirar, e até as gentes dos arrabaldes, que reputavam aquellas habilidades *artes do demonio*.

Nas largas tardes de verão, allongava o passeio para Villa Nova de Andrade (o novo Bairro-Alto), desencalmando-se á sombra dos arvoredos da hospitaleira quinta.

Tudo isto nos dias ordinarios.

Ás festas faltava por ventura D. Feliciana de Milão

com o seu sequito familiar? Uma das profanas logrou ella gosar no seu tempo: a do casamento da Infanta D. Catharina. Nada escapou áquella curiosidade vertiginosa: nem as apparatosas danças, nem as tres delirantes toiradas dos fidalgos, nem os fogos de artificio, nem os arcos de telas, sedas, e ornatos doirados, por baixo dos quaes a Infanta-Rainha havia de passar para o embarque. O dos prateiros, todo coberto de finissima prata batida, é que mais a teve boquiaberta; e foi mesmo ahi, quando as ondas de povo mal podiam romper, que, pedindo-lhe um pobre uma esmola pelo sagrado Nascimento de Christo, ella sentiu subir-lhe o sangue á cabeça, respondendo-lhe de subito:

— Amigo, pedi o que quizerdes, mas, por quem sois, não faleis em *nascimentos* — (D. Feliciana nunca soube fazer as pazes com a sua madrasta *roda*.)

Pois as procissões de Cinza! da Graça! da Saude! A do Corpo de Deus é que de veras a enthusiasmava. Onde a nossa folian mais se ria, era quando passavam os carniceiros com o seu farfalhudo imperador, os boticarios com o seu gigante, a embandeirada galé dos calafates da Ribeira, o dragão rodeado da sua vistosa côrte de demonios, e por fim a serie das danças das circumvisinhas aldeias, atroando os ares com tantos pandeiros, e relaxando os costumes com taes momices, que vieram a ser prohibidas nos reinados seguintes.

Na Quaresma é que D. Feliciana se regalava. Exercicios espirituaes a instrumental nas principaes egrejas; e na principal das principaes, nem falemos! Diz o gracejo: querer metter o Rocio na Betesga. Sem ser por gracejo se podia dizer, que aos sermões das Domingas entrava em S. Roque meia capital.

D. Feliciana, que tinha sempre na ponta da lingua um dito repentino em resposta, nem aos seus requestadores poupava. Foi exactamente ao sahir de S. Roque, n'uma d'essas tardes, que certo fidalgo, seu galanteador, estreando um vestido negro de visos côr de canna, e dando cara a cara com a sua requestada, lhe perguntou (mal imaginando que dava corda para se enforcar):

— D. Feliciana, que vos pareço?

E ella de repente:

— O homem dos alhos.

Era então um dos typos das ruas lisbonenses.

Se não poupava D. Feliciana os homens, como pouparia as senhoras?

Pretendendo encontrar logar na mesma egreja, precediam-n-a duas creadas; enfadavam-se estas com uma dama de valimento na Côrte, que lhes impedia o transito. Acudindo logo D. Feliciana, exclamou para as aias:

— Deixae-a, deixae-a, que não se levanta de graça quem se deita por dinheiro.

Outra vez, foi á entrada da egreja da Trindade. Mandou á creada que abrisse caminho. Um Desembargador, filho de uma collareja da praça, e de alcunha «o Malmede», na confusão da turba que se acotovelava pespega um beliscão na creada. E logo diz a espertalhona da ama para o filho da collareja:

— Não apalpe Vossa Mercê a fructa, que não a ha de comprar.

— Pois tenho dinheiro para isso — redarguiu o Desembargador.

— *Mal mede* Vossa Mercê as pessoas com quem fala — tornou D. Feliciana.

Olhem se o Duarte de Sá a ouvisse!...

Com D. Lourenço de Almada, foi na egreja de Odivellas. Estava este fidalgo no meio da porta, e embargando a vista. Diz-lhe ella:

— Ah! snr. D. Lourenço! já que é *de Almada*, passe para a *outra banda*.

Almada, todo cavalheiro, passou logo para a *outra banda*, sem aliás ter de atravessar o Tejo.

Das procissões de desaggravo nos tres dias de entrudo, só ia ver a de terça feira, por ser mais apparatosa, e a acompanhar com todo o luzimento el-Rei e a Côrte. De manhã, para a procissão; de tarde, para o entrudo portuguez de ha dois seculos, correcto e augmentado pela ardente cabeça da phantasiosa Feliciana.

II

Esta mulher, que fazia gala dos seus repentes apimentados, e que parecia não mirar a outro alvo senão ás festividades religiosas e ás diversões profanas, reunia a um immenso talento uma erudição vastissima; e se um dia lhe dava para distillar o coração em versos, e outro para a sua correspondencia impregnada de graça, outro dava-lhe tambem para compôr livros.

Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, relata que D. Feliciana de Milão compôz muitos versos, em que a elegancia competia com a agudeza; e Diogo Ayres de Azevedo, no *Portugal Illustrado,* diz que o seu *Tratado sobre a existencia da pedra philosophal* fôra escripto com madureza tão profunda, que elle, por si só, podia qualificar o elevado juizo da auctora.

Cumpriu a fogueira nacional o seu proverbial dever, extinguindo as obras d'esta escriptora original; e só nos resta em manuscripto uma parte da sua correspondencia! Oxalá, como se lê n'uma das cartas á sua amiga D. Margarida, que ella tivesse feito o dito verdadeiro, quando lhe dizia:

«Segurem-se os fiscaes, com que, se me der a ocio-«sidade para o tinteiro, não mande imprimir os meus «escriptos a Veneza, porque não disse, nem direi nun-«ca, cousa que desminta nunca o nome de D. Feli-«ciana.»

Infelizmente, o que ella chamava a ociosidade para o tinteiro não a perseguiu; e dos seus manuscriptos, que não viajaram até ás typographias de Veneza, só se salvou, como acima disse, parte das suas cartas.

III

Um dia el-Rei disse-lhe:

— É Eva.

E a mysteriosa engeitada tornou-lhe logo:

— Então, só Vossa Majestade me póde fazer a primeira mulher do mundo.

Não relatam os documentos se a primeira Eva sahiu em segunda edição, ao repentino alvitre da graciosa dama.

D'entre a correspondencia referida existem na Bibliotheca de Evora umas cartas entre ella e D. Maria das Saudades, freira no convento da Assumpção de Via-longa, escriptas nos termos proprios dos jogos. N'uma d'ellas diz a freira de Via-longa a D. Feliciana:

«Ora contente-se com a resposta, e saiba que ao «jogo do homem hei-de ganhar, porque por homens «não me costumo perder. Vamos, parceira, olhe como «se descarta, que não seja de rei, sendo que os reis «para Vossa Mercê bem se descartam; e se na mão, «como Vossa Mercê quer, me fica um rei secco, como «vi que na de Vossa Mercê foi verde, por isso encon- «trou desgraça; e eu não lhe empato as vasas, nem «tenho tenção de lhe furtar os tentos, que sempre «trouxe a cara descoberta quem não tem que encobrir «nos procedimentos da pessoa. Deus guarde a Vossa «Mercê — Via-longa — 6.ª feira — D. Maria das Sau- «dades.»

Seria casualidade da nomenclatura do jogo, ou remoque pessoal, esta parte da carta entre as duas amigas?

IV

A vida no Universo é a imagem da perfeição; no individuo, é o constante jogo de parar.

Um dia, sem mais nem menos, D. Feliciana de Milão fez-se freira. A irrequieta engeitada acordou com aquella idéa. Decorrido apenas o tempo necessario, a phantasiosa escriptora professou no mosteiro de Odivellas.

A estreia dos seus encargos foi como Porteira.

Logo n'uma das primeiras tardes, entra no pateo do mosteiro uma pachorrenta carroça (como quem diria depois: uma traquitana). Apeia-se á portaria um ancião; dirige-se, em passo lento e com toda a gravidade, á roda; bate duas palmadinhas, com a compostura de quem fizesse uma veneranda venia.

Á veneranda venia de fóra responde sizudamente, como em veneranda venia de dentro, a nova Porteira:

— Que pretende?

— Desejo visitar a Madre Ignez da Conceição — responde com a mesma solemne gravidade o respeitavel visitante.

— E o nome de Vossa Mercê? — continua a perguntar mellifluamente, e como quem tinha os olhos baixos, a Porteira.

— Lourenço Coelho Leitão.

N'um repente, D. Feliciana muda de tom, e brada á moça da porta, vibrando a voz para ser bem ouvida de fóra:

— Ide dizer á Madre Ignez da Conceição, que venha buscar estes tres assados.

Lourenço Coelho Leitão sentiu-se estremecer desde os bicos dos pés até á cabeça. Nunca aos seus ouvidos tinha chegado uma tal interpretação do seu nome, nem uma tão risonha *buena dicha* do seu destino final. Arregalou os olhos para se desenganar d'onde estava, e pelo sim pelo não, demandou apressadamente a sua carroça, para não ser posto n'uma travessa sobre a grande meza do refeitorio, achando mais prudente dar por terminada a visita antes de a haver principiado.

Chegadas as eleições, eis D. Feliciana mettida na tempestuosa dança. Ficando mal, por causa das candidatas com a Madre curraleira, e passando por ella, murmurou-lhe:

— Ó mana, fale-me, ainda que faça das tripas coração!

Andando tambem indisposta com outra freira que

tinha um geito n'um olho, ao vêl-a voltar a cabeça não se conteve, e disse:

— Senhora, sendo vós a torta, tendes medo de que seja eu quem vos dê o mau olhado?

Se vinham visitas á grade, D. Feliciana no caso, para os commentos freiraticos. Se se tratava d'algum presentesinho, mais Soror Feliciana.

— Senhora —lhe perguntava certa freira nova, toda presumida de uma prenda que recebera— que dizeis a esta flôr de diamantes? Não faz uma vista tão brilhante?

(Os diamantes não podiam ser mais miudos).

— Muito vistosa; mas cuidado, que este homem quer-vos matar.

— Matar-me?! —tornou a outra aterrada.

— Pois não vêdes que são pós de diamantes?

Andava lá no convento tudo embrulhado com ella. D'ali é que escreveu as cartas que se salvaram, sendo a mais chistosa aquella em que relata por miudo á sua amiga Margarida a deposição d'el-Rei D. Affonso VI.

V

Sabe-se o que era Odivellas, com os seus abadessados sumptuosos, os seus outeiros, enredos, visitas, e relações em Lisboa: uma especie de Côrte.

Foi de certo algum maganão, dos assiduos na grade, que se lembrou de contender com a original freira, escrevendo umas decimas, que andaram correndo de mão em mão.

DECIMAS DE D. FELICIANA DE MILÃO
AO GALANTEIO DE SUA MAGESTADE

Meu Monarcha, nosso amor,
e nosso enleio amoroso,
tanto tem de primoroso,
quanto de Rei e senhor.
Mas ainda assim, causa dôr,
e não com pouca razão,
vêr que na nossa affeição
causa tem que a desdoura,
pois adorais uma Moura
sendo vós um Rei christão!

Freira podereis achar
mui christan, que possa ter
fé para vos merecer,
discreção para agradar.
Isto não é invejar
essa mais que ditosa Anna,
pois, ainda que soberana,
se tão insidiosa está,
Anna felice será,
mas nunca Feliciana.

A estas decimas seguiram-se est'outras:

DECIMAS DA RAZÃO EM DEFEZA DA VERDADE FEITAS
EM NOME DE D. ANNA DE MOURA PELOS MESMOS SOANTES

Quem inveja meu amor,
nosso cuidado amoroso,
nos louva, Rei primoroso,
nos nota, amante senhor;

mas tão cega da sua dôr,
que não adverte a razão
engeitada da affeição,
que muito menos desdoura
ter appellido de Moura,
que não ter o ser christão.

Que invejosa se hade achar
quem vos queira entreter
sempre para merecer,
sem cara para agradar!
Mas se ha quem negue o invejar
os meritos d'uma Anna,
que vossa affeição sob'rana
faz tão felice, será
quem tão velha e tonta está
como está Feliciana.

Quem desprevenidamente lêsse as primeiras decimas, poderia suppôr têl-as escripto D. Feliciana; mas logo conheceria o engano. Ella propria, em carta á sua amiga, espera que a *deixem de inquietar papeis indecentes*, confessando que lhe falta a paciencia para os aturar. Uma vez, são as decimas de *um madraço*, que lhe quiz achacar o nome *com versos muito parvos*. Outra vez são calumniosas interpretações, que lhe attribuem escriptos desatinados contra um alto engenho.

VI

Esta grande galhofeira, que não se prendeu com as mundanas convenções, ligava a um agudo talento um elevado coração; e se ao longo da sua vida foliava com

a sociedade no que lhe via de comico, sabia curvar-se diante do genio quando este deslumbrava.

Um dia appareceu um escripto censurando um sermão do Padre Antonio Vieira; e, ou porque conheciam o caracter folgasão de D. Feliciana, ou para de intento a enredarem, attribuiram-lhe o papel. Soror Feliciana de Milão ergueu então a fronte nobremente, e escreveu uma carta á sua amiga Margarida, em que a indignação corre a par com a elevação do sentimento. Já não é aquella irrequieta Feliciana, filha do acaso, sem responsabilidades de familia, que despertava pelas ruas de Lisboa o invejoso motejo das embiocadas beatas, incomparaveis ao merito d'ella; nem é já a que enflorava de ironia os sorrisos com que ridiculisava peraltas, que, estultos como os peraltas de todos os tempos, os recebiam como agrado. Esta carta pinta o caracter de D. Feliciana pela sua face nobre e gloriosa. É um protesto em nome do talento ultrajado. Pressente-se que as palavras lhe sahiam do pensamento como punhaes; e menos ainda por causa da calumnia que a enxovalhava a ella, do que pela offensa ao primeiro escriptor do seu paiz.

CARTA

«Injurioso obsequio faz ao meu juizo, quem presume «obra sua um insolente disparatão que aqui anda contra «o sermão do Padre Antonio Vieira, quando na vulga- «ridade do estylo, na impropriedade dos termos, e na «dissonancia das palavras, diz a gritos que foi igno- «rante effeito do odio, e não do discurso; e na inter-

«pretação dos textos mostra que o fez algum frade, dos «que lhe deu por inimigos aquelle discretissimo ser- «mão da sementeira, porque em nenhum caso podia «ser meu.

«Em linguagem, mana Margarida, estimo *marmanjo*, «*alhos e bogalhos*, e outras vozes semelhantes, que este «auctor dos disparates andou tirando das peores boc- «cas do mundo para as enfiar aqui, como collar de «sacamolas; e se a forma do papel assim o desmente «de meu, a materia d'elle me alheia ainda com mais «forçosas razões, porque quem entende o que fala não «fala o que não entende; e as mulheres, como não sa- «bemos da Missa metade, podemos, quando muito, «chegar ás Epistolas, mas nunca aos Evangelhos; e, «ainda que o Padre Antonio Vieira não fallava n'este «sermão pela bocca do Espirito Santo, o respeitára a «minha veneração.

«Sem ousar examinal-o a phantasia, e sendo privi- «legiado o texto e o assumpto, seria crime de lesa- «majestade divina e humana censural-a, principalmente «depois dos mais escrupulosos ministros o venerarem, «e os mais publicos (que sempre devem ser os mais «prudentes) o approvarem; e papel, que, sem chegar «a ser sermão, foi manifesto, grandes circumstancias «devemos crêr concorram n'elle para ser celebrado.

«Eu não tenho voto entre doutos, e menos entre «tribunos; mas com a licença que me dá a defensa «natural, digo, por que se saiba o que eu digo, e me «não adulterem as palavras, que o primeiro discurso «me pareceu angelico; o segundo, politico e cortezão; «o terceiro, e todos, notavelmente engenhosos; e a meu «vêr acho que o Padre Antonio Vieira deve ter grande

«vaidade d'esta nova calumnia, porque prova que nem «a perseguição da inveja bastou para lhe diminuir a «causa d'ella.

«Ora soffram, soffram os Portuguezes entre si um «entendimento ditoso, e não acanhemos, os naturaes, «aquelle sujeito, que tanto admiram e engrandecem «os Estrangeiros. Perdoemos-lhe, sequer por filho da «terra, pois foi o primeiro que, atropellado da fortuna, «se levantou com maiores forças do que cahiu. Acabe «de conhecer o mundo no juizo do Padre Antonio Vieira «a virtude da lança de Achilles, que só ella sarava o «que feria; e venere um homem tal, que com as suas «advertencias poude e soube curar os golpes das suas «agudezas.

«Tambem no retiro e apartamento de Suas Majes-«tades se não devia entremetter o meu discurso, que «são particulares esses, que só os dominam e definem «os successos, e o tempo; e julgar acções de Principes, «posto que é officio divino, não é officio de freiras.

«Tambem tenho por abominavel ingratidão esse por-«fiado vexame da Companhia: que um homem que tem «por officio crear bons entendimentos não tenha privi-«legio para crear boas vontades, e que os mesmos a «quem elles deram as lettras, tomem contra elles as «armas. A perfeição maior de qualquer Religioso, é «seguir o seu estatuto; e se professam encaminhar os «que erram, e ajudar os que padecem, que estranham? «ou que lhe condemnam?

«Para que confessem e doutrinem, instituiu aquella «Religião o seu Patriarcha, e se conserva na primeira «regra. Que mais póde fazer pela sua observancia? «Só porque é bem visto ha de ser mal ouvido o Padre

«Antonio Vieira? Terrivel desacerto é este dos sen-«tidos!...

«Ainda no nosso Portugal se usa aquelle maldito «jogo de todos contra o homem. Ora accommodem-se, «e conformem-se os tafues do governo com seus par-«ceiros, e haja sequer dois d'uma opinião, que tudo «mais é arrenegar; e entremos em contas com o «bom do papellinho, que faz agua por tantas partes, «que nem dando-lhe poder ficará de proveito.

«Este homem (ou o que na verdade se achar) ou «quer desfigurar a verdade para que o não conheçam, «ou não sabe o que diz (ou o que quer dizer); porque, «a entender alguma cousa de esphera material, não «sahira tão materialmente da sua esphera.

«Que tem que vêr Cambray com Hollanda, se não é «nas tendas da Fancaria? E se fala de Fancaria, não «fale do Vieira. Pelo jogar dos vocabulos perdeu o «intento, e o fio; presumiu que era o mesmo *as terras* «que *as teias;* e não verão n'isto el-Rei de Hespanha e «o Principe de Orange que seja o mesmo. Quando in-«tentou o Padre Antonio Vieira unir-nos com Flandres? «Bem se podéra fazer aqui uma digressão que che-«gasse a Amsterdam e a Tanger, em defeza do Padre «Antonio Vieira; mas estas são as materias, cujo dis-«curso não pertence ao meu estado; e assim digo só: «que de Hollanda a Cambray vae tanta distancia, como «do Padre Antonio Vieira a seus emulos.

«Pois as comparaçõesinhas lhe gabo eu, que tão for-«maes e delicadas são! a do elephante é bruta; a do «negro é boçal; a que remette com Plinio e Juvenal «deu com tudo do avesso. Logo este homem achou de «menos em Lisboa duas sevandijas?! desaproveitada-

«mente gasta o tempo quem só repara no peor. O «certo é que os seus discursos, quanto mais entendi-«dos, são coisas de bruto; e são coisas de preto, quando «mais engraçados; e só sujeitos semelhantes se atre-«vem aos sermões do Padre Antonio Vieira, porque «lhes mette o diabo na bocca o capricho de Erostrato.

«Parece que bastam estes sabões, para tirar da mi-«nha opinião a feia mancha que lhe lançou a inadver-«tencia de quem a quiz applaudir, na malicia de quem «a intentou enxovalhar. Veremos agora se com este «exemplo deixam de me inquietar papeis indecentes; e «confesso que me falta já a paciencia para trazer em «livramento um meu juizo, umas vèzes pelas decimas «de outro madraço, que quiz achacar o meu nome com «versos muito parvos, medidos com palhinha; outras «com estes desatinos, que só tiveram de meu o que me «custaram em vistas; outras com ditos indecorosos e «semsaborões, que os maldizentes accommodam, fa-«zendo de mim o que Madre Brites ás beatas, attri-«buindo ao meu escripto as revelações e prophecias do «seu bom, ou mau, ensino; e declaro, que não conheço «por lisonja adornarem o meu appellido com as alfaias «albeias. Segurem-se os fiscaes, com que (se me der «a ociosidade para o tinteiro) não mande imprimir os «meus escriptos a Veneza, porque não disse, nem di-«rei, coisa que desminta nunca o nome de

Feliciana».

O nosso Cavalheiro de Oliveira, na sua obra *Memorias de Portugal*, parece inclinar-se a que o auctor da censura fosse D. Feliciana.

«O Padre Antonio Vieira —escreve o referido Ca-«valheiro— foi censurado por uma Religiosa douta e «extravagante a respeito de um sermão, cuja contra-«riedade a sua auctora chamou *Crisis*».

Ora graças a Deus, que para muito servem os documentos historicos! e aqui está porque lhes não devem caber por sorte os autos da fé. Se ao distincto auctor das *Memorias* (dado o caso de se referir a D. Feliciana) houvera chegado o conhecimento do manuscripto da Bibliotheca de Evora, cujo traslado acaba de vêr agora a luz pela primeira vez, a duvida teria desapparecido, pois que da energica expressão do protesto se vê resplandecer a verdade.

VII

Mas não passa de balde o tempo; e em 1705 pezavam-lhe já, á boa freira, setenta e tres annos, quando, successivamente achacada, como o confessava ás suas amigas, conheceu chegado o seu fim.

Então esta mulher, que por ventura tinha affrontado o mundo com o justo orgulho de que tudo quanto valia o devêra a si propria, desejou que a ultima palavra da sua vida fôsse um exemplo, não de humilhação, que é a prostração rasteira para obter um beneficio, mas de humildade, que é a modestia do espirito rendendo preito á Grandeza Universal.

Dirigindo-se ás freiras que lhe rodeavam o leito, entregou-lhes um papel, o seu epitaphio, e pediu que lh'o posessem sobre a sepultura raza.

E a Communidade, cumprindo o ultimo desejo da

moribunda, inscreveu sobre a sepultura de Soror Feliciana de Milão:

AQUI JAZ A PECCADORA

Nota do editor. — Conjunctamente com este capitulo havia uma porção de apontamentos, tirados do Diccionario de Innocencio, ácerca do grande numero de Monjas escriptoras. Ou o auctor não achou bastante que dizer d'ellas para as incluir n'este seu livro, ou tencionava ainda profundar mais o estudo afim de lhes vir a dar aqui o logar que merecessem.

SECÇÃO II

NO MUNDO

CAPITULO I

A Infanta D. Maria e a sua academia litteraria

I

«O dinheiro mette medo». Assim o poderia dizer ha tres seculos uma Infanta portugueza, das mais distinctas, das mais formosas, e que deveu á riqueza a sua infelicidade.

Nascida em 1521, nos paços da Ribeira, a Infanta D. Maria fica orphã de pae, porque el-Rei D. Manuel morre d'ali a tres mezes. Perde sua mãe, que passa a segundas nupcias com Francisco I de França. A propria pessoa da juvenil Infanta convertem n'um joguete. Os noivos evaporam-se-lhe a um e um. O Delphim de França morre na flôr dos annos, com suspeitas de ter sido assassinado. Ajustam-lhe os esponsaes com o Duque de Orléans, que morre tambem novo. Pede-a o Rei de Hungria para seu filho Maximiliano, futuro Imperador da Allemanha; mas D. João III levanta pretextos para inutilisar esta união, como depois os le-

vantou para inutilisar o noivado com o principe D. Filippe, filho de Carlos V. Ainda a mão da Infanta volta a ser sollicitada para dois Principes da casa de Austria, quando já Carlos V se encerrára no mosteiro de S. Justo, e novas duvidas se engendram. Esteve assim para cingir as corôas mais poderosas do mundo, e todas lhe resvalaram da cabeça.

Se os seus immensos haveres a condemnaram a solteira, a mesma riqueza a deixou, por assim dizer, orphã de mãe, tendo a mãe ainda viva.

Aqui apparece-nos o vulto da Rainha D. Leonor. Outra sorte mesquinha! a vida d'ella é uma chaga, lacerada de dia a dia, de hora a hora, durante quinze annos.

Obrigada por condescendencia fraternal a desposar um Rei que lhe não aprazia, e que podéra ser seu pae, tendo de deixar um Principe a quem amava, é segunda vez obrigada a casar com outro Rei, cumprindo-lhe abandonar a filha, que estremecia. Leonor, duas vezes Rainha, por seus peccados, achou-se d'este modo sacrificada entre dois affectos. Mas não sossobra o amor materno em corações como o seu. Chegada a França, reclama a sua filha unica. Não lh'a pode negar, por direito, el-Rei D. João III, mas só em vista do proloquio *Quem não póde, trapaceia*. A trapaça estendeu-se ao longo d'aquelles annos todos. A Rainha D. Leonor, o Rei Francisco I, o Imperador Carlos V, reclamam a Infanta. Um Bispo, Embaixadores ordinarios e extraordinarios, Luiz Sarmento de Mendoça, D. Sancho de Cordova, Lourenço Pires de Tavora, cartas que formariam um volume, o Rei de Portugal, a Rainha D. Catharina, tudo isto se enreda n'um perfeito

labyrinto, em que a sinceridade só habitava n'um coração.

D. João III dava publicamente razão a todos, quanto a dever entregar a Infanta á sua mãe conforme a lei natural e a clausula dos tratados; mas achava mais força á razão occulta: deixando-a partir, tinha de lhe entregar a immensa riqueza a que era obrigado. Carlos V tambem expunha, por cartas e embaixadas ao Rei portuguez, que a entrega da sobrinha era natural e legal; mas a um cantinho do seu dissimulado peito roia-lhe o perigo de que essa grande riqueza entrada em França poderia servir ao seu antigo prisioneiro de Pavia, para renovar a guerra da vingadora desforra, cujos fumos nunca saem das cabeças francezas.

Ferviam as cartas entre as testas coroadas. Todos diziam que só queriam o bem da Infanta, e não faziam senão estorval-o.

Quinze annos durou esta diplomatica batalha, que fez sangrar dia a dia o coração d'uma mãe que não conheceu nunca outro amor, que nunca chorara outras lagrimas, que só vivia d'aquella saudade, e que só d'aquella esperança se alimentava.

Quinze annos! e ainda a luctar como desesperada!

A morte de D. João III veio pôr termo ás negociações, em que todos simulavam querer o que não queriam, como n'um carnaval todos simulam ser o que não são. As complicações augmentaram com este successo.

A Rainha D. Leonor estremeceu, mas não sossobrou. Como, ao levantar-se o temporal, a marinhagem se empenha em esforços supremos para fazer face á tormenta, e alcançar o porto salvador, assim se empe-

nhou aquella mulher ao redobrar a tormenta das difficuldades no seu caminho.

— Não me entregam a minha filha? Deixem ao menos que nos vejâmos na fronteira um dia, uma hora que seja!...

Queria vêl-a, abraçal-a; dizia com verdade; mas o que ella tinha na mente, calava-o aquella doce féra de amor.

Acceden a já então Regente de Portugal, Rainha D. Catharina, á entrevista das duas em Badajoz. A Infanta recebeu com alvoroço a resolução da Regente. Se aquelles quinze annos tinham feito da Rainha D. Leonor a leoa que luctava intrepida, tinham tornado a filha em pomba resignada na sua dôr e saudade.

Então a Rainha D. Leonor, louca de prazer, acompanhada de sua irmã, a Rainha-viuva de Hungria, jornadeia de Valladolid a Badajoz, e, como se combinára, aguardam ali a Infanta, que devia partir de Lisboa. Finalmente! estava ganha a batalha de tantos annos!

Mas de balde a aguardam, já desesperançadas, durante nada menos de dois mezes.

Que succedêra depois da annuencia da Regente?

A Infanta era estremecida pelo povo de Lisboa; e, temendo o governo local, que. chegada a Badajoz, fosse levada pela mãe, murmurou, amotinou-se, e todos se opposeram á partida da filha de D. Manuel. Calcula-se a anciedade da mãe, sem lhe chegar a filha! e a dôr da filha, sem a deixarem correr aos braços da mãe! Que epilogo á lucta d'aquelles quinze annos!!... No momento de tocarem na felicidade, a felicidade a desapparecer-lhes!... Então governo e povo suggeriram um alvitre: a Infanta prestaria juramento de perma-

necer em Badajoz apenas nos dias combinados, e logo em seguida regressaria a Lisboa.

A Infanta D. Maria, empenhando a sua fé, prestou o juramento que lhe exigiram.

Partiu. Acompanhava-a uma grande e luzida comitiva de fidalgos e damas.

Logo soube da partida a Rainha D. Leonor, e os momentos lhe pareciam seculos.

Ao approximar-se de Badajoz a Infanta, sahiram as duas Rainhas ao seu encontro. O coração de D. Leonor palpitava de anciedade. Avistam-se as duas comitivas, adiantam-se apressadas, defrontam-se. Apresentam-se vistosas ao ultimo ponto: as damas, caprichosamente vestidas de tres sedas: a de cima golpeada, e a de baixo em bordaduras, acompanhando-as muitos pagens e moços de esporas com suas exquisitas librés; os cavalleiros, presididos pelo deslumbrante Conde de Vimioso, de opas e roupas bordadas de perolas, collares de pedrarias, ricas espadas, e adagas esmaltadas de oiro.

A Infanta vinha garbosamente montada n'uma mula com guarnição e andilhas de riquissima chaparia de ouro. Do seu lado a Rainha D. Leonor, montada ricamente em mula, tendo-se pouco antes apeado das andas cobertas de panno de ouro, guarnecidos os cavallos de brocado de oiro de pello.

Immenso numero de pagens e escudeiros ostentavam largas bandeiras e estandartes de damasco carmesim, branco, e de outras côres, fluctuando á aragem. Uma orchestra de charamellas, trombetas, tambores, e mais instrumentos, excitava o enthusiasmo do povo, que em chusma havia acompanhado o prestito desde Badajoz para presencear o momento do encontro.

Cravam-se os olhos de todos no talho gracioso, no aspecto a um tempo grave e modesto da Infanta, que, apeando-se n'um repente, corre para a mãe, que logo a recebe nos braços, e a cobre de beijos. Tinha-a deixado uma creança de dois annos, e encontra-a uma senhora. Aquelle momento de felicidade resgatava-lhe os annos (os seculos se póde dizer) do martyrio com que luctára. Ainda lhe parecia um sonho!...

Seguiram-se os vinte dias combinados, em que os festejos se succederam com brilhantismo desusado. Justas, jogos de cannas, cavalhadas, momos, traziam a cidade n'um alvoroço. As Rainhas e a Infanta recebiam do povo acclamações sinceras.

Isto no publico.

Em particular, passavam-se as scenas amoraveis de dois corações que se uniam n'um só. Com as mãos da filha adorada entre as suas, julgava aquella mãe um impossivel tel-a finalmente ali, nos seus braços! Contemplava-a em silencio, beijava-a, corria-lhe as mãos pela fronte, parecia devoral-a com mimos.

Os dias porém voavam. e approximava-se o momento fatal.

Então a Rainha, n'uma confidencia solemne, desvendou-lhe o segredo: a Infanta não voltará. Estão na fronteira; irão ambas entranhar-se em Hespanha; se em Hespanha ainda não estiverem seguras, o mundo é grande para as acolher, e o amor maternal ainda maior do que o mundo.

A Infanta escutava immovel. Se a mãe a adorava, ella adorava egualmente a mãe. Tinha vivido sem ella, é verdade, mas a sua imagem permanecêra-lhe gra-

vada na alma, como se fôra viva, e o amor filial tornára-se-lhe um culto.

— Lembra-te, minha filha, de que nunca tive, nem tenho, no mundo senão a ti. Sem ti, que hei de fazer? para onde irei? Lembra-te dos horrores que hei padecido ha tantos annos, longe do unico amor da minha vida, e ha mais de quinze n'uma lucta incessante para te rehaver. E ha de ser no momento de te possuir, que ao mesmo tempo te perderei? Oh! não. Lembra-te do que hoje te digo: eu não resistiria.

E allegava razões, e alvitrava pretextos, e recorria a quanto lhe podesse servir de taboa de salvação.

A filha continuava a ouvir, ouvia, ouvia, pela primeira vez, aquella musica da alma. Morrêra-lhe o pae quando tinha seis mezes; fugira-lhe a mãe quando contava dois annos; nunca jamais a sua cabeça se recostára no peito de uma irman; nunca ao seu coração chegára o som de um sentimento de homem. Pela primeira vez ouvia falar o amor, como a ave que pela primeira vez ouve sussurrar a natureza. A mãe resumia-lhe instinctivamente com a voz, com o enleio da suavidade materna, as cordas do sentir humano; e a Infanta continuava a ouvir tudo que uma vida inteira pode conter de esperanças e de affectos.

De repente, como que acordou de um sonho formoso, e viu a realidade na sua nudez. Achava mil razões á mãe, e outras tantas á sua situação impossivel.

— Tudo isso é verdade, minha mãe querida; mas eu jurei que voltaria, e tenho empenhada a minha palavra.

— Esse juramento foi-te extorquido; é nullo — bradava lhe a mãe; e voltando-se para a Rainha de Hun-

gria, conjurava-a para que se unisse aos seus rogos.

Confirmava-lh'os a irman, e por sua vez bradava tambem, que uma filha não podia licitamente jurar que viveria separada de sua mãe; que, se os poderes publicos nunca se importaram com o seu bem-estar, do mesmo modo lhe deveria ser permittido olhar pela felicidade materna, e pôr ponto nos seus desgostos.

E as instancias de ambas eram acompanhadas de beijos e caricias, que se repetiam a cada hora.

Era necessario que a Infanta fosse aquelle espirito superior, para, no meio do despedaçamento de dois corações, o materno e o seu, manter a sua palavra; mas teve o valor de a sustentar.

— Jurei, minha mãe; jurei á cidade de Lisboa; empenhei a minha fé a um povo; cumprirei a minha palavra.

O preço das lagrimas por que esta palavra fôra empenhada não encontra avaliação no coração humano.

Chegou o ultimo dia, e o ultimo momento. Pairava sobre todos o silencio de um acontecimento solemne. Aquelles vinte dias haviam estreitado os laços dos que até ali se não conheciam. As despedidas, principalmente das damas, estavam sendo sentidissimas de parte a parte; mas o que a todos cortou o coração, foi, no terreiro apinhado de povo, e tudo a postos, damas e senhores com seus trajos de viagem, andas abertas, cavallos que relinchavam de impaciencia, moços de estribo, escudeiros, pagens, verem todos a mãe e a filha sem se poderem desenlaçar dos braços, despedindo-se em soluços, como se cada uma d'ellas receasse que fosse aquelle abraço o derradeiro. Ninguem pronunciava uma

palavra, mas todos rodeavam aquellas duas atribuladas que se unificavam no sacrificio.

O Conde de Vimioso, que dirigia a comitiva portugueza, contristado não se atrevia a pedir á Infanta a ordem da partida: a Camareira-mór da Rainha D. Leonor menos animo tinha de fazer egual pedido á sua régia Ama. Que admira estivessem suffocadas de oppressão as damas da Rainha, D. Maria Mayor, D. Maria Manuel e suas filhas D. Joanna, D. Isabel e D. Theresa, quando até o esplendoroso D. Cristoval Osorio, para quem o mundo não era senão o theatro do praser, e o tempo o dia em que se estava, parecia succumbido!? quando até a arrebatadora D. Filippa de Mendoça pedia por ventura ás suas primeiras lagrimas o desafogo da sua primeira dôr?!

N'aquelle momento solemne, em que as duas comitivas, como n'uma só, se achavam paralysadas, foi a Infanta quem, n'um arranco, ajoelhando e beijando a mão á sua doce mãe, deu o signal decisivo; e obedecendo todos machinalmente áquelle gesto, as duas comitivas partiram em direcções contrarias.

. . . . . .

Nos ultimos dias, Lisboa anciava. Cumprirá a Infanta o seu juramento? Conseguiria a Rainha leval-a comsigo? Dividiam-se as opiniões; levantavam-se apostas; o desenlace era o thema da agitação geral.

Finalmente, a Infanta está para chegar. Chegou.

Então Lisboa inteira, alvoroçada, e avaliando o despedaçamento d'aquelle coração no cumprimento da palavra que lhe dera, recebeu-a na vibração do delirio.

No momento em que estes factos occorriam em Lisboa, o que é que se passava para além de Badajoz?

A mãe fechava com chave de oiro o seu amor á Infanta. Invadindo-a logo uma febre, não a poderam levar a mais de tres legoas da cidade; e exalou o ultimo suspiro em Talavera a 25 de Fevereiro de 1558, quinze dias depois de se separar da filha. A dôr da separação despedaçou-a.

Cumpriram ambas a sua palavra: a Infanta, voltando; a Rainha, morrendo.

II

Se a Infanta D. Maria não houvesse até ali conquistado a admiração do povo, bastaria este facto para lhe decifrar o caracter. Ao verem-n-a sacrificar tudo ao cumprimento da sua palavra, dil-a-hia insensivel quem não lhe soubesse adivinhar os extremos da doçura.

Tendo-lhe sido posta casa independente aos dezasseis annos, apenas, mais moça que as suas damas e os seus seus servidores, era ainda quasi uma creança, e na compostura e dignidade mais parecia uma dona. E, se bem que um livro genealogico pertencente a Manuel Severim de Faria mencione que um illustre moço, Jorge da Silva, fôra mandado prender por D. João III, pela sua dedicação á Infanta, não só indicio nenhum apresenta a Historia, que demonstre haver sido essa dedicação correspondida pela sizudissima Princeza, mas, pelo contrario, nem houve a supposta dedicação de Jorge da Silva á Infanta D. Maria, filha d'el-Rei D. Manuel, nem elle foi preso por motivo de amores, antes pela sua cooperação na fuga de seu tio o Cardeal D. Miguel da Silva, que havia cahido no desagrado de D.

João III. E se uma Infanta D. Maria intercedeu por elle, como se diz, ou ha confusão entre o nome identico da filha d'el-Rei D. Manuel, e da d'el-Rei D. João, ou a qualquer outro motivo, alheio a affeição amorosa, se deve a protecção da nossa douta Infanta. Esta narrativa da segura *Historia Genealogica,* derivada da chronica de Francisco de Andrade, desfaz o engano e o precipitado lapso do anonymo livro de linhagens, repetido menos consideradamente por Juromenha.

Foi correndo o tempo; e se no Reino as classes todas tinham os olhos no paço da Infanta D. Maria, nas Côrtes estrangeiras o seu nome grangeava justa fama, e era citado entre os das Princezas europêas, como uma das que mais se extremavam por dotes excepcionaes. Em carta de 21 de Janeiro de 1557 dizia o Embaixador de Castella D. Sancho de Cordova ao Imperador Carlos V:

«É a Infanta uma pessoa de grande entendimento e «cordura; mui repousada; fala pouco, mas tudo que «diz é cheio de acerto, e consideram-se as suas deter-«minações como se não fossem de mulher moça, que «hoje as resolva, e ámanhã as revogue.»

O proprio facto de ser promettida a tantos Principes, e ver frustrado o consorcio com todos, lhe creava sympathias, pelo que, em realidade, devêra sentir no verdor da vida um coração tão feito para amar, tão digno de ser amado, e que o destino fechava a sete chaves com a crueldade de um tiranno. Foi um mal para o seu coração, talvez; mas foi um bem para a gloria dos seus feitos, porque, assim como a abelha vai de

todas as flores extrahindo o succo para fabricar o mel, assim aquella alma ia collocando em cada uma das suas obras uma parcella do seu amoravel sentimento, que podia ser comprimido pelas conveniencias da politica, mas não podia ser suffocado pelas leis da natureza.

III

Seu irmão D. João III respeitava-a desde muito menina, e a sciencia admirava-a como uma sabia.

Vamos vel-o.

Havia D. João III transferido a Universidade para Coimbra, reformando-a amplamente. Deu-lhe gosto o visital-a, e foi, acompanhado da Rainha D. Catharina, do Principe D. João, e tambem da Infanta D. Maria.

E' o dia 6 de Novembro de 1550. Despovoa-se a cidade, e corre, com os seus trajos festivos e a sua expansiva alegria, para a estrada de Lisboa.

No meio d'esta turba-multa, que brilhante cavalgada é aquella, de tantos senhores pintalgados de variegadas cores? é a Universidade, toda no maior luzimento, que sae a esperar a Familia Real.

Proximo ao logar de S. Martinho do Porto apearam-se todos, e do seu lado el-Rei e a Familia Real sahiram das andas, e a pé receberam a Universidade. Quando o Reitor, Frei Diogo de Murça, ia a ajoelhar, D. João III acolheu-o nos braços, e apertou-lhe as mãos com affecto. Eram bons amigos desde que o nomeára mestre de seu filho natural D. Duarte. Terminado o beija-mão, o prestito proseguiu.

Ao chegar el-Rei á margem do Mondego, retumbou nos ares uma explosão de applausos. Era a Academia, que orlava a immensa ponte, do principio ao fim, e de um e outro lado, acclamando o Reformador da sua Universidade.

A tradicional e manuelina ponte, sellada com a esphera do Rei Venturoso, era uma instituição. Hoje a Academia tem como centro o seu club aristocratico, onde, como em Côrtes, advoga os seus direitos, resolve os seus actos. D'antes, nos tempos absolutos, o seu club era a democratica *ponte*, com o ceo por tecto, o sol por testemunha, e aos pés as doiradas areias do incomparavel Mondego. Esta ponte era a grande praça da revolução, onde aquelle vulcão de mil cabeças chammejava nas occasiões criticas ou solemnes, onde se amuava, fazia as pazes, confidenciava as suas aventuras, planeava delirios, e se expandia nos enthusiasmos ardentes da generosa mocidade. Hoje a feição academica foi pelos ares; a civilisação, fazendo das suas, deitou a baixo o vetusto monumento, e substituiu-o por um *imbroglio*, especie de longo carcere, sem elegancia, nem vista, nem poesia, nem ar, verdadeiro parto de uma cabeça prosaica. Nós, os que ainda a vimos, e n'ella folgámos, consagremos uma saudade á historica ponte de Coimbra.

Mas, n'aquella tarde de 6 de Novembro de 1550, a verdadeira ponte era uma festa de enthusiasmo, como acabamos de ver. Apoz a recepção academica veio a da cidade, toda vistosos arcos, ricas colchas nas janellas, as senhoras com os seus trajos luzidos, e o povo enchendo as ruas com a sua anciosa curiosidade e as suas ondas de encontrões. Assim atravessou a Familia

Real a cidade baixa, até se defrontar com o mosteiro de Santa Cruz, onde ia pousar.

Chegada á porta principal da egreja, por entre as alas dos numerosos collegios, d'entre os quaes se distinguia o de S. Paulo, de moços-fidalgos, com as suas lobas de castanho escuro e as suas béccas roxas, foi recebida pelos setenta Conegos Regrantes, tendo á frente o Prior D. Filippe Pegado. Concluido o *Te-Deum* a grande instrumental, seguiram pelo claustro dos jardins para verem o interior do mosteiro, e entrarem na habitação que lhes estava preparada.

IV

Em Coimbra a Infanta D. Maria attrahia as attenções. Com que enthusiasmo não assistiu na sala dos capellos á solemnidade do recebimento Real! Com que alegria não tornou a ver o celebre bispo de Coimbra D. João Soares, festejando-o muito, e avivando lembranças do tempo em que elle, ainda simples Frei João, fôra seu professor de historia sagrada e de philosophia superior! No dia 10 presenceou o acto final de Theologia feito pelo talentoso quintannista D. Sancho de Noronha.

As tardes eram destinadas á admiração dos formosos arrabaldes.

A Familia Real foi recebida pelo Corpo docente com todas as mostras de respeito; mas os Lentes beijaram a mão á Infanta menos anciosos de conhecerem a irman d'el-Rei, do que de renderem admiração á erudita Princeza. Uns recitaram-lhe discursos em sua honra,

na lingua latina, portugueza, e italiana; outros entregaram-lhe os que de ante-mão haviam escripto; ainda outros lhe offertaram exemplares das suas obras. Foi um d'estes o afamado lente de Canones, Doutor Martim de Aspicuelta, que lhe dedicou a sua notavel producção *O Jubileu;* e foi tanto mais honroso para a Infanta o apreço em que a tinha este sabio, quanto d'elle falaram com extrema admiração, entre outros, nacionaes e estrangeiros, André de Rezende, Frei Luiz de Sousa, e o nosso Antonio Vieira; este exclamou do pulpito, que Martim de Aspicuelta ensinara em Portugal «com assombro de todas as Universidades.» Outro offerente de obras foi o celebre lente de Direito civil, Doutor Manuel da Costa.

Tão penhorada ficou a Infanta D. Maria com estas provas de affecto, que em honra da Universidade fundou em Coimbra o collegio de S. Francisco para trinta alumnos, e dotou no do Espirito Santo uma secção destinada a filhos de fidalgos pobres. Querendo egualmente contemplar as classes populares, mandou, quando regressou a Lisboa, compôr e traduzir livros de moral e educação, distribuindo-os pelas freguezias.

VI

O facto predominante, que mais propriamente dá logar n'este meu escripto á Infanta D. Maria, é a sua academia litteraria.

Saiâmos além-muros da capital, e, junto ao mosteiro de Santa Clara, entremos no admiravel paço da filha de D. Manuel.

Verdadeira Côrte se podera considerar aquelle paço, onde, segundo um escriptor do tempo, morava aquella que, «para se dizer egual a todas as Rainhas da Europa, não carecia senão do nome de alguma d'ellas.» Com razão testemunhou este facto Damião de Goes. Era uma Côrte; e para servir a filha de D. Manuel foram-lhe destinados os fidalgos da primeira nobreza, e por damas as filhas dos mais distinctos titulares do Reino.

Logo no pateo agglomerava-se multidão de povo, uns aguardando o despacho dos seus peditorios, outros para os entregarem ao Mordomo-substituto, João de Mendonça Casão; ainda outros, em que predominavam as mulheres, para verem se era dia em que a Infanta sahisse com o seu luzido prestito.

Subindo-se a escada, viam-se as paredes, de ambos os lados, cobertas de vistosos azulejos. Na primeira sala tambem de azulejos, representava-se uma batalha nas suas principaes peripecias, trabalho nacional fabricado nas officinas de Lisboa debaixo da protecção de Santa Justa e Santa Rufina. N'esta sala e na immediata estão porteiros da canna, escudeiros, pagens, e outros officiaes de serviço.

Na seguinte, forrada de magnificos pannos de Arrás, passeiam, um tanto buliçosos, os moços-fidalgos Manuel de Mendonça, que virá a morrer gloriosamente em Alcacer-Kibir, Fernando da Silva, futuro Capitão general do Algarve, e o romantico apaixonado de certa joven dama, que, professando n'um convento, o arrastará tambem á clausura, convertendo-o em erudito Lente de Theologia e prégador de grande fama, Antonio de Mendoça.

Na sala seguinte, ostenta a sua imperiosa figura Fernão da Silveira, filho do Coudel-mór, praticando com o Mordomo-mór de Sua Alteza D. Affonso de Noronha, progenitor dos antigos condes de Linhares.

A estas horas, ainda bem cedo, pois que era um dos seus habitos o aproveitamento do tempo, a Infanta, apóz a sua Missa, e a sua primeira refeição, achava-se já no seu luxuoso gabinete de trabalho, sentada em alta cadeira artisticamente esculpida e ornada das suas armas. Tinha defronte de si o seu bufete italiano, formosa obra do seculo. O pavimento ricamente alcatifado. Na parede fronteira destacava-se o retrato, em corpo inteiro, da Rainha D. Leonor. Na do lado direito um bello movel de ebano, incrustado de mosaicos de Florença, em que a Infanta guardava a sua correspondencia reservada. Na parede lateral fronteira um grande quadro da Virgem; e entre esse quadro e o bufete, sobre um movel poisa um riquissimo cofre de prata de bestiães, todo em figuras de relevo, contendo a immensa preciosidade de brilhantes, e de muito variadas joias, umas proprias, e outras presentes da Rainha.

Sobranceiro ao movel que encerrava a sua correspondencia, via-se o retrato, em meio corpo, da pobre Infanta D. Maria, sua sobrinha, filha d'el-Rei D. João III, em cuja companhia se creara como irman, sob a direcção da Rainha D. Catharina. Casára a sobrinha aos quinze annos com o principe D. Filippe de Castella, para morrer aos dezassete. Quantas vezes, recordando-se d'aquelles tres festivos saraus de Almeirim, onde ambas dançaram tanto, por occasião do casamento d'essa mesma sobrinha, se lhe não avivava a saudade de quando vira partir para sempre a companheira da sua ver-

de juventude! Um dos documentos d'esta saudade, reenviado de Madrid apóz a morte da Princeza, ali o tinha dentro d'esse movel; e, porque pinta bem o coração da Infanta, aqui o publico pela primeira vez; se do cofre não posso tirar o original, da Bibliotheca de Evora extraio a copia:

«Não podera eu dormir esta noite com algum pouco «de repouso, — escrevia para Madrid a nossa Infanta, «dois mezes depois da partida da sobrinha — se não «escrevera esta para beijar as mãos a Vossa Alteza «pela mercê que me fez com os seus recados, e mui- «tas graças a Nosso Senhor por ver a Vossa Alteza «n'aquelle logar que no mundo merecia. Eu estou tão «fóra de mim, e com tamanha saudade, que Vossa Al- «teza me fará mercê de me levar em conta a lettra e «palavras, pois não podem ser tantas que abastem «para dizer o que sinto em me ver sem Vossa Alteza, «e para não lhe dar trabalhos de ler mais, acabarei. «Beijo a mão de Vossa Alteza.— A Infanta D. Maria.»

Ha pintura mais viva do coração da Infanta do que esta carta, que denota o que seriam as outras?

VII

Para acompanhar a Infanta, e receber-lhe as ordens, achava-se trabalhando n'um bordado, cuja luz era enfraquecida por cortinados de seda, a sua Camareira-mór, D. Constança de Gusmão. Invocando qualquer pretexto amoravel, entrava uma ou outra vez a sua velha aia, que lhe queria como a filha, D. Elvira de Mendonça.

Ao lado esquerdo da Infanta sentara-se n'um tamborete, com permissão especial, o primeiro Védor d'aquella opulentissima fazenda, João Rodrigues de Beja.

Era o Védor um homem de altura mean, grosso sem ser anafado, cabellos brancos de si mesmo encaracolados, fronte elevada, olhos pequenos mas vivissimos, e intelligentes; nos labios um ligeiro sorriso, natural e bondoso. Já velho, mas muito jovial, e toda a sua pessoa um modelo de apuro. Respeitavel por edade e caracter, lograva o dom especial de attrahir logo á primeira vista. Era de perspicacia immediata, e de maneiras finissimas. No meio porém d'este caracter sizudo, ao Védor, que fôra um galante na sua mocidade, ficara-lhe um platonico geito, de que nunca logrou libertar-se. O seu porte era honestissimo; mas não podia ver uma dama formosa sem lhe aprazer o tel-a visto. Folgava de admirar o pomo na arvore. Este geito, que nem todos por ventura se acharão com animo de censurar, tornava-o indulgente como elle em breve o mostrará. Tinham-lhe nascido as barbas no paço; fôra já Védor do Infante D. Luiz, e pegára ao collo na pequenina Infanta D. Maria, que veio a dedicar-lhe uma confiança illimitada. Correndo por elle todas as pesquizas da pobreza recolhida, lia de cór a vida piedosa da Infanta. Sabia, como ninguem, da tempera d'aquella alma, não só na liberalidade com que dava, como no prazer intimo com que o fazia. Conhecendo-a profundamente, consagrava-lhe um enthusiasmo, que tocava na devoção; e a Infanta a elle uma como amisade filial, apreciando-lhe as qualidades, e folgando de lhe ouvir a conversação, amena e chistosa, mas sempre reverente.

Havia principiado o despacho. A Infanta, depois

de praticar algum tempo com o Védor na administração da sua fazenda, passou a examinar a um e um, com attenção extrema, os requerimentos e memoriaes das viuvas, dos orphãos, dos mendigos, da grande pobreza de Lisboa, de que uma parte, como vimos, aguardava no vasto pateo a inesgotavel caridade da filha de D. Leonor. Á margem d'esses papeis, ia designando os soccorros, conforme a commiseração lh'o dictava.

Durante este exame particular, a Camareira-mór, cortezan finissima, e de grande feição, fez signal ao Védor. Este, pedindo vénia á Infanta, dirigiu-se pé ante pé a D. Constança, que toda curiosa (como foi sempre uso tradicional nos paços) lhe pediu novidades, em voz baixa, e assim estiveram ambos palacianamente palestrando, n'um amavel tiroteio, segundo se percebia.

A Infanta, olhando e sorrindo poisou a penna. O Védor correu logo ao seu posto.

— Chegaram correios, Védor?

— Sim, minha senhora.

A Infanta abriu o primeiro masso.

— O poema latino do mestre Ignacio de Moraes: *Elogio de Coimbra*. Anciosa estava de o ler. Já foi a Coimbra, João Rodrigues?

— Não fui, senhora Infanta.

— Que lindeza! Nunca tanto folguei em vida, como lá. Que arrabaldes! mas sobretudo, que originalidade de ceremonias! Assisti ao recebimento Real, e a um acto de Theologia. Os Doutores, com os seus capellos de côres variadas e suas borlas na cabeça, pareciam estatuas antigas.

— Todos sabemos que a Universidade recebeu a

Vossa Alteza não só com respeito, como devia, mas com affecto.

A Infanta respondeu meiga, e abaixando a voz:

— Fez-me favor demasiado a Universidade.

E pegando n'outro masso abriu-o e sobresaltou-se:

— De Roma! do nosso grande Achilles Estacio!

E entreleu alvoroçada, como para si:

«Senhora Infanta.— Em tempos antigos, Gregorio, o «celebre Bispo de Granada, offereceu a Placidia, filha «do Imperador Theodosio, a sua obra magistral *Da «Trindade*. Traduzi esta obra. Se Placidia era grande «na erudição...

(Aqui a Infanta calou-se repentinamente, e o Védor percebeu que ella corára até á raiz dos seus cabellos loiros).

— Parece que a população de Roma é lisongeira. Pegou-se o contagio a Achilles Estacio.

E tomando outra vez nas mãos o manuscripto, acabou de lêr para si a dedicatoria do livro, corando sempre.

Mas se a Infanta suspendeu a dedicatoria diante do Védor, perdoe-nos Sua Alteza a indiscreção de nos atrevermos a devassar os seus segredos. A dedicatoria accrescentava:

«Se Placidia era grande na erudição, ainda Vossa «Alteza a excede na sua propensão para as lettras, «e na boa ordem da sua vida. Por isto, perdoe-me a «benevolencia de Vossa Alteza se colloco o meu opus- «culo sob o afamado nome de tal Princeza».

A Infanta, poisando o manuscripto, perguntou ao Védor:

— Levaram os soccorros ás familias que eu hontem indiquei?

— Sim, minha senhora. Se Vossa Alteza imaginasse como ellas me queriam beijar as mãos, por mais que eu lhes dissesse que as mãos d'onde essas esmolas vinham eram mais alvas do que as minhas! Algumas d'aquellas familias teem os maridos e os filhos na Africa e na India. Estavam a morrer á fome. A outras ficaram lá mortos nas guerras, ou no serviço d'el-Rei.

A Infanta D. Maria, impressionavel como era, estremeceu, e entredisse:

— No serviço d'el-Rei, e da nação.

E encostando á mão a cabeça, ficou-se a reflectir; e accrescentou:

— Aprazendo a Deus, escreverei ámanhã a el Rei meu senhor.

E logo apoz:

— Levou a minha recommendação ao senhor Cardeal a favor do clerigo pobre de Marvilla, que sollicita collocação em Evora?

— Sua Alteza Eminentissima estava muito achacado. Quando lhe levaram recado de que o procurava da parte da Senhora Infanta, logo me admittiu, e me disse que os desejos de Vossa Alteza seriam satisfeitos. Vossa Alteza bem sabe quanto o senhor Cardeal quer á sua irmã valida.

— Bom irmão! Pesar me faz o vêl-o assim tão achacado, e adiantado em annos. Outra coisa, João Rodrigues; e vae-se rir: preveniram-me as minhas damas, de que, ao sahirmos do paço, quando as gentes do povo nos rodeiam para pedirem esmola, se vê um homem... olhando muito attento (attento até de mais)... especie de tresloucado, que não se entende bem o que

deseja... A ultima vez que sahimos notei-o tambem. Informe-se, e diga-me o que seja.

— Já o sabia, senhora Infanta. Nada de cuidado — accrescentou o Védor sorrindo.

— Mas então, o João Rodrigues sabe, e cala-se?

O Védor fez um gesto para responder, mas disfarçou, como quem desejava não ser interrogado. Já vimos, que elle, no meio da sua seriedade, nunca perdêra o fraco feminino, e era indulgentissimo n'este ponto com os seus companheiros de infortunio. A Infanta insistiu.

— Vossa Alteza manda. Aquelle homem é necessitado, mas não é um pedinte. Diz que nunca viu uma reunião de formosuras como as donzellas de Vossa Alteza. Vem, aguarda, mira, parece extatico de pasmo, e fica-se todo embebido na comitiva que sae do paço. Precisa de indulgencia, senhora Infanta; e tanto mais... —(accrescentou o Védor, cerrando ligeiramente os olhos, e com a paternal confiança a que a Infanta achava graça)— que o maior pasmo d'aquelle pobre devoto é diante do painel principal, que parece ter sido pintado por mão de mestre.

— Pois, meu Védor, —atalhou suavemente a Princeza, que, apezar de *Infanta D. Maria*, nem por isso deixava de ser *filha de Eva*— se bem que esse pasmo proceda de affecto natural, é bom, para evitar mais occasiões de embevecimento diante da fragil belleza das minhas donzellas, que esse pobre poeta se occupe n'outro mister. Que não volte ao paço; e veja quanto antes, João Rodrigues, o que para elle possamos sollicitar d'el-Rei, ou que officio da minha fazenda se ageite á sua condição.

— Será como Vossa Alteza manda; e por elle, peço licença para beijar a mão de Vossa Alteza.

Havia algum tempo, que a aia viera apressada chamar a Camareira-mór, segredando-lhe assumpto que a inquietou, e a fez sahir logo. Sentiu-se depois um rumor na camara visinha; chegava apressurada á porta D. Constança.

— Senhora Infanta! senhora Infanta!

A Infanta voltou-se, e olhou. A Camareira-mór relatou resumidamente o caso. Havia pouco fôra encontrado junto de uma das portas do jardim um embrulho contendo uma creança pouco mais que recem-nascida.

— Trouxeram-n-a para o paço os familiares, —concluia a narradora— e temos hesitado sobre que fizessemos. Finalmente figurou-se-me que o mais acertado era receberem-se as ordens de Vossa Alteza.

A Infanta ergueu-se sobresaltada, e disse logo:

— Uma engeitadinha! nos meus paços! Tragam-m'a.

A Camareira-mor sahiu do gabinete, e em seguida a aia tornou com a creança nos braços.

— Meu Deus! uma innocente!

A Infanta achegou-se. Dentro da trapagem que envolvia a menina, achou um escripto, que leu:

«Senhora Infanta. — Meu marido acaba de morrer «na fronteira de Africa, não chegando a vêr a sua filha. «Não tenho leite; nem coração para a lançar na roda. «Vossa Alteza bem sabe o que é uma filha sem mãe. «Valei-me, senhora! e pelo amor de Deus não a aban-«doneis. Ainda não está baptisada...»

A Infanta, estremecendo, olhou instinctivamente para o grande retrato da Rainha, que lhe ficava fronteiro, e não poude reprimir as lagrimas. Pareceu-lhe que a

Rainha lhe sorria. Passaram-se instantes. A creança, entre farrapos, no meio d'aquella sumptuosidade, tinha adormecido no collo da aia. A Infanta recebeu-a nos braços, poisou-lhe os labios na testa ligeiramente, para não a acordar, olhou de novo para o retrato da Rainha mãe, como se lhe quizesse offertar a pequenina, e logo para o Védor.

— João Rodrigues, dizei a frei Francisco Foreiro, que ámanhan ha de baptisar esta pequenina *Leonor*, minha filha adoptiva.

Voltou-se em seguida para a Camareira-mor:

— Procurem-lhe já na visinhança uma ama, que a venha alleitar.

E de novo para o Védor, graciosamente:

— Quem nos diria, João Rodrigues, que o despacho de hoje havia de acabar assim?

O Védor quiz responder, mas a garganta não lhe deu licença. Beijou a mão da Infanta, foi recuando até á porta, e fazendo d'ali uma profunda reverencia, desappareceu.

VIII

A este tempo, já nas salas dos estudos se achavam as damas e donzellas de linhagem, e mesmo as servas, que recebiam o ensino e educação n'aquella especie de academia, «que mais se dissera um collegio «de sciencias e artes», segundo um dos escriptores que admiraram a instituição da Infanta; ou, conforme a phrase de outro: «uma verdadeira universidade de «mulheres illustres em todo o genero, scientifico, e ar«tistico;» ou ainda como outro escreve: «uma escola,

«onde se encontrava quem manuseava livros, quem «tocava instrumentos e musicas de diversas maneiras, «quem pintava e fazia outros officios com grande per- «feição.»

A esta primeira sala preside a que sabe, alèm das linguas modernas, o grego, o chaldeo, o syriaco, o arabe, e o persa; a que se carteia com o sabio Papa Paulo III e com Reis e eruditos; a auctora do celebre poema em versos latinos *Cintra;* a *maravilha*, com os seus contemporaneos a appellidaram. Luisa Sigèa está ensinando as linguas á sua classe das donzellas.

Quem vemos na sala immediata? a irmã de Luisa, Angela Sigèa, amestrando, a horas diversas, no canto, e em diversos instrumentos, em que é perita.

Redobra a curiosidade a quem desejar conhecer, não tanto a bordadora e tangedora insigne, como sobretudo a actriz, que nos saraus de D. João III vivificava os autos do grande fundador do Theatro portuguez, seu pae. Que importava não dever nada á formosura Paula Vicente, se o seu multiplice talento lhe embellezava o espirito? Via-se que era a sala da pintura, pelos quadros, estampas e objectos proprios d'este ensino.

Demos mais uns passos, se queremos admirar a loira Coimbran, loira como o ouro. Reunia tudo, a nervosa Joanna Vaz: linguista no latim, grego e hebraico, pois que n'estas tres linguas escreveu ao Papa Paulo III; perita na litteratura e na historia; poetava tambem; e pela Infanta lhe fôra encarregado o ensino da lingua latina.

A philosophia, na sala contigua, onde havia menor numero de donzellas, estava-a regendo a celebre Publia Hortensia de Castro.

D'esta sala passava-se á dos lavores, em cuja aprendizagem se occupavam as damas mais novas, e o maior numero das servas. Era esta uma especie de feira, onde se viam, sobre grandes bastidores apropriados, em mezas, e até pelo pavimento, damascos de differentes côres, bordaduras com perolas artificiaes, ou enxadrezadas imitando mosaicos, sedas preciosas, tapeçarias á agulha, tudo empregado pelas mais adiantadas na confecção primorosa de vestimentas, frontaes, e outros ornamentos, para donativos a varios mosteiros.

Em quanto se applicavam aos estudos as damas e donzellas, quem é que se vê na livraria, para trabalho mais em remanso?

Não está ali hoje D. Leonor de Noronha, filha do Marquez de Villa Real D. Fernando, traductora da Chronica de Marco Antonio Sabellico, enriquecida de annotações de sua lavra, agudo engenho, que tinha aprendido a latinidade em Evora com o mestre André de Rezende, o qual para esta sua discipula predilecta compoz uma Arte. Entregues porém a estudo vêem-se as duas sobrinhas da Infanta, filhas do Infante D. Duarte, as senhoras D. Catharina e D. Maria. D. Catharina, a que de futuro deveria ser, por direito, Rainha de Portugal, estuda ou verseja, para fazer o dito verdadeiro a Antonio Ferreira:

clarissima Princeza, as castas Musas,
Tambem te defendiam, Caterina,
em cujo côro, de alto assento dina,
de Minerva te davam mil escusas.

A senhora D.Maria sua irmã...

Paremos alegres diante da futura Duqueza de Parma, para não deixarmos mal o mesmo Ferreira quando d'esta Princeza exclamou:

Quantos Maria veem se alegram e espantam.

Apesar do seu genio jovial, está n'este momento embrenhada nas sciencias ecclesiasticas ou philosophicas.

O destino a levará a cingir a coroa ducal de Parma, esposando Alexandre Farnesio. Em Roma trabalhará por suas mãos em fatos para vestir os necessitados; será verdadeira amiga das classes populares, estabelecendo professoras para ensino gratuito das meninas desvalidas; comporá escriptos para educação moral e social das suas damas. Uma occorrencia casual será, por confissão sua propria, uma das maiores alegrias da sua vida. Sae do seu palacio de Parma; rompe do povo uma rapariga, ajoelha, ergue as mãos, debulha-se em lagrimas. A Princeza surprehende-se inquieta, e interroga-a. A supplicante balbucia, em soluços, que é uma desgraçada; implora-lhe que a arranque da vida que é obrigada a levar. A Princeza ergue-a docemente, e no meio de commovido pasmo popular, conchegando-a ao seio, diz-lhe uma palavra, das que não voltam atraz, segundo o rifão da sua patria natural. No dia seguinte a regenerada entra n'um recolhimento de beneficencia, e a Duqueza D. Maria ordena que se institua outro para receber as filhas das mulheres desvairadas.

Formosa será a carta que ha-de escrever a sua irman D. Catharina, futura Duqueza de Bragança, em res-

posta áquella em que a irman lhe dava parte do fallecimento da mãe de ambas, a Infanta D. Isabel. É um modelo, ao correr da penna, de quanto ha sentido e mimoso. Com que amor não agradece á companheira da sua mocidade, o ter-se lembrado de beijar a mão da mãe, por ella e pelos filhos, á hora da morte! assim como o haver-lhe mandado o livro de horas que tinha servido á defuncta! e estando a folha dobrada na pagina da oração pelos finados, afigura-se-lhe que de intento a dobrou sua mãe ali para que a filha orasse por ella. Com que extrema galanteria, embora melancolica, pede á irman se não esqueça de lhe mandar noticias *das minhas senhorinhas pequeninas, porque sinto muito o seu mal!*

Por sua extensão, não posso senão exemplificar esta preciosa carta. Mal pensam ambas, n'este momento, em que as encontràmos no paço de Santa Clara, até onde o destino virá a engrandecel-as!

IX

Mas que toque é este da grande sineta? Levanta-se borborinho geral nas salas; arrastam-se tamboretes; vai servir-se o jantar.

N'este intervallo, sigàmos o fio das salas de recepção do pavimento mais nobre.

Lê-se no testamento da Infanta, que legava a seu sobrinho el-Rei D. Sebastião uma admiravel colgadura de panos de Tunis, que lhe custara vinte mil cruzados (hoje equivalentes a oito contos de réis). Este documento revelaria só por si a sumptuosidade do paço

da Infanta, se nos não recordassemos da enorme riqueza d'esta senhora, e do luxo desmesurado que então se considerava obrigação. Não admirará, em vista de taes circumstancias, que a successão das salas estivesse em harmonia com aquella enorme riqueza e com os usos geraes. Ver-se-hiam umas adornadas dos pomposos damascos da China, das tapessarias de seda de *alta lissa*, dos magnificos estofos de seda branca antiga com flores em relevo, ou dos maravilhosos productos em que n'este genero de adornos eram insignes os Mouros de Hespanha.

Por ultimo: na sala das conferencias ver-se-hiam os tamboretes com almofadas de brocado para as damas e donzellas, e ao redor das paredes altos tocheiros de prata para illuminação quando no inverno as conferencias eram de noite. No topo, a cadeira presidencial da Infanta. A moda do tempo exigia aos cantos magnificas talhas do Japão, com tampas pyramidaes, contadores de ebano com phantasiosos lavores, e, sobre mezas de caprichoso trabalho, porcelanas da India, cofres de prata, de tartaruga, e de marfim, e, por ventura, destacando entre tantas curiosidades, a invenção do celebre Turriano Juanello que tanto dava então que falar: um automato, cujas articulações simulavam os movimentos humanos. Ao fundo, para regular a duração dos exercicios artisticos, outra não menos preciosa novidade: um relogio de pendola, invento de Hele, de Nuremberg, de ferro e prata, ornado de figuras, e coroado pelo busto de um cavalleiro.

O conjuncto d'esta sala, n'este ou n'outro teor, talvez mais sumptuoso ainda, devia ser de apurado gosto.

De novo se ouve a sineta, e veem todas convergin-

do para a reunião; além das professoras mencionadas, as damas e donzellas; e entre outras D. Cecilia da Silveira, D. Isabel Henriques, D. Guiomar de Castro, D. Ignez de Noronha, a phantasiosa D. Filippa de Mendoça, que em Badajoz estonteára as cabeças dos mancebos hespanhoes, como ainda ha-de estontear a de D. Fernando de Meneses, que a fará nada menos do que Embaixatriz em Roma.

Ao sussurro natural d'aquelle juvenil enxame succede silencio instantaneo, e fita-se na porta o olhar geral.

Apparece a figura da formosa Infanta. Fronte espaçosa, rosto oval, olhos azues defendidos por sobrolhos finamente arqueados, olhar em que se espelha uma suave doçura, collo de cisne, que o seu retrato no convento da Luz não deixa ser apenas phrase convencional de poetas, bocca breve, e tez de finura transparente. O cabello assedado e loiro, arripiado ao redor da fronte; e sobre elle um tufo semi-circular de velludo apanhado de espaço a espaço por pequeninas frechas de brilhantes. Encadeava-lhe o pescoço uma gola á castelhana; no peito um cabeção de preciosas rendas brancas de Flandres, sobre um vestido de seda da India, com as mangas tufadas e golpeadas ao theor da epocha. De hombro a hombro, e em queda semi-circular, um fio de perolas, de que pendia uma joia formando uma flor.

Alegraram-se todas de a vêr despontar. Não se impunha; attrahia docemente.

Assim entrava a Infanta D. Maria na sala das conferencias, com o ar nobre que lhe provinha da sua raça adoçado pela sua bondade pessoal. Apoiava li-

geiramente a mão esquerda no braço direito do seu Mordomo-mór, e era seguida das suas duas sobrinhas, e da Camareira-mór D. Constança.

Adiantam-se todas para lhe beijar a mão, abrindo alas; e a Infanta vae-as acolhendo com palavras amaveis, ou perguntas que revelam interesse.

Senta-se a Infanta na sua cadeira presidencial, collocando-se as sobrinhas cada uma de seu lado; as donzellas, nos seus logares ao centro da sala.

N'este momento o Mordomo-mór approximou-se da Infanta, e entregou-lhe uma carta volumosa. Vinha da parte do Cardeal D. Henrique para a senhora D. Catharina. Abrindo-a com permissão da Infanta, D. Catharina disse-lhe o conteúdo: o Cardeal seu tio recebera de Achilles Estacio o seu poema em latim acabado de compôr em honra da Infanta, acompanhado da traducção por D. Manuel de Salinas; e prevendo o Cardeal que sua irman, por natural modestia, não consentiria a leitura, e não podendo elle sahir, por achacado, delegava na senhora D. Catharina a sua auctoridade, para que, em obediencia a principe da Egreja, e a tio, fizesse ler o poema na reunião litteraria do paço.

A Infanta ainda tentou uma reflexão; mas a senhora D. Catharina, tomando um gracioso tom auctoritario, disse:

—Minha senhora tia, permitta-me Vossa Alteza expôr-lhe que, representando eu n'este momento o senhor Cardeal Infante, e não desejando mesmo cahir em alguma censura ecclesiastica, a mim cumpre resolver; e por isso mando á senhora Luisa Sigèa que leia este manuscripto em alto e bom som.

Estas palavras, e o tom com que a senhora D. Ca-

tharina as pronunciou, levantaram uma expansão de alegria em todas as donzellas. Luisa Sigêa hesitava. A Infanta, sorrindo-se, e voltando-se para a Sigêa, disse-lhe chistosamente:

— Minha Luisa, como vejo que não mando nada hoje n'este paço, obedece á senhora minha sobrinha, um tanto usurpadora d'elle, e até que Sua Excellencia ordene outra coisa.

Scena communicativa de sorrisos.

Luisa Sigêa ergueu-se, recebeu da senhora D. Catharina o poema de Estacio, e no meio da curiosidade do gentil auditorio, principiou a leitura. Não ouviremos nós, como o gentil auditorio, o alevantado manuscripto do poeta; apenas o veremos n'um resumidissimo extracto, mas como se o estivessemos escutando á propria Sigêa:

O poeta, desde muito resolvido a desterrar do seu culto as Musas, vê apparecer-lhe Apollo, lançando-lhe em rosto a ingratidão. O poeta implora que lhe perdôe. Então o deus, arremessando-lhe um laurel, brada-lhe que torne a cingil-o, ou aguarde a vingadora morte. Não quer morrer o poeta; e ao cingir o laurel, sente reabrazar-se-lhe o peito, e mal sabe ainda o assumpto que acolherá para o seu novo canto, quando vê surgir d'entre as Nymphas do Parnaso uma donzella formosa,

> que entre todas assim resplandecia
> como entre as sombras o pharol do dia;

e exclamando o poeta, que desejaria bem conhecer aquella deidade, apparece-lhe Calliope, assombrada de

que elle não conheça o astro peregrino da sua patria.

Comtigo agora vou falar, Maria,
Infanta soberana, gran Princeza,
sacra honra da gente portugueza,
do sexo feminil gloria primeira.

E assim vae proseguindo largamente a respeito da Princeza.

A vista agora fita na Sigêa...

Luisa Sigêa, lendo de repente o seu proprio nome, corre com os olhos rapidamente o que lhe devia seguir, titubeia, e estaca!

Silencio por instantes.

— Que tens, mestra Luisa?

— Perdôe Vossa Alteza, peço que outra dama continue a leitura...

— Mas que é?

— ...Não me compete a mim...

— Pois tem paciencia; — tornou a Infanta com resignação — é necessario que o sacrificio se reparta por ambas. Vamos, continua.

Coravam as faces de Luisa; mas teve de obedecer e proseguiu:

A vista agora fita na Sigêa...

E contra vontade assim foi tambem a Sigêa continuando a descrever-se, trocando pelos primores da agulha os prosadores e poetas, e traçando o esboço da sua vida litteraria, até que desafogou, ao terminar o poema, com a invocação final dirigida á Infanta.

A expansão das jovens ouvintes, enthusiasmadas de se verem vencedoras diante da sua prisioneira Princeza, correspondeu ao que hoje viria a ser uma explosão de palmas. A Infanta D. Maria ouviu animosa a leitura, mas as faces tinham as honras de duas romans. Luisa Sigêa dirigiu-se a entregar-lhe o manuscripto, e beijou-lhe a mão commovida.

— Está bem; —disse a Infanta com a voz tremula— Achilles Estacio ha muito que vive longe da patria. Foram as saudades d'ella que o fizeram lisonjeiro. Descansemos, para continuarmos a nossa tarde; é destinada á musica.

Decorrido um intervallo, recomeçou-se.

Rompe Luisa Sigêa tangendo n'um magnifico orgam. Seguem-se varias damas, dedilhando em varios instrumentos. Depois um côro biblico geral, sob a direcção de Paula Vicente, que as amestrara com o seu vibrante talento dramatico. Termina Angela Sigêa, que na musica ainda excedia a irman, e elevou os corações de toda aquella juventude com as harmonias da harpa arrancadas á sua alma de artista.

A Infanta deixou para o fim o seu «constante exercicio musical», como, entre outros, refere o seu contemporaneo João de Barros. Um moço da camara approximou-lhe a magnifica harpa. Levantaram-se todas, em quanto ouviam, como o respeito pedia.

A execução das duas harpistas fôra differente, conforme o caracter de cada uma. Angela Sigêa fazia da harpa uma especie do *Juizo final* da Capella Sixtina. O seu estylo, por assim dizer másculo, levava os espiritos pelas regiões aereas, e as cordas não gemiam, echoavam o que se poderia chamar a tempestade da

paixão. Pelo contrario, a harpa da Infanta sorria, ou soluçava. Dir-se-hia traduzir a Esposa dos *Cantares* no que tinha de mais affectuoso. A Infanta lançava n'ella o seu coração, e deixava-o deslizar como a suave corrente do Cedron.

Batiam frouxos nas vidraças os raios do sol poente. Avisinhava-se a noite. A Infanta deu por concluida a reunião musical. Na vespera fôra a leitura dos poetas, feita pelas que mais se distinguiam na recitação. No dia seguinte havia de ser a de chronistas portuguezes. N'outros, entremeavam-se a musica e a poesia. Nos raros impedimentos da Infanta, segundo relata o chronista Frei Miguel Pacheco, substituia-a Luisa Sigêa occupando a presidencia.

Tal era a academia litteraria e artistica da Infanta D. Maria. Tève esta senhora a felicidade de se rodear de talentos femininos, que a auxiliaram na louvavel iniciativa.

X

Bem empregada riqueza, quando cae em mãos como as da filha de D. Leonor!

A Infanta reunia ao seu espirito superior um grande juizo na pratica do mundo. Era magnanima; dizem-n-o os seus actos no decorrer da vida, e dil-o, como fecho, o seu formoso testamento. Não farei senão resumil-o; e tenho pena, porque na propria forma está uma das bellezas d'elle.

Em harmonia com o tempo, e com a sua inclinação pessoal, fundou, entre as suas instituições pias, o mosteiro das Commendadeiras da Encarnação, a Capella

Real do convento da Luz, para onde destinou as suas cinzas, que ali repoisam; assim como, no mesmo sitio da Luz, um grande hospital (verdadeiro palacio se poderia dizer) para sessenta e tres doentes, determinando que todas as despezas da installação fossem feitas da sua fazenda immediata, e não do rendimento futuro, «para que —palavras formaes— seja povoado o «mais breve possivel, e os pobres n'elle tratados com «todo o bom provimento do necessario».

Do mesmo modo instituiu estabelecimentos de instrucção em Coimbra e Evora.

Casou e dotou as suas numerosas damas e donzellas, com excepção de cinco, por não ter já tido tempo de as estabelecer, pedindo todavia a el-Rei que as casasse. Escreveu uma lista, com as satisfações pecuniarias que se deviam dar aos seus creados conforme os seus serviços especiaes, determinando que se conservassem vitalicias as tenças aos officiaes e mulheres do seu paço, que as tinham provisorias; e deixou a el-Rei o valor de vinte mil cruzados, para que ficasse amparando a todos os da sua casa, esperando que tambem lhes faria mercês, especialmente á sua Camareira-mór D. Constança.

Deixou a liberdade a todos os seus escravos, e escravas, brancas e pretas, e verbas para se lhes arranjar modo de vida, e mais para as escravas se casarem, ordenando aos testamenteiros «que este encargo se «realisasse desde logo, para que immediatamente fi- «cassem com remedio e vida». Legou dotes para casamentos de nove orphans annualmente. Deixou verbas á Misericordia de Vizeu e Torres Vedras, e á Sé de Lisboa para sustentação dos expostos. Mais uma verba

para remissão annual de captivos, e ainda outra de sete mil cruzados, por uma vez, para o mesmo fim. Deixou trinta mil cruzados para as guerras de Africa. (Não cahir em tempo esta dadiva para a nossa *subscripção nacional!!*) Outra verba para em cada anno serem vestidas sessenta e tres pessoas pobres; mais uma quantidade immensa de legados e esmolas para estabelecimentos de beneficencia, assim como para viuvas, donzellas recatadas, e orphãos; e a tal ponto subiram, que, apezar de ser lettra viva o testamento, não deixa de ser engraçado o conceito de Pedro de Maris nos seus *Dialogos*, quando escreve que «sua multidão «e grandeza excedem o credito da historia.»

Não menos engraçado é vêr a Infanta, bem conhecedora do mundo, escrever estas palavras:

«E a el-Rei peço que tome muito á sua conta o fa-«zer com que os meus testamenteiros cumpram o meu «testamento com muita diligencia, mandando saber «muitas vezes, em segredo, como se comporta cada «um dos executores a respeito dos encargos que lhes «sejam commettidos.»

Parecia adivinhar a morosidade com que em parte viria a ser cumprido este testamento.

No dia em que, lançando os olhos para o seu passado, cerrou este documento notavel, que unicamente lerá sem commoção quem não tenha coração no peito, a Infanta D. Maria poude dizer á sua consciencia a palavra fraternal mais formosa do mundo: Fiz o bem na minha vida, faço o bem na minha morte.

E sorrindo-se para a sua consciencia, falleceu em 10 de outubro de 1577, com cincoenta e seis annos de idade.

XI

As lagrimas das viuvas, dos orphãos, das donzellas, dos escravos libertos, dos altos funccionarios e serviçaes de sua casa, e emfim do povo da capital, que na egreja da Madre de Deus assistiram ás exequias da Infanta na presença d'el-Rei D. Sebastião e da Côrte, certifica-as o mais seguro dos documentos: o coração humano.

Se o povo a chorou com lagrimas de reconhecimento, os escriptores glorificaram-n-a com as suas pennas.

Achilles Estaço dedicara-lhe a sua bella traducção, e composera um poema em seu louvor, como vimos.

Os lentes da Universidade offereceram-lhe tambem obras e escreveram depois em seu elogio.

Luisa Sigèa consagrou-lhe o seu admiravel poema latino *Cintra*, e outras obras, como refere na carta ao Papa.

Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Vasconcellos, e outros seus contemporaneos, renderam tambem justiça ás suas virtudes e talentos.

Francisco de Moraes dedicou-lhe a sua admiravel novella *Palmeirim de Inglaterra*, da qual o primeiro novellista do mundo, Cervantes, disse que se devia conservar como objecto unico, fazendo-se para ella uma caixa de ouro. A obra é precedida de um prologo dirigido á Infanta, em que Moraes escreveu:

«Pois se por esta via —(o louvor do povo)— o me-
«recimento de alguns Principes ao longe resplandece,
«Vossa Alteza, mui esclarecida Princeza, assim entre

«os Grandes, como na mente do geral estado, não será «posta em esquecimento, que de tal qualidade são «vossas virtudes, que com egual affeição se pregoam. «Isto não somente aconteceu aos naturaes d'este Reino, «de que Vós sois filha, a que por ventura o amor da «natureza e d'el-Rei vosso irmão porá esta obrigação, «mas ainda nos reinos estranhos e mais remotos de «nossa conversação e uso, tendes o mesmo nome e a «mesma fama»...

João de Barros com a sua penna de ouro compoz a respeito da Infanta um elogio, que se pode considerar quasi um livro.

Um poema em oitavas, tendo por assumpto a vida de Santa Ursula, foi-lhe dirigido por Luiz de Camões, segundo Faria e Sousa, fundado no estylo, ou por Diogo Bernardes, se é exacta a paternidade que elle invocava para si. Em todo o caso, homenagem foi de um grande poeta, que na estancia 4.ª inscreveu esta dedicatoria:

Serenissima Infanta, produzida
do gran tronco Real, sublime planta,
no titulo, nas obras, e na vida
retrato natural de Ursula santa,
d'esta virgem, tambem de Reis nascida,
ouvi com ledo rosto o que se canta;
dae o sentido um pouco a tal sujeito,
não lhe tire seu preço o meu defeito.

A consagração de todos, coroou-a o famoso soneto

de Camões, tambem seu contemporaneo e admirador:

Que levas, cruel Morte? Um claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'o faz levar? Quem o entendia.

Seu corpo quem o gosa? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo...
Que diz? Não mereci a grã Maria.

Mataste quem a viu? Já morto estava.
Que discorre o Amor? Falar não ousa.
E quem o faz calar? Minha vontade.

Na Côrte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que vèr? Nenhuma cousa.
Mas fica que chorar? Sua beldade.

XII

Que representa a Infanta D. Maria?

O brilhantismo litterario da Côrte portugueza tinha tido a sua edade aurea. Jazia já no sepulchro aquella pleiade de poetas e poetisas, que desde D. João II haviam feito ouvir nos paços nacionaes, com mais ou menos inspiração, com mais ou menos chistosa graça, os sons das suas vozes. Os motes, as voltas, os rifões, os amores que se disfarçavam n'uma endeixa, as esperanças que se aguardavam de uma sextilha, tudo se

desfizera como o fumo. A lyra de Bernardim Ribeiro era apenas uma recordação. Gil Vicente, que assombrára os paços da Ribeira mais de trinta annos, como assombraria depois a posteridade com o livro das suas comedias immortaes, tinha tambem morrido. D'ahi a dez mezes havia D. Sebastião sepultar a flor do exercito e a independencia nacional nas planicies africanas, e desapparecer para sempre, legando na phantasiosa aventura de um dia a escravidão da Patria. Camões havia de desapparecer tambem, dois annos e meio apoz a filha de D. Manuel; e o ultimo suspiro de Camões seria o suspiro derradeiro do Portugal livre.

Tinha sido Ella, a Infanta D. Maria, quem sustentára na decadencia os brios litterarios e poeticos da Côrte portugueza, que haviam brilhado ao longo de um seculo, e que acabavam de encontrar na alma artistica da Infanta o seu canto do cysne.

CAPITULO II

O menino entre os doutores

I

«Aqui vimos affirmar, nós, as mulheres, que não servimos unicamente para alleitar os filhos, para dirigir o lar, e para d'aqui a seculos (como nos promettem) formarmos o caracter das gerações que tenham vivido ao deus-dará. Riem-se os nossos senhores? proclamam, alto e bom som, que são elles as auctoridades, e nós o ser inferior? que não sabemos ligar as ideias? que no meio do positivo, nos voaria o espirito pelos espaços imaginarios? que nos formemos, quando muito em geographia e historia, e que já não é pouco?»

Isso, que o sexo formoso póde blazonar affoitamente, confirmam-n-o em todos os seculos muitissimos exemplos.

Temos um já no seculo XVI: D. Isabel de Castro, filha de Alvaro Peres de Andrade, senhor do Morgado da Annunciada em Lisboa. Levando por borla doutoral

a sua formosa trança dentro de uma coifa de ouro, apresentou-se no Varatojo a defender conclusões publicas em theologia. Depois, aguçando-se-lhe o apetite de ser ainda mais alguma cousa além de theologa, quiz ser mãe, na edade em que as outras mulheres já se dispensam d'esse patriotico encargo; levou seu marido, o quarto senhor do Louriçal, D. Fernando de Meneses a achar-se pae de dois gemeos quando ella tinha completado a casta idade dos cincoenta e quatro annos.

Por descargo de consciencia fique entendido que esta victoria materna não vae aqui sob a responsabilidade do auctor d'este livro, mas que iria sob a de Costa e Silva, no seu *Ensaio*, se elle tambem a não alijasse para as «memorias contemporaneas», cujo titulo aliás lhe não sahiu do tinteiro.

Fosse mãe, ou não, D. Isabel de Castro, theóloga é que ella foi, segundo se affirma; poetisa tambem, mas os seus versos ficaram ineditos, filiados na escola italiana.

Dá-nos o seculo seguinte, com estudos severos de philosophia e mathematica D. Leonor de Meneses, Condessa de Serem e de Albuquerque, D. Constança Freire, e D. Umbellina de Tavora (as duas ultimas tambem theólogas e linguistas), e D. Ignacia Xavier, perita em medicina e cirurgia, e auctora das *Antiguidades de Braga*, sua naturalidade.

Tambem no mesmo seculo estudou mathematica e theologia D. Joanna Michaella, de Guimarães; e esta, não se contentando de falar latim e grego, chegou ao apuro de 'escalar o chinez, que aprendeu com um rapaz de Pekim. Vejam que finezas não renderia este

filho do sol á sua nobre discipula, na presença dos basbaques boquiabertos, se lhe pressentisse o coração tão ardente como os climas orientaes!

No seculo XVIII nascia na cidade do Porto a formosa Luisa Marescotti. Que faz certo fidalgo italiano? perde a cabeça pela encantadora portugueza, esposa-a, leva-a para a Italia, onde Luisa se graduou (não sei se tão romanticamente como se ennamorara do marido) em artes e em theologia.

Não quero que fique mal comigo a memoria da popular farense Dyonisia da Encarnação, que, nascida de paes humildes, se nobilitou com os estudos de mathematica e architectura.

Mencionarei tambem a Marianninha de Abrantes, como vulgarmente lhe chamavam, talento que Deus sabe até onde subiria, morta aos dezassete annos, e já auctora de varios livros de *Philosophia Moral* e *Rhetorica moderna*, alem da noticia das acções illustres dos nossos guerreiros até D. João de Castro!

E que não esqueça a minha patricia Auta, que, tendo o pae lente da Universidade de Lisboa, se lançou á theologia e ao direito canonico desempenhando-se dos seus estudos positivos com tanta distincção, que a Rainha D. Leonor a nomeou sua dama da leitura, levando-a depois comsigo para o convento da Madre-de-Deus, onde veio a professar.

II

Mas o engraçado é que são tambem meninos que se affoitam a devassar as philosophias e as theologias.

Aqui está um, cursando a Universidade de Coimbra, em pleno seculo XVI; mas este, mais o diriam um ancião, tal era a gravidade do seu todo, e a sizudez do seu trato.

Em vesperas de feriado, não acompanhava os condiscipulos nas folias proprias da edade; o meirinho nunca o arrolou entre os turbulentos das arruaças nocturnas, nem o encontrava fora de casa depois do sino de correr; nem cachopas do Mondego o viam jamais, reclinado nas areias, a entoar-lhes loas que sobrescriptassem segredos. Nada d'isto.

Tambem, ao invés dos abusos do tempo (oh estouvanadas cabeças de estudantes, que haveis de ser em todos os seculos o bulicio da revolta!) guardava no trajo academico o decóro legal. O mantéo cahia-lhe sempre até aos artelhos; na sotaina nunca lhe notou o fiscal universitario enfeites escarlates ou amarellos, mas, quando muito, azues, por ser permittida esta côr; e quando, raras vezes, substituia o trajo academico pelo cidadão, nunca no seu gibão figuravam golpes ou entretalhos, nem fitas nos sapatos. Seda, só apparecia (por ser licito) no forro do barrete redondo. N'uma palavra: quando este estudantinho entrava nas aulas, ou apparecia nas ruas, ia ali vivo, em carne e osso, o regulamento da Universidade na pureza excepcional da sua execução.

III

Mas não é nas ruas, nem ao longo dos quatro annos do seu curso academico de Bacharel em artes, ou phi-

losophia, que vemos agora este menino; é entre os Doutores.

Lá está, sentado n'uma pedra, como é uso, e de cabeça descoberta, respondendo ás nove conclusões sobre os mais importantes assumptos, em que lhe argumentaram tres dos principaes professores; e tão distincto foi o acto, e em todo o tempo o procedimento, que ao voltar o jury á sala do conselho, o Reitor, dirigindo-se ao moço, lhe declarou que não só fôra plenamente approvado no seu curso, mas que nenhuma penitencia tinha de lhe ser imposta, pois não constou de macula que lhe empanasse o merito, antes por tudo isto o louvava publicamente, devendo aprestar-se para em breves dias receber o seu grau academico.

De feito o vai receber, e agora é na majestosa sala dos capellos.

Alastrava-se-lhe pela cidade a fama, bisbilhoteira mysteriosa que invade todas as habitações, como o ar, e sôa a todos os ouvidos, como o vento. Está a sala ornada e enflorada, e apinhada das differentes classes sociaes. O Reitor, na sua cadeira presidencial aguarda o prestito, que se formava na capella. Chega, precedido da tradicional orchestra das charamelas, trombetas, e atabales; seguem-se o mestre das ceremonias, e os seus bedeis; os professores conduzindo o moço graduando; e fecha o acompanhamento o meirinho á frente da guarda de partazanas, nobilitados pelo progresso do tempo com o marcial titulo de archeiros. Nos doutoraes ostentam os lentes de theologia os seus capellos e borlas brancas.

Feita a venia ao Reitor, o Regente recita um discurso louvando a sciencia das artes e da philosophia. Ao

longo d'este discurso, o bedel da faculdade, tilintando com o sacco das propinas, vae recitando outra oração mais sonora, principiando pelo Reitor, que a ouve recebendo os seus sete vintens e meio, o secretario um tostão, e assim cada professor.

Terminado o discurso laudatorio, o joven graduando levantando-se vae ajoelhar aos pés do Regente, e sollicita-lhe respeitosamente o grau. Recebido elle, erguese o laureado, e principia o seu discurso de agradecimento. Todos os olhos se fitam n'aquelle moço imberbe, que na compostura diriam já um homem feito, mas que attrahia todas as sympathias pela gentileza com que se expressava, e pela graça de que enflorava o seu dizer. Poucos entendiam o latim; mas pelas inflexões da sua voz meiga, pelos meneios apropriados da sua fronte, em que reluzia o talento, parecia transmittir ao auditorio, não o conhecimento das palavras, mas a significação das ideias, pela voz do sentimento, que é a linguagem universal da humanidade.

Quando terminou, os seus olhos vivazes, n'um relance e como que a furto procuravam alguem. Esse alguem, que, por qualquer motivo especial fôra admittido dentro da teia com as pessoas gradas, tinha tambem os olhos fitos no mancebo; por um impulso rapido adiantaram-se os dois, e lançaram-se nos braços um do outro, com lagrimas de alegria.

Fôra uma batalha vencida n'esse momento. Aquellas lagrimas exprimiam a gratidão fraterna do estudante mais velho, que em nome da familia distante o rodeara em Coimbra de cuidados, o defendera de mil perigos, e soubera, durante os annos todos do seu curso academico, e quasi milagrosamente, conservar-lhe o seu se-

gredo, porque o mancebo, ali graduado, era uma mulher!: Publia Hortensia de Castro!

IV

O sapientissimo André de Resende escrevia enthusiasmado, pouco tempo depois, ao seu amigo Bartholomeu de Frias estas palavras:

«A cousa mais para ver foi Publia Hortensia, rapa-«riga de dezassete annos, tão versada nas maximas de «Aristoteles, que, disputando em conclusões publicas «com muitos sabios, não achou argumento, por mais «cavilloso, que não solvesse com a maior promptidão, «e não menor graça.»

Mas quem era esta rapariga?

Filha de Thomaz de Castro, nobre de linhagem, e parente proximo do Arcebispo de Evora D. João de Mello, nascera em Villa-Viçosa. Reconhecendo-lhe seus paes talento precoce, mandaram-n-a, a instancias d'ella, para Coimbra disfarçada em trajo de homem, e entregue aos cuidados de seu irmão mais velho, Jeronymo de Castro, que, formando-se em theologia, e professando na Ordem dos prégadores, veio a ser orador muito distincto.

Acabamos de ver Publia Hortensia concluindo o seu curso philosophico. Seguiu ainda mais adiante, e concluiu o de theologia. O que se não pode saber ao certo, é se tambem o realisou nas aulas academicas, se em professorado particular, se com o proprio irmão.

Como era natural, correu a noticia d'esta dama, a ponto de ser convidada a vir a Lisboa, e na presença da Côrte discursou com admiração geral.

Cuidava da sua academia litteraria a Infanta D. Maria; e não era Publia Hortensia acquisição, que a celebre Infanta deixasse de aproveitar com alvoroço!

Tinha já reunido, a rogo da Infanta D. Izabel, quando seu filho D. Duarte partiu para a guerra de Africa, uma collecção de psalmos apropriados ás differentes circumstancias dos perigos, revezes, ou victorias, accrescentando-lhes da sua lavra annotações eruditas, e precedendo tudo de larga introducção, em que tambem declarava á Infanta haver dado um titulo especial a cada psalmo. Este manuscripto conservava-se na Bibliotheca Real.

Correram tempos. Deixaram o mundo as Infantas D. Isabel e D. Maria; D. Sebastião desapparecera; o dominio estrangeiro subjugara a patria. Pois era ainda tão afamada Publia Hortensia, que D. Filippe II, nos dias em que esteve em Elvas, a mandou convidar para defender diante d'elle e da sua Côrte conclusões magnas em theologia, o que ella realisou com pasmo de quantos assistiram.

Alem do livro dos psalmos, a que me referi, deixou manuscripta, em poder de seu irmão Frei Jeronymo de Castro, uma obra theologica em latim, poesias em latim e portuguez, e a sua importante correspondencia. Em que fogueira nacional iriam depois arder estes *papeis velhos?*

Publia Hortensia falleceu solteira, a 10 de Outubro de 1595, e jazem as suas cinzas no claustro do convento da Graça em Evora.

V

Como se vê d'este capitulo, a novidade scientifica parece não haver surgido absolutamente de hoje. Pode portanto o meu bom amigo e antigo collega Antonio Maria de Amorim continuar socegado na faina da sua Direcção geral, pois que, se lhe irromper no pacato gabinete alguma onda feminina, a requerer-lhe para lhe deixar saborear o nectar scientifico, veja que a moda já lá vem dos conservadores tempos dos Reis absolutos, e que é bom termos as damas a nosso favor. (1)

(1) *Nota do Editor.*— Ao tempo em que o autor escrevia estas paginas, era Director geral da Instrucção publica no Ministerio do Reino o sr. Conselheiro Antonio Maria de Amorim.

CAPITULO III

D. Bernarda Ferreira de Lacerda

I

Que pena faltarem-nos, a nós outros, prosaicos da era que vae correndo, os mananciaes onde saciemos a sêde dos tempos passados: os noticiarios, e as memorias!

Seremos hoje *senhoras-visinhas*, muito embora; custarnos-ha a desempoeirar a capa da curiosidade, ás vezes indiscreta; pode ser; saberá o Commandante do Regimento, que o pobre Alferes do Porto deu furtivamente um salto ao Espinho, onde se banhava a sua requestada; é possivel que a saudosa esposa se vista de lucto, ao ler a precipitada nova de lhe ter morrido o esposo, que se acha de perfeita saude no Ultramar.

Tudo isto assim será; mas, por entre tantas inexacções ha muitas verdades; e se essas e outras noticias falsas se infiltram nos noticiarios, quantas verdades não vamos lá colher!

Se houvesse noticiarios no seculo XVII, não nos veriamos embaraçados para estudar os acontecimentos das gerações que nos precederam, e, d'entre os vultos do tempo, o que diz respeito á senhora D. Bernarda Ferreira de Lacerda. Não pode deixar de attrahir sympathias, quem tão nova compôz o primeiro volume da sua *Hespanha libertada*, e, ainda nova, o segundo volume d'este seu poema, conforme aqui me está a segredar um amigo meu, já fallecido ha muito, Agostinho Rebello da Costa, na sua Descripção da cidade do Porto (e chamo-lhe *amigo*, porque são amigos verdadeiros todos os que nos dirigem nos nossos trabalhos).

É pois o meu amigo Rebello da Costa quem me diz ter nascido D. Bernarda de Lacerda no anno de 1595, filha de Ignacio Ferreira Leitão, Chanceller-mór do Reino. Por aquelle escriptor, por J. Baptista de Castro, e outros, sabe-se que fôra profunda a sua educação, a aprimorar-lhe o talento. Escrevia latim, de que é prova a poesia que precede o poema de Sá de Meneses *Malaca conquistada;* em hespanhol compoz os seus poemas; sabia italiano; em historia e litteratura era insigne: facil, segundo a expressão de Castro, em philosophia e mathematica; perita nas sciencias ecclesiasticas; tocava diversos instrumentos, e debuxava perfeitamente.

Miguel Leitão de Andrada narra a admiração com que o seu poema foi recebido; Soror Violante do Céo exalta-lhe com a belleza a fecundidade do engenho; Antonio de Sousa de Macedo chama-lhe nas *Flores de Hespanha e Excellencias de Portugal* a Musa divina, e a quarta Graça; e referindo-se ao seu mencionado poema

historico, diz: «que ella o escreveu com maravilhoso «estylo, egualando com a penna os grandes feitos que «os maiores homens fizeram com as armas, e que nas «outras obras os excedeu:» apreciação por ventura exagerada, mas que denota a impressão que estas obras lhe produziram, e o merito d'este feminino engenho.

O Padre Antonio dos Reis, da nova Congregação do Oratorio, Faria e Sousa, e Manuel de Gallegos, glorificaram-lhe o talento. O grande poeta hespanhol Lope de Vega, tendo-lhe dedicado uma egloga, commemorou-a no seu *Laurel de Apollo*, e ambos se cartearam por longo tempo em litteratura, vindo a poetisa a compôr uma canção funebre á morte d'este seu admirador.

II

Duas foram as principaes obras poeticas de D. Bernarda Ferreira, em generos diversos: a *Hespanha libertada*, poema heroico, e as *Soledades do Bussaco*, poema descriptivo.

A *Hespanha libertada* divide-se em vinte cantos, e tem por objecto capital a libertação de Hespanha do jugo mahometano, como o expõe a estancia da apresentação:

> Da nossa Hespanha a liberdade canto,
> e as façanhas do Godo valoroso,
> que com animo ousado e zelo santo
> a foi tirando ao jugo trabalhoso;

e os feitos tambem dignos de espanto,
e de sublime verso bellicoso,
que em Hespanha praticou a gente forte
triumphando dos tempos e da morte.

Encerra este poema elevação de pensamento, expressão incisiva, um grande fundo de sentimentos patrioticos; é parco, todavia, em episodios, que temperem o seguimento da narrativa.

As *Soledades do Bussaco* formam um poema de outro genero.

Um dia D. Bernarda Ferreira, attrahida pela fama d'aquelle ermo, e d'aquella vista esplendida, foi ao Bussaco, e ficou assombrada. Não podia d'ali arrancar-se. Estas suas estrophes o denunciam:

Oh! se minha ventura,
Eliano deserto,
tão desejado bem me concedèra,
que na densa espessura
do teu ceo encoberto
em ocio brando e doce paz vivèra,
gosando de um retiro
por quem suspiros dou, e em vão suspiro;

que ufana, que contente
de tudo me apartára
por chegar a gosar tal paraizo,
onde, do mundo ausente,
segura sempre andára,
dando ao bosque alegria, aos campos riso,
livre de sobresaltos,
porém não livre o ceo de meus assaltos!

Quem de pombas tivera
as azas voadoras,
que sobre teus penedos se subira!
Quem n'elles estivera,
não momentos, mas horas,
não horas só, mas annos, sem que vira
fim a tão feliz sorte,
senão com o da Parca mortal córte!

Os altos medronheiros,
que, com corado fructo,
estão seus verdes ramos inclinando
por cima dos oiteiros,
me dariam tributo
para que fosse a vida sustentando,
o que hervas ajudaram,
quando fructas agrestes me faltaram.

As fontes crystallinas,
que rindo se despenham
por entre musgo pardo e gramma verde,
abrindo ricas minas
de prata com que empenham
a quem ganhando alento sêde perde,
de nectar excellente
me dariam docissima corrente.

As frescas espadanas,
que de lyrios se cobrem,
me poderam servir de brando estrado;
e as relvas que ufanas
mil boninas encobrem,
de livro, onde visse debuxado
do Auctor da Natureza
a providencia, amor, graça, e belleza.

Ia eu dizendo, que as *Soledades do Bussaco* formam um poema, de genero differente da *Hespanha libertada*. É uma reunião de romances, n'um todo impregnado de perfume suave, brilhante pelas descripções, de um sentimento delicado, e de uma versificação elegante.

Que majestosa não é a descripção do alto da Cruz, no Canto VII, fazendo contraste com o seguinte, a descripção do ascetico e rigoroso convento, e ainda com as que se seguem, do IX ao XII, a descripção dos monges nas suas cellas solitarias, e dispersas ao longo d'aquelle deserto vivo!

Notavel é tambem, d'entre essas descripções, a do monge, quando, no momento de despertar, vê no fundo do horizonte immenso vir despontando a aurora, tingindo os ceos de riquissimas cores, e abrindo as portas ao Sol, que, para festejar a Natureza, derrama de cada um dos seus raios clarissimos luzeiros.

Tem este livro expressão rigorosa, entremostrando ao mesmo tempo a doçura do coração portuguez. Como a poetisa escreveu a conclusão na lingua nacional, aqui transcrevo uma parte:

Retratar-vos intentei,
ó deserto peregrino;
porém, como sois divino,
em vão mil linhas lancei.
Confesso emfim que não sei
pintar vossa formosura;
e assi por mais que procura
meu amoroso desejo,
das perfeições que em vos vejo
differe muito a pintura.

Se em graças sois sem egual,
e mora em vós sempre a Graça,
quem haverá que vos faça
um retrato natural?
Quiz mostrar, como em crystal,
n'este debuxo, a riqueza
que encerra vossa pobreza;
porém nada tenho dito,
pois nem as sombras imito
de vossa rara belleza.

De eternos sois Oriente,
que Occaso jamais conhecem,
vergel fertil d'onde crecem
flores de cheiro excellente.
Quem da copiosa corrente
do vosso nectar não prova,
veja a maravilha nova
que em Lusitania mostrais,
as grandezas que encerrais
dentro na mais pobre cova.

Vivei, vivei venturosos,
divinos habitadores,
que d'este jardim sois flores,
d'este ceo soes luminosos;
soldados que valorosos
de pelejar não cançais,
vivei, por merecer mais,
n'este sagrado deserto,
d'onde o Ceo tendes tão perto,
quão longe da terra estais.

III

Conheçâmos D. Bernarda Ferreira de Lacerda.

Recebendo uma educação piedosa, conforme a feição do seu tempo, figuraram as obras de Santa Theresa entre as que leu então d'esse genero. É facil de avaliar a impressão que fizeram á sua imaginação ardente.

Succedeu terem os paes mandado vir para a sua casa em Lisboa um sobrinho, no intento de progredir melhor nos estudos. Nunca um priminho cahiu do céo em occasião mais opportuna.

— Sim, quero professar nas Carmelitas — dizia de si para si a joven Bernarda; — mas como? quem me ha-de auxiliar no intento? quem me ha-de procurar informações? Oh! inspiração? não está ali o meu priminho?

Ora os primos não se inventaram senão para fazer a vontade ás primas.

— Mãos á obra! Formemos ambos uma conspiração. Elle, embora recatado, e guardado quasi á vista dos tios, sahirá ás escondidas.

E sahiu. Mas que fiasco tremendo!

O convento das Albertas estava situado ás Janellas Verdes, no Occidente. O primo, na expansão do enthusiasmo, em logar de voltar para a direita, seguiu para a esquerda, e foi dar comsigo na Lisboa oriental, a um mosteiro de Recolletas Dominicanas, Ordem differente das Carmelitas.

O que lá se passou, n'aquelle labyrinto de perguntas e respostas não o sei eu dizer; o que sei é que a

prima ficou desorientada com as informações. O primo cahira pela escada a baixo do seu conceito, logo ao encetar a empreza.

Da segunda vez foi-lhe mais propicia a estrella; deu com as Albertas, e trouxe informações acertadas. Se fosse hoje, a prima pagava-lhe com um beijo; mas n'aquella era o caso fiava mais delgado; as primas não davam beijos nos primos, pelo menos com tanta facilidade.

O plano, porém, da clausura não se chegou a realisar. Ou fosse, como pretendem alguns, que o proprio Filippe IV a desejasse em Madrid para professora dos Principes D. Carlos e D. Fernando (ao que o pae aliás não annuiu) ou porque a fama dos talentos e erudição da joven poetisa lhe attrahisse as vistas geraes, e acudissem a requestal-a muitos da Côrte, o certo é que o Chanceller-mór instou com a filha, e tornou a instar, para que aceitasse por marido a Fernão Corrêa de Sousa. D. Bernarda estremecia o pae; decorrido algum tempo annuiu ao desejo paterno, e acceitou o enlace.

Não conhecem a vulgaridade os espiritos superiores, da tempera de D. Bernarda de Lacerda. Se houvesse realisado o seu primeiro intento, seria por ventura segunda Theresa de Jesus. Tendo-a lançado o destino para missão opposta, foi mãe-de-familias exemplar.

A nenhum dos seus seis filhos (quatro meninos e duas meninas) quiz privar do leite materno, que é o sangue do amor, e amamentando-os a todos, implantou no coração de cada um d'elles uma raiz do seu caracter. Enviuvando aos oito annos de casada, marcou profundamente no seu lar o cunho da sua alma.

A filha mais velha, D. Maria Clara, a sua doce com-

panheira, que veio a cerrar-lhe os olhos, sobrevivendo a todos os irmãos, era citada e respeitada já na sua juventude como fiel retrato dos sentimentos maternos; e até cantou as duas, enramalhetadas uma junto á outra, a poesia de Violante do Ceo:

> De hermosa planta hermoso fructo admiro...
> Ó madre! ó hija! ó par sin par al mundo!

Se por um lado D. Bernarda fazia da filha outra ella, tambem dava á defeza da patria dois dos seus filhos, e um d'elles o primogenito, João Corrêa de Sousa.

A respeito d'este, foi completo o sacrificio materno. Tendo sido enviada á Beira uma expedição, dirigida pelo general Fernão Telles de Meneses, levando por mestre de campo ao valoroso D. Sancho Manuel, emprehenderam tomar o castello de Elgas, ou Eljas, segundo a narrativa do supplemento aos *Dialogos* de Marís. Foi o filho de D. Bernarda um dos escolhidos para a grande investida contra o castello. Encarniçada peleja se trava. No ardor do combate, vê-se o joven João Corrêa ser dos primeiros no escalar as muralhas; e quando, á frente dos soldados do seu commando, os excita com o exemplo, cae varado mortalmente por uma bala, não lhe sendo dado ver a victoria, a que tinha sacrificado a vida. Era digno de tal mãe aquelle filho. Com que lagrimas não seria chorado, e com que resignação varonil não continuaria ella a sua missão!

Se era modesta, como os que não carecem de se emproar para receberem a justiça do seu merito, tambem se apresentava luctadora diante dos luctadores, e

com a sua erudição, manejada pela graça feminina, desarmava os proprios teimosos.

Um dia visitou-a o Prior do convento dos Carmelitas, profundo theologo e legista. Aproveitou ella o ensejo, para lhe fazer um pedido. O Prior, enleado em escrupulos, oppoz-lhe as duvidas que lhe occorriam. D. Bernarda não desanimou; deixou passar a onda, e insistiu com tenacidade. Travaram-se em discussão, acalorada de certo, como é uso do caracter portuguez, mas sizuda como era proprio entre ambos; e D. Bernarda tanta livraria deitou a baixo, que o Prior se declarou vencido diante da interpretação perspicaz da que, vencedora, obteve o deferimento da supplica.

De outra vez, foi o caso mais serio.

Aquella dama não sossobrava com a sua penna diante dos tribunaes, nem diante d'el Rei. Tinham sido designados para as missões da Persia e de outras partes do Oriente uns Carmelitas da provincia italiana. Levantada uma intriga nas localidades, subiu o negocio a Filippe IV, que prohibiu a missão, conforme a consulta da Mesa da Consciencia, por serem estrangeiros os missionarios. Appellaram então para D. Bernarda de Lacerda. D. Bernarda lançou mão da penna, e escreveu uma exposição refutando eruditamente a consulta da Mesa da Consciencia (1). A Mesa da Consciencia, mandada então consultar de novo, refutou ella propria a sua consulta anterior; e, allegando que os missionarios eram quasi todos portuguezes, e que deviam ser ali conservados, assim o pedia a el-Rei. Filippe IV annuiu

(1) Pode-se ler esta exposição de D. Bernarda na *Chronica dos Carmelitas descalços* por Frei Joseph de Jesus Maria. T. III.

á conscienciosa reviravolta da Mesa da Consciencia, e a poetisa, depois de os embrulhar a todos, venceu a sua demanda.

Tinha-lhe morrido o marido; tinham-lhe morrido os filhos. Restava-lhe, é verdade, a sua doce Maria, e os seus escriptos. Não arrefecia no bem aquelle espirito benefico.

Vagueavam no sitio algumas d'aquellas sombras femininas, que a desgraça fere no que ha mais sagrado para a mulher. Teve um pensamento formoso a cantora do Bussaco; este pensamento era a redempção do infortunio. Mandou chamar a primeira; não a increpa (tinha muita intelligencia e muito coração para o fazer); vae graduando a persuasão, o conselho suave, e a protecção promettida. Convida-a para dentro do palacio, e combina-se o ingresso no Recolhimento, para, depois de conseguido o justo fim, a regeneração restituir ao mundo a que do mundo fôra banida. Na propria liteira do palacio será transportada, para testemunho publico da protecção.

Chega o dia; aproxima-se a hora; é chamada a infeliz pelo palacio todo; só responde o silencio. De concerto com o antigo amante, procurára ensejo de fugir de manhan, e desapparecêra.

Devia ter chorado, a alma d'aquella senhora. Quem é que não chora uma esperança perdida?! a quem é que não punge uma ingratidão injustificada?!

Mas o pranto de uma alma grande é como o de uma creança. Se o da creança se enxuga com um brinquedo, o das almas elevadas enxuga-se com a possibilidade de novos sacrificios.

Pois quê? Não está ali, tão perto do palacio tambem,

aquella formosissima mulher, provocando as vistas geraes? E porque vive ella só? porque o marido grangeia a vida em longes mares, navegando. D. Bernarda antevê o perigo, attrae a si a joven e solitaria esposa, offerece-lhe a sua casa e a sua companhia até o regresso do esposo. Pobre destino humano! segundo volume da mesma obra. Um dia a borboleta bateu as azas, e, como borboleta, foi queimar-se na luz que a seduzira.

Não esmoreças, poetiza do bem, no alevantado da tua alma! O mundo é immenso, e o mal é immenso como elle.

A alma não lhe esmoreceu; mas foram-se-lhe debilitando as forças. Os espiritos como o d'ella são vulcões; para o fogo rebentar do intimo, tem de se espedaçar o corpo.

Ia morrer aos quarenta e nove annos, depois de sobreviver ao marido e aos filhos, no correr de uma vida curta, mas tormentosa. Ella propria diz n'uma das estrophes do seu *Bussaco:*

Ali nos crespos troncos
com lagrimas suaves
a minha escreverei tragica vida.
Ali do mar os roncos,
a musica das aves,
o murmurar das fontes, que convida
a amorosa saudade,
roubarão para o Ceo minha vontade.

Espirito piedoso, pediu os Sacramentos, e no dia 1 de Outubro de 1645 expirou nos braços de sua extremosa filha.

Foram os seus restos para o convento dos Remedios, aos Mariannos, e jaziam, com os de seu marido, n'um

mausoleo de alabastro na parede do lado do Evangelho da capella de S. José. No epitaphio, que lhe comporam com affectuoso sentimento, e que é, em ponto minimo, um retrato da sua vida, lê-se a tão verdadeira sentença, que «os seus escriptos são o seu retrato.»

IV

Pelo conjuncto das suas qualidades, era a nossa poetisa um vulto distinctissimo nas lettras e artes. Nunca devemos esquecer-nos, em critica historica, de que as obras de um seculo devem sempre aquilatar-se em relação ao seu tempo e aos progressos d'elle, e não em relação a seculos subsequentes, que tambem hão-de ser julgados, quando pertencerem ao passado. Não arremesse a pedra seculo nenhum, porque a nenhum é dado senão o aperfeiçoamento relativo.

Pela educação scientifica e litteraria que recebeu, e pelos seus dotes proprios, deixou D. Bernarda de Lacerda afamado nome de si.

Dos assumptos que escolheu para os seus poemas, e da forma em que os vasou, conhece-se a natureza do seu caracter. Possuia as qualidades do seu paiz: era enthusiasta, ardente, e aventurosa; excitava-lhe os brios o arrojo das emprezas marciaes, como se viu, cantando a guerra que reivindicou das gentes mouras a independencia da Patria.

Espirito atrevido, alevantou-se até áquelle Carmelo «onde o ceo está tão perto, quanto a terra se vai dis-«tanciando». Se para o vulgo o Bussaco ainda hoje é grandioso, remendando-lhe já a vastidão aquellas vi-

vendas modernas, aquellas thermas prosaicas, e os não menos prosaicos jantares nas fontes de S. Silvestre e de Santa Theresa, o que não seria para tão poetico espirito a labirintica floresta! o que não seriam os sons d'aquellas sinetas nas altas horas da noite, dispersas nas distanciadas cellas da montanha, respondendo como as vozes da montanha ao compassado sino do convento! e o perpassar d'aquellas sombras movediças, que pareciam sahir do desconhecido! e aquella solidão enorme, coroando ella mesma a solidão ainda mais vasta que se lhe desdobrava em leguas!

Se ainda hoje, que tudo ali é uma mescla do divino com o profano, da natureza com a civilisação, teem cantado o immenso ermo do Bussaco poetas como D. Amelia Janny, Castilho, Alberto Pimentel, Candido de Figueiredo, João de Lemos, José Freire de Serpa, Mendes Leal, Ramos Coelho, Soares de Passos, e ainda outros, como não seria chamma para um caracter inflammavel o antigo Bussaco em toda a sua luz, ou antes em todas as suas sombras majestosas!?

Aos dotes de um animo robusto, e vivo sentimento, avigorados pela sua multiplice erudição, reunia a cantora do Bussaco o anceio de ser util ao seu semelhante. A aventura do Bem fascinava-a.

D. Bernarda de Lacerda escreveu em hespanhol a maior parte das suas obras, porque era isso então uso generalisado entre os escriptores portuguezes, e não por desprezar a lingua do seu torrão. Temos visto como ella o amava. E se n'outra lingua escreveu, ainda por esse lado o illustrou, fazendo mais conhecidas as suas obras. Honrando o seu nome diante dos estranhos, com o seu nome honrou a sua Patria.

CAPITULO IV

Josepha de Ayala

I

Na historia da pintura em Portugal figuram talentos femininos notaveis. Não representam escola, não crearam escola, é certo; mas isso não impede o apreço que merecem as obras de muitas d'essas artistas.

Distinctas pintoras foram a irman de Vieira Lusitano, D. Joaquina Wolkmar, D. Ignacia Cardote, Soror Maria da Cruz, freira em Lamego no convento das Chagas, onde havia, segundo o testemunho de Taborda, obras primorosas do seu pincel, e Luisa Maria Rosa, do Porto, de quem se conservavam quadros muito bellos no claustro dos Capuchos do Valle-da-Piedade. Tambem no seculo XVIII nos apparece a Duqueza D. Anna de Lorena, Camareira-mór da Rainha D. Maria Anna de Austria, e pintora distincta. Assevera Miguel Pedegache, na sua carta aos socios do *Jornal de Paris*, ser crime «não tributar elogios a esta dama portugueza,

«que pinta com elegancia e perfeição»; e Vieira Lusitano no *Insigne pintor*, chama-lhe a melhor flor de Lorena,

> que quando heroica exercita
> pinceis, cores, e palheta,
> cede o Cerani e Rosalba
> de Bolonha e de Venesa.

Compara-a d'este modo a celebres pintores italianos. Verdade seja que o poema de Vieira não aspira a grandes foros de critica, e o pintor devia favores á familia da Camareira-mór; mas tambem é certo que, se o talento da illustre dama não encerrasse merito, não o elevaria tanto um especialista d'aquelle quilate. A exageração da amabilidade tem limites.

Corria o seculo XVII. Filippe III e a Côrte assistiam a uma profissão no convento das Dominicanas da Annunciada. Ao terminar a ceremonia, uma joven freira adianta-se, e pronuncia um discurso, que a todos os assistentes admirou. Frei Luiz de Sousa na sua *Historia de S. Domingos* ommitte-a «por ser historia só de mortas.» Não se enleiou em tanto escrupulo na *Descripção de Portugal* o contemporaneo de ambos, Duarte Nunes do Leão, e escreveu:

«Douta na lingua italiana, latina, franceza, ingleza, e «ainda n'outras, illumina e pinta tão excellentemente, «que suas obras fazem admirar aos maiores officiaes «d'aquelle officio; e d'ella por ser viva, não digo mais.»

Suavissima no cantar, tocava diversos instrumentos; traduziu do latim a regra da sua Ordem, e deixou manuscriptos na lingua mãe.

Era esta freira artista D. Margarida de Noronha (So-

ror Margarida de S. Paulo), filha do segundo Conde de Linhares e de sua mulher D. Violante de Andrada. O mais notavel é que D. Margarida de Noronha foi tambem architecta, sahindo do seu pensamento o risco da egreja e officinas para a reedificação do mesmo convento da Annunciada.

E depois de admirarmos em D. Margarida de Noronha uma architecta, admiremos em Ignacia d'Almeida, natural de Lisboa, uma artista de fama como esculptora em cera e barro. São d'ella as admiraveis Imagens da Senhora da Boa Morte nas egrejas de S. Roque da capital, da Sé Nova de Coimbra, e da Sé de Evora.

Ora aqui está agora um nome hespanhol; mas foi de uma senhora tão portugueza, que nasceu em Santarem. D. Maria de Guadalupe filha de D. Jorge, Duque de Aveiro e de Torres Novas, e de sua mulher D. Anna Manrique, Duqueza de Maqueda em Hespanha, veio a herdar as casas e os titulos paternos e maternos, e foi ainda Duqueza de Arcos por seu marido. Cingindo quatro corôas ducaes, que lhe deram os homens, engrinaldou-a, superior a ellas, a que o seu talento e o seu estudo lhe collocaram na formosa fronte. Sabia grego, latim, francez, inglez, italiano, e hespanhol; recebeu o ensino da philosophia do Doutor Miguel Valentim, Lente da Universidade de Coimbra, e, por sua instrucção e alto juizo, chegou a ser consultada por homens do governo; e não só era portugueza de lei, por sangue, mas tambem pelo coração.

Um traço a retrata:

Quando residia em Hespanha, já no tempo de D. João IV, assistia uma noite á representação d'uma peça

em que figurava mal um portuguez. Uma senhora hespanhola, voltando-se para a nossa Duqueza, atreveu-se a dizer-lhe:

— Veja Vossa Excellencia como se tratam entre nós os Portuguezes!

Ao que a Duqueza logo respondeu, com um tom gracioso, que feria:

— O que os Hespanhoes fazem n'esta peça aos Portuguezes, é por brincadeira; mas o que os Portuguezes estão fazendo aos Hespanhoes na guerra do Alemtejo, é muito á seria.

Existiam pinturas de D. Maria de Guadalupe no convento da Luz, sendo tambem obra sua, muito distincta, o quadro da Senhora da Piedade no convento da Conceição em Marvilla.

Estas pintoras, e por ventura ainda outras, foram notaveis por talento e applicação; mas uma houve, que a todas sobrelevou, por um conjuncto de dotes especiaes, que lhe teriam dado nome europeu, se não se limitasse a viver, por modestia condigna do seu merito, na estreiteza de uma villa. Foi Josepha de Ayala.

II

Josepha de Ayala, ou *de Obidos*, como vulgarmente a denominam, era um talento de primeira ordem. Pintando sobre tela, cobre, e madeira, gravando em cobre e prata, enfeitando primorosamente a lettra de arabescos e floreados, deixou nas suas obras justificada fama de si. É uma gloria nacional.

Filha de Balthazar Gomes Figueira, primogenito de

uma abastada familia de Obidos, e de sua mulher D. Catharina de Ayala, sevilhana, pouco referem da sua vida, e ainda menos da sua educação artistica. E' difficil apreciar completamente um artista, quando se ignoram as circumstancias especiaes da sua individualidade. Como é que Josepha d'Ayala conquistou os foros de artista celebre, encerrada na pequena villa de Obidos, que todos conhecemos sem escola, sem modelos, sem professores, sem estimulos?

Para decifrar este enigma, recorrer á localidade? Faltava-me já o meu saudoso amigo, outra gloria portugueza, o grande Malhão. Que fazer?

Por ventura não somos conhecidos, embora nunca nos vissemos, todos os que luctamos n'esta lida das lettras? Um espirito intelligente e obsequiador, o sr. Padre Antonio d'Almeida, acudiu então ao meu pedido enviando-me alguns esclarecimentos locaes.

Balthazar Figueira, pae de Josepha, tendo seguido a carreira das armas, foi obrigado, no tempo dos Filippes, a ir servir em Hespanha. Ali casou com D. Catharina de Ayala, na cidade de Sevilha. Avisado secretamente, por um creado fiel, de que os animos se dispunham a favor da independencia nacional, conseguiu, invocando pretextos, regressar á sua Obidos, onde Josepha nasceu em 1634. Escriptores ha, que a suppõem nascida em Sevilha, e vinda com a familia para Portugal logo depois da Restauração. Em qualquer dos casos, pertence-nos: é Portugueza.

Obidos não era então a abandonada villa que hoje vemos. Possuia cursos de humanidades, e de theologia, collegiadas, um Vigario geral com prerogativas episcopaes, recebia mercês dos Reis e das Rainhas, que

por vezes chegaram a residir ali. Tinha-se até apurado o gosto artistico em Obidos, em resultado de obras architectonicas nos templos, indo artistas notaveis pintar *frescos*, que ainda existem na egreja de Santa Maria; e emfim, havia por lá professores de desenho.

Todas estas circumstancias abriam horizontes mais vastos do que hoje, para avigorar um talento natural, já, de mais a mais, bafejado por exemplos caseiros. Cyrillo V. Machado nas suas *Memorias* diz que do pae de Josepha vira bons paineis de objectos inanimados. O que em vista de tudo isto parece plausivel, é ter sido debaixo da direcção de seu pae, que a joven Josepha recebeu o ensino profissional, concorrendo tambem para o seu desenvolvimento as circumstancias que deixo indicadas.

Consta haver sido esmerada a sua educação, e que, pouco depois dos vinte annos, lhe sorria já a fama de desenhadora á penna, pintora, e retratista. Provam-n-o as datas lançadas em algumas das suas obras. Completou-lhe a educação artistica uma viagem á Italia com o pae, viagem até agora ignorada. Aperfeiçoou-se na patria da pintura com a apreciação das obras primas, e com o estudo pratico. Os seus quadros originaes da vida de Nossa Senhora, existentes na egreja de Santa Maria de Obidos, são anteriores á viagem, e posteriores os da vida de Jesus. Ali se admiram tambem as suas notaveis copias da *Transfiguração* de Raphael e do *Baptismo no Jordão*. Na mesma sua Obidos, e na referida egreja, se vê um quadrosinho da mesma auctora, representando S. Jeronymo. Assim m'o descreve um amigo:

«A cabeça do asceta é inexcedivel de verdade; o

«olhar, a posição, as linhas, e o claro-escuro da fronte «e do rosto traduzem perfeitamente a ideia de que de- «via estar possuido aquelle espirito elevado. Parece «que a alma lhe quer irromper dos olhos, para se ir «abraçar á visão querida, que do alto a attrae irresis- «tivel.»

Este quadro era de certo um esforço do talento, porque a feição predominante de Josepha era outra, segundo veremos.

E como dizer Obidos é dizer Caldas, cabe mencionar n'este ponto, que a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, amante das artes, e ella mesma póetisa em tão subida conta, apreciava esta pintora, e amiudadas vezes lhe enviava um coche que a levava ao paço. Ali retratou Josepha a infeliz Princeza D. Isabel; e tão perfeito e artistico lhe sahiu o retrato, que foi o preferido d'entre os dos outros pintores, para ser mandado ao Duque de Saboya Victor Amadeu, por occasião dos esponsaes (depois frustrados) com a sympathica filha de D. Pedro II.

Era tambem visitada na sua vivenda de Obidos pela nobreza, que folgava de lhe admirar os quadros.

III

Josepha de Obidos vivia para os seus pinceis e para os seus buris, e executou avultado numero de obras. Exceptuadas porém as que ficaram na sua terra, as outras, infelizmente, dispersaram-se.

Raczynski, para se desculpar de ser em geral severo nas apreciações artisticas, declara que o intento da sua

obra *Les Arts en Portugal* é antes desemmaranhar o cahos em que as artes se acham n'este paiz, do que elevar um monumento á gloria nacional, e que é necessario reservar o enthusiasmo para as grandes occasiões; aliás não se fugiria ao ridiculo. (1) Pois é este mesmo Raczynski, que chama a Josepha de Obidos «pintora insigne» e «mulher celebre». Vendo no Varatojo dois quadros de Josepha, o da Senhora das Dores, e o do Menino Jesus, classifica o primeiro de «bella pintura»; e o segundo, que chama «gracioso», descreve-o, e especifica a tunica transparente, que ainda accrescenta a belleza e o encanto do quadro. (2)

Tambem capitula como um dos mais agradaveis que de Josepha teve occasião de analysar, o que se conserva na Bibliotheca de Evora, representando um cordeiro branco, deitado, parecendo vivo, cercado de uma grinalda de flôres, executadas com extremo mimo. Este quadro, reputado um dos melhores da auctora, figurou em photographia na Exposição Universal de Paris em 1867.

Cyrillo, nas suas *Memorias*, referindo ter visto d'ella em Lisboa quadros muito bons, menciona os «Desposorios de Santa Catharina», em cobre, com a firma de Josepha, e a data de 1647, o que revela ter sido pintado aos treze annos de edade; e se não fosse distincto, não o haveria comprado um inglez. O outro, em cobre tambem, era a «Coroação da Virgem», obra de notavel delicadeza, que lembrava nos adornos a paciencia da execução dos quadros gothicos. Data, 1657,

(1) Pag. 270 e 290.
(2) Qui ajoute à sa beauté et à son agrément. Pag. 246.

aos vinte e tres annos. Pertencia ao conego de Evora, Miguel de S. Remigio.

Havia tambem pinturas d'ella admiraveis, em panno, cobre, e prata, em casa de um parente da pintora, o doutor João Gomes de Avellar, assim como no palacio do duque de Lafões, na Misericordia de Peniche, e na egreja e convento de Valbemfeito, segundo o testemunho de Taborda, que, tendo visto muitos quadros, em todos admirou, confórme as suas proprias palavras, grande força de engenho, muita verdade, e muita viveza de expressão, se bem que o estylo um pouco duro.

Em Soure possue ainda hoje a senhora D. Maria Benedicta de Castro e Mello um Menino Jesus pintado em cobre; e na sua quinta *da Aldeia*, na freguezia de S. João da Talha possue o digno Par Anselmo Braamcamp Freire dois grandes quadros do mesmo celebre pincel, representando fructos, flôres, bolos, e dôces de variadissimos feitios. São assignados e datados.

Coube ao sr. Augusto Mendes Simões de Castro a satisfação de nos dar noticia, no seu importante *Guia do Bussaco*, de um quadro da nossa pintora, do qual não havia noticia. Descobriu-o aquelle erudito escriptor n'uma capella annexa á egreja do Bussaco. É em tela, e representa a Senhora do leite. A Virgem dá o peito ao Menino, que aliás se diverte a abraçar uma cruz, que S. José lhe offerece. Tem a assignatura da artista, e a data de 1664. Pintou-o aos trinta annos, na pujança do talento. Além do mimo, que pensamento não encerra! A Mãe, toda extremos, a dar o sangue do seu amor áquelle Filho, para elle o expargir n'aquella Cruz de redempção e liberdade, com que está a brincar!...

A ultima, ou, pelo menos, uma das ultimas obras d'esta pintora, pois que é datada de 1680, quatro annos antes da sua morte, existe hoje na sacristia da egreja do Carmo, de Coimbra. Tem originalidade. Descreve-a assim o doutor Augusto Filippe Simões:

«Representa o Menino Jesus n'uma formosa crean-«ça, em pé n'uma almofada sobre pianha de madeira. «Na mão esquerda sustenta a esphera do mundo, so-«brelevada com a Cruz, e tambem uma bandeira com «os instrumentos da Paixão. O braço e a mão direita «estão postos de maneira que parece abençoarem a «esphera. Ao rosto, que exprime singular intelligencia, «servem de natural moldura fartos e anellados cabel-«los louros, cingidos com uma corôa de flores, e logo «acima da cabeça o sol resplandecente. O Menino traja «veste de gaze rematada de finas rendas, deixando ver «por baixo as carnes com suas côres proprias, tudo «muito ao natural. No chão, á roda da pianha, vêem-«se rosas, tulipas e amores perfeitos, com aquelle mimo «e delicadeza que distinguem as flores do mesmo pin-«cel. Ao lado lê-se: *Josepha de Obidos, 1680.*»

E eu accrescento agora: este quadro salvou-se por milagre. Deu-nos o Portugal de 1834 duas invasões: a dos immigrados, e esta bemdita foi, porque nos originou a liberdade, e outra, que, sem ter padecido as fomes do exilio, nem as saudades da patria, roubou livrarias, pratas e preciosidades artisticas. Havia no mosteiro de Santa Cruz um museu, em que brilhantemente figuravam quadros de pintores afamados: Raphael, Rubens, Annibal Caracci e outros. As harpias officiaes levaram-n-os para o Porto, e foram collocados n'uma galeria provisoria. Um bello dia, que é dos qua-

dros? Havia-se aberto uma passagem falsa no tapume, e roubado aquelle thesouro. Ninguem tinha sido, já se sabe. O pobre guarda (que pedia a Deus que o deixassem) jazeu na cadeia, emquanto os milhafres annunciavam em Londres a venda d'estes quadros preciosos. Olhem se tivesse estado em Santa Cruz o quadro de Josepha, e não se achasse então resguardado na sacristia do Carmo!

Disse eu, que Josepha de Ayala era tambem gravadora. Aqui tenho deante de mim duas das suas melhores gravuras em cobre, nos estatutos da Universidade de Coimbra de 1653. Executou-as aos dezanove annos de edade, e já tão afamada, que ao seu retiro na modesta villa lhe levaram as superiores auctoridades scientificas o honroso convite. São admiraveis pelo pensamento, proporções, e elegancia, transparecendo ainda das suas linhas a finura e perfeição do buril. Na que representa a Universidade está inscripta a assignatura de Josepha. A outra, figurando o majestoso portal todo ornado de estatuas, dando ingresso para o templo das sciencias, é tambem d'ella evidentemente, já pela comparativa execução do trabalho, já porque, tendo-se incumbido uma das gravuras á celebre artista, não deixariam de a encarregar da que exprime o complemento da ideia geral.

VI

Tal foi Josepha de Obidos.

Como se viu, as suas pinturas e gravuras disseminaram-se pelo Reino todo. Oxalá que assim não fôra, e

que pelo menos a maior parte se tivesse concentrado no principal museu da nação! Ali seriam apreciadas, revelando a individualidade da nossa primeira pintora. Separar as obras de um artista equivale a dispersar ao vento as flores de um ramalhete.

Tinha grande o pensamento, como intentei demonstrar, observação finissima, expressão accentuada, e a sua maneira, alheia ao arrojado (do que aliás deixou exemplo no S. Jeronymo de Obidos), primava pela graça. Os assumptos do seu pincel são as virgens, os meninos, os cordeiros, as aves, as flôres, o que ha mais affavel e mimoso. As flores, sobretudo, causam admiração, não só aos profanos, senão aos proprios especialistas.

Por infelicidade, conhecemos menos a mulher, do que a artista; mas as pinturas de Josepha traduzem-lhe o caracter.

Amou? Formosa, rica, brilhante de talento, não existiria mancebo que a amasse pela sua alma, ou ambição de homem que a desejasse por sua fama? Nem os documentos, nem a voz tradicional nos revelam o segredo do seu coração.

Passava os invernos na villa, e as outras estações nas suas quintas da Calçada, e da Capelleira, com os seus pinceis, ouvindo o canto das aves que ella pintava, o balido dos cordeiros que lhe vinham pedir afagos e servir de modelos, a doce voz das creanças, que lhe foram enlevo, e rodeada das flores, que eram o seu encanto e a sua gloria.

Coração amoravel, foi viver no centro da natureza, da grande mãe, roubando-lhe sorridente, com os pinceis, as suas côres, os seus animaes, e os seus fructos.

Se amou alguem, que amor não saberia dar uma alma d'estas!

Se não amou, deixou ao menos em cada um dos seus quadros uma parcella do seu sentimento.

É escusado perguntar pelas cinzas de Josepha de Obidos. Tem tido a nossa terra dois habitos: queimar papeis, e esconder ossos. Vem um dia, acorda-lhe a ancia do patriotismo. Que fazer? Nada mais simples: debaixo da terra todos são eguaes; o essencial é sobre um floreado marmore inscrever-se um *Aqui jaz*.

Falleceu Josepha de Ayala na sua quinta da Calçada, ao pé da capella de Santa Iria, no dia 2 de julho de 1684, aos cincoenta annos. Foi sepultada na egreja de S. Pedro de Obidos, sua parochia, adiante do guarda vento, ao lado direito. Depois, quando reformaram a egreja, em vez de respeitarem os ossos da gloriosa artista, sumiram-n-os de modo que se ficou ignorando o sitio em que jazem.

Não lhe esconderam o nome, porque não puderam.

CAPITULO V

D. Leonor da Fonseca Pimentel

I

Maria Antonieta fôra guilhotinada no dia 16 de outubro de 1793. Sua irmã a Rainha de Napoles, dominadora do marido, como a formosa Rainha de França, promettera a desforra á saudade fraterna. O povo napolitano, porém, não curvou a cabeça; e a Familia Real, embarcando na esquadra de Nelson, abandonava a cidade. Com o auxilio dos Francezes, Napoles proclamou a republica parthenopense, destinada a morrer na infancia. O Cardeal Ruffo, trocando a purpura pela espada, marchou apressadamente da Sicilia sobre a capital. Era noite. O theatro de S. Carlos trasbordava de espectadores. Ouve-se uma voz bradar: «O Cardeal marcha contra nós!» O publico levanta-se agitado, pede o hymno patriotico, e vendo n'um camarote uma senhora ainda moça, formosa, fronte elevada, olhos que fascinavam, grita unisono: *La Pimentel! la Pimentel!...*

A senhora ergue-se n'um repente, electrisada com o enthusiasmo geral, apparece no palco, e, ora com voz saudosa e triste, quando o canto traduzia os tormentos padecidos, ora arrebatada, quando a lettra exprimia o desprendimento dos grilhões, entôa o hymno da liberdade. O enthusiasmo delirante dos espectadores nem a deixa terminar.

No dia seguinte apresentava-se ao Governo uma grande commissão, a pedir energicas providencias para a defeza. N'esta commissão figuravam duas correntes oppostas: a dos intransigentes, e a dos moderados. Os intransigentes, como é costume, exigiam toda a casta de violencias e barbaridades, que ainda queriam justificar (como se para barbaridades houvesse justificação) com o motivo de conjurar o perigo imminente. A assembléa parecia acceitar a proposta terrorista, quando, d'entre os membros da mesma commissão se ergue uma formosa mulher, cuja presença impõe silencio immediato. Era a mesma, que na vespera á noite arrebatara a multidão com o seu canto patriotico. Impellida pela convicção, brada:

«— Quê, senhores! Pois nós, os sequazes da justi-«ça, queremos imitar os satellites da tirannia, oppon-«do aos roubos e assassinios de Ruffo, Mammone e «Fra-Diavolo, delictos eguaes, levantando forcas, e ar-«rancando a innocentes os bens e a vida? Não, por «certo, cidadãos. Seja arrazada a cidade de Napoles, e «fiquemos sepultados nas suas ruinas, antes do que fa-«zermos o minimo mal aos inoffensivos, ou derramar-«mos o sangue de transviados, que não deixam por «isso de ser irmãos nossos, e filhos de egual mãe: a «Patria. A sanguinosa anarchia da França fez amaldi-

«çoar na Europa a republica e os republicanos. Agora «pertence-nos a nós, filhos da Italia, nascidos na terra «do genio e da virtude, rehabilitar a republica, e os «republicanos. Talvez as nossas cabeças tenham de ca- «hir ás mãos do algoz. Seja assim; mas diga de nós «a Historia: *Pereceram por terem querido o bem dos ho- «mens.*»

Como, annos depois, a voz de Lamartine fará rasgar a bandeira de sangue que symbolisava a morte, assim a voz d'esta mulher, proclamando com o seu magico timbre, e com a expressão da sua alma, a justiça eterna, foi delirantemente applaudida pela turba. A turba tem isso comsigo: uma vez eleva-se á mais alta pureza do bem, outra vez precipita se na hediondez da crueldade. D'esta feita venceu a voz da justiça.

Mas não era só no theatro que esta mulher fascinadora arrebatava o publico; nem só nas assembléas politicas, que sustinha o braço homicida com o imperio da sua palavra; era tambem com a penna, que dirigia a opinião, e tambem com o braço, que fazia recuar a cruel investida dos lazarones: com a penna, redigindo o jornal mais sizudo e eloquente da nova liberdade, o *Monitor Parthenopeo*; com o braço, sahindo de improviso da habitação em que se haviam refugiado as mulheres perseguidas pela gentalha, e á frente das quaes, com uma pistola em cada mão, fizera recuar a turba assassina, até pôr as suas companheiras a salvamento.

Dentro em pouco tempo, o Cardeal Ruffo entrou na cidade com a sua tropa. O valor foi vencido pelo numero. Recolhidos os restos da força liberal no castello de Sant'Elmo, capitularam honrosamente, garantindo o Cardeal vencedor, aos heroicos defensores da cidade,

não só as vidas, mas a escolha de emigrarem, ou de ficaram livremente na capital. A Familia Real e a Côrte regressaram a Napoles outra vez transportados na esquadra de Nelson.

Então a Historia teve de inscrever nos seus annaes um facto monstruoso.

Cherchez la femme. Uma aventureira, Emma Leona, que enchia de escandalos as terras que pisava, negociando com a sua belleza, conseguira dar a mão de esposa a um Embaixador de Inglaterra. Se fosse hoje, a nova Lady Hamilton não seria recebida pela Rainha Victoria; mas nem sempre as Rainhas Victorias se assentam nos thronos europeus. Entretanto a mulher ha-de ser para todo sempre o enigma eterno. A que tão condescendente se mostrara, difficultava-se a Nelson, que almejava pelo pomo, tão esquivo como apetecido. Então a Rainha de Napoles disse á Embaixatriz, Lady Hamilton:

— Ide pedir a Nelson que rasgue a capitulação de Ruffo.

A Historia não relata o que se passou entre Emma Leona e o Almirante Nelson, mas assevera que os convencionados, livres á sombra de uma capitulação que lhes garantia as vidas e a liberdade, foram logo presos, e que os tribunaes, segundo refere o insuspeito Cantu no Livro XVIII da sua obra celebre, declararam culpadas só em Napoles trinta mil pessoas, e condemnaram á morte cento e dezoito! O Cardeal Ruffo (justiça se lhe faça) protestou em nome da honra e da capitulação, que elle assignára, contra a infame transgressão; mas debalde protestou.

N'um dos dias d'esse mez de junho de 1799, na

praça de Napoles, levantou-se um patibulo, e subiram a elle sete valorosos, cujo crime consistia em amarem a liberdade da sua Patria, e expôrem a vida por ella. Eram os generaes Manthomé e Massa, Mario Pagano, Domingos Cyrillo, Vicente Russo, e outro mancebo, que nobremente cumpria a sua palavra, tendo dito, quando se decretaram pensões ás mães dos que perecessem na defeza das instituições livres:

«— Confio em que minha mãe receberá a pensão decretada.»

Este moço heroe, que de antemão offerecia a vida, era Gabriel Manthomé.

Faltava a ultima das execuções principaes. As ruas e praças em redor do patibulo estavam apinhadas de gente. Viu-se despontar entre a guarda uma mulher alta, elegante, de fronte elevada, cabellos esparsos, olhos fundos e de expressão ardente, aureolada com o esplendor do talento. Vinha expiar, como crimes capitaes, o culto da justiça e da liberdade, a doutrina do amor do proximo, da moderação, e da tolerancia. Houve então um estremecimento geral, e só dos olhos mais exaltados é que não rebentaram lagrimas.

Leonor Pimentel subiu, a passos firmes e de cabeça erguida, a rampa d'onde o cadafalso dominava a multidão. Levantou os olhos ao céo, correu-os rapidamente pela praça, e pronunciava as primeiras palavras, quando o impaciente carrasco espargiu, não sobre o patibulo, mas sobre as cabeças dos assassinos superiores, um sangue que bradava ao céo.

Leonor Pimentel era uma Portugueza, e honrou a Patria, cuja filha se gloriava de ser.

II

Alexandre Dumas disse um dia a um compatriota nosso:

«— Sou forte; sou o resultado de duas raças: a raça branca e a raça negra.»

Leonor Pimentel, á imitação de Dumas, podia dizer:

«— Sou o resultado de duas nacionalidades: aquella que herdei, e aquella em que nasci.»

Nasceu em Roma, sendo levada pequenina para Napoles, onde se estabeleceram seus paes, portuguezes de nascimento, Clemente Henrique da Fonseca, e sua mulher.

Em carta ao Padre Antonio Pereira de Figueiredo diz o nosso Embaixador em Napoles, José de Sá Pereira:

«O talento natural de D. Leonor, grande e bem cul-«tivado, lhe tem adquirido aqui nome distincto na re-«publica das lettras, por varias suas producções muito «estimadas, não menos em verso do que em prosa. (1)»

Que impressão não produziu a seductora Napoles n'uma menina como esta, de grande talento e imaginação exaltada!

Á direita, o sepulchro de Virgilio; em seguida a caverna de Cumas, em que parece ainda divisar-se a Sybilla; depois os jardins de Baias, por baixo de cujas frescuras deslisaram todas as formosuras da Côrte imperial; depois os Campos Elysios, onde, allumiados

(1) Esta vem transcripta por inteiro no livro *Escriptos diversos* do Dr. Augusto Filippe Simões.

pela Historia, se entreveem os heroes da Patria! Do lado opposto, sobre a esquerda, a cidade morta-viva, coroada do seu enorme capacete de cinzas, que ora rebenta em fogo, ora em columna de fumo que se esvae nas alturas! Defronte, aquella bahia de sons plangentes, salpicada de ilhas, que parece baloiçarem-se na ondulação azul, e uma das quaes é memoria de barbaridades, como a de Capri, e outra de amores, como a de Graziella!

Nesta Napoles cheia de recordações, e onde só o museu abrange dezoito museus de preciosidades artisticas, é que foi educada Leonor Pimentel, já de si talento privilegiado, e caracter de raça. Ali recebeu, aos dezasseis annos de edade, a consagração poetica de Metastasio, como depois mereceu a do publico inteiro. Os seus versos exprimiam a energia artistica de uma Italiana, e a sensibilidade de uma Portugueza. Cultivou tambem sciencias positivas, e naturaes, e escreveu a respeito d'ellas, ao passo que lhe eram familiares os poetas antigos e modernos. Todos os progressos litterarios e sociaes encontravam echo de enthusiasmo no seu coração humanitario.

Além dos seus escriptos originaes, trasladou para a lingua italiana livros portuguezes, entre elles a *Analyse da profissão de fé* do nosso Pereira de Figueiredo, enriquecida de annotações suas.

Se os estrangeiros a tinham em consideração elevada, não era menos a que lhe dedicavam os nossos, entre elles o grande Bispo Cenaculo, como se vê da resposta de Clemente Pimentel, pae de Leonor, ao mesmo Cenaculo, em 25 de Novembro de 1777, existente na Bibliotheca de Evora, agradecendo-lhe em no-

me da filha, «assaz honrada e vangloriosa da menção «que V. Ex.ª Rev.ma se dignou fazer d'ella, e tanto «mais sensivel, que julga não merecel-a.»

(Mal pensaria aquelle pae, quando escrevia esta carta, que d'ali a vinte e dois annos havia de subir ao cadafalso politico a filha que elle educara com tantos extremos!...)

De tudo, o que nos deve tornar mais sympathica esta mulher, é o entranhado affecto que dedicava á nossa Patria, sem nunca a ter visto, nem sequer haver n'ella nascido. Amava a sua Italia, é certo, e amava-a tanto, que até lhe sacrificou a vida; mas não idolatrava menos o seu Portugal. Para os corações exaltados, como o d'ella, deve ser um encanto a Patria, que, sem nunca se ter visto, se entresonha com os olhos da alma. É como a cega de nascença para com a mãe estremecida.

Admirar os fastos da Patria, e innebriar-se com os progressos d'aquella a que, por mais distante, ainda mais queria, enchia-lhe o coração. Vendo renascer as antigas grandezas á voz do arrojado Reorganisador, que em todos os ramos da administração publica pôz o cunho do seu genio, a joven Leonor compoz em bellos versos italianos uma peça, que intitulou *O triumpho da Virtude (Il trionfo della Virtù)*. Tenho diante de mim, na Bibliotheca Nacional de Lisboa, um dos dois unicos exemplares (se me não engano) que existem em Portugal, e que pertenceu a Cypriano Ribeiro Freire (1)

(1) *Il trionfo della Virtù, componimento drammatico, dedicato all' Eccellenza del Signore Marchese di Pombal, Primo Ministro, Segretario di Stato, ec. ec. ec. del Re Fedelissimo—da Eleonora de Fonseca Pimentel—In 8.º de 31 pag.*

O segundo e ultimo acto passa-se no Terreiro do Paço, no dia da inauguração da estatua equestre. Vê-se a grande praça magnificamente adornada; a estatua do Rei e o busto do Marquez de Pombal ornados de tropheos. A vista é apparatosissima. Funda-se a peça na guerra entre a Inveja, com os seus sequazes, e a Virtude, com os seus genios. Ha conflicto, vencendo a Virtude, e sendo a Inveja forçada a cahir humilhada ao pé do busto de Pombal. Apparecem então successivamente os grandes córos. O das Nymphas do Tejo canta em louvor das industrias; depois o das Bellas-Artes allude á reforma da Universidade; o das divindades marinhas da Asia, ao estado vigoroso d'aquelle continente; o das divindades marinhas da Africa, ás leis que aboliram a escravidão no Reino; o das divindades da America, á egualdade entre os subditos brazileiros e portuguezes. Um côro geral, composto de todos os córos indicados, entôa gloria ao Rei, ao Ministro, e ao renascimento do Povo. Os versos d'esta composição patriotica são de uma expressão elevada, e tão sonoros, que ás vezes parecem musica.

Leonor Pimentel dedicou a sua peça ao Marquez de Pombal. De todas as dedicatorias que o grande Ministro recebeu, foi talvez esta a mais desinteressada. D'ella trasladarei algumas palavras, para dar ideia dos enthusiasticos sentimentos da auctora na presença do Portugal novo:

«Eu não pude conter, senhor, o meu enthusiasmo e «admiração por tão grandes progressos, e pela firmeza «com que os vejo realisar n'uma nação *em que não «nasci, mas de que sou filha*. Inspirada d'estes factos é «a presente peça dramatica, que dedico a V. Ex.ª.....

«N'estes meus versos sou apenas interprete das since-«ras vozes que um tão grande dia, e um tão grande «acontecimento —o da inauguração da estatua— teem «excitado nos corações dos vossos admiradores, e dos «verdadeiros cidadãos, a quem a distancia tem impe-«dido de participar das publicas demonstrações da Pa-«tria. E se, por um lado, vol-os apresento com a con-«fusão que me produz a propria fraqueza, e o respeito «que devo a tão grande pessoa, por outro lado realiso-o «com a firmeza que sente dentro em si quem diz a «verdade. .....Assim, confio que vos dignareis de «acceitar os humildes sentimentos, com que tenho a «honra de confessar-me de V. Ex.ª

«Napoles, 15 de Março de 1777.

«Devotissima, obrigadissima, e obsequiosissima serva.

Leonor da Fonseca Pimentel.»

Com que nobre orgulho se refere D. Leonor á nação em que não nasceu, mas de que é filha!

III

De dois modos se interessava Leonor Pimentel pela terra longinqua: já noticiando o desenvolvimento civilisador da sua adoptiva Italia, como para o incutir na sua Patria verdadeira; e já pedindo novas dos progressos da mesma Patria.

Assim, n'uma das cartas ao Bispo Cenaculo, em 1785, promettia-lhe a proxima remessa da nova e monumental obra de Filangieri *Sciencia da legislação*, que estava electrisando todos os espiritos amantes da Humanidade, e enviava-lhe alguns livrinhos de poesias

suas. O final da carta acaba de lhe pintar o caracter:

«Que faz entretanto —perguntava ella com uma graça amoravel ao Bispo Cenaculo, espirito que tambem a sabia comprehender— «Que faz entretanto a Academia «instituida em Lisboa sob os auspicios do senhor Duque «de Lafões? E pois me parece que, dirigida por tão «illustre Presidente, não deve estar ociosa, teria eu, «por honra d'essa minha mãe-Patria, muito gosto de «saber quaes os actos publicos, ou memorias particu-«lares, que tenham sahido d'ella.»

Sempre, como se acaba de ler, por sua propria confissão, a sua *mãe-Patria;* sempre no seu pensamento, no meio das suas occupações litterarias e sociaes, *a honra da sua Patria portugueza!*

É este um caso original! uma mulher idolatrando duas patrias, como se no peito sentisse palpitar dois corações!

E uma mulher d'estas é levada ao cadafalso por duas mulheres! uma representava inconsciente a degradação social; a outra, pela sua posição, tinha obrigação de ser justa e humana.

Devemos profunda gratidão á memoria de Leonor Pimentel, nós os Portuguezes; e já que nem sequer podemos possuir entre nós as suas gloriosas cinzas, deixemos lavrado um protesto em nome da veneração nacional a essa mulher, que tanto nos estremeceu.

CAPITULO VI

Viscondessa de Balsemão (D. Catharina)

I

No fim do seculo passado e principio d'este floresceram em Portugal as poetisas palacianas, como no seculo XV as versejadoras do Paço. Estas tiveram um Garcia de Rezende, que no seu immortal *Cancioneiro* reuniu as trovas do tempo, collecção muito conhecida, e que tão util tem sido como documento da critica historica! As nossas palacianas modernas não escreviam para o publico; poetavam para as salas, e para a amisade. Ellas, e os poetas seus contemporaneos, formavam entre si uma especie de confraria; e, a não ser Francilia, que reuniu em volume muito dos seus versos, as poetisas tinham geralmente por typographias as gavetas das suas secretárias.

As obras da Marqueza de Alorna, como todos sabem, só viram a luz do dia depois da morte da mesma senhora, por iniciativa de suas filhas. Da Condessa do

Vimieiro só ha impressa a tragedia que em logar proprio memorei; e da Viscondessa de Balsemão, D. Catharina, duas odes, uma á memoria do Marquez de Pombal, outra a Myrtillo, e o celebre soneto á hora da morte.

Tenho diante de mim n'este momento cinco largas collecções dos seus manuscriptos, contendo sonetos, odes, epistolas, elegias, quintilhas, idyllios, e as fabulas, de que Francisco Freire de Carvalho viu uma copia, e de que fallou com tanto elogio no seu *Ensaio sobre a historia litteraria de Portugal*. Não poude este critico, visto não existirem impressas as obras d'esta dama, referir-se senão ás de que teve conhecimento, que todas mostram engenho fertil, pureza e amenidade de estylo.

Devo o conhecimento de toda esta preciosa collecção manuscripta á illustre familia de Balsemão, a quem deixo aqui inscripto o meu agradecimento. Não formam porém já parte d'esta collecção as duas tragedias originaes em verso, e a traducção tambem em verso, *Noites romanticas* (ou *As solidões)* poema em dois cantos, de Cronegh.

II

Não teve D. Catharina Michaella de Sousa Cesar e Lencastre de que se queixar da sorte. Filha de Francisco de Sousa da Silva Alcoforado, e de sua mulher D. Rosa Maria de Viterbo Cesar de Lencastre, da casa dos Viscondes da Asseca, nasceu D. Catharina em Guimarães no anno de 1749. Aos vinte e dois annos casou com Luiz Pinto de Sousa Coutinho, que veio a ser o

primeiro Visconde de Balsemão. Dois annos depois, partiu com seu marido para a Côrte de Londres; ali fôra elle acreditado como Enviado extraordinario e Ministro plenipotenciario conservando-se alguns annos até regressar ao Reino para tomar conta das pastas da Guerra e dos Estrangeiros, e ainda depois da dos Negocios do Reino. Era além d'isto Conselheiro de Estado, Tenente General, e prestou importantes serviços na expedição do exercito portuguez que interveio na campanha do Roussillon. Foi tambem Plenipotenciario para ajustar o tratado de paz entre a França, Hespanha e Portugal.

Esbóço esta carreira do Visconde para se vêr em que brilhante situação, tanto no estrangeiro como na patria, se encontrou D. Catharina.

Corre ainda viva a tradição d'esta senhora: formosa, de finissimo trato, e de lhaneza extrema. Honrava a sua classe, não por ter o sangue mais ou menos azul, que isso pouco vale sem as virtudes, e sem a intelligencia applicada ao bem dos outros.

Sem se desprender da escóla do seu tempo, noto, na individualidade d'esta poetisa, alargamento de vistas pelo horizonte humano. Sem se desprender tambem dos preconceitos da sua raça, era um espirito aberto ás expansões do progresso. Ainda moça, cantou na Ode ao Marquez de Pombal as aspirações da civilisação; e como prova de que não a excitava a lisonja, vejo n'este soneto manuscripto uma saudação á memoria do Ministro e aos feitos d'elle, quando elle já não a podia ouvir.

Na occasião em que a Europa ardia em guerra, sahia-lhe da lyra, no mez de Julho de 1799, um brado de

imprecação contra o flagello; e, por entre os arvoredos da formosa Cintra, oppunha aos horrores do sangue as bellezas serenas da natureza.

Quando em 1817 cahiam as cabeças dos martyres da patria ás mãos de um despotismo barbaro, lançava ella um canto de indignação contra a barbaridade commettida.

Quando d'ahi a tres annos, a nação despedaçava os grilhões com que o estrangeiro opprimia este povo, a poetisa, já septuagenaria, pondo de parte os preconceitos da raça, ainda sauda a revolução de 20, entoando um canto á liberdade.

Já por tudo isto se vê como era temperado o seu espirito, e como a sua imaginação applaudia o que era grande, e verberava o que era injusto.

Ha nos seus versos muita espontaneidade, filha de um caracter franco, sentimento portuguez largamente expansivo, graça natural, e em muitos sonetos um sabor bocagiano, de que ella se impregnou, sem aliás perder a sua originalidade.

Nota do editor. — Seguem-se apontamentos a que o auctor ainda não tinha conseguido dar concatenação. Ha tambem, quasi todas da lettra d'elle, muitas poesias da senhora Viscondessa de Balsemão. Como não se pode saber quaes o auctor d'este livro teria escolhido, pareceu ao editor juntal-as todas aqui, e tanto maior é o serviço que n'isto se presta á Lettras, quanto essas poesias são ineditas.

CANÇÃO

Constancia, coração! Que mais te assusta?
Tudo quanto temias, te acontece.
O véo com que a desgraça te cobria
Infelizmente já desapparece.

Já vejo a descoberto a face toda
De uma cega paixão que me atormenta;
E vejo que a rasão allucinada
Vencer não póde guerra tão violenta.

Vejo-me condemnada a separar-me
D'aquelle objecto que a minha alma anima;
E do mal que as entranhas me devora
Ninguem (a causa ao menos!) me lastima.

Vejo emfim de pesares e desgraças
Grossas cadeias ir tecendo o Fado,
Accumulando penas sobre penas,
Com que não póde o coração cançado.

Mas eu porque me afflijo? o meu tormento
Que causa póde ter que indigna seja?
Não morrem os guerreiros no combate?
Sua morte não é digna de inveja?

Só fóra culpa amor de rasão falto,
Sujeitando-te a amar indigno objecto;
Mas amar a virtude em peito nobre
Parece obrigação de puro affecto.

Constancia, coração ! de força armado,
Resiste ás iras do fatal destino ;
Embora acaba na cruel peleja ;
Mas de ser invejado foste dino.

Assim não temas, não, objecto amado,
Que o tempo faça em mim seu triste effeito,
Que a fé que te jurei, de amor nascida,
Constante ha-de existir dentro em meu peito.

E quando a sorte, ao meu amor contraria,
Queira tirar-me a vida no retiro,
Sahirá co'a minh'alma, em pranto envolto,
Teu nome unido ao ultimo suspiro.

SONETO

Emfim, rispido Elmano, estão quebrados
Os laços que até agora me apertaram,
E por desgraça minha prepararam,
Quasi sem o sentir, os crueis Fados.

Mil queixas, mil suspiros magoados
Por desafogo meu o ar toldaram ;
Mas, surdo a meus clamores, não chegaram
A despertar por mim os teus cuidados.

Soffri teu genio caprichoso e duro ;
Conheci teu caracter inconstante ;
Calculei qual seria no futuro !...

Custou-me, mas venci ; feliz instante !
Vê se pódes achar (não t'o seguro)
Quem soffra em paz teu genio extravagante.

CANÇÃO

Desce do céo, o Musa encantadora,
Vem incender a minha phantasia;
Fase que possa em doce metro ainda
Descrever os instantes
Que passam juntos dois fieis amantes.

Mas ah! que pouco póde o estro fraco
Pintar ao vivo instantes deleitosos,
Em que a alma toda entregue ao sentimento,
Nada mais considera;
Só o pintara bem, se amar podera!

Doce união das almas, amor puro,
Tu que dás energia ao fraco peito,
Tu que elevas o genio virtuoso
Ás sublimes acções,
Tu mesmo, terno Amor, dá-me expressões.

Quem póde comparar teu throno altivo,
Co'o throno sempre incerto da Fortuna?
Os thesouros, os sceptros, as commendas,
Aos olhos de um amante
São fumos dissolvidos n'um instante.

Uma só vista, um timido suspiro,
Mal concertadas phrases, brandas vozes,
Vistas que dizem mais do que as palavras,
Um susto respeitoso,
São preludios do amor mais venturoso.

Depois de tempos de uma ausencia amarga,
Que praser, que delicia se não sente,
Quando se observa em vistas encontradas
A mutua complacencia
De triumpharem da cruel ausencia!...

Mal póde o coração caber no peito;
Convulsos mas suaves sentimentos
Lhe fazem ver n'aquelle mesmo instante
Que a vida é pouco, ou nada,
Áquella grande dita comparada.

Quando, emfim, entre os braços da alegria,
Protestos, expressões, e juramentos
Se fazem mutuamente, acompanhados
Das provas da ternura...
Ah! se isto o não é, não ha ventura!...

Basta, Musa, detem-te; não descubras
O véo que encobre aos olhos da decencia
Do mysterio amoroso os doces fructos.
Momento venturoso!
Tu és da natureza um don precioso.

Feliz mil vezes coração sensivel,
Que o prazer recebendo, o dá tambem.
Que, sem sentir o tempo que lhe foge,
Gosa em tranquillo estado
Doce praser de amar e ser amado!

Canção, se te levar a tua sorte
Ás mãos de quem souber sentir amor,

Ah! dise-lhe que empregue felizmente
O amoroso cuidado;
Mas que não busque, oh! Céos! com fingimentos
Despertar quasi mortos sentimentos!...

QUINTILHAS

Houve tempo em que eu cantava
Brando verso ao som da lyra,
Sem ornar, quando falava,
Como os outros, de mentira
As historias que contava.

Nas serenas noites claras,
Contemplando alvas estrellas
Como cousas sempre raras
Comparava as nymphas bellas
Mettidas nas aguas.....(?)

Pintava da natureza
Mil agrados differentes,
Dos montes a singeleza,
O diverso obrar das gentes,
A soberba, e a riqueza.

N'estas diversas materias
Tambem falava de amor;
E eram vozes tão aereas
Como hoje, por mal maior,
Me são pesadas e serias.

Hoje nada d'isto faço;
Ao silencio acostumada,
Tudo me faz embaraço;

Com senso não digo nada:
Assim o meu tempo passo.

Não me queixo de ninguem,
Pois a culpa é toda minha.
Para o mal e para o bem
Não me foi sorte mesquinha;
De mim mesmo o meu mal vem.

No tempo, que sempre anda,
Meu remedio só espero;
E, pois que a rasão m'o manda,
Aprender as lições quero
Do nosso Sá de Miranda.

CANÇÃO

O voltarete

Não canto a guerra de infernaes gigantes,
Que os montes contra os céos arremessaram;
Nem a piedade canto, com que os filhos
Os decrepitos paes pios salvaram.

A minha penna em negro sangue tinta
Nunca o mundo verá. A minha Musa
No regaço do Amor sempre embalada
De assumptos tristes com rasão se excusa.

As guerras de Pharsalia e dos Troianos,
Que por mil outros foram já cantadas,
Por combates maiores deixo á Patria.
Eu canto o *Az de Paus* e o *Az de Espadas*.

Vem, ó Musa! tempera a lyra de ouro;
Dá-me o plectro fiel da san verdade.
Veja o mundo o que póde um vão joguinho
Contra rasão, decencia, e amisade.

Pinta-me o quarto, os castiçaes, a meza,
Theatro infausto da cruel batalha;
Os rostos carrancudos e enfiados,
Com que um e outro ali disputa e ralha.

Para passar o tempo alegremente
Conhecidos parceiros se ajustaram;
E, disposta a partida, o voltarete
A jogar todos tres principiaram.

As horas em socego assim corriam;
E alegre e satisfeita a parceirada,
Parecia gosar, n'aquelle instante,
Da vida mais feliz e descançada.

Mas a cruel Discordia, que não soffre.
Nem por momentos, alegria pura,
No baralho esconder vai subtilmente
A torpe, a horrenda, a infernal figura.

Pede a simples licença um dos parceiros,
Quasi seguro que lh'a não negassem,
Pois ficava obrigado á *cascarrilha*
Se os parceiros *a mais* ambos passassem.

Eis que a Discordia então, com negra astucia,
D'este cruel instante se aproveita,
E o veneno mortal, de que se nutre,
Entre os parceiros cuidadosa deita.

Á licença *pedida* um *só* responde.
Tremulo então, e a voz entrecortando,
Passo o primeiro diz, que os *Azes* guarda,
De um *codilho* a esperança apascentando.

Aqui, Musa, preciso o teu auxilio.
Busca o melhor pincel; prepara a tinta;
O bello original estuda tanto,
Que em nada a copia d'elle se desminta.

Todos de igual desejo acompanhados
Principiam a *mão;* eis que apparecem
Juntos os *Azes pretos;* negros Azes!!
Vista com que os parceiros estremecem.

Ambição, tu aqui não presidias;
Mas, talvez pela força do argumento,
Foste d'esta contenda malfadada
O mais fatal e barbaro instrumento.

Azes crueis! instante desgraçado!
O combate seria bem mais doce,
E abrandar-se-hia a furia da contenda,
Se em vez de um d'estes o *Az de Copas* fosse.

Um este pobre culpa de avareza;
Outro a desconfiança só escuta;
No meio das rasões sem ter nenhuma
O objecto se confunde da disputa.

A Discordia, contente do triumpho,
Batendo as azas vai ao ar subindo,
E do tragico fim d'este successo
Com prazer venenoso se vai rindo.

Acabou-se a partida, e não a ira;
E os parceiros, de colera incendidos,
Vieram perturbar a sociedade,
Atroando dos outros os ouvidos.

Depois de se fazerem mutua guerra,
A opinião dos outros consultando,
Foram-se pouco a pouco entre elles ambos
Os fogosos transportes dissipando.

Succedeu a bonança á tempestade;
Já brandamente outros cuidados giram;
Por emendar o mal que ambos fizeram,
Com coração contrito ambos suspiram.

Musa, aqui é preciso mais ternura;
Depõe agora o funebre apparato;
Para imitar a voz do arrependido,
Quer-se doçura, e não espalhafato.

Da ira ao pranto passam n'um instante;
Do pranto ao riso com egual presteza;
E apenas ficam d'este caso horrendo
Umas ligeiras sombras de tristeza.

Basta, Musa; não mais. Encolhe as vellas;
A doce paz as verdes mezas cubra:
E debaixo do pano, já ruçado,
Os negros *Azes* para sempre encubra.

A faminta Discordia mais não venha
Perturbar a agradavel sociedade,
Dissipando os influxos turbulentos
Uma constante e solida amisade.

SONETO

Passei dos annos a estação primeira
Livre de susto, isenta de cuidado.
O meu nome entre muitos foi levado
Sobre as azas da fama lisonjeira.

Busquei do mundo a gloria verdadeira,
Que só pode adquirir um peito honrado.
Fugiu de mim o bafo envenenado
Da inveja mordaz, impia, e grosseira.

Amei os meus, e d'elles fui amada:
Viajei, e corri terras estranhas;
Cantei heroes, e d'outros fui cantada.

E depois de passar coisas tamanhas,
Não ambiciono mais, que descançada
Comer ao pé do lar quentes castanhas.

FABULA

Um rato destruidor
Entrava n'um gabinete
E roía impunemente
Um riquissimo tapete.

O dono quiz com cautella
O maior damno evitar.
Para assim o conseguir,
Um gato mandou buscar.

Desappareceu o rato:
Porém veiu a cosinheira,
Gritando que o gato havia
Devorado a ceia inteira.

Calou-se o dono da casa;
E viu que lhe era melhor
O soffrer um mal pequeno
Para evitar um maior.

SONETO

Ao Marquez de Pombal

Grande entre os grandes, de constancia armado,
Heroe entre os heroes da antiga Historia,
Objecto digno de immortal memoria,
Dos mais sabios Monarchas respeitado!

Alma sublime, espirito elevado,
No trabalho incançavel para a gloria,
Sustendo firme o louro da victoria,
Por sabias providencias conservado!

Sobe a gosar feliz no ethereo assento
Essa gloria que a inveja te disputa,
Justo premio do teu merecimento.

E, se a voz dos mortaes no ceo se escuta,
Verás que de perder-te o sentimento
Corre até do alto tecto á humilde gruta.

SONETO

Qual a nau, que dos ventos combatida
Vai entre as crespas ondas fluctuando,
Ora os soberbos mastros encurvando,
Ora na branca espuma submergida;

Assim tambem a minha triste vida
Contra os cançados males vai luctando,
A ideia da esperança abandonando,
Qual o sabio piloto a nau perdida.

No triste pensamento em vão forcejo
Encontrar o prazer que'alma procura;
Fica sempre frustrado o meu desejo.

E tão infeliz sou, que por ventura
Até dos nescios o viver invejo,
Que inda a mais me condemna a sorte dura.

CAPITULO VII

Alcippe (Marqueza de Alorna)

I

Brilharam no seculo XVII os talentos de D. Joanna de Noronha, D. Helena de Tavora, uma das senhoras mais afamadas da Côrte, D. Mancia Josepha, auctora do poema *Roma illustrada*, e D. Joanna Margarida de Castro, filha do Correio-mór, ligada pelo amor da poesia á Princeza D. Isabel, e por sua instrucção aos doutos do tempo; sendo o Padre Antonio Vieira um dos que a tinham em conceito mais alto.

Mas a que mais sobre-sahia por amplidão de intelligencia era a representante da celebre familia Ericeira.

Nascida em 1650, a Condessa D. Joanna Josepha de Meneses, filha herdeira do Conde D. Fernando, e mulher de seu tio paterno D. Luiz, reunia ás lettras as sciencias. Latinista notavel, familiar com as linguas modernas, e de uma erudição vasta, escreveu em generos diversos, e traduziu tambem de varios idiomas

algumas producções; alem d'isso, era notavel a sua larga correspondencia.

Nos seus poemas é elegante e harmoniosa a metrificação, e elevados os conceitos; sacrifica-se porém ao vicioso estylo da era.

Como veremos a respeito das poetisas que lhe succederam, parece que as senhoras portuguezas receavam afrontar a sociedade a que pertenciam, imprimindo as suas composições. A propria Condessa, espirito de tanta elevação, não poude ser superior ao preconceito, e o indicado poema sahiu á luz em 1695 debaixo do nome do seu mordomo, Apollinario de Almeida. Nunca um mordomo fôra guindado a tamanhas alturas... de mais a mais sem ter escripto uma linha na sua propria obra. O resultado da supposta necessidade de ficarem ineditos os manuscriptos da Condessa, foi queimarem-se-lhe todos pelo terremoto, que reduziu a cinzas o palacio Ericeira á Annunciada, não tendo a escriptora que presencear o seu destroço litterario, pois havia fallecido em 1707.

II

O seculo XVIII viu formar-se a Arcadia, no intento de regenerar o gosto, ressuscitando os modelos da poesia grega e latina, purificando o estylo, e conduzindo os nossos talentos por um caminho mais simples e natural. A Arcadia desfilou por diante da geração do seu tempo, como que formando uma especie de familia, dedilhando as suas epistolas, odes, eglogas, e sonetos, multiplicando as venias, e ás vezes não poupando azedumes.

Restringindo-me ás senhoras: viu-se o concurso simultaneo de cinco poetisas, que entraram pelo seculo actual trazendo nos seus regaços a poesia da moda.

III

Quatro poetisas contemporaneas, e das classes elevadas, nos apparecem do seculo XVIII para o nosso seculo.

Com a vida tumultuosa da que havia de vir a ser Marqueza de Alorna, contrasta a sua recolhida juventude. Aos oito annos entrava no convento de Chellas, acompanhando sua mãe, filha do Marquez de Tavora, mandada ali encerrar pelo Marquez de Pombal, ao mesmo tempo que era encarcerado no forte da Junqueira o Marquez de Alorna per suspeitas de estar no segredo da conspiração contra o Rei.

Dezoito annos jazeu em Chellas a joven filha dos Alornas, aprendendo quasi sem mestres, e quasi sem livros, mas auxiliada do seu extraordinario talento, as linguas estrangeiras, a litteratura, a musica, a licção dos poetas, e ainda a pintura, em que veio a aperfeiçoar-se e distinguir-se pelo correr do tempo. Eram, por signal, dignos de apreço, entre outros, os seus quadros da *Soledade*, e do *Amor conjugal;* tanto que, segundo diz Ribeiro Guimarães no seu *Summario,* foi depois convidada pelo Principe Regente a apresentar o plano para as pinturas de Historia, que haviam de ornar o paço da Ajuda (plano com que os artistas se não conformaram, segundo era natural).

Achando ainda limitado para o ardor do seu talento

o horizonte das lettras e das artes, dedicou-se tambem ás sciencias naturaes, frequentando os celebres cursos de chimica e physica professados pelo illustre Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, encyclopedico e poeta, como a sua formosa discipula.

Ha um facto, passado n'aquelle mesmo convento de Chellas, no alvorecer da mocidade d'ella, que desde logo lhe denunciou a viveza extrema, e a precoce illustração. Este caso é já do dominio publico; mas por haver muitas pessoas que ainda o ignoram, e ser tão notavel que só por si photográpha um caracter, não resisto a mencional-o:

Vendo-a trajada de cores claras, e soltos os cabellos que ella tinha tão bellos, o Arcebispo de Lacedemonia, ao visitar o convento, ordenou lhe que se vestisse de cores *honestas* (como se a deshonestidade estivesse nas cores), e cortasse o cabello.

—Cortar estes cabellos! vestir-me de viuva na minha edade!!—pensou de si para si a joven Leonor—Que vá o Arcebispo prégar os sermões para o pulpito.

Decorridos dias, volta o Arcebispo, e, com assombro lacedemoniano, vê-lhe os mesmos cabellos suspeitos, e o mesmo trajo revolucionario, destruidor do altar e do throno. Revestindo-se de ar severo, reprehende-lhe a desobediencia recalcitrante; ao que a irrequieta responde, toda senhora de si mesma: que, não tendo votos de obediencia, só lhe cumpria executar n'esse ponto as ordens de seu pae.

—Pois então,—volve o Arcebispo—deixe a menina estar, que eu o direi ao sr. Marquez.

—A meu pae?—exclama D. Leonor de Almeida,

com um sobresalto de alegria, ao ouvir falar do seu saudoso pae.

— Não me fale de seu pae! — ribomba estrondosamente sua Excellencia Reverendissima — é ao sr. Marquez de Pombal.

N'um repente a joven Alorna, convertendo o alegre sobresalto n'um impeto de colera, dispara á queima-roupa ao Arcebispo estupefacto estes dois tiros de Corneille:

Le cœur d'Éléonore est trop noble et trop franc,
Pour craindre ou respecter le bourreau de son sang.

Não se descortinou bem a rasão por que o Arcebispo se não deu por ferido; mas Leonor conservou os seus lindos cabellos, e os seus vestidos attentatorios.

IV

Sôlta aos vinte e oito annos com sua mãe, e seu pae, ao subir ao throno a Rainha D. Maria I, D. Leonor trazia de Chellas, por primicias, as poesias, não direi mais bem cinzeladas, mas as mais amorosas da sua vida. Os primeiros versos de uma poetisa de talento rescendem ás flores de laranjeira de uma noiva. Aquellas poesias eram o borboletear da inspiração, eram as vozes da sua vaga esperança entremeadas com a melancolia do seu captiveiro.

O palacio do Marquez de Alorna recebia nobremente nacionaes e estrangeiros. Entre estes foi ali apresentado um militar Allemão, o Conde de Oeynhausen, primo

e ajudante do recem-chegado Conde de Lippe. O moço Conde viu diante de si uma joven senhora, com uns cabellos, que, se tinham mettido medo ao Arcebispo, não mettiam nenhum aos ajudantes do Austriaco Marechal, com uns olhos brilhantes que pareciam falar, elegante, seio tão arrebatador como indiscreto, com a nobre distincção que era tão sua, falando seis linguas, tocando, cantando, poetando, perfumando graciosa o lar de seus paes. O pobre Conde cahiu-lhe aos pés, e jurou-lhe que para a esposar tudo abandonaria por ella, até a propria Religião, como effectivamente abandonou, fazendo se catholico.

Certo é que ninguem sabe para que está reservado. A joven poetisa tinha escripto a outra joven poetisa (a sua amiga Natercia) uma epistola, que, nada mais e nada menos, dizia assim:

Deixa-te d'isso, amiga: não me pregues.
Amor é para mim uma chimera.
Em meu peito de certo não prospera
mais que a lei da razão, que tu não segues.

Sou de composição muito exquisita:
não creio nos amores d'esta terra,
e declaro aos amantes maior guerra
quando de amor minha alma necessita.

Quem vês tu que mereça ser amado¿?
Qual, do culto de Amor digno hierophante,
não terá co'as fraquezas de inconstante
os augustos mysterios profanado?

Amor em mim não é, qual tu o sentes,
um clamor, um tumulto dos sentidos;
eu tenho esses escravos submettidos
a leis mais elevadas, mais decentes.

Sinto amor, como toda a terra sente
as forças que a manteem, forças diversas;
amor me faz fugir de almas perversas;
por amor busco (em vão) uma innocente.

De opiniões cobardes governados,
os homens hão de rir d'estas doutrinas;
hão de rir os peraltas e as meninas.
Queres que adore um d'esses malcreados?

Ah! pobre Leonor! pobre Alcippe! O moço que te cahia aos pés não era de certo um *malcreado*; mas no dia seguinte ao teu sim, como te não perguntaria a tua amiga Natercia, com as mãos enlaçadas nas tuas, e com um sorriso que te faria sorrir tambem, se o amor já não era para ti uma chimera, se ainda não acreditavas nos amores d'este mundo, se não vias algum *elle* que merecesse ser amado, e se, rindo os homens por ventura das tuas doutrinas, te não rias tu muito mais da tua formosa epistola, que a brisa do teu amor levava pelos ares, fazendo-te crêr, emfim, que havia pelo menos um (seja-nos consolação!) que merecia ser amado!...

O mundo abriu-se de par em par para a nova Condessa. Acompanhando o marido para Vienna d'Austria, onde elle fôra collocado pelo nosso Governo como En-

viado extraordinario, receberam-n-a com enthusiasmo. Nas differentes côrtes da Europa, em que residiu, relacionou-se com os grandes poetas, os sabios, e artistas. O proprio Papa Pio VI, que pessoalmente a conheceu na Côrte de Vienna, em tanta admiração a teve, que depois se carteou do Vaticano com ella.

A Condessa e Madama de Stael eram de molde para mutuamente se avaliarem. Na Legação de Londres, onde estava nosso Ministro o moço Conde de Palmella, reuniram-se ambas, e agradabilissimo seria vêr discutirem politica e litteratura a poetisa portugueza e a auctora da *Corinna* (talvez a propria Corinna em carne e osso, no palacio do supposto Lord Nelvil).

V

Tendo herdado, pelo fallecimento do unico irmão, o titulo e a casa de Alorna, regressou á patria, e o seu palacio de Lisboa foi um centro litterario. Como outr'ora a tinham admirado e cantado Filinto Elysio e Bocage, assim agora a rodeavam as poetisas suas amigas, e os homens notaveis nas lettras e artes. Viam-se ali o Conde de Obidos, o Visconde de Balsemão, D. Gastão da Camara, Gonçalo Vaz de Carvalho, o Conde de Mello, e outros. Não faltou Herculano, que a appellidou de *mulher extraordinaria*, e que no *Panorama* de 1844 escreveu ter-lhe «devido incitamentos, quando, «ainda no verdor dos annos, dava os primeiros passos «na estrada das lettras.» Tambem ali não faltou Castilho, a quem a Marqueza tanto distinguia, desde muito novo, que era elle um dos intimos, recebido na sua

camara quando nos ultimos tempos já não podia sahir do leito.

Com um só dos primeiros não chegou a ter convivencia. E quem se imagina que fosse? Garrett.

Nas ultimas vezes que a sua avançada edade lhe permittiu sahir, assistiu na Sé ao *Te-Deum* pela chegada da Rainha a Lisboa em 1833, e depois a um baile para festejar o termo da guerra civil. Era n'este baile. Seu neto, D. Carlos de Mascarenhas, constando-lhe que Almeida Garrett a não conhecia pessoalmente, seguiu acompanhado do grande poeta, e, beijando respeitosamente a mão á Marqueza, disse-lhe:

—Minha avó, peço a V. Ex.ª que me dê licença para lhe apresentar o nosso poeta o sr. Garrett.

A Marqueza, sobresaltando-se, respondeu-lhe imperativamente:

—Não dou, não senhor; não desejo travar conhecimento com um poeta que tratou d'aquelle modo na *D. Branca* a uma Infanta de Portugal.

Calcule-se a cara com que ficaria o neto, e a do mesmo Garrett, que n'uma prudente volta disfarçou o caso. Seria realmente a *D. Branca*, ou o toque da alvorada do heretico romanticismo, diante d'uma arcade puritana, que de Garrett affastaria Alcippe? O neto foi menos diplomata na sala do que valoroso no campo: se d'ali a momentos houvesse renovado a instancia, a distincta poetisa, que, passado o impeto nervoso era a affabilidade em pessoa, teria graciosamente estendido a mão ao poeta, que tanto estremecia a patria de ambos, e ter-se-hiam comprehendido como quem eram.

VI

Amam a infancia, e condoem-se do infortunio alheio os espiritos superiores. Lançar á ignorancia e á miseria ancora de salvação é para seus espiritos prazer inapreciavel.

Não é grande africa fundar hoje uma escola por iniciativa particular; mas era-o ha sessenta annos. Pois foi então que a Marqueza de Alorna creou gratuitamente na villa de Almeirim, e dentro do seu palacio, uma escóla primaria para as meninas d'aquella povoação, dando-lhes tambem de jantar, fazendo-as fiar e coser no correr das tardes, e compondo poesias apropriadas, que lhes iam elevando o caracter, e desenvolvendo os bons sentimentos. Aquella que fôra festivamente recebida nas principaes côrtes da Europa, e que tinha por amiga Madama de Staël, aquella a quem os sabios e artistas rodeavam de veneração, e que vira tudo quanto havia grande e bello, agora, no seu voluntario retiro de Almeirim, desprendia-se dos seus preconceitos aristocraticos, para ainda mais nobremente chamar a infancia em volta de si, educando-a ella propria.

Pelo lado litterario:

Prendia-a, certo é, nas suas obras originaes, a feição poetica da escola arcadica; mas o seu gosto fino e delicado soube modificar o estylo exagerado da escola, com a doçura feminina, e por vezes com um tom melancolico, de que ella mesma dá a razão, verdadeira ou ficticia, n'um dos seus sonetos, respondendo ás

pessoas que a arguiam de fazer versos tristes: que ao afigurar-se-lhe na voadora imaginação um dia alegre, a mágua o vem logo transformar em sombra.

É uma das suas melhores obras o poema *Recreações botanicas*, em seis cantos, terminado em Abril de 1813 e dedicado ás senhoras portuguezas. Na larga dedicatoria ás suas patricias, que precede o poema, diz-lhes:

> Que premio deleitoso a meus trabalhos
> será, se excito co'estes versos toscos
> a paixão da Botanica suave!
> Mais não pretendo; evito altos arcanos,
> que revelou profundo estudo aos sabios.
> .....
> Crêde-me: ás flôres consagrae momentos,
> patricias caras. Crêde a quem o Fado
> tudo roubou, excepto este recreio,
> com que ás vezes domei o rigor d'elle.

Em meu humilde entender, o grande merito d'esta obra revela-se na arte com que a auctora, para adoçar o elemento scientifico, vae relacionando com a materia principal os formosos e borboleteadores episodios, sendo os principaes o de Virgilio; o da Imperatriz Maria Thereza, salvando com um estratagema repentino a sentinella que dormitava no jardim imperial; o Viriato; o quadro de Cintra; e a energica invocação em favor da justiça dos povos.

Além das suas obras originaes, a Marqueza (e é este um facto notabilissimo) traduziu, ou imitou, sempre em versos, e directamente: do inglez, a *Primavera*, de Thompson, o *Ensaio sobre a critica*, de Pope, e a *Darthula*, poema de Ossian: do allemão, a primeira parte

do poema *Oberon* de Wieland (seis cantos); do latim, o *Rapto de Proserpina* de Claudiano, e a *Arte poetica* de Horacio; do francez, o *Ensaio sobre a indifferença* do Abbade de Lamennais. Tambem traduziu do grego o primeiro canto da *Iliada*, e do latim a paraphrase do Psalterio completo, que abrange o volume VI das suas obras, e lhe mereceu os mais alevantados elogios.

Além de todo este immenso trabalho, ha d'ella a imitação e traducção de outras producções de poetas estrangeiros.

Nos seis tomos que legou á sua Patria, deleitou, instruiu, e educou, fazendo-nos lêr no proprio livro da sua alma, que, a par de elevadissima, era generosa e compassiva.

Exhalou o ultimo suspiro a 11 de outubro de 1839, com oitenta e nove annos de edade.

CAPITULO VIII

Francilia (D. Francisca de Paula Possollo)

I

A Marqueza de Alorna, elevando as suas salas á cathegoria de um centro litterario, recebia tambem as poetisas.

Vemos desde já diante de nós Francilia (D. Francisca de Paula Possollo). A esta senhora, no tempo em que a felicidade lhe sorriu, bradava a mestra, nas suas poeticas Epistolas, que tinha grande consolação quando lia os versos que d'ella recebia, animando-a a que proseguisse, a que buscasse por assumptos a Natureza, a Patria, as Artes, assumptos dignos do seu vasto talento, do seu canto harmonioso e gosto delicado; e ainda lhe dizia n'este soneto:

Para o norte da Arcadia um bosque havia,
que os nonacrios oiteiros coroava;
e n'elle a rama tanto se enlaçava,
que ali, perante o sol, anoitecia.

N'estes sitios de horror tudo gemia;
o Crethes venenoso murmurava;
e para lá de rastros me levava
minha ideia, ou fatal melancolia.

Mas de repente baixa um Cysne lindo,
que as engraçadas azas vem batendo,
e a clara luz do ceo vai descobrindo.

— Quem és? — disse eu.
— Francilia. —
E foi descendo.
Á medida que fui seu canto ouvindo,
foi-se a minha tristeza desfazendo.

Estes versos animavam a proverbial modestia de Francilia; e prova-o na sua Epistola

FRANCILIA A ALCIPPE

Se á musa de Francilia é dada a gloria
de erguer na voz da lyra o nome egregio,
o nome illustre da extremada Alcippe,
se á Cantora immortal, irman de Phebo,
pode ser grato o som de humilde canto,
Alcippe, honra de Lysia, acolhe meiga
a pura offrenda da singela musa.
Versos, que o coração remette aos labios,
filhos da Natureza, eia, animae-vos!
da gratidão nas azas côr de neve
adejae, versos meus, de Alcippe aos lares!...

Vê-se que impressão salutar produzia na nobre timidez de Francilia a animação da Marqueza. E que profundo contraste entre as existencias de ambas! A Marqueza teve por theatro o mundo, e viu-o aos seus pés; D. Francisca, a não ser no curto espaço da sua felicidade conjugal, viveu recolhida: no austero lar paterno durante a mocidade, e depois no desconsolo da viuvez. A meninice passou-lhe entre caricias de corações amigos, mas era-lhe vedado dessedentar a inspiração, que lhe despontava ardente; lia apenas, e a furto, Cervantes e Camões. Não admirou monumentos grandiosos, nem estudou costumes novos; não ouviu rebentar um vulcão de ideias dos labios de uma mulher que se chamou Madama de Stael, se bem que a adivinhasse com o seu proprio talento, quando nos deu a traducção da *Corinna;* não falou com o Rei Carlos III, nem com Luiz XVI, nem com a Imperatriz Maria Theresa, nem se carteou com os Papas; e todavia, sem estes deslumbramentos, que não criam o talento, mas que o desenvolvem, a que havia de vir a ser Francilia devaneava em silencio antes de poetar, que é já poetar no coração. *Amava o seu amor,* como escreveu Frederico Soulié n'um dos seus romances mais famosos.

Em Paris assisti uma noite, no theatro francez, a um formoso drama de Scribe, em que a joven e talentosa Maria Royer (fallecida no verdor dos annos) representava de cega. A infeliz amava um official de marinha. Um moço medico amigo de ambos opera-a. Valeria recobra a vista, passa na escuridão o tempo necessario; chega o dia proprio, tem diante de si os dois moços, ambos da mesma edade, entrajados do mesmo modo,

e muito queridos ambos para ella, um pelo amor, o outro pela amisade. É-lhe tirada a venda; e n'esse repente, com um olhar electrico para ambos, lança-se nos braços do seu noivo. Adivinhára-o, conhecêra-o com os olhos da alma.

Assim Francilia adivinhou por instincto o homem que ella amava, um official de marinha tambem, como o estremecido de Valeria.

Não teve outro amor na sua vida. Este amor abriu-lhe as portas do mundo, quasi a enlouqueceu, e matou-a.

Esteve casada dezasseis annos D. Francisca Possollo com o unico homem a quem estremeceu: João Baptista Angelo da Costa. Foi ao longo d'este periodo, principalmente, que ella compoz os seus versos colligidos no livro *Francilia pastora do Tejo*, e que publicou em 1816. Escreveu outras obras, onde ha, segundo a apreciação de Castilho na *Noticia litteraria*, que precede a *Pluralidade dos mundos*, clareza, facilidade, e muito menos desconhecimento da riqueza da linguagem, do que poderia esperar-se. Favoreceu-a mais a natureza do que a arte.

O Visconde de Castilho, Julio, descrevendo os serões semanaes de Francilia, frequentados pelos talentos de maior nomeada em politica, lettras, e artes, e onde havia musica, dança, conversação viva, e representações theatraes, diz n'um dos seus livros tão sãos e tão portuguezes:

«Foi a senhora D. Francisca Possollo (Francilia, pas-«tora do Tejo, era, á moda do tempo, o seu nome ar-«cadico) uma alma vibrante, d'aquellas em quem dão «eccho os acontecimentos grandes do mundo exterior;

«espirito verdadeiramente alto, activo, ousado, irre-«quieto; coração poetico e bom, cheio de lagrimas «para todos os infortunios, e de enthusiasmo para to-«dos os rasgos nobres.» (1)

Devo á bondade da Ex.ma Snr.a D. Clementina da Costa, digna sobrinha da fallecida poetisa por seus altos talentos, e pelo culto que presta ás Artes, o conhecimento de muitos manuscriptos em diversos generos, de que é depositaria.

Nas Epistolas que esta poetisa escreveu, ao uso do seu tempo, ha uma suavidade de sentimento propria do meigo coração que as escrevia. Restam egualmente numerosos sonetos, e entre elles uma collecção (impressa) dos que se recitaram no theatro de S. Carlos por entre delirantes manifestações, apoz o juramento da Carta em 1826. Junto aos sonetos encontram-se tambem outros canticos patrioticos dedicados aos heroes que implantaram a nova civilisação portugueza. Vibra em todos estes canticos, sahidos do intimo, um horror á politica oppressora, e um ardente enthusiasmo pela formosa aurora, que promettia á nação o reinado da justiça pela liberdade.

II

Disse eu que entre a existencia das duas poetisas houvera grande contraste. É verdade que ambas ellas, Alcippe e Francilia, casaram por amor, e ambas perderam os maridos prematuramente. Mas, ainda as-

(1) *Memorias de Castilho* — T. I, Cap. XXVIII.

sim, a Marqueza teve filhos; e se padeceu uma enorme dôr, o dever materno deu-lhe forças para não sossobrar.

A Francilia duas vezes feriu a sorte: viuva e sem filho!

Foi quasi instantaneamente, n'uma noite, que a morte lhe roubou o marido. Tel-o são, e entre os braços! volverem minutos, e vêl-o morrer ali!... quasi que não se concebe. Nem uma palavra d'elle! nem o conforto da companhia d'um filho! só a solidão repentina, e a propria vida affluindo toda ao pensamento, n'aquelle cerebro que não logrou a ventura de estalar!...

Mas foi-lhe estalando o coração. Ainda Francilia viveu mais sete annos até ao de 1838, em que, tendo sido levada para uma sua quinta no Cartaxo, terminou o martyrio da sua saudade.

Nos primeiros tempos da viuvez havia-se encerrado, entre prantos e recordações, na propria camara onde perdera o marido; depois estivera annos sem sahir da casa que habitava; e assim viveu na exaltação da sua dôr agudissima. Acordou-a a poesia. Escreveu numerosos sonetos, allusivos á vida feliz que lhe fugira entre saudades. Dirigiu-se a Castilho, de quem era enthusiasta, e alternou-se entre ambos uma serie de Epistolas, tendo por assumpto o fatal acontecimento.

Onze foram as que ella enviou ao poeta; podem considerar-se um livro de fogo. É essa a grande obra que ella deixou, superior á collecção dos seus versos; é um estudo da alma. Possue este manuscripto o meu excellente amigo Visconde de Castilho, a cuja bondade devo o conhecimento d'elle, e a permissão de transcrever um extrato. N'esta obra a convenção da escóla des-

apparece; a arcade transforma-se na mulher verdadeira, que repassa de sentimento os seus versos. O obrigado cortejo dos zephyros, das nymphas, dos satyros, evapora-se; e se algum *nume*, ou algum *fado* ainda apparece, é isso devido antes á memoria, do que ao intento. Em logar de investir com as montanhas para escalar o Pindo, desce ao fundo do coração, e lá encontra a verdade. Se por vezes o estylo se derrama, é talvez porque a dôr, desabafando, dá margem á expansão, que se precipita; e os seus versos, se por um lado lhe saem impregnados de tristeza, por outro vibram de energia. Rasga o proprio peito, e canta a sua dôr, que, parecendo individual, é a dôr de todos os amantes, que saibam amar como ella. Com a sua poesia, que geme e se extorce, geme e extorce-se o coração humano. Expressa ella a verdade, que a arrasta quasi á loucura. Ella mesma nos pinta, sem o fito na publicidade, o quadro da sua alma. Como que divisa o esposo, e pretende restituil-o á vida com os seus beijos. Depois, á dôr aguda succede a dôr concentrada; vê-o em sonhos, e estende-lhe os braços, mas de balde. Volta-se para as artes, mas só encontra n'ellas a lembrança da sua existencia venturosa e desfeita.

E diz assim, n'este limitado extracto, que pela vez primeira vê a luz:

Dezfez-se o encanto! ah! sim, desfez-se o encanto,
que a meus olhos tão bella apresentava,
tão aprazivel, a existencia minha!
Tudo, tudo perdi! o esposo! o amante!
o meu Jonio, o meu bem, que era no mundo
um modelo de angelicas virtudes,
raras, bem raras em tão ferrea edade.

Se viras como eu soffro... ah! não disseras,
não ousáras dizer: «Supporta a vida».

.....

Considera-me um pouco (vê se o podes).
Olha a scena horrorosa, que incessante,
no silencio da noite, e a toda a hora,
a memoria funesta me apresenta,
e do meu soffrimento a extensão mede!
Considera-me um pouco, junto ao leito
do terno esposo meu, atormentado
de repentina dôr, activa, estranha,
(assustadora não) afflicta, inquieta,
sem descanso velando o meu esposo!

Imagina o momento doloroso!...
Quando um beijo suave compensava
meu continuo desvello, e mais tranquillo...
(Numes, que horror!) o vi cahir sem vida!...
Oh! momento fatal! como é possivel
que um lance tão cruel vencer podesse?
Desesp'rada porém, em furia, em gritos,
o que disse, o que fiz, não sei narrar-te.

....

O tino recobrando, achei-me (ai triste!)
sobre o leito da morte, ao peito unindo
com frenetico amor, quasi em delirio,
em gemidos, em ais, o brando peito
do esposo extincto, e sempre idolatrado!
culpando os Céos! culpando a Natureza!
e sobre meigos labios, já cobertos
da pallidez mortal, frios, gelados,
com meus beijos ardentes procurando
sua alma receber, ou transmittir-lhe
no fogo de meus ais, de meus suspiros.

do meu peito o calor, e a minha vida!

. . . . . .

Ai! como te detesto e te maldigo,
barbara compaixão, que me arrancaste
ao meigo esposo meu, aos meus amores!
que me tolheste o bem, cruel mas doce,
de exhalar sobre o peito inanimado
do terno idolo meu o infausto alento!
Barbara compaixão, quantos tormentos,
se tu não fôras, evitado houvera!

Eu vivo ainda; eu vivo; mas que importa?
Só pela dôr conheço que inda existo.

. . . . . .

Repetir-me ousarás que chore e viva?
que assim o quer o esposo?! Oh! não te illudas.
Despojado da vida o meu amado
tornar-se-hia um tiranno?! Elle que outr'ora,
tão meigo, tão sollicito, evitava
té do pezar a sombra ao triste objecto
do seu constante amor, elle quizera
que envolvida na dor e na amargura
a vida conservasse?! Oh! não te illudas,
nem busques illudir-me. Ouve-me, e julga.

Alta noite, já quando, fatigada
de penosa vigilia, um leve sonho
no regaço me acolhe, quantas vezes
aos olhos d'alma se me off'rece o esposo,
triste, abatido, no gentil semblante
outr'ora tão risonho conservando
um ar, celeste, sim, mas consternado,
eclypsados co'as sombras da saudade
os olhos divinaes, o gesto amavel;

e estendendo-me os braços docemente,
como que a elles me convida e chama.
Revelações de amor não te parece
que são estas, em vez das que me indicas?

Sombra amada! não tardo a acompanhar-te.
Manes do esposo, eu vou, eu vou seguir-vos...
.....
«O tempo» dizes tu! Não, não o espero.
O tempo muito póde; mas não póde
de forças exhaurida a natureza
esp'rar o tempo; e, dado que o podesse,
foi mui profundo o golpe; ah! mui profundo!
difficil cura o tempo lhe acharia.
.....

Esta obra, de que apenas faço um limitadissimo extracto, não é um romance de imaginação, filho apenas do talento; são as proprias lagrimas choradas, as proprias dores que palpitam na tribulação, como as de Mademoiselle de l'Espinasse, ou de Alexandrina de la Ferronnays. Marca esta serie de epistolas a feição poetica do talento feminino que as escreveu, direi melhor, que as arrancou do proprio peito; e revela que muita vez não é a falta de intelligencia, mas a tranquilidade da alma, que deixa dormir a inspiração, do mesmo modo que não é tanto o deslizar de um rio, como o tumultuar do Oceano, que arroja o pensamento para devassar o desconhecido.

CAPITULO IX

Tirce (A Condessa do Vimieiro D. Thereza de Mello Breyner)

I

Ora aqui está outra poetisa da Côrte, que se dissera verdadeira mimosa entre ellas: D. Theresa Josepha de Mello, da casa de Ficalho, nascida em 1739, e Condessa do Vimieiro pelo seu casamento em 1766 com o Conde d'este titulo. É vêr como a roda litteraria do tempo a considerava. As poesias de Alcippe e de Natercia engrinaldavam-n-a de nomes suaves e affectuosos, descrevendo-lhe os dotes physicos e os moraes, e avaliando a sua individualidade poetica principalmente pela face da natureza.

Natercia n'uma das suas epistolas, dirige-lhe algumas quadras enthusiasticas; e d'entre grande numero de poesias de Alcippe tendo Tirce por assumpto, ha um grande idyllio, em que a Marqueza enfeixa os dotes da intelligencia e do coração da poetisa.

Um dia o auctor do *Hyssope*, entrando no seu es-

criptorio, encontrou um involucro sobrescriptado a elle. Abriu-o. Era uma ode á Rainha.

— O auctor? — perguntou elle de si para comsigo, procurando a assignatura.

A ode vinha anonyma! Diniz da Cruz bateu na testa. A testa respondeu-lhe o que quer que fosse. O poeta pega logo na penna, e escreve quatorze linhas, d'aquellas, que, segundo o creado de Boileau, revelavam no amo indicios de alienação mental, por não chegarem ao extremo da folha: sobrescripta-as, e manda-as ao seu destino.

Decorridas horas, no palacio dos Condes do Vimieiro a gentil dona da casa encontrou tambem um involucro sobre a sua secretária. Abre-o desprevenida, sobresalta-se, interroga a assignatura. Quem com ferro mata, com ferro morre. A assignatura em branco! A poetisa lê o que se segue:

Se essa que em Lysia pulsa lyra nobre,
logo que abrindo as azas cruza o vento
em altos voos sóbe ao firmamento,
e de brilhante luz toda se cobre,

em vão aos nossos olhos hoje encobre
a mão que o fere o altisono intrumento;
o som divino, o majestoso accento,
que é teu, que tu o tocas, nos descobre·

Cantas, e ser não queres conhecida?
Crês, talvez, occultando o nome ufana,
que é de Breyner a voz desconhecida?

Quanto, ah! quanto o conceito teu enganas!
Alta cidade sobre um monte erguida
como esconder-se pode á vista humana?

Este louvava só; mas havia quem, depois de louvar pedisse.

Diz o meu bom amigo o Visconde de Castilho Julio nas *Memorias* de seu Pae:

«Um grande poeta, Nicolao Tolentino de Almeida, o «polidissimo cinzelador da quintilha satyrica portugueza, «e um dos nossos mais puros escriptores.»

É verdade; mas tambem, um dos nossos mais puros pedinchões (no que aliás não pretendo lançar vituperio á epocha dos nossos *Mecenas*). Ora invocando a moda, e como caracteristica do tempo, exclama Nicolau Tolentino á Condessa:

Aos pés da illustre Vimieiro um dia
lacrimosas quintilhas recitava,
e o digno coração que as escutava
da causa por que o fiz se condoia.

Na sizuda attenção com que as ouvia
já por bem pago o triste auctor se dava,
mas a tanto favor se adiantava,
que até a protecção lhe permittia.

Nobreza, discreção, semblante, agrado,
são contra a má fortuna tantas lanças,
que me supponho quasi despachado.

Mas se até faltam estas esperanças,
vou ser na escola, já desesperado,
em vez de mestre, Herodes das creanças.

O que elle depois nunca chegou a dizer, que eu saiba, foi se a nobre poetisa o poude proteger de modo a corresponder á *sizuda attenção* com que lhe ouvia as quintilhas, ou se o deixou cingir a corôa Real de He-

rodes, unico delicto que a virtuosa senhora levaria aos pés do confessor.

E uma vez que me cahiu á mão o nosso Tolentino, seja tambem recordada a sua memoria com estas palavras, que, se elle houvesse logrado lêl-as, lhe indemnisariam as agruras do professorado, que foram o seu tormento, palavras do nosso Garrett, o qual, depois de o apreciar, conclue:

«Confesso que de todos os poetas que meu triste «mister de critico me tem obrigado a analysar, unico é «este em cuja causa me dou por suspeito, tanta é a «paixão, a cegueira, que tenho pelo mais verdadeiro, «mais bom homem de todos os nossos escriptores.»

Ommitto Bocage, Domingos Torres, e Filinto.

Não logra a exageração poetica conquistar todos os foros da verdade, mas póde ser para ella um argumento, como o atalho pedregoso é um caminho para o ponto demandado; isto, quando a exageração poetica, unanime e sincera, dá as mãos á propria expressão dos sentimentos pessoaes, e á tradição successiva.

II

Correu placida a existencia d'esta senhora, sem a agitação da sua contemporanea Alorna, nem a violencia apaixonada da sua outra coeva Possollo. Na Côrte rodeava-a o respeito, que a sua auctoridade, temperada por um trato suave, lhe attrahia; na sociedade admiravam-lhe a erudição variada; e os homens de lettras laureavam-n-a por seu talento, como vimos. Vivia grande parte do tempo dentro da sua afamada bi-

bliotheca, uma das mais valiosas pelo numero e importancia das obras, e dedicava á natureza uma quasi paixão. Adorava o campo nos thesouros dos arvoredos, fructos, e flores, e não menos pela meditação que elle lhe proporcionava, para elevar o seu espirito poetico ás regiões, em que, desprendido da terra, elle se apura n'um amor sincero a tudo quanto ha grande. Por isso lhe clamava Alcippe, n'uma das poesias em que tão minuciosamente a descrevia:

> Amor, Tirce, não é, qual tu o sentes,
> *dôce clamor da sabia Natureza;*
> é um rapaz, que flechas traz pendentes,
> filho da liberdade e da vileza.

Em parte do verão, e em todo o correr do outomno, era-lhe prazer a sua campestre vivenda perto de Alcoentre. Era ali que se expandia á vontade. Ali desenvolvia, com espirito pratico, todos os melhoramentos agricolas (e vel-o-hemos ainda n'este capitulo, por um acto honroso e curiosissimo que porei diante da vista do leitor). Ali folgava tambem de descançar da vida tumultuosa da Côrte, como, d'entre outras passagens, o prova no Idyllio a Lilia:

> A fonte, o prado, o rio, o brando vento,
> mesmo o balir do gado repetido,
> no peito me infundia tão suave
> tão serena alegria, qual na Côrte
> nunca pude provar, por mais que fosse
> astuta em fabricar prazeres novos
> essa arte que do fausto se alimenta
> quando as heroicas scenas representa.

Hospedava tambem no meio dos gosos campestres as suas amigas, mimoseando-as com os seus versos, por entre as gentilezas com que as recebia. D'entre elles vejo um soneto manuscripto, dedicado á formosa Condessa da Atalaya, quando esta senhora, na primeira vez que ali foi, lhe gabou a sua admiravel vivenda.

As poesias da sr.ª Condessa do Vimieiro foram principalmente bucolicas. Não se imprimiram, mas salvou uma parte d'ellas o erudito Antonio Ribeiro dos Santos, archivando copias na Bibliotheca Nacional de Lisboa. (1)

Corre por estas poesias campestres, a par de certo desalinho, proprio de quem pouco emendava antes da correcção final para o publico, uma grande suavidade de expressão e doçura de sentimento, e como um espirito impregnado dos doces rumores da natureza nas suas variadas manifestações.

N'um dos Idyllios apparece uma bella descripção *ao vivo* (como dizia Garrett em taes casos) da extensão d'aquelles sitios. A vasta campina em que Daliso canta, alcatifam-n-a matizes diversos; o sol doira a pedregosa altura do Tagro monte, em quanto os seus raios, reflectindo nas alvas paredes de Tagarro, ora tocam no altivo pinheiro, ora relambem as rasteiras e já desmaiadas vinhas. Ao longe a frondosa Alcoentre apresenta com modesta jactancia os vestigios da gloria ganhada em novos mundos. No horizonte as nuvens rasgam-se, anciosas de não roubarem á vista a curiosa Torre-Bella. Vae o olhar declinando até de todo se

(1) São: dois Idyllios, uma descripção de tempestade, um terceiro Idyllio a Lilia; testemunho de gratidão; uma Epistola em tercetos, á italiana; dez Sonetos, e um Madrigal.

perder, voltando a estender-se por um cerro rodeado de manchados rebanhos. O quadro apparece harmonioso no seu conjuncto, pela justa variedade dos seus elementos.

III

Mas quem diria, quando a vemos seguir com tanto gosto na poesia campestre, que a obra principal da Condessa havia de ser a sua tragedia *Osmia?*

No dia 10 de Maio de 1785 a Academia Real das Sciencias abria concurso, com premio, para a apresentação de uma tragedia de assumpto nacional, até o dia 13 de maio de 1788.

Tres producções acudiram. Apreciadas por aquella douta corporação, a Academia, pronunciando o seu julgamento, concedeu o premio á tragedia *Osmia*, «pela «sua versificação mais igual —dizia a consulta— pela «unidade da acção, e pelos caracteres das pessoas se «conservarem fielmente até o fim da catastrophe».

Restava saber-se o nome do auctor, para lhe ser conferido o premio. Aberta a cedula competente, qual não foi o pasmo da Academia!?

Lembrado estará o leitor, de que ha pouco se disse que mais de um facto honroso e curiosissimo provaria a dedicação da Condessa do Vimieiro aos interesses agricolas. Na cedula, em vez do nome da auctora, liase esta declaração: Que se por ventura coubesse o premio á tragedia *Osmia*, fosse conferido o valor d'elle á Memoria que melhor indicasse um remedio para a ferrugem que damnificava as oliveiras, e que fosse, ao

mesmo tempo praticavel sem despeza grave nem cuidados excessivos.

Em vista d'esta notavel e generosa recommendação, a Academia propoz como premio extraordinario, equivalente ao que fora destinado para a tragedia coroada, uma medalha de ouro no valor de cincoenta mil réis. premio que foi julgado na sessão publica de 4 de Julho de 1791. Veio a saber-se depois, e está provado, que a *Osmia* fôra composta pela sr.ª Condessa do Vimieiro.

Impressa por ordem da Academia no anno de 1795 e esgotadas duas edições, a mesma Academia ordenou em 1835 que se reimprimisse em terceira edição, como actualmente corre.

Sismondi disse o seguinte d'esta tragedia:

«N'este genero de composições, em que as mulheres «raras vezes se teem estreado, a Condessa de Vimieiro «apresentou as qualidades que distinguem o seu sexo, «uma grande pureza de gosto, uma grande delicadeza «de sentimentos, e o interesse da paixão de preferen- «cia ao das circumstancias... No desfecho, como em «toda a peça, seguiu as regras do Theatro francez, «parecendo na vivacidade do dialogo ter tomado antes «por modelo a Voltaire, do que a Corneille e Raci- «ne. (1)»

É de certo honrosa para a auctora, e para nós, a imparcial apreciação do critico suisso. Disse muito, mas veremos que não disse tudo.

(1) Sismondi — De la littérature du Midi de l'Europe. T. IV, pag. 639, 41.

IV

Resumamos os traços geraes da tragedia.

Osmia é descendente dos antigos capitães da nossa Lusitania, Princeza dos Turdetanos, e esposa de Rindaco, General dos Vetões. Os Romanos, commandados pelo Pretor Lelio, atacam a Lusitania, e, depois de uma batalha furiosa, em que os nossos se cobriram de gloria, são vencidos estes pelo numero. Osmia, tendo pelejado valorosamente ao lado do marido, cae prisioneira do Pretor com as outras Turdetanas. Rindaco, seu esposo, penetrando pelo campo dos Romanos, desapparece por entre as cohortes.

O Pretor, amando a heroina Osmia desde que a vira combater como leoa, trata-a, não como escrava, mas como senhora. Travam-se, no entretanto, duas luctas: o Pretor, vendo-se entre o que deve á sua patria, e o que lhe pede o seu proprio coração; Osmia entre o que deve ao marido (com quem aliás fôra induzida a casar sem affecto), e o que deve ao amor que entresente, não podendo ser ingrata ao perigo a que o Romano por ella se expõe. E admiravel a scena IV do Acto II, em que elle por mais de uma vez lhe vae fazer a sua declaração, e ella lh'a embarga sempre com delicadeza e arte. Menos bella não é a scena I do Acto III, entre Osmia, e a sua tão affectuosa como severa confidente Eledia, lançando-lhe esta em rosto o seu amor ao Romano, e Osmia n'um combate, confessando que se é de Lelio, que recebeu o sentimento de verdadeira ternura, a Patria para ella estará superior á sua gratidão.

Fecha o Acto outra scena apaixonada, em que o Pretor propõe desposal-a. Osmia, sentindo-se aliás desfallecer na presença do generoso apaixonado, consegue ainda a custo resistir quando ia já a confessar-lhe que o amava.

No IV Acto a acção complica-se. Um Vettão chega ao campo dos Romanos como Legado; e qual não é o espanto de Osmia ao reconhecer no fingido Legado o seu proprio esposo!? O pensamento da immortal scena do *Frei Luiz de Sousa* ressalta á ideia. O que se passa então entre ambos, é porventura o mais solemne da peça. Osmia, ao mesmo tempo que jura a sua pureza, confessa tambem lealmente que, acreditando-se na morte d'elle, não podéra ser indifferente ao affecto magnanimo do Pretor, emquanto Rindaco, dando-lhe um punhal, lhe ordena que traspasse o peito do capitão romano, attrahindo-o com blandicias. Osmia recusa a traição promettendo matal-o ás claras, face a face, em combate leal que proximo se aguarda; mas Rindaco insiste: quando soar a busina, Osmia deverá apunhalar o Pretor, e Rindaco penetrará no acampamento dos Romanos com os seus.

Na grande scena do Acto V, Osmia, ouvindo a busina implora ao Pretor que fuja. Rindaco, infeliz no seu plano de emboscada, fica prisioneiro. Vencem os Romanos, como a Historia exige, mas Osmia apunhala-se, levando (como ella exclama) o delicto involuntario do amor que pela primeira vez sentiu; sacrificio tanto maior á dignidade do seu esposo, quanto desobedeceu ao coração para obedecer ao dever.

Esta peça, guardadas as leis da epocha, faz honra á litteratura portugueza. A contextura entrelaça a his-

toria com a fabula amorosa n'uma serie de situações, que tem por base a paixão, e por corôa a virtude. A auctora pôz no coração da protagonista o seu proprio coração, e tratou-a com um amor, que se comprehende a cada passo. A obra denuncia um amplo conhecimento e estudo do periodo romano, e as duas civilisações oppostas sustentam-se do principio ao fim. As proprias hesitações do Pretor constituem uma belleza, no combate d'aquelle espirito entre o que deve á sua Roma, como general, e ao seu coração, como homem. Graças á digna heroina que elle amou, e de quem foi occultamente amado, Lelio não offendeu a sua Patria, e a Lusitana ficou digna da sua e nossa.

V

Direi da correspondencia de Tirce.

Faz saudade aquelle estylo de ha um seculo, prolixo mas distincto, comprimentador como um menuete, e polvilhado de delicadeza. Os sentimentos não eram lançados em papel côr de rosa, nem perfumado sobrescripto envolvia os segredos. Tudo á portugueza velha: amarellado o papel almaço sobrescriptado em si proprio, as lettras brigando, com offensa da egualdade fraterna; as linhas em diagonal. Assim podera ser, e era; mas tudo respirava mais sinceridade.

Existe na Bibliotheca de Evora a correspondencia da sr.ª Condessa do Vimieiro com o Arcebispo Cenaculo. Esta correspondencia, que, por copia, tenho diante de mim, é á portugueza velha na distincção das qualidades, mas sem os defeitos da forma, porque primava

pela mais fina educação a dama que a escrevia. A maior parte das cartas refere-se a negocios particulares, de que a illustre senhora generosamente se encarregava, e d'ellas destilla a perspicacia no discernimento, e na prudencia para se conseguirem os bons intentos, sem ferir susceptibilidades. É sobretudo para notar a modestia natural, com que tão finamente encobre os obsequios que dispensava, e os bens que obtinha para utilidade alheia junto dos Ministros e outros influentes, ao mesmo tempo que pede ao Arcebispo quando este a elogiava, que não deixasse o seu nome d'ella exposto a uma posteridade que não lhe seria tão indulgente. É a carta de 5 de Junho de 1780.

D'entre ellas destaca-se tambem a de 24 de Agosto de 1784, dando ao Arcebispo os pesames pelo fallecimento da mãe.

«É uma barbara civilidade esta — diz a Condessa com o seu alto espirito — «que, sem nos consolar do «que perdemos, nos vem renovar a ferida que o tem«po ainda não poude cicatrizar; mas quem é que quer «parecer grosseiro, esquecido, ou ingrato? Este ultimo «caracter é o que me mette mais medo...»

Na de 8 de Junho do mesmo anno, aproximando dois factos oppostos, aprecia-os com indignação graciosa:

«Em Sacavem, — escreve ella — «quasi debaixo dos «olhos do Prelado, festeja-se o Espirito Santo com uma «procissão, em que vão diversas danças entresachadas «com o Santo Lenho, comedias, e outras scenas; e no «entretanto, no hospital dos Lazaros, que tem rendas «e administração, dá-se a cada enfermo para o seu «sustento e tudo o mais a somma consideravel de 240

«réis por mez! Não me enganei: são doze vintens. «Ainda mais: Quatro mil pobres appareceram no Cabo. «Desejei lançar mão d'elles, restituir cada um á sua «terra natal, com ordem aos magistrados de os em- «pregarem utilmente, guardando-se então para os le- «prosos e engeitados as grossas sommas que inutil- «mente lhes foram distribuidas. Os meus desejos são «estes; podem não ser os mais perfeitos, mas como «não fazem mal a ninguem,—(Perdão, sr.ª Condessa, olhe se serão do mesmo parecer os taes quatro mil ociosos mendigos)—«não os apago, e rogo a Deus nos «dê do seu juizo, por não dizer da sua justiça, que pa- «receria de mais.»

Restrinjo-me, para exemplificar, a estes extractos de correspondencia.

VI

Resta-me dizer do seu ultimo tempo, glorioso pela sua feição pratica.

Enviuvando de um homem notavel por sua intelligencia e dotes moraes, recolheu-se ao convento das Commendadeiras de Santos, succedendo alli como Prelada a uma senhora da Casa de Pombeiro.

O que é um talento robusto, e um caracter iniciador! A poetisa transformou-se em reformadora. Subindo a esse alto cargo, e não podendo conter a ancia dos melhoramentos, realisou um governo sabio e de verdadeiro progresso. Fez reentrar a ordem, cortou os abusos com pulso firme, foi recta na justiça, energica na realisação dos seus intentos, sem se prender com etiquetas, amenisando ao mesmo tempo com perspicaz

criterio, e com a sua fina educação, a auctoridade necessaria para governar com acerto.

Realisando no convento obras de interesse geral, reuniu lhes uma, que entendeu de justiça e caridade. Para não ficarem ao desamparo as creadas, pela maior parte velhas, das commendadeiras fallecidas, mandou edificar um torreão com quatro andares, onde se recolhessem e sustentassem, por conta do convento, as pobres serviçaes, que, sem esta providencia, teriam de sahir do abrigo em que houvessem perdido as amas, mendigando na sua senectude o negro pão de incerta esmola. De tudo isto teve duas pagas: a da sua pura consciencia, e a da consciencia das que, pela cessação dos abusos e novidade das reformas, se tomaram de despeito.

Um dia a porteira veio annunciar á sr.ª Condessa do Vimieiro, como Prelada, que um medico afamado a procurava. A Prelada mandou entrar o medico. Estreavam-se os comprimentos, quando a porteira reentrou annunciando um segundo medico. A Condessa fez um ligeiro movimento. Principiavam os segundos comprimentos, quando foi annunciado um terceiro medico, e depois quarto, e quinto, e sexto, e setimo, e oitavo, e nono, e decimo medico, uns apoz outros. Dez medicos, via-se que de certo convocados para hora determinada. Por um tris, que não entrava no convento de Santos toda a medicina de Portugal!

A Condessa, estupefacta, mas sem o mostrar, recebia-os com a sua delicadeza extrema, e enfiava-os a todos com a conversação mais acertada, emfim com a conversação da Condessa do Vimieiro. Os doutores, olhando enleados uns para os outros, nem se atreviam

a dizer-lhe para que haviam sido convidados a reunir-se ali a hora determinada, nem acertavam na desculpa que deviam dar pelo que não explicavam.

Tudo isto fôra planeado pelas despeitadas para fazer suspeitar alienação mental n'aquelle distincto espirito.

Em vista do que elles tinham principiado a perguntar, em vista da maneira especial por que a olhavam a furto, e se entreolhavam admirados, e principalmente graças á sua fina perspicacia feminina, a Condessa comprehendeu tudo, e sorrindo-se foi intercalando differentes assumptos, até lhe cahir a proposito o caso de Joanna-a-doida, doida só no pensamento dos que não a sabiam avaliar. Os doutores supplicavam em espirito ao pavimento da sala que se abrisse para os sumir!...

Depois a Condessa pediu-lhes alguns instantes, e sahiu. Reentrou, passados momentos. Os medicos, não sabendo já onde se haviam de metter, comprimentaram respeitosamente a Prelada, que amavelmente lhes agradeceu a visita que recebera.

Ao sahirem, a serva da Condessa offereceu n'uma grande salva de prata a cada um dos dez um embrulho contendo uma peça.

Se um quadro define um pintor, um acto d'estes pinta um caracter.

A Condessa do Vimieiro, com generosa feição, nunca tratou de devassar de quaes das suas subordinadas partira a offensa que lhe redundou em gloria.

CAPITULO X

D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado

Nota do Editor.— Este capitulo achava-se todo por escrever. No logar correspondente apenas havia apontamentos, algumas cartas de um sobrinho da poetisa dando esclarecimentos a D. Antonio da Costa, e alguns versos da mesma senhora.

APONTAMENTOS

D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado era irman de João Vicente Pimentel Maldonado, autor de *Apologos* afamados, muito elogiados pelo Garrett, e publicados em collecção em 1820.

D. Marianna nasceu em Lisboa em 1771, e falleceu em 1855.

A maior parte das suas poesias ficaram ineditas.

Escreveu uma Ode á morte de Gomes Freire.

Publicações d'ella:

No *Portuguez Constitucional*, de Pato Moniz (1820-21),

n.º 11, vem uma cançoneta d'esta poetisa; no n.º 54 um soneto: no n.º 103 dois sonetos.

No *Jornal Poetico* publicado em 1812 por Marques Leão a pag 278 veem quatro sonetos.

Nas *Poesias* de Costa e Silva, Tomo III, pag. XVI, uma Ode.

Nos versos de Domingos Maximiano Torres creio que vem alguma cousa.

Extractos de cartas do sr. Coronel Antonio Pimentel Maldonado ao autor d'este livro:

1.ª carta

... «Era com effeito minha Tia paterna essa senhora, «cujo nome todo era Marianna Antonia Epiphania Pi- «mentel Maldonado. D'ella fala Innocencio Francisco da «Silva, o 1.º Visconde de Castilho no prologo que es- «creveu ao poema *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro, e o 2.º «Visconde de Castilho na pag. 213 do Tomo I e 219 do «Tomo II da sua obra *Memorias de Castilho*».

«Alem do que diz Innocencio, darei a V. Ex.ª as «seguintes informações:

«D. Marianna era filha do Desembargador Bernar- «do Lopes Pereira Maldonado (meu avô), e de D. «Brites Clara Pimentel, da antiga familia dos Ser- «rões e Pimenteis, que foram Cosmographos Móres. «Nasceu a 9 de Dezembro de 1771, na freguezia do «Santissimo Coração de Jesus, em Lisboa, e foi bapti- «sada no Oratorio das casas em que moravam seus paes «na dita freguezia, em 22 do mesmo mez, tendo por

«Padrinhos o Desembargador José Ricaldes Pereira, e «D. Antonia Thereza de Brito, sua parenta.

«Viveu sempre com seu irmão João Vicente: e quando «este falleceu em 1838 no actual palacio das Côrtes, «antigo convento de S. Bento, ali morava com elle.

«Ultimamente vivia com meu pae, Antonio Pimentel «Maldonado, Marechal de Campo, na rua de S. Bento, «n.º 158, moderno, 2.º andar, onde falleceu solteira «em 14 de maio de 1855, e foi sepultada no cemiterio «dos Prazeres.

«Tenho muitas poesias ineditas de minha Tia, es- «critas n'um livro, com um prologo que ao mesmo fez «o bem conhecido Belchior Curvo Semmedo.....

«Tambem de meu Tio João Vicente tenho copia de «mui bonitas poesias ineditas.

«O Innocencio da Silva fala n'um soneto de minha «Tia, que vem publicado no n.º 54 do *Portuguez Cons- «titucional:* esse soneto foi dedicado ao grande patrio- «ta Manuel Fernandes Thomaz.

«Tambem o Innocencio diz que no n.º 163 do mes- «mo *Portuguez Constitucional* ha dois sonetos de mi- «nha Tia: enganou-se; ha apenas um, dedicado á Ilha «da Madeira, havendo, no mesmo numero, dois sone- «tos em resposta ao de minha Tia, e com as mesmas «palavras finaes.

«Diz ainda o Innocencio que no *Jornal Poetico* ha «quatro sonetos de minha Tia; além d'estes, que exis- «tem nas paginas 278, 279, 280 e 281, ha mais qua- «tro nas paginas 235, 236, 237 e 238, que creio se- «rem d'ella; pelo menos, os que teem por titulo *Na «tomada de Badajoz* e *Aos Portuguezes*, são de minha «Tia, que os tenho nos seus manuscriptos.

«Era minha Tia de finissimo trato, e de uma conver-«sação muito interessante. Parece-me que a estou ven-«do, sentada no seu canapé de madeira pintada de côr «de canario, um pouco baixa, com o seu cabello quasi «todo branco, sempre com a mesma moda, dois cara-«coes adornando-lhe a face, prezos com travessinhas, «pente um pouço alto segurando-lhe o cabello quasi «no alto da cabeça, vestido de chita, e um folho muito «engommado, e encanudado de rendas, em torno do «pescoço. Todos gostavam muito d'ella; que o diga a «nossa excellente amiga a sr.ª D. Maria do Carmo de «Castilho. Eu muito gostava de minha Tia, e muita «pena tenho de não ter escripto bastantes composi-«ções que ella conservava unicamente de cór.

«Apesar de minha Tia ter fallecido solteira, houve «alguem por quem ella sentiu amor, um tal *Alceu*, de «quem nunca soube o nome *prosaico*, e que foi o in-«spirador de uma collecção de sonetos que eu tenho.

. . . . . .

«Vendas Novas, 30 de junho de 1890.»

2.ª carta

«. . .Não tenho de minha Tia mais do que as poesias, «que por um acaso escaparam ao desbarate de tudo «quanto havia na minha casa paterna. . . . . .

«É possivel que nos conventos de Arroyos, Carnide, «Albertas e Encarnação, haja algumas cartas de minha «Tia, porque n'estes conventos ella teve irmãs e tias, «que muito estimava; mas duvido.

«Minha Tia, como toda a minha familia, dava-se, se-

«gundo me consta, com a melhor sociedade lisbonense. «As senhoras Albergarias, tanto as de Santo Estevam «como as da rua de S. Bento, muito se davam com «ella. Consta-me que o nosso grande estadista Fontes «tambem muito estimava a sua conversação; a irmã, «a sr.ª Marqueza de Fontes Pereira de Mello, é possi- «vel que ainda se lembre d'ella.

«Não tenho ideia de conhecer a Ode que se diz vir «nas Poesias de Costa e Silva. A Ode de que fala In- «nocencio, relativa á morte de Freire de Andrade, «nunca a encontrei, por mais diligencias que tenho «feito .....

«Vendas Novas, 2 de julho de 1890.»

Um bilhete postal

«...A Ode anacreontica de Costa e Silva, dedicada «a minha Tia, é *A Armania*, e começa assim:

Dise-me, discreta Armania,
Tu que o deus....., etc.

«Vem com effeito nas poesias d'elle, e minha Tia «respondeu com outra publicada a pag. 16 do tomo III. «A do Costa e Silva vem a pag. 311 do tomo I....»

Alguns versos d'esta illustre poetisa:

SONETO

A Francilia

Oh! quanto acima do meu estro eu vejo
Teu estro ameno, divinal Poetisa!
Que doce encanto d'elle se deslisa
Em meigas phrases, que imitar desejo!

Nympha assombrosa, que dás honra ao Tejo,
As margens suas outra igual não pisa.
Em torno á lyra tua se divisa
De amores mil o deleitoso adejo.

Usurpados a ti, Camena Lusa,
São os louvores com que a deusa alada
Tem exaltado minha fraca Musa.

Só tu, Francilia, deves ser louvada;
Só tu fazes que Lysia hoje produza
Uma nova Corinna sublimada.

SONETO

A Manuel Fernandes Thomaz(1)

Ó Grecia, ó Roma, que assombrando a terra
Haveis altivas mil heroes mostrado,
Vosso antigo esplendor nos tem cercado;
Heroes sublimes tambem Lysia encerra.

Eis o nobre Fernandes desenterra
D'alma as virtudes que vos teem ornado;
Esposo e pae, esquece tudo, e ousado
Vota-se á Patria, que a desgraça aterra.

Elle foi dos primeiros, que accendido
Tem da Razão o facho luminoso,
Aos ais de Lysia dando grato ouvido.

Mortal tão sabio quanto venturoso,
Se não te havemos aras erigido,
Terás nos corações logar honroso.

(1) *O Portuguez Constitucional*, de 1820, n.º 54.

SONETO

Á Ilha da Madeira (1)

Salve, patria de heroes, feliz Madeira,
Ilha assombrosa pelos Ceos fadada!
Sejas dos mares sempre respeitada!
Beije-te as margens onda lisonjeira!

Tu, que enchendo de pasmo a Europa inteira,
És de virtudes mil digna morada,
Que os ferros teus despedaçando ousada
Foste a cegos temores sobranceira,

Recebe o pranto filho da alegria
Que em Lysia transportada não se occulta,
Ao ver-se o nobre ardor que te incendia.

Ah! se outras eras exististe occulta,
Hoje, esmaltando a Lusa Monarchia,
Entre as grandes nações teu nome avulta.

(1) *O Portuguez Constitucional*, de 1821, n.º 103.

CAPITULO XI

D. Maria Cecilia Aillaud

I

Se ainda hoje a recita annual dos quintanistas da faculdade de Direito é em Coimbra o que na linguagem mascavada do tempo se chama um *acontecimento*, se ha quarenta annos cada recita no theatro academico ainda o era, o que não seria no principio do seculo, quando cada povoação do Reino se assemelhava a uma fortaleza, isolada de todas as outras fortalezas?

Era em verdade uma notavel representação que se ia verificar em certa noite do anno de 1806 no theatro novamente organisado pelos estudantes na rua da Sophia. Devia dar-se a segunda representação da tragedia de Crébillon, *Atreu e Thyestes*, traduzida em bellos versos pelo quartanista de Direito, e já distincto poeta, Manuel Mathias Vieira Fialho de Mendonça.

Ia-se enchendo a sala do espectaculo com as familias mais conhecidas e os academicos. Sentia-se já o buli-

çoso remecher das cadeiras, o vosear confuso que denota a alegria expansiva, e aquelle tumultuar que traduz o enthusiasmo da espectativa nas phantasias peninsulares.

Como é costume, no agrupamento geral formavam-se instinctivamente os agrupamentos especiaes. Mais para os lados, e afastados das senhoras, conversavam pausadamente os lentes Rodrigues de Brito, João de Campos, Fortunato Ramos, Magalhães de Avellar, o grande Brotero, e os dois celebres Navarros, que d'ali a pouco fizeram a possivel roda ao sociavel Vice-Reitor José Telles da Silva. Um tanto envergonhado, como era seu natural, mas já com o seu ar affavel, via-se o Substituto canonista Joaquim dos Reis, por cujas beneficas mãos viriam depois a passar milhares de estudantes. José Mauricio, lente e afamado compositor de musica, separava-se dos seus collegas das Pandectas, e dos outros, para, segundo o seu invariavel habito, conversar romanticamente com as suas discipulas mais bonitas, ou com as mamans (para disfarce que não illudia a ninguem). Mais longe um solitario, a quem haveria de caber a sorte de morrer ás mãos do seu creado, Ildefonso Bayard, que de vez em quando dava uma ou outra palavra a outro solitario, José Ferreira Borges, o futuro fundador do Direito commercial portuguez. Chega então alli, para os tirar d'aquelle dueto semi-mudo, outro estudante, composto em maneiras, um *dandy*, com a sua batina a primôr, e lustrosamente frisado, a quem elles chamavam «o nosso José», nome que o seculo completou com o appellido retumbante de *Silva Carvalho*.

Mas n'este momento voltaram todos tres a cabeça a

uma tempestade de gargalhadas, que do sussurro geral estalava no lado opposto. Não olharam elles só; olharam muitos. Que era? Aqui fechemos rapidamente os olhos, e com uma varinha magica, pois que estamos em theatro, façamos mutação de scena para a Camara dos Deputados de meio seculo depois. Um erudito Deputado de ferrenha opposição, em discurso violento contra um famoso Ministro do Reino, que se repimpava na bancada governamental, vinha, ao mesmo tempo, apostrophando, e descendo desde os bancos da *montanha*, onde democraticamente se assentava, até quasi ao pé do Ministro, em arremeços violentos de um coração feito de assucar; e quando, junto do Ministro, sem quasi dar por isso, lhe ia lançar, com o braço erguido e rosto furioso, a imprecação tremenda, o Ministro, que o estivera a attrahir com leves acenos de cabeça, como a luz á borboleta, estendendo agora aquelle rosto de que não houve egual no mundo, e cruzando as mãos no peito, titubeou comicamente, em voz que todos ouviram, esta supplicante phrase:

— Ó Antoninho! pois nem sequer te lembras de quando representámos juntos nos theatros de Coimbra?!

A Camara desatou ás gargalhadas, e quem mais riu foi o auctor do discurso accusatorio, cujas furias se desfizeram a um lampejo do genio. O estallar das gargalhadas de 1856 era o eccho das de 1806 n'este theatro em que nos achamos, pois que as promovia exactamente a encanzinada e engraçadissima conversação entre o futuro Ministro do Reino, então estudante do 1.º anno de Theologia, Rodrigo da Fonseca Magalhães, e o futuro Deputado, então estudante do 4.º anno de

Mathematica, Antonio Joaquim Barjona, de quem foi admirador. Que dois!

Fazendo côro áquelle dueto, que excedia tudo, pelas pilhas de graça de um e pela teima do outro, os estudantes Manuel Antonio de Carvalho, que havia de organisar o primeiro orçamento constitucional, Joaquim Antonio de Aguiar, que arrancaria a raiz de instituições seculares, Agostinho José Freire, a quem a liberdade deveria serviços tão relevantes; e acirrando a conversação, mettendo lenha no forno, ali, com a sebenta batina, avó do popular casacão, o futuro accusador de uma Rainha por quem tinha padecido tanto, quanto era o enthusiasmo que lhe tributava: Leonel Tavares. Aquelle lado da platéa, allumiado pelo esplendor d'estas auroras, parecia vir a baixo com riso.

Mas, pois que no mundo é sempre vivo o contraste, não tomava parte no riso, com o seu aspecto grave já na verde juventude, aquelle que da sua quinta das Lagrimas atravessara a ponte para assistir á tragedia de Crébillon, fazendo-lhe companhia outro sizudo moço estudante, José Pereira Palha, e mal lhes passava pela imaginação, que o bondoso filho de um viria a casar com a formosissima filha do outro.

Espalhados, aqui, além, acolá, o obeso Lomarindo, o melhor tocador de bandolim,

> co'o seu fresco carão de primavera,

conversando affincadamente (e attrahia os risos o contraste burlesco das figuras) com

> o magrela Berlão, homem de genio,
> Pernambucano audaz, recem-mirrado
> nas grelhas do Bezout;

e mais Domingos Pereira de Andrade, de quem o traductor da peça tambem cantou na epistola dedicada a Lelio:

É a minha metade, o meu Domingos;

e tambem o fagueiro Leal, Joaquim Freire de Macedo, e uma boa parte da selecta Academia.

As meninas, enthusiasmadas com a reunião, e por verem de perto os seus jovens adoradores, que em geral só as adoravam nos altares das janellas nas tardes de procissão, despertavam com o seu bulicio communicativo a alegria por toda a sala.

Uma sobresahia d'entre ellas com o seu ar distincto, e a sensibilidade extrema, que, depois de fazer d'ella uma martyr, viria a fazer d'ella uma Santa. Nas feições da mulher sensivel ha de ordinario um traço de doçura, que, sem fascinar, captiva. Não era formosa, mas espraiava-se-lhe suavemente no rosto uma candura melancolica. Tambem não se expandia em riso; sorria; mas o que não dizia aquelle sorriso! Na escolha do trajo não era leviana, antes uma gentil singeleza lhe imprimia no todo feição caracteristica. Tinha o condão da graça, e no coração um thesouro de affectos.

E se os meus leitores me estiverem accusando de phantasista, não me levantem esse falso testemunho, pois aqui está, n'esta mesma noite de 1806, o moço poeta, cuja traducção se vae representar d'ahi a momentos, e que, dois annos depois, veio a retratar, debaixo do nome de Cesaura, aquella joven senhora, já então sua esposa, n'esta poesia imitada do francez:

Eu corria apoz o engano,
e pensava achar ventura.
Sombras vans de falsos gostos
achei, buscando a ternura.
Eis que emfim Cesaura vejo,
menos bella do que amante;
Amor habita em seu peito,
a Candura em seu semblante.

Não tem ella os vãos ornatos
com que se adorna a leveza,
mas imita as lindas graças
da singela natureza.
Eu fui ver a estancia d'ella;
vi do Olympo a quadra ser.
Oh! quanto difficil fôra
não deixar-se ali prender!

Foi Cesaura esposa minha.
Ai! que ventura me deu!
Todo fogo e todo flamma
eu jurei ser todo seu.
Desde então, consorcio grato
mais estreita o nosso amor;
nem sua prisão, nem tempo,
nada afrouxa o nosso ardor.

De hymeneu os bens ignora
quem lhe chama escravidão.
Ó mortaes, ditosos foreis
imitando-me a prisão.
É da escolha que depende,
esposos, o ser feliz.
Não é sempre a mais formosa
a que melhor nos condiz.

. . . . . .

De repente o silencio impôz-se. Preludiava no piano o primeiro pianista de Coimbra, o estudante de Mathematica João Evangelista Torriani, a quem D. Frei Francisco de S. Luiz veio a chamar «insigne tocador de piano, em que mostrava particular gosto e expressão.»

Terminada a symphonia, principiou e seguiu a tragedia, entre applausos aos actores estudantes, e ao joven traductor, que n'um dos ultimos intervallos appareceu no palco, e recitou uma sua poesia alludindo debaixo de pseudonymos transparentes, a cada uma das meninas que nas artes mais se distinguiam. Mas o verdadeiro alvo a que pretendia chegar o poeta era o louvor da joven Cecilia, que o nome de Cesaura encobria ás vistas profanas. O poeta do Mondego, por ventura mais prudente do que d'ali a dezasseis annos o do Tejo, não fitaria os olhos tão intencionalmente na sua amada, como o auctor do Catão, mas lançou á assemblèa este grito da sua alma, que repercutiria na alma a que ia dirigido:

O mortal venturoso que te escuta,
absorto existe sem saber que existe;
veste essencia de nume, e, manso e manso,
sentindo ao mando teu pesares, gostos,
esquecido de si, de si não conscio,
comtigo vaga da Harmonia ao reino.
Praza aos Ceos que te diga um fado amigo:
«Vive, ó gloria de Amor! tua alma sinta
«as doces commoções que tu motivas.
«És musa no pudor, no canto és Musa.»

Applaudido o poeta, a tragedia proseguiu por entre palmas, e a noite festival terminou, como todas as noites festivaes, com a saudade do que se gosára.

II

É terra de perigos a feiticeira Coimbra. Um milhar de rapazes, sem um dia de experiencia, e com a vida a pular-lhes, sahidos pela primeira vez dos braços maternos, e juntando-se como n'uma familia para se confidenciarem os seus affectos e esperanças! Não falo do estudante de hoje, de botas envernisadas, afiambrado frack, charuto da Havaneza, carroagem para passear, e, quando Deus quer, para o transportar para as aulas a elle e aos compendios; vindo das exposições parisienses, e sonhando já com a cadeira de Deputado e a pasta de Ministro. O estudante de Coimbra, matou-o o caminho de ferro. Falo do genuino estudante, com a sua imaginação desannuveada, batina de cotovellos duvidosos, capa negligentemente lançada sobre o hombro esquerdo, o elegante gorro em vez do actual *soli-deo* detestavel, ou com os seus longos cabellos expostos ao vento, com a graça francamente portugueza, sem saber se tem que jantar, bailando nas fogueiras, dançando com as raparigas no arraial de Santo Antonio dos Olivaes, ou acompanhando na madrugada de S. João á fonte dos castanheiros os ranchos das cachopas, com as bilhas á cabeça engrinaldadas de flores, vendo o mundo cor de rosa, e indo para o bem com o instincto do seu coração juvenil. Era este o estudante perigoso, principalmente se á mocidade reunia o talento, e ao talento entrelaçava os dotes do coração. Era emfim o estudante sacrificando a vida nas cheias ou nos fogos por uma vida alheia, mandando ao demonio os livros

e os cuidados, entoando em noites de luar, por baixo das entrecerradas gelosias das suas namoradas, e ao som da dolorida viola, estas e outras cartas de amores sobrescriptadas em trovas:

Filha do Rei Alquivir,
ó formosa Sevilhana,
descerra a tua ventana,
vem minhas trovas ouvir.

Eu não sei que sympathia
meus olhos comtigo teem.
Quando estou ao pé de ti
não me lembra mais ninguem.

Ando a baixo e ando a cima
como retroz na balança.
Em quanto não fores minha,
meu coração não descança.

Da minha janella á tua
é o salto de uma cobra.
Espero chamar ainda
á tua mãe minha sogra.

Se eu podesse em noite escura
ser por ti agasalhado,
no açafate da costura
dormia mesmo enroscado.

Se eu fosse um melro bem negro,
melro de bico amarello,
iria fazer o ninho
nas tranças do teu cabello.

E que cidade esta para as phantasias juvenis, tendo por quadros a Fonte dos amores, o Penedo da saudade, o Lago incomparavel de Santa Cruz, a Lapa dos esteios, e por entre os choupos e salgueiros o limpo deslizar do Mondego, descripto pelos mais pittorescos prosadores, e pelos mais affectuosos poetas, desde Camões:

Doces e claras aguas do Mondego,
doce repouso da minha lembrança,
onde a comprida e perfida esperança
longo tempo apoz si me trouxe cego.....

Foi menos perfida a esperança da felicidade ao poetico estudante que vimos no theatro da Sophia entoar o hymno de amor a Cesaura, do que fôra ao nosso Camões. Chamava-se (como já disse) Manuel Mathias Vieira Fialho de Mendonça. Acabava de imprimir dois volumes de *Rimas*, em que, independentemente de poesias desiguaes, devidas á inexperiencia do primeiro impulso, appareciam peças de alto merecimento, como a *Carta de Sapho*, e a *Ode á Guerra*, em que se leem entre outras, estas alevantadas estrophes:

Ah! quando, ó Lusitania, ó Patria, eu rasgo
o escuro veo das epocas remotas,
quando folheio teus recentes fastos,
quam pouco invejo a Roma!

Tu brotas Scipiões, tu desbaratas
baldadas iras de soberbas hostes.
A mente peza com perplexos olhos
Ourique, e Marathona.

Tu, Patria, tu primeira povoaste
de audazes quilhas não sulcadas ondas;
teus bravos cidadãos tremer fizeram
o gigante assombroso.

Como era latinista de primeira plana, foram notaveis de belleza e elegancia as suas traducções em verso, de Ovidio *(O Remedio do amor)*, de Horacio *(Odes)* publicadas no indicado livro *Rimas*, e a do celebre livro IV da *Eneida*, que sahiu no *Instituto* de Coimbra. Tambem trasladou a *Historia da conjuração de Catilina*, de Sallustio, nacionalisação primorosa. Tecem os entendidos a estas obras justos louvores; e José Bonifacio na apreciação que fez do poeta, chamou-lhe a elle «excellente coração, capaz de tudo quanto ha grande, bello e sublime.»

O estudante formou-se no anno seguinte áquelle em que o vimos no theatro: no anno immediato (1808) casou com a joven e graciosa Cesaura, ou antes Maria Cecilia Aillaud, nascida em Coimbra, e filha de João Pedro Aillaud, que de França viera estabelecer-se n'esta cidade. Acabava a noiva de sahir do collegio das Ursulinas, onde a vasta educação que ali recebera lhe aprimorára o talento. Pianista muito notavel, tivera por mestre o celebre Torriani, já mencionado.

Eram feitos para se entenderem os dois novos esposos. Depois do casamento foram fixar-se em Santarem, onde o moço advogado fez carreira distincta. Se viveram felizes, dil-o elle proprio na poesia que citei, onde deseja aos que ambicionarem a felicidade uma sorte egual á sua.

III

Devo á benevolente familia Aillaud (e aqui lhe deixo consagrada a minha gratidão) o conhecimento de todos os manuscriptos litterarios e particulares da admiravel escriptora.

Tenho-os n'este momento diante de mim.

Não sei que estranha impressão sentimos quando tocamos em papeis affectuosos que pertenceram a pessoas que deixaram o mundo no nosso tempo! Parece que esses papeis teem vida: que sentem a dor ou o prazer, que nos falam e nos respondem. Afigura-se que nos agradecem quando os amimâmos, e que se entristecem se os tratâmos com indifferença.

O primeiro é a poesia a Cesaura no theatro em 1806, papel amarellado, em partes quasi desfeito, guardado (vê-se) com extremos de saudade. Junto a elle, e tambem amarellado, um apontamento sobre a historia de Portugal, escripto pelo filho, que ella idolatrava, e a cuja tragedia assistiremos. Impressiona, quando na ultima linha diz: «El-Rei D. Manuel casou com a Prin-«ceza filha dos Reis de Castella, que foi reconhecida por herdei.....» Que repente partiria não só o periodo, mas a propria palavra? Ia a escrever *herdeira*, e parou electricamente no meio. Seria uma dor n'aquelle corpo enfraquecido? Um pensamento que passou n'aquelle talento delicado? O resto da pagina em branco encerrou para sempre este segredo.

Sim, corro a um e um todos estes papeis, com o respeito consagrado a uma senhora, e com a sympa-

thia devida a uma alta intelligencia. Vejo estas intimidades que falam, estes borrões de tinta cahidos por uma surpreza, e que levantam um sobresalto. Pregando estes cadernos vejo alfinetes, uns brancos, signal de que a alma descançava então, outros negros, que ferem o papel como a dor n'esse momento feria de certo a alma. Vejo emendas, confidencias, periodos cortados, palavras em meio, um pensamento que fugiu, uma ideia que de repente se quiz que não ficasse perdida. D'entre outros vejo sahir dedicatorias, tão affectuosamente escriptas como delicadamente acceitas, de versos de poetas contemporaneos da dona de todo este thesouro, vivendo n'esta mesma cidade, e meus amigos, que me parecem ressuscitar como eu os via nas ruas em que nos encontravamos, ou nas salas em que nos divertiamos. Aqui os torno a vêr! são elles mesmos, no seu estylo, na sua lettra. Abraça-me aqui, José Freire de Serpa! Sorri-me, Castro Freire! Apertae-me a mão, Lisboa Serra! Anselmo Braamcamp! Francisco Antonio de Mello, o afamado traductor das *Prisões* de Silvio Pellico! Vejo tambem sahir de uma das poesias que a escriptora mais intimamente parecia enthesourar, um papel pequeno, fino, amarellado, com uma mancha redonda e resequida, de certo uma lagrima! Tem escripto simplesmente o nome de uma senhora. Uma amiga de infancia talvez!...

Os manuscriptos que tenho diante de mim, comprehendem:

1 — Grandes extractos originaes, e outros traduzidos de varios oradores ecclesiasticos, Bossuet, Massillon, e outros.

II — Prosas e versos de escriptores portuguezes, offerta dos auctores.

III — Extractos de auctores profanos: La Harpe, Buffon, Saint-Lambert, Voltaire, Rousseau, Corneille, Racine, Molière, Chateaubriand, Dellile, Victor Hugo, Metastasio, Madame de Genlis, Louise Bader, e muitos outros. Parte d'estes extractos são traduzidos pela nossa escriptora, e acompanhados de numerosas annotações suas.

IV — Originaes e traducções d'ella propria, assim como meditações ou pensamentos. Apresentarei um ao acaso, a proposito do cemiterio dos Prazeres, na presença de um enterro:

«E as lettras dos epitaphios a dizerem que o pae, o «filho, o marido, ahi ficam inconsolaveis! Oh! quantas «esposas, se declaram aqui nas letras do cemiterio «*sem consolação*, quando além, no centro da cidade, as «vemos passear bem consoladas pelos braços dos novos «maridos! É ainda mais triste do que a morte sobre-«vivermos aos nossos proprios sentimentos. Nós mes-«mo somos um cemiterio. Quantos epitaphios não ha «na nossa memoria sobrepostos ás esperanças e aos «affectos que foram morrendo por toda a nossa vida!...»

V — As *Memorias* do seu filho.

Poetava D. Maria Cecilia com elevação e sentimento; mas as *Memorias* são a sua obra principal, como veremos.

IV

A felicidade é caprichosa como o vento. Quem pode n'ella confiar?

Veremos, mais para diante, que thesouros de affecto e de dedicação encerrava a alma de D. Maria Cecilia. Tinha dado a seu marido um gracioso par, Amalia e Manuel, duas creanças que faziam as delicias de ambos. Um dia... (diga-se a expressiva phrase portugueza) a roda principiou a desandar. Cinco annos haviam decorrido (1808 a 1813) de uma ventura que não parecia d'este mundo. Os annos da felicidade são apenas minutos na vida, mas minutos de goso supremo. Os trabalhos litterarios, e sobretudo a composição do seu *Dicionario juridico*, obra magistral na especialidade, tinham arruinado a saude do marido, até que n'um dia da primavera de 1813, em Abril, fallecia aos trinta e tres annos de edade. Seja ella propria que falle, n'um dos seus manuscriptos que tenho diante de mim:

«Coimbra, 11 de Fevereiro de 1814.

«Hoje, pouco depois de me levantar, abri a janella «do meu quarto. Tinha amanhecido um dia tão risonho, «que parecia reanimar os espiritos mais abatidos. Via «o Mondego defronte de mim. Aquella manhan estava «convidando á alegria todos os corações; mas o meu «não se podia abrir ao convite geral. Onze de Fevereiro! — disse eu commigo — foi o principio da mi«nha desgraça. *Minha Cecilia*, — murmurou-me elle — «*se uma febre com esta violencia dura uns poucos de dias,*

«*não resistem as minhas forças.* E o que seguiu? an-«cias, que a energia da penna mais eloquente tentaria «em vão descrever. Com taes recordações, qual seria «a commoção da minha alma ao vêr n'este 11 de Fe-«vereiro amanhecer um dia tão risonho. Dia formoso! «— disse eu para mim com o espirito mais negro do «que a noite — A par de tantas alegrias, quantas la-«grimas não verás tu correr! para quantos não será «sem luz o teu vivissimo sol, e sem amenidade o teu «purissimo ar! Bem o sei por experiencia. É o nosso «coração, que presta aos olhos as cores agradaveis ou «desagradaveis com que elles veem os objectos. Lembro-«me perfeitamente da manhan lindissima que n'aquelle «dia vi surgir; e pensei então: Aos olhos dos desgra-«çados todos os objectos tomam uma cor lugubre; a «presença do prazer envenena a propria natureza.»

E logo em seguida sae-lhe do peito outro pensamento de delicada apreciação:

«Antes de irmos habitar n'aquella casa, o dono do «jardim tinha semeado as flores, mas morrera bem «novo. Nunca pude colher com insensibilidade as flo-«res que elle semeara com tanto gosto para vêr florir, «e que não poude chegar a vêr. Ás vezes uma inex-«plicavel melancolia arrazava-me os olhos de lagrimas. «Attribuia-o então ás saudades da minha filhinha; mas «creio que era tambem o presagio da desgraça que «estava imminente. Tremia com a tempestade que se «ia formando....»

Tinha assim D. Maria Cecilia perdido a sua filha pe-

quenina, e enviuvado aos vinte e nove annos de edade. Restava-lhe o filho, de quatro annos. Aquella alma ia resumir n'esta creança o seu amor illimitado. Vamos vêr como um espirito pode ser elevado pela dedicação materna ás regiões mais altas do sentimento. Ser-lhe-ha dado inebriar-se no amor mais puro e desinteressado; mas ai tambem da que intentar sorver até o àmago a doçura do pomo.

O tempo correu, e deu nos um escripto admiravel, sem ella o pretender, guiada unicamente pelo instincto do seu coração.

Este manuscripto compõe-se de quatro grandes cadernos, e tem por titulo: Memorias do meu caro filho.

No decurso d'esta obra ha desigualdades, repetições, e ás vezes um certo desalinho; merecimentos verdadeiros, porque mostravam bem que era uma alma na nudez da sua verdade que a ia lançando ao papel com todas as cores do sentimento. Por melhor dizer: a auctora não escrevia; pensava, meditava, e sentia sobre aquellas folhas, sem pressentir que tinha uma penna na mão. Ella o disse:

«O meu coração vive das suas memorias, e gosa das «suas lagrimas.»

V

Escreve D. Maria Cecilia na primeira pagina das *Memorias* esta sentença:

«A dor que sentimos quando perdemos as pessoas «a quem amamos, é a unica dor a que recusamos re-«nunciar. E a minha dor reune todos as dores, pelo

«merecimento do objecto que perdi, e pelo extremo «dos meus sentimentos, que não podem ser excedidos. «Elle era a consolação de todas as penas da minha «vida, a minha gloria, e todas as minhas esperanças «sobre a terra.»

Quando o filho pela terceira vez foi premiado, offereceu-lhe a mãe um formoso lenço, em que lhe expressava, com uma citação de Dellile a situação de ambos: a do filho, coroado tres vezes pela victoria, e a da mãe chorando, outras tantas, de ternura sobre os loiros filiaes, e sentindo-se tambem triumphante com a gloria do laureado.

Como as forças physicas do pobre filho não correspondiam ao seu vigoroso talento, recorda-se ella, para conforto, de que empregou todos os esforços afim de lhe poupar os trabalhos, lançando-os sobre os seus hombros maternos. Logo para a facilitação do ler, divertindo-o, inventou-lhe o ensino pelos objectos da casa e da quinta que se parecessem com a forma das lettras; e sentiu uma grande alegria quando de repente lhe viu bater as mãosinhas, e dizer, apontando para um regatosinho, como se tivesse descoberto um mundo:

— Minha mãe! ali está um A!

Vae proseguindo assim. Para o auxiliar e poupar-lhe o trabalho, sendo elle fraquinho, e para lhe deixar mais tempo, escreve ella por sua mão as traducções do latim que elle estudava. No grego fiava o caso mais fino: copiava-lhe o caderno dos significados, á semelhança de quem entra a copiar musica, sem comprehender uma nota. Como no grego, o mesmo nas dissertações de geometria e physica. O francez, que sabia como uma parisiense, ensinou-lh'o ella propria, sendo-lhe

diccionario, para lhe evitar a semsaboria da procura; e n'estes esforços, que empregava para o alliviar, lembrava-se de madame de Genlis:

C'est pour toi seul que dans ma solitude
Je cultive chaque talent.

Não faço senão resumir o que a penna e o coração de D. Maria Cecilia escrevem terna e largamente.

Um traço lança ella aqui do filho, que logo nos verdes annos lhe revela o caracter. Certo dia passa pela quinta um mendigo, e cae com um ataque epileptico. Tratam d'elle: volta a si. Pedem-lhe que diga se alguma coisa o costuma melhorar. Responde que o fumo do cigarro. O que faz o mocinho? Corta uma tira de papelão, escreve n'ella com lettras grandes, que as melhoras d'aquelle epileptico dependem do fumo do cigarro; põe-lh'a ao pescoço, como taboleta, e diz-lhe:

— Serás soccorrido em toda a parte.

A escriptora vai lançando nas *Memorias*, com singeleza, as sensações ou recordações que se lhe avivam.

Lembra-se da entrada nos estudos superiores. A inclinação do estudante para a Mathematica era immensa. O grande Lente Manuel Pedro de Mello diz-lhe: «Em oito mezes, nunca vi um estudante progredir assim.» A Faculdade premeia-o em todos os annos, e (suprema gloria em taes casos) offerece-lhe o doutoramento, para o vir a ter como collega no magisterio. N'este ponto a escriptora lembra-se de que é mãe, e com desvanecimento maternal reclama nas entrelinhas uma parte d'essa gloria para si propria. Veremos, ao depois, em que esta gloria se tornou!

Oiçâmol-a agora:

«Quanto me pareciam risonhas as margens do Mon-«dego na companhia do meu querido filho! Que felizes «dias passei ali! Chegado o tempo das ferias, a quinta «era o seu recreio. Um barco estava sempre ás suas «ordens. Quantas vezes o acompanhei nos seus pas-«seios e pescarias, em bellas tardes e noites de luar!... «nem ha um palmo de terra, desde o mar até o sitio «das Cannas, que me não repasse o coração com do-«lorosas memorias. As nossas digressões, tão agrada-«veis e tantas vezes repetidas, á Figueira e a Pereira, «são hoje para mim punhaes. Que triste sensação me «causa a idéa d'aquelles sitios!

«Ali, á borda do rio, em quanto esperavamos pelos «barqueiros, arranjou elle umas taboinhas para me «resguardar os pés da humidade; ali desembarcámos, «quando me conduziu de Pereira, estando eu doente. «Que extremoso interesse pela minha saude...»

De outra vez:

«Mais a baixo aportavamos ao porto de Pereira, e «dirigimo-nos ao collegio (onde tambem perdi tudo). «Acolá, passámos a noite no barco, indo para a Figuei-«ra, sendo em tudo a alegria d'elle o meu verdadeiro «goso. Alli saltou em terra para subir o penedo de La-«res com Henriqueta, tendo esta apenas dez annos de «idade. Mais a diante, no fim da tarde, divertiu-nos «tocando flauta em quanto se preparava o chá; e o «meu coração interessava-se em todas estas scenas, «porque o seu as apreciava. Com que delicias via eu «o seu contentamento! O gosto que elle sentia com a «bella perspectiva da entrada no caes da Figueira, de «manhã, era a rasão poderosa para me obrigar a de-

«linear sempre a jornada n'este sentido.....

.....

«O luctuoso dos logares que o coração destina para «chorar a quem perdeu, sympathisa com a nossa ma-«gua, parece tomar parte n'ella, mas o risonho dos «sitios agradaveis, como que insulta a dôr! Se algum «dever me obrigasse ainda a fazer a jornada da Fi-«gueira, que sacrificio! Com que prazer gosei eu a «sensação que produziu no seu coração, cheio de mo-«cidade e enthusiasmo, a vista do mar pela primeira «vez! Tudo por aquelles sitios está cheio de memorias «da antiga felicidade... Este valle de lagrimas estava «para mim cheio de flores em quanto o meu filho vi-«veu n'elle; a sua ausencia tirou-lhe o encanto; ficou «um deserto; e quanto mais amenos são os sitios, «mais terriveis se tornam para mim pela ideia asso-«ciada de quem me falta para gosal-os. Eu, sem vista, «gosaria o que elle gosasse; vendo, não posso gosar «o que elle não gosa.»

Exemplar filho este! não só pelo amor com que estremecia a mãe, como pela singularidade de pensamentos finissimos em que afinava com ella.

«Quando acontecia — dizia á mãe um amigo d'elle — pedirem-lhe um segredo, punha logo uma condi-«ção: has-de-me dar licença que o diga a minha mãe.»

Passeando um dia na ponte com outro amigo, e dando-lhe este uma noticia importante, logo lhe tornou:

«— Adeus: vou dizer isto a minha mãe.»

Outro caso formoso descreve a auctora com a singeleza amorosa que lhe é natural:

«A 26 de julho de 1832 sahiu de casa a cavallo,

«para uma digressão d'onde eu o esperava á meia «noite; mas foi obrigado a demorar-se. Toda a fami- «lia estava já dormindo, e eu velava sósinha esperando «por elle. O meu coração tremia com a demora; en- «tregava-o á Providencia, e sentia me então mais tran- «quilla. Chegando a casa proximo da madrugada, ex- «plicou-me o motivo, e a sua afflição pelos cuidados «em que me suppunha. Do meio do campo (disse-me «elle) avistei uma luz n'este quarto, e disse para o «meu companheiro: *Olha: é sem duvida minha mãe que «está levantada esperando por mim;* e, na minha afflic- «ção pelo cuidado em que a considerava, punha a mão «sobre a Imagem da Virgem, supplicando-lhe interce- «desse para o coração de minha mãe ser tranquilisado.

«E esta mãe vive sem este filho!...»

. . . . . .

O amor da Patria teve tambem um logar distincto na sua alma — adverte D. Maria Cecilia.

«Qualquer descoberta no estrangeiro lhe exaltava o «desejo de a ver adoptada em Portugal. Com que en- «thusiasmo lhe ouvi tantas vezes falar da necessidade «de introduzir n'este paiz alguns productos estrangei- «ros, e entre os seus papeis lhe encontrei muitos apon- «tamentos de varios assumptos n'este genero.»

VI

A ultima parte d'estas *Memorias* encerra a doença e morte do filho, e precede-a esta epigraphe de Job:

«*Os dias do homem são breves: são como a flor, que «ha pouco tempo nascida se vê pisada.*»

Minava-o a tisica.

Descreve a mãe como foi singelo o acto dos Sacramentos, e a suavidade com que elle os recebeu. Mãos amigas tinham adornado de flores o quarto, que parecia um jardim. Terminado o acto, ouviu-se a musica de um regimento que acompanhava o Viatico a outro enfermo; e elle perguntou á mãe:

— Quem será aquelle que me faz hoje companhia?

A resignação foi-lhe extrema até ao derradeiro suspiro.

Resumâmos a descripção que a triste mãe faz do ultimo dia:

«Chegou o dia 29 de abril d'esse anno de 1834. Pareces-me hoje menos abatido — disse-lhe eu: e conversámos sobre alguns assumptos. Nunca os seus olhos me pareceram tão expressivos, animados de doçura e sensibilidade. Era a despedida do seu ultimo dia. Dei-lhe um pouco de leite, que bebeu, e foi o ultimo serviço que lhe fiz. Foi o seu ultimo alimento aquelle leite recebido de minha mão, como de mim recebera o primeiro ao entrar na vida. Depois, deixou de falar, nunca mais recobrou os sentidos, e todos os soccorros foram infructuosos. Em pouco tempo achou-se-lhe rodeada a cama de medicos e de outras pessoas de amisade. Um sacerdote amigo administrou-lhe a Extrema Uncção, e acompanhou-o com as suas orações. Durante estes actos orava eu n'um canto do quarto aos pés de um Crucifixo. De repente o pranto e os gritos das minhas sobrinhas annunciaram o seu ultimo suspiro. Lancei-me sobre o seu corpo; parecia-me que lhe sustinha a vida. Os olhos estavam ainda abertos; só não olhavam já para mim, nem fasiam caso das minhas la-

grimas! e eis aqui o signal por onde se poderia bem reconhecer a morte d'elle. Antes de me arrancarem de ao pé d'aquelle corpo, que foi o meu idolatrado companheiro de vinte e cinco annos, fiz cortar uma madeixa dos seus cabellos, seu unico resto: e, como se o Universo desapparecesse para sempre aos meus olhos, voltei para o pé do Crucifixo, a unir-me com o seu espirito na presença de Deus.»

. . . . . .

Esta mãe perdia o seu filho, é verdade: mas cahia vencida gloriosamente.

Acabamos de ver como ella o disputou á morte, na creação, nos estudos, nos cuidados. Foi uma lucta dia a dia; dir-se-hia uma lucta de fera contra fera; e se não havia forças humanas que o podessem salvar, soube reunir todos os milagres maternos para lhe prolongar a existencia.

Não posso resistir a apresentar um dos ultimos quadros d'este livro formoso: a descripção que ella deixou do quarto do filho:

«O quarto que foi habitado pelo meu caro filho apre-«senta-me o quadro dos seus trabalhos e do fructo «d'elles: o passado, e o futuro! o interminavel futuro «de uma feliz eternidade! O arranjo d'elle, o mesmo «que na sua vida, não tem mudança senão no sitio da «cama: no logar d'ella está um altar. Ao entrar a por-«ta, abranjo o quadro da sua vida e morte, da minha «felicidade, e de todas as angustias do meu coração, «dos seus trabalhos, e da esperança do premio d'el-«les; a sua livraria, uma pequena estante feita pela «sua mão, em que costumava pôr o livro quando estu-«dava objectos de meditação: o tinteiro, a penna, a

«cadeira chegada á meza, e sobre ella os cadernos de «Mechanica em que andava trabalhando; tudo alli sup- «põe a sua presença. Só Elle falta!... Ali foi o seu «estudo mil vezes interrompido com as nossas doces «conversações. Ali o vejo sentado a estudar no sitio «do costume, e, parando com o estudo á minha che- «gada, olhar para sua mãe com o seu ordinario ar de «riso carinhoso. Oiço-lhe a voz, recordo-me do obje- «cto de algumas d'essas conversações. Isolada n'este «logar, acho n'elle todas as memorias, e não o troca- «ria por todos os palacios do mundo. Este logar, tes- «temunha das consolações que eu gosei na sua doce «companhia, foi o theatro de scenas e de angustias, «que a linguagem humana não póde descrever. Ali, «tive o primeiro presentimento da perda d'este filho, «que absorvia todo o meu coração; a dôr das dores «estava reservada para mim! A sua enfermidade dei- «xou-lhe todo o vigor de espirito, com a probabilidade «de uma morte proxima, que nós ambos reconhecia- «mos. Eramos a mutua companhia um do outro, pois «que, á excepção de duas ou tres pessoas, não queria «ver mais ninguem. Quantas vezes me dizia: *Não es- «tou bem, senão com minha mãe!* E eis aqui, na terna «e continua companhia d'estes tres mezes, a prepara- «ção com que os nossos corações se achavam dispos- «tos para a ausencia final. *Ah! minha pobre mãe* (di- «zia-me elle quando entrevia a morte) *quanto dó me «faz!* Não ha feições mais perfeitamente pintadas n'um «retrato, do que estão na minha alma as feições d'elle, «a sua voz nos meus ouvidos, os seus gestos, todas as «suas maneiras, presentes ao meu coração... Quando «algum novo cuidado d'esta triste vida vem atacar o

«meu coração, desço ao seu quarto, e, na falta do seu «conselho, invoco a sua memoria, abraço-me aos seus «vestidos, e algumas vezes chego a proferir: *Que me «dizes?* Corro aos pés do Crucifixo no sitio em que «elle expirou, e a minha dôr exhala-se em abundantes «lagrimas... Ah! quem pensára, durante a nossa com- «panhia sobre a terra, quando algumas vezes orava- «mos ambos juntos, quem pensára que elle primeiro «do que eu partiria d'este mundo!...»

Ha ainda mais. Aquella mãe, depois de ter disputado á morte a vida do filho, quer arrancar ao esquecimento a memoria d'elle. Não posso furtar-me a expôr um trecho, que é uma belleza de pensamento delicado e de amor purissimo:

«A exaltação da minha ternura, e o enthusiasmo que «ella me inspira pela sua memoria na falta da sua pre- «sença, chega talvez a delirio! Sem a menor preten- «ção de que a minha memoria se conserve no mundo «depois da minha morte, não posso supportar a ideia «de que então desapparecerá da terra a do meu caro «filho. O que torna a nossa vida o sonho de uma som- «bra, diz Chateaubriand, é o não podermos esperar «viver muito tempo na lembrança dos nossos amigos, «porque os seus corações, em que está gravada a nos- «sa imagem, não são tambem senão barro sujeito a «dissolver-se, bem como o objecto de que guardam a «imagem. Elle viu em Portici um pedaço de cinza do «Vesuvio conservar estampada a figura de uma pessoa «morta debaixo das cinzas de Pompeia; e esta cinza «desfazia-se a qualquer toque. Assim se desfará o meu «coração! mas só com elle se desfará a sua imagem, «que, como a cinza do Vesuvio... conservará impres-

«sa até á sua dissolução a imagem d'aquelle que mor-
«reu quasi nos meus braços, e sobre o meu coração.
«Então, ambos esqueceremos no mundo? Entretanto,
«desafogou o meu coração em nutrir o seu delirio, tri-
«butando á sua memoria os desvelos de que elle já
«não precisa. O preparo do seu quarto e dos moveis
«que foram do seu uso fazem illusão em parte. Julgar-
«se-hia que o espero de fora. Ah! eu não o espero
«nunca mais. Comtudo, faço engraxar o seu calçado,
«limpar as suas botas, escovar os seus vestidos, não
«para se servir d'elles,

«Un peu de terre, hélas! a caché pour jamais
«Celui dont en ces lieux je cherche encor les traits;

«mas porque emquanto eu vivo, todos os objectos que
«lhe pertenceram reclamam de mim o cuidado da sua
«conservação.....
«Habitação deserta! e para mim tão cheia de recorda-
«ções! outros depois de mim te pizarão com indiffe-
«rença; mas praza ao Ceo que te habitem com prazer,
«e que a ventura que eu perdi, ali os acompanhe a
«elles!!...»

.....

Nos quadros que deixo extratados, parece-me ter dado uma ideia d'este poema de lagrimas, não romantisado, mas escripto com o verdadeiro pranto de um coração materno gottejando sangue.

XII

D. Maria Cecilia sobreviveu ainda vinte e quatro annos ao seu filho; direi melhor: viveu ainda vinte e quatro annos abraçada ás memorias d'aquella alma, que em verdade se consubstanciou na sua. Uma soledade assim nunca mais perde a sua dor, que fica formando parte do ser; mas a natureza concede misericordiosamente ao tempo, que abrande a horrivel agudeza.

Como temos visto, era esta senhora um espirito ancioso de derramar o bem; e vendo-se já sem a familia que tinha creado, não sossobrou. Sustida pelos seus principios piedosos, e pelo pensamento de que a missão social impõe o cumprimento dos deveres até á morte, applicou-se ainda a educar as suas duas sobrinhas. Quem sabe se na pratica d'esta mesma educação não buscaria ella mais um laço que a prendesse á sua memoria querida? Quando, depois de uma formosa tarde, cae o sol no occaso, não é por ventura encantador seguirmos com a vista saudosa os raios mortiços d'aquelle clarão?

Para uso de suas sobrinhas compoz, com o modesto titulo de *Conselhos*, um cursosinho de educação moral e social. Tenho tambem diante de mim este manuscripto.

Extratou grande numero de escriptores especiaes, mas o fundo é seu, e a doutrina é lançada ali com experiencia do mundo, e suavidade natural. Parece estar incutindo os seus dictames a falar, e por meio de ima-

gens sensiveis, terminando graciosamente, com verdadeiro conhecimento da mocidade:

«Muitas mais cousas me restariam para lhes dizer, «minhas filhas; mas temo que, quanto mais extenso «for o escripto, menos lido seja. A Deus entrego o «resto. — *Cecilia.*»

Não saciado do bem, tinha aquelle espirito vivissimo destinado um dia semanal para reunir em casa as pessoas das suas relações, fazendo-lhes então uma conferencia sobre os deveres da mulher nas diversas condições de filha, esposa, e mãe, e variando os assumptos aliás tendentes a um plano.

Teve esta senhora uma longuissima correspondencia com as senhoras Viscondessa de Alcobaça, Condessa da Quinta das Cannas, D. Anna Maria do Carmo Pessoa, D. Maria Antonia da Fonseca e Castro, e outras damas, todas já agora fallecidas; com ellas, é claro, desappareceram tambem as suas cartas. Salvaram-se unicamente quatro, dirigidas á sr.ª D. Clementina da Silva Monteiro. Por estas cartas, escriptas com pureza de dicção, e finura de conceitos, vê-se como ella estudava os negocios pelas suas varias faces.

Limito-me a uma pequena citação da de 31 de Agosto de 1837. A sua joven e estremecida sobrinha D. Henriqueta fôra pedida em casamento para o irmão da sua referida amiga. O noivo todo apaixonado e impaciente, almejava pelo casamento, mas os dois paes entendiam interpôr um praso rasoavel, sem aliás atinarem bem no modo. Para harmonisar as vontades oppostas, escrevia ella, tia da noiva, á sua amiga irman do noivo:

«Nós mulheres entendemo-nos melhor do que elles «se entendem. Talvez que o noivo se vá esquecendo

«d'esta excessiva pressa, sem se lhe combater formal-«mente a vontade; e sendo assim, nós cá ficàmos, para «fazer então o que melhor convier.»

Por este modo, juntava uma prudente sagacidade a um grande uso do mundo. Toda esta carta é de uma preciosa naturalidade.

Nos ultimos tempos, minguando-lhe as forças, fez da sua camara um centrosinho de lettras, e ali recebia os prosadores e poetas da sua intimidade. Finalmente, obedecendo á lei humana, falleceu em 1859, com setenta e cinco annos, na mesma cidade que fôra testemunha das suas felicidades, e dos seus infortunios.

VIII

Que mar tempestuoso é o mar da vida!

escreveu n'um dos seus melhores sonetos o joven poeta a quem a escriptora veio a ligar a sua sorte. Mal pensaria o poeta, n'aquelle momento da sua verde mocidade, que n'este conceituoso verso resumia a tempestuosa vida de sua mulher!

Prosadora admiravel, coração feito para a felicidade, viu desapparecer, como nuvem que o vento desfaz, o marido na ardencia do mutuo affecto, a filha no viço das graças infantis, o filho na flor da juventude, creado com o sangue do seu amor, e obra do seu espirito pela educação. Viu encantados os seus dias pelos incessantes cuidados com que elle a estremeceu. Viu esse filho ennobrecido pelo talento, e viu-o cahir no sepulcro exactamente quando a Universidade lhe ia collocar sobre

a fronte a coroa dos seus trabalhos gloriosos. Aquelle filho era a corda que lhe vibrava no coração. Quebrada a corda, o coração estalou-lhe.

Alma elevada, que, apesar de tanto padecer, ainda poude servir a familia, e servir a sociedade, mulher martyrisada de tantas dores, e purificada em tanta resignação, a sua memoria será glorificada pelos que a souberem comprehender.

CAPITULO XII

D. Maria Rita Chiappe Cadet — D. Antonia Gertrudes Pusich — D. Maria Felicidade do Couto Brown (Soror Dolores) — D. Marianna Angelica de Andrade

I

Meado o seculo XIX, houve em Portugal uma ancia poetica, influenciada talvez pelo *Trovador*, sahido de Coimbra, d'onde tem soprado desde antigos tempos a aragem de tantas escolas e o impulso de tantos progressos.

Aqui temos, estreiando-se logo apoz 1850, uma poetisa lisbonense, D. Maria Rita Chiappe Cadet. Eivada, é certo, de alguns dos vicios da já decadente escola, tinha comtudo muito talento, que se lhe denunciava logo na primeira conversação. Quantas vezes não illude a viveza das que de vivazes se presumem nas salas ou nos theatros, não passando aliás essa viveza de uma roda viva de palavras, que se poderia chamar simplesmente mecanica da intelligencia! A perspicacia das intelligentes, essa ressalta espontanea e involuntaria, mesmo quando na modestia se pretende esconder.

D. Maria Rita Chiappe Cadet publicou em 1870 o seu livro *Versos*, em que me parecem mais notaveis as peças que se intitulam *A Varina*, *A Tormenta*, *O Marinheiro*.

Na sua outra collecção de poesias *Sorrisos e lagrimas* é realmente bella a poesia que fecha o volume: *Sou feliz*.

Mas no meu humilde entender, são superiores a estes livros, pelo altissimo serviço que a auctora prestou á educação infantil, tão falta de bons livros nacionaes, as suas publicações *Flores da infancia* (contos e poesias moraes dedicados á mocidade portugueza) *Os contos da Maman* e o *Theatro das creanças*, collecção de onze comediasinhas apropriadas á infancia. Esta collecção suspendeu-a a morte, quando a bemfaseja escriptora, minada já pela doença, consagrava ainda os seus nobres esforços em favor d'este assumpto importantissimo.

II

Labutava por esse tempo em Lisboa uma senhora notavel, talento muito flexivel, compondo poemas, elegias, odes, fundando successivamente revistas uteis, *A Cruzada*, *A Beneficencia*, *A Assembléa Litteraria*, escrevendo dramas, enchendo de artigos os jornaes, combatendo hoje nas secretarias para comprovar a sua justiça, ámanhan presidindo a um grupo de rapazes intelligentes, no dia seguinte animando quantos seus conhecidos careciam de animo, affeiçoando-se aos espiritos elevados do paiz, e advogando sempre a causa do fraco e do opprimido.

N'aquella alma vibrava o sentimento, e alojava-se viva intelligencia. Por mais de uma vez em assembléas publicas, onde se discutiam interesses da Patria, expendeu convicções por modo tão digno, que recebeu sinceros applausos.

Filha de um Almirante, neta de Tenentes Generaes, mulher de outro militar illustre, veio da abastança a cahir na adversidade; mas não era espirito que succumbisse.

Animosa com a tradição da sua gente, cheia do ardor do seu proprio caracter peninsular, affrontou com valor o infortunio; e sustentando e educando as suas jovens filhas com o trabalho da penna, tão custoso como pouco remunerado entre nós, sujeitou-se por este encargo a penosos sacrificios.

D'entre as demonstrações do seu amor á familia, uma houve, que, por sua espontaneidade, commoveu o publico.

Um dia annunciavam os cartazes em grandes lettras a primeira representação de um drama original portuguez em tres actos, *Constança, ou o amor maternal*, por D. Antonia Gertrudes Pusich. Nas entrelinhas do drama para o publico, lançara a auctora a historia do seu drama domestico. Lisboa inteira conhecia e estimava D. Antonia Pusich. Á noite enchente completa. Nos camarotes e na platêa, quasi que não havia um rosto desconhecido. O publico todo bem disposto, que é já para um auctor meio caminho andado. Cae o panno no fim do primeiro acto no meio de palmas. O mesmo no segundo. Ao findar o terceiro, bradam todos pela auctora; ha momentos de espera; a platêa rompe de novo a chamal-a. Apparece D. Antonia radiante de

jubilo. Succedem-se as chamadas; era visivel a satisfação geral; pronunciava-se de todos os lados o seu nome, como se cada um dos conhecidos quizesse apertar a mão da festejada.

De repente, passando de radiante a commovida, volta de novo á scena; mas d'esta vez trazendo pelas mãos, uma de cada lado, as suas filhinhas, e exclama para o publico, tambem commovido, estas palavras:

— São estas! São ellas!...

E abraça-as, ao estrepito de uma das nossas grandes ovações portuguezas.

A talentosa poetisa (vergonha é para o paiz o confessal-o) veio a morrer quasi pobre; mas quando um publico sincero dá uma tal prova de estima á intelligencia e ao coração, offerece a riqueza da sua justiça ao caracter que a sabe apreciar. D. Antonia Pusich, que presava mais esta riqueza do que a outra, dizia depois:

— Foi um dos momentos mais felizes da minha vida!

III

Em 1850 sahiu á luz, no Porto, um livro de versos, intitulado simplesmente *Soror Dolores*. Ora Soror Dolores era a um tempo o titulo do livro, e o pseudonymo da auctora. Decorridos quatro annos, apparecia publicado com o mesmo pseudonymo outro livro de versos: *Virações da Madrugada*. O véo do verdadeiro nome não impediu o Porto inteiro de saber que a auctora era uma das senhoras da sua primeira roda: a sr.ª D. Maria Felicidade do Couto Brown.

No 2.º volume da *Revista Peninsular*, do Porto, em 1856, escrevia o articulista Abd-Allah estas palavras:

«Quem não conhece os mimosos cantos da primeira «poetisa portugueza, as poesias de Soror Dolores? A «imaginação, o sentimento, a melancolia, e o enthu- «siasmo, são os distinctivos da poesia d'esta senhora; «e que mais pode desejar-se? O amor é o assumpto «principal dos seus versos, mas é-o de uma maneira «sublime, nobre, e apaixonada. Ha ali um perfume de «saudades, que côa n'alma suave melancolia: ha um «brilho que encanta, uma belleza de imagens que «admira.....

«É um grande genio.»

Quaesquer que fossem as divergencias de doutrina que podesse haver com a pessoa que se escondia sob o nome de Abd-Allah, seria injustiça negar-se-lhe uma vasta erudição e verdadeiro amor ao trabalho; mas n'um homem dotado de caracter severo e pouco expansivo, tenderiam acaso essas apreciações criticas a animar a dama tão nobremente modesta e timida, que, além de velar o seu nome, e de não lançar o seu livro á publicidade geral, nem sequer permittiu a indicação da typographia em que imprimira?

Seja como fôr, quem poderia negar a Soror Dolores um sympathico talento, e á sua obra, além do merito poetico, o da dignidade e do coração?

N'uma das suas melhores composições, Soror Dolores, exprobrando aos homens a situação das mulheres, lança um brado convicto a favor da dignidade feminina. Esse brado é energico, é a expressão da injusta inferioridade social a que reduzem a mulher. Como prova, e amostra do talento da distincta poetisa, avulta

uma producção, realmente admiravel no seu conjuncto: O MEU ULTIMO CANTO.

IV

No dia 14 de Novembro de 1882 fallecia no vigor dos annos uma poetisa de alta inspiração, a sr.ª D. Marianna Angelica de Andrade, nascida em 1840 na aldeia da Casa-Branca.

Se os ultimos annos da vida lhe correram placidos e cheios de affeições carinhosas, compensação providencial lhe foi, havendo-a a sorte deixado em orphandade de familia, e sem abrigo na sua verde mocidade, como nol-o revela a poesia *Radiação final*.

Mas era um espirito elevado e crente: e na sua elevação, e na sua crença, voltou-se para uma luz que viu romper das trevas, e perguntou-lhe:

Quem és tu, que nos braços da saudade,
quando eu inclino a fronte magoada,
é que te vejo então?
Desces do Céo á minha soledade,
e confortas esta alma amargurada,
ó lucida visão!

E a Esperança, respondendo-lhe, conforta-lhe a amargura da alma, porque ella lh'o agradeceu sorrindo-se:

Bemdito sejas tu, astro de amores,
Anjo que me appareces tão festivo
a consolar-me aqui!

Oh! vem illuminar com teus fulgores
as sombras d'estes ermos onde vivo
a suspirar por ti!

Não a confortou só a Esperança: entregou-lhe tambem depois, convertida já em realidade, a palma da ventura:

Não teve a minha supplica
resposta nem clemencia!
mas hoje a Providencia
pôz termo á minha dor.

Trocou em viver placido
as afflicções de outr'ora;
e o meu viver agora
é só de paz e amor.

Redigiu D. Marianna Angelica de Andrade alguns jornaes de litteratura, e collaborou n'outros; mas ficariam dispersas, como é da indole dos periodicos, muitas das suas ideias e diligencias em favor da humanidade, se não se publicassem os seus livros *Murmurios do Sado* e *Reverberos do poente:* este ultimo, mezes depois do fallecimento da auctora.

Ateava-se nos versos d'esta poetisa o fogo da energia, quando o assumpto lhe arrancava justa indignação, como no seu canto *París* ao findar o cerco de 1871; ao mesmo tempo que a delicadeza do seu sentimento lhe inspirava os versos *Mulher de hoje:*

Nas lides do progresso, em lucta nobre e santa,
podes engrandecer, e glorias alcançar.
Com ternura e amor, que persuade e encanta.
tudo conseguirás no centro do teu lar.

Na poesia *A guerra* proclama os beneficos influxos da paz sobre o progresso humano:

> Longe a homicida espada! os vigorosos braços
> voltam á sciencia, á arte, ao placido labor;
> da familia saudosa ide estreitar os laços,
> trocae hymnos de guerra em canticos de amor.

Ao passo que este bello espirito rompia em brados eloquentes a bem das grandes causas, trinava melodias de gracioso mimo, como *A pomba*, *Só por ti*, *O que é o amor*, *Annos depois*, e burilava finas e conceituosas miniaturas como esta:

> Poeta é quem, inspirado,
> canta o que é bello, o que é puro,
> ou nos recorde o passado,
> ou nos aponte o futuro.

Desempenhou-se nobremente da sua missão D. Marianna Angelica de Andrade; e quando a morte se lhe avisinhou, tão prematura, encontrou-a no seu posto glorioso, com as provas do seu ultimo livro nas mãos, legando á sua familia e ao seu paiz o honroso exemplo do trabalho.

CAPITULO XIII

D. Henriqueta Elisa Pereira de Sousa

I

A sciencia da mulher é sobretudo a sua espontaneidade; e a sua principal philosophia, o coração.

A natureza lançou-lhe no espirito a semente do engenho de prosadora ou poetisa? seja-o, quando genio, sem lei nenhuma, porque a essencia do genio é exactamente não obedecer a leis; mas quando talento, com as qualidades proprias da sua organisação especial.

Confesso que me deleitam os escriptos da mulher, mas principalmente quando se parecem com ella. A *Allemanha* de Madama de Stael é na verdade um livro de vasta erudição, e de apreciações notaveis; mas, como ella foi mãe de duas filhas, peço-lhe licença para preferir a *Corinna*. A *Allemanha* foi escripta pela philosopha; a *Corinna* foi a artista que a escreveu. Ha cousa mais formosa do que as apreciações dos primo-

res artisticos da Italia feitas pela amante de Lord Nelvil? O que não nos ensina ella em duas linhas! O que nos não revela, ás vezes n'uma só imagem!!

É que o homem empunha arrogante o escopro, em quanto o buril litterario da mulher é como lanceta. A natureza collocou a intelligencia da mulher menos no cerebro do que no coração, isto é, mais nas qualidades affectivas do que nas pensantes.

Occorrem-me estas singelas reflexões a proposito de uma escriptora que se chamou D. Henriqueta Elisa Pereira de Sousa, e cuja modestia se escondeu n'uma penumbra que ella não merecia. Não a adornou uma educação litteraria; o que foi, deveu-o ao seu engenho, aperfeiçoado por um coração maternal. Um verdadeiro coração de mãe é o melhor curso de educação. O que lhe deveu a poetisa, cujos traços singelos estou delineando, dil-o ella propria na introducção ao seu livro de poesias:

«Para o mundo nada valem as notas perdidas da «minha pobre lyra, afinada pelos gemidos da dor, ex«perimentada no infortunio; mas para Ella, cuja alma «se reflecte na minha com as mesmas sensações e cui«dados, cuja vida está identificada e unida com a mi«nha existencia desde o berço até o tumulo, para Ella «teem expressão estes cantos, teem côr estas imagens.

«O meu pensar e sentir, as minhas aspirações, os «fructos da minha intelligencia, as palmas ou os dis«sabores da minha carreira, tudo, tudo lhe offereço, «porque tudo lhe pertence, ...tudo é uma porção «do seu ser, uma transmissão da sua vida, que é d'ella, «e que lhe ha de pertencer sempre.

«Possa este pequeno tributo do meu reconhecimento «revelar-lhe o extremo com que a amo, e a estima «com que a venero.

Henriqueta Elisa.»

Estas palavras são sentidas, e nobres; mas se sua mãe tanto podia concorrer para lhe formar o caracter, não podia inventar-lhe o talento; e com a espontaneidade do talento é que D. Henriqueta Elisa principiou a escrever, como a agua rebenta da montanha, pelo impulso da lei natural.

A ancia do trabalho impellia-lhe o braço, e aquecia-lhe a mente o sentimento do dever. Nova, sentindo em si a chamma do talento, com que verdade não exclamava ella para a propria poesia dos seus verdes annos:

> Eras tu, que n'um sonho de gloria
> me cingias de loiros a fronte,
> descerrando-me ignoto horizonte
> onde a luz começava a raiar.

Começava, sim. Digo desde já, em honra da verdade, e pela sympathia devida ao caracter da poetisa; que sobre a sua prosa e o seu canto, vasados n'uma forma singela e aprazivel, predominava a ideia, que foi o seu merito superior. Conhece-se que o seu fito principal não era tanto a gloria de agradar, como o BEM, que os escriptores conscienciosos presam mais, do que os loiros que ambicionam conquistar para as frontes. O talento é o poder mais forte do mundo: mas, por isso mesmo a sua responsabilidade social é de todas a mais tremenda. É elle a corôa brilhante do homem, não ha duvida; com uma condição: a de o applicar

para utilidade do seu semelhante. Quando porém o homem esperdiça este seu precioso thesouro em enfraquecer o sentimento moral, por mais picante que seja o seu chiste, ou mais explosivos os elogios com que se julgue glorificado, o talento, além de faltar ao que deve á sua propria dignidade, não merecerá respeito nenhum á consciencia geral, que tem muito mais força do que se julga.

D. Henriqueta Elisa tomou o mundo a sério; e embora lhe não podesse ser indifferente a gloria do seu nome, aspirou principalmente a que os seus escriptos promovessem o bem. É este o seu titulo mais honroso.

«Para o monumento do progresso não ha obreiro de «mais — escreveu ella nas *Duas palavras*, que precedem o seu livro de versos *Lagrimas e saudades*.— «Para o progresso de um paiz os fracos, como os for- «tes, devem concorrer com maior ou menor obolo de «trabalho .....Um livro é sempre um passo para «o progresso, e um raio de luz para a immortalidade «de uma nação. Por elle se transmitte á geração que «nasce o pensamento da geração que morre; á creança «ignorante e inexperiente a experiencia e a sabedoria «dos velhos».

Este, por assim dizer, programma dos seus escriptos, além de bem pensado, revela o traço fundamental do seu caracter litterario.

Mal se acreditaria que, nascida e educada em pleno romantismo, D. Henriqueta Elisa se eximisse a pôr em relevo a frustração das suas esperanças, os seus soffrimentos, e as suas queixas, e deixasse de confidenciar ás suas amigas as cicatrizes da sua alma, e as

cinzas das suas illusões; mas, ainda assim, se a feição da escola transparece, tinha a auctora o bom senso de não cahir no abuso, a que nos ultimos tempos havia chegado a escóla fundada por Victor Hugo, escravidão de que o proprio mestre, com a sua portentosa intelligencia, não se poude remir, principalmente nos seus dramas, que são monstros de diamantes.

Entretanto, se por um lado D. Henriqueta Elisa obedeceu á escola do seu tempo, por outro lado libertou-se tambem d'ella; e da poetisa queixosa sobresahiu a poetisa do progresso, a que ella rendeu holocausto com o seu espirito e o seu coração. E assim, as suas poesias animam o desconfortado, no canto *Tempestade e bonança*; na poesia *O orphão* invocam a piedade para os desherdados de familia; n'*A mendiga* revelam a desgraça dos pobres, e azorragam os ricos, que no meio dos seus banquetes nem sequer as migalhas lançam aos desgraçados sem pão; n'*O genio dos tumulos* põem em relevo o cynismo, e cantam a fraternidade humana; no *Tributo ao merito* a poetisa anima as vocações principiantes a não succumbirem na lucta. Ainda n'outros cantos consola a viuva, implora compaixão para o louco, exalta a missão civilisadora do poeta, enflora de amores a Patria; e, n'um dos mais sentidos, põe diante de nós o ente mais desgraçado d'este mundo, aquelle cuja existencia faria descrer da humanidade, se não luzissem as esperanças de que algum dia venha ella a apagar a mais negra de todas as suas manchas, por não dizer o mais horroroso de todos os seus crimes: o enjeitado.

A poesia que fecha o livro é datada de 1865. Parece resumir-se n'ella a sua vida. Não é o vago versejar da

lyra; são as cordas do coração vibrando a historia de uma existencia.

IV

Prosou tambem.

Em 1862 principiou a publicar-se em Coimbra o jornal litterario *Hymnos e flores*. A introducção era de D. Henriqueta, e esta, por assim dizer, a directora do periodico. N'elle imprimiu muitas poesias, e os romances originaes *Anjo e mulher*, *O que é a sociedade*, e *Recreio para instantes*.

No primeiro apresenta o contraste entre o bem e o mal.

Angelina, abandonada depois de querida, sacrifica-se, casando a irman com o homem que successivamente amou as duas.

«Angelina, —escreve a auctora— é a modesta e «pura violeta; Isaura, a rosa soberba e desdenhosa. «Qual das duas valia mais, o leitor o dirá no fim.»

O que o leitor dirá pressinto eu; mas Jorge, que não foi o leitor, responde o que os homens respondem a maior parte das vezes, quando a felicidade lhes accena, e elles fingem que a não vêem.

No romance *O que é a sociedade* expõe o quadro do engeitado, despresado e amante; é o seu fito combater os casamentos de conveniencia. Resume n'estas palavras o pensamento fundamental do escripto:

«A mulher ideal, pura como a rosa que lhe desa«brocha aos pés, despreza as galas singelas da natu«reza pelo brilho ficticio de uma sala; vendo as ima«gens queridas da sua juventude, os affectos mais

«nobres da sua alma, pelos contos de algum gordo «brazileiro, ou pelos bigodes frisados de algum aspi- «rante a deputado. O papá e a maman enfeitam a sua «mercadoria com o annuncio do dote, e assim a levam «de salão em salão, offerecendo-a a quem mais der. «Ahi está (salvas as excepções, apontadas ao dedo co- «mo irrisão do bom gosto) o que é o seculo actual !»

No romance *Recreio para instantes* lêem-se pensamentos muito bellos; cito este:

«Ha phases anormaes na vida, incomprehensiveis «para aquelles que teem a infelicidade de nunca as «sentir. Quantas vezes pensamos muito, sem pensar- «mos em nada, isto é, sem nos fixarmos n'uma ideia «exacta e clara, sem tirarmos d'este pensar alimento «algum para o nosso espirito! Ha n'estas occasiões um «como derramamento da phantasia, que se espraia por «horisontes infinitos que não abrange, e logo depois «perdem-se da memoria os sitios que ella percorreu, «porque outros se lhe succedem n'um redemoinhar «incessante.»

V

No livro *Scenas romanticas*, em que veem tambem publicados dois romances de seu primo Alfredo Elysio Pinto de Almeida, são de D. Henriqueta Elisa os romances *Magdalena* e *Sorrisos e lagrimas;* e é chistoso ser a prima quem, no prologo assignado por ella, apresenta o primo ao publico.

Sem negar á *Magdalena* as qualidades da auctora, que tambem ali se revelam, porque os livros são as physionomias dos seus auctores, e, á semelhança d'es-

tes, apparecem-nos umas vezes mais alegres, outras vezes mais tristes, mais affaveis, ou menos expansivos, mas tendo sempre o cunho do mesmo rosto, é este o romance que menos me attrae. Parece-me a base pouco verosimil. Mas em compensação, que formoso não é o seu companheiro *Sorrisos e lagrimas!*

É um idyllio, uma formosa manhan de primavera; azul-claro o céo, a aragem fagueira, os passaros chilreando, e a natureza toda palpitante de amor. O romance vive apenas de duas creanças, Raphael e Dulce, um Abbade, e uma cunhada. O Abbade apresenta-o a auctora n'estes termos:

«Era n'aquelle tempo o Abbade um homem de qua-«renta e tantos annos. Na sua physionomia os traba-«lhos, e os desgostos talvez, tinham marcado em ru-«gas o sello de uma velhice precoce, e de uma virtude «resignada. O cabello totalmente encanecido, coroando-«lhe a fronte, dava-lhe o aspecto d'um ancião respeitavel. «A voz ligeiramente tremula tomava as inflexões ora «tocantes e sentidas, ora suaves e persuasivas, quando «de sobre a cadeira explicava o Evangelho ao seu «povo»

Ergue-se o panno do romance n'uma aldeia da margem esquerda do Douro. O Abbade, coração amoravel, recolhe e ampara na humilde residencia a pobre viuva de seu irmão e a sua pequenina sobrinha, Dulce, apenas de oito annos. Tambem tinha recolhido em tempo um menino, desamparado á nascença, e a quem posera o nome de Raphael. Quando o Abbade recolheu, por morte do irmão, as duas infelizes, Raphael contava

doze annos, mais quatro do que Dulce; mas, diz a auctora, «as suas formas delicadas denunciavam n'elle a «creança ainda não robustecida.»

Foi correndo tempo. Uma Dulce não póde viver impunemente na mesma casa, e por entre as flores do mesmo jardim, com um Raphael; mas um Raphael, com talento de mais, e haveres de menos, tambem não pode ficar ocioso.

«Voaram os annos — escreve a poetisa; — «Raphael «completando os seus dezanove, estava um guapo «mancebo, de estatura elevada e formas varonis. O «buço da adolescencia principiou a querer assumir as «honras de bigode; as faces trocavam o avelludado de «outr'ora por um moreno sympathico; a voz deixava o «timbre feminino, e lançava inflexões mais apaixonadas. «O olhar, de antes languido, era agora ardente; as ma«neiras, robustas e altivas. Emfim, era impossivel vêr «uma cabeça de mancebo mais melancolicamente bella, «a que aliás não faltava um certo orgulho natural, que «muito bem o caracterisava. Na sua fronte magestosa e «elevada, mobil como a superficie de um lago, soletra«vam-se-lhe, um a um, os pensamentos em cada pe«quenina prega que a enrugava.»

Voavam os annos. O Abbade tremia pelo futuro das infelizes, e só Raphael poderia vir a ser-lhes amparo; mas para o ser carecia de uma carreira. N'uma scena em que o Abbade não diz senão meias palavras, porque as outras lhe ficam entrecortadas na garganta, confidenceia-lhe a necessidade de o mandar para o Brazil, muito recommendado a certo amigo. Raphael não tem animo para se despedir da noiva; parte, como todos suppomos que elle partiria, pela primeira vez, do seu

ninho de infancia, e da companhia da creança que elle amava.

Todas estas scenas vão descriptas com suavidade muito natural.

Correu tempo. No Rio de Janeiro, por mais esforços que o moço empregou para adquirir um peculio com que regressar á aldeia, perdeu o adquirido. Sossobrou. Escreveu então á sua noiva uma carta ambigua, que a deixou perplexa...

Um dia a saudosa Dulce lança machinalmente a vista para um jornal, e vê n'elle uma noticia horrorosa relativa a Raphael! Perde os sentidos; e successivamente a foi invadindo uma loucura resignada.

Uma tarde, sentada nos joelhos da mãe, com o rosto incendido, murmurava suavemente, como em segredo:

— Minha mãe, Raphael não morreu; ha-de voltar; ninguem o conhece como eu; elle não podia deixar assim a sua noiva.

E a amorosa Dulce bem o conhecia. Raphael abandonára a casa no Rio. Desalentara-se. Mas... no momento de descobrir o peito para o traspassar, sentiu na mão a medalha que Dulce lhe dera, tendo gravadas estas palavras: Confiemos sempre em Deus: Pareceu-lhe a propria mão da sua Dulce a suster-lhe o braço.

— Tentemos ainda! disse elle para si n'um momento de esperança.

A Nova Australia foi-lhe mais propicia do que o Brazil. Raphael conseguiu grangear lá um peculio. Escreveu para a sua aldeia, mas a carta extraviou-se. Seria natural que escrevesse mais outras; mas então não continuaria o romance. (Tambem, se houvesse menos car-

tas nas comedias de Sardou, talvez não seria elle o auctor laureado).

O coração de Dulce adivinhara; e quando Raphael, voltando á patria, correu para a sua amante, a pobre louca logo o reconheceu, e o abraçou a sorrir.

Quinze dias durou este segundo idyllio, o das recordações, pelas ruas do mesmo jardim, e por entre as flores onde deslizara o idyllio da esperança. Ella avivava-lhe suavemente as ideias e as palavras da infancia de ambos, e perguntava-lhe quando era o casamento.

Nos ultimos tres dias já se não poude levantar. Sorria-se para elle, confortava-o, e beijava-o na testa.

«Pelas faces de Raphael —escreve a auctora— nem «uma lagrima corria: mas os momentos passavam-lhe «como annos, pela fronte que vergava, abalada pelas «tempestades da vida.»

Quasi nos ultimos instantes, ainda muito a custo lhe recommendava ella o amparo da pobre mãe e do seu velho tio, que a rodeavam, e ficou-se docemente nos braços de Raphael.

A contextura d'esta narrativa pode não ter grande originalidade, como a não tem o amor, o que aliás o não impede de ser um ancião... de vinte annos; mas está escripta com admiravel singeleza e doçura de affectos; são naturaes os traços dos caracteres e das situações; e ha scenas de veras formosas. Pressente-se que a auctora perfumou esta narrativa com a delicadeza do seu espirito, e lançou n'ella, talvez, o seu proprio coração!

V

Nunca passou pela mente de D. Henriqueta Elisa ascender á esphera de uma Sand, nem de uma Stael; mas a mulher pode possuir um talento notavel e ser uma escriptora distincta, sem contrahir a obrigação de se chamar Stael, ou Sand.

Até onde poderia ella ter subido, se a sua instrucção tivesse sido mais funda, o theatro da sua existencia mais vasto, e se o seu silencio não se houvesse estendido ao longo de vinte annos, exactamente na madureza do talento, e na cheia luz da experiencia!

Considerado no todo, o despretencioso lavor litterario d'esta escriptora não se limitava a distrahir; mirava ao pensamento, apontando o lado justo da vida para que todos o seguissem, os vicios do seculo para que d'elles se arredassem, ou as chagas do mundo para se lhes lançarem balsamos.

Nos seus romances, ou (para me exprimir modestamente, como a auctora desejaria) nas suas narrativas, os caracteres são esboçados com verdade, e muitas das suas descripções figuram miniaturas abertas com um buril delicado. É uma *romantica;* para deixar de o ser, devêra renegar do caracter nacional; e para que o nosso caracter nacional deixe de ser o que é, seria preciso que arrancassem ao paiz os seus melancolicos mares, as suas poeticas montanhas, que lhe amornassem este sol, que lhe apagassem este espirito aventureiro, que lhe tirassem o sangue, as tradições e a educação. Não sei se estas mudanças se poderão rea-

lisar n'uma geração, n'um seculo, ou em quantos; mas d'aqui até lá, não se me afigura difficil dizer que Portugal é um paiz de *romanticos*, exceptuando os que fingem (ou suppõem fingir) que o não são, e todas as excepções, que aliás confirmam a regra. D. Henriqueta Elisa era uma romantica, mas não uma affectada; e se nos sentimentos era terna, a sua penna sabia repellir de si a meiguice, para verberar as injustiças dos homens, quando traçava largas syntheses, como nas descripções do seculo, da sociedade, da sordidez dos interesses, e de tudo quanto repugna á elevação do espirito humano.

Na forma, seria demasiado exigir á escriptora a vernaculidade da linguagem, e o cerrado estylo de Tacito; nem admira que nos dois *senões* obedecesse á moda do seu tempo. Mas o seu estylo é natural, muitas vezes elegante, sem emphases nem ambições a effeitos.

Como é de vêr, a sua doutrina e o seu estylo traduziam-lhe a brandura do caracter. Era um d'aquelles espiritos sonhadores, que borboleteiam ao redor da felicidade sem lhe poderem tocar, e que, apesar de tudo, vivem talvez melhor não lhe tocando, do que se a encontrassem.

Na sua poesia *Recordação* deixou ella cahir uma estrophe puramente garretteana:

Amei! Que importa dizel-o?
zombaram d'este meu pranto!
Nem pode o mundo entendel-o,
nem sabe que acerbo encanto
do recordar de outras eras,
exprime em notas sinceras
meu sentido e triste canto!

D. Henriqueta Elisa viveu vinte annos, como eu disse, apoz os seus escriptos.

Em verdade, podem-se contar os poetas que não tenham visto desfeitas as suas illusões, cortada de desventura a sua vida, e inaceitavel este pobre mundo. Seria para não contaminar o povo com as suas melancolias, que o celebre philosopho os queria coroados de rosas, e postos longe das fronteiras nacionaes?

Explicam-se todavia aquelles descontentamentos:

É o poeta (o verdadeiro poeta, se entende) um ente sensivel e enthusiasta, que, em vez de acceitar o mundo como elle é, lhe exige phantasias, que elle não pode povoar de gosos, e sonhos que lhe não é dado converter em realidades. Não é o mundo que o engana; elle, o poeta, é que se engana a si proprio, formando de gelo um castello, que a chamma da imaginação lhe desfaz.

D. Henriqueta Elisa realisou modesta e nobremente a sua missão. Se, como mulher, a poesia não encheu o vacuo das suas aspirações, realisou-se-lhe este encanto com outra poesia mais formosa e fiel: o nascimento de duas filhas, que no berço lhe deram em graças, e na juventude em amor, tudo quanto um coração como o seu podia ambicionar de felicidade.

CAPITULO XIV

D. Maria José da Silva Canuto

I

Quem, no correr do anno de 1889, passasse pela rua dos Caetanos, e olhasse para uma janella da sobreloja no edificio do Conservatorio, veria encostada a ella, e sentada n'uma cadeira, uma mulher idosa, fronte pensativa, ar decahido e melancolico, especie de livro cerrado contendo a historia de uma vida. Quem sabe se essa mulher, ali, tão triste e silenciosa, não estaria lendo no intimo da sua propria alma todo o seu saudoso passado!...

Pesavam-lhe então setenta e oito annos. Nascera a 28 de Janeiro de 1812. Na sua casa, que fôra uma das primeiras escolas da Capital, e cujo bulicio infantil ressoava d'antes pelas circumvisinhanças, só agora restava um silencio lugubre; mas a pobre entrevada, d'aquella cadeira onde a sua serviçal a collocava todos os dias para respirar algum ar, e vêr ainda algumas

résteas do sol de Deus, parecia, para não se affligir, esquivar-se a vêr dentro os bancos já carunchosos em que as creanças se sentavam, as loisas, a cadeira magistral... que lhe fôra throno tantos annos! emfim, os destroços d'aquelle campo de batalha, que ella commandára intrepida, e em que sempre ficára vencedora!

Esta mulher, ali, sosinha e abandonada, tinha sido prosadora, tinha sido poetisa, tinha traduzido Lamartine; mas é pela sua principal feição, como professora, que n'este momento a memóro.

Por diante d'esta mulher, sentada ali quasi inconsciente, guardada burlescamente por um chapeu de sol fixo no parapeito, como na praça da Figueira os que acobertam as collarejas, deveriam passar os milhares de senhoras, outr'ora meninas, a quem ella dera o pão do espirito, muitas professoras actuaes, que não teriam hoje carreira, se não fôra o ensino com que ella as habilitou para o magisterio, centenas de homens que lhe foram discipulos nos cursos nocturnos, centenas de educandas que d'ella receberam a aprendizagem para os recolhimentos da Capital, gerações de mães e filhas, que não fariam mais do que o seu dever, se, formando o prestito da gratidão, desfilassem na presença d'aquelle vulto, estatua ainda viva, e curvassem a fronte, como preito de antiga divida!

Pois esta mulher, se ainda sobre o parapeito d'aquella janella não tinha morrido de fome, como professora e educadora aposentada, é porque um dos espiritos mais nobres da nossa geração, Rosa Araujo, proposera em Camara, e d'ella obtivera meritoriamente, um subsidio annual para os gloriosos restos d'aquelles pobres dias.

D. Maria José Canuto foi em toda a sua longa vida uma enthusiasta da instrucção popular. Deu-lhe o seu amor, sacrificou-se-lhe; e, não tendo mais que lhe dar, deu-lhe tambem a sua phantasia. Quando podia prestar os seus serviços á grande causa, prestava-lh'os todos. Quando a causa era vista pelo prisma dos problemas, rompia a bruma dos devaneios, desconhecendo (ou fingindo desconhecer) a descrença dos seus collaboradores.

Sacrificou-se ao ensino, qual apaixonada, com a abnegação de todos os seus interesses. Além das horas do seu encargo official, consagrava-lhe as que podia roubar ao seu descanço e ás suas distracções. Havia festas escolares? distribuições de premios? D. Maria José nas festas escolares e nas distribuições de premios. Surgia uma innovação? D. Maria José a abraçal-a. Se a innovação vencia, vencia com ella: se succumbia, paciencia! e preparava-se para a que viesse.

— Hei-de morrer n'isto; — dizia-me ella um dia — mas não me importa, porque é morte gloriosa.

E não se enganou, que de toda essa lida veio a morrer.

Se occorria algum acto de fama, alguma acção de heroicidade, D. Maria José na imprensa a elogiar e a estimular. Se despontava algum pensamento geral de progresso, havia a certeza de a vêr comparecer.

Ainda lembra a todos a febre das associações educativas que se levantou no momento da acclamação de el-Rei D. Pedro V. Já se sabe: a grande professora teve a febre tambem. Querem-se regencias gratuitas no Gremio Popular? Logo ella bradou:

— Aqui estou eu.

E ali esteve regendo.

Ainda achou pouco. Fundam-se ao mesmo tempo associações de ensino.

— Pois vou fundar uma associação de ensino.

E D. Maria José a tudo acudiu: ao plano, á illuminação, aos estatutos, á sollicitação de mensalidades, á escolha de vogaes para a direcção, a tudo!

Uma vez, á febre geral succedeu o desfallecimento. Desappareceu o secretario.

— Sim? — disse a incansavel — pois serei eu o secretario.

E tomou posse da secretaria.

Depois, desappareceu o thesoureiro (mas honra se lhe faça: d'esta vez foi thesoureiro desapparecido sem levar comsigo um real).

— Desappareceu o thesoureiro? pois serei eu o thesoureiro.

E tomou conta do cofre, que aliás lhe não pesava muito.

Depois, n'um bello dia, desappareceu tambem o presidente (este com alguma attenuação, por não ter a quem presidir, visto que os socios, cahidos ao principio na rede por favor, tinham-se ido evaporando á formiga).

— O presidente desappareceu tambem? pois serei eu tambem o presidente.

Mas... n'esse instante... reparando em que já não restava ninguem, pegou na associação (isto é, pegou em si...) e levou-se para a sua propria escola, onde, hasteando ainda a sua bandeira, continuou a ensinar gratuitamente os alumnos, soldados fieis da sua cruzada, e que não fugiram... porque não pagavam.

II

Como estes exemplos de dedicação e de serviços relevantes, assim foi a vida inteira de D. Maria José Canuto.

Instituto onde ella servisse como professora, era crystal em que não se podia tocar.

N'um dos meus humildes escriptos, tratando da organisação do ensino em alguns dos nossos recolhimentos da Capital, lamentei que a educação n'elles tivesse tendencias mais senhoris do que populares. Quando o escripto foi publicado, offereci um exemplar a D. Maria José Canuto. Nunca eu tal escrevesse nem offerecesse! o mesmo foi que dar corda para me enforcar. A exaltada, no intento de defender o recolhimento em que leccionava, escreve-me uma carta, cuja assignatura eu li duas vezes para me certificar de que era d'ella, até ali sempre tão benevola commigo.

Ora eu tinha imaginado tudo, menos que havia de affligir a tal ponto D. Maria José. Respondi-lhe logo, deitando, para attenuação do meu crime, toda a agua na fervura, que pude, a vêr se socegava aquelle espirito. Mas qual socegar! D. Maria José insistiu no que ella chamava a minha injustiça (quando aliás não se tratava senão de uma apreciação geral de doutrina).

Mandei-lhe outra interpretação da minha doutrina; era quasi uma retirada. Em termos mais claros: dava-me por uma especie de convencido e vencido. Ella escreveu-me então a sua ultima carta, que parecia sorrir

logo desde o sobrescripto: estas palavras pouco mais ou menos:

«Cá fica lançada no meu diario, no dia de hoje, tantos do mez, a sua explicação, que tanto me satisfaz.»

Ora Deus me perdôe no Ceo, e o diario de D. Maria José Canuto na terra, a tal explicação satisfactoria, em nome do socego d'aquella ardente cabeça, e d'aquelle nobre caracter!

III

Morreu a 20 de Janeiro d'este anno de 1890.

No dia seguinte, 21 de Janeiro, junto á campa que ia encerrar os restos d'esta notavel mulher, proferiram justas palavras em sua honra os srs. Antonio Servulo da Matta, Augusto da Costa Alcantara, Manuel Gonçalves Vivas, Manuel José Martins Contreras, e dr. Theophilo Ferreira.

Devi sempre a esta professora benevolencia extrema; e hoje, que ella já me não lê, farei desassombradamente justiça á sua memoria, dizendo que D. Maria José Canuto foi uma professora modelo, e fica sendo uma gloria da Patria na historia da instrucção nacional.

CAPITULO XV

D. Carlota O'Neill

I

Foi n'um dos bailes do Marquez de Vianna, por tal signal no Domingo de entrudo de 1842, que se viu entrar nas salas um grupo de tres meninas, apresentadas pela sua respeitavel mãe, a sr.ª D. Carolina O'Neill. Era a mais velha uma linda menina de dezassete annos; a segunda, uma harpista de primeira plana; a terceira tinha todo o chiste e frescura dos seus quinze annos. Este grupo gentil, que reunia a uma instrucção esmerada uma educação seriissima, e o talento artistico (principalmente para a musica) foi acolhido com a sympathia geral que estas condições recommendavam.

N'este baile, em que appareceu a primeira das tres meninas, a formosa Carlota, sentiu ella de certo expandir-se-lhe a alma ao entrar no mundo festival.

O primeiro baile (e que baile aquelle!) é para qualquer menina um dos momentos solemnes da vida,

como a pulsação do seu primeiro amor. O brilho das luzes, o estrondear da orchestra, o vertiginoso deslizar das valsas, já é de si um deslumbramento, e duplicadamente o é por entre os grandes espelhos que reflectem o bulicio.

Se, para vêr chegar esta noite de alvoroço, se perdem tantas noites de esperança, o que seria um primeiro baile para a phantasia scismadora d'aquelle espirito de artista!

Ao baile de entrudo seguiram-se nas sextas feiras d'essa Quaresma os concertos no palacio do Conde do Farrobo no largo do Quintella. Aqui não nos apparece unicamente a joven elegante dos bailes; estreiou-se já a joven cantora. N'estes concertos revelou-se o que ella viria a ser dentro em pouco, diante de assemblêa mais vasta no celebre theatro das Laranjeiras.

II

Lamentam os criticos que no labyrinto de tantas definições da Arte não se haja ainda podido encontrar uma, que satisfaça completamente. Que importa não poderem os criticos assentar n'uma definição, se cada um de nós, sem ser critico, a descobre no intimo da alma! Essa definição... é a admiração em que ficamos diante de S. Pedro de Roma! é o encanto que nos prende ás Madonnas de Raphael! é o assombro que nos agrilhoa ao Moisés d'Aquelle que só veio ao mundo para produzir assombros! é o feitiço com que nos arrastam os primeiros poemas de Victor Hugo! é o magnetismo com que nos enleiam as operas dos grandes

mestres! Dêem-lhe o nome que quizerem. A Arte exprime a suprema aspiração do espirito humano quando tenta desprender se da terra para se arrojar ao infinito.

O canto, porém, representa a mais alta expressão das artes.

Nas varias manifestações do Bello, a cathedral, o quadro, a esculptura, o poema, e a opera, são monumentos, que seus auctores, antes de os legarem aos seculos, idearam, e aperfeiçoaram a seu sabor. Terminando a sua obra, póde cada auctor dizer, como o esculptor do Moises, já citado: «Agora fala». Mas o Moisés, apezar de assombroso, não falou, porque era de marmore. Os monumentos artisticos ficam falando na sua mudez gloriosa; e os seus artistas desapparecem e morrem. O canto, porém, mais do que elles, fala e vive; os affectos do amor, a tempestade das suas paixões, transmittem-se, não pela pedra nem pelas tintas, mas pela propria voz humana, que se entranha nos corações. O escopro ou o pincel podem, no remanso, fazer a emenda e retocar, para a multidão que ainda ha-de vir; mas o canto não pode. Se sahiu formoso, sahiu ali vivo diante do proprio publico; mas se, apezar do estudo anterior, tem a infelicidade de falhar, não pode receber a emenda nem o retoque. Eis ahi o escolho.

III

Portugal viu-se dignamente representado na Historia theatral da musica por uma cantora, que foi mais do

do que admiração, foi assombro da Europa: Luisa Todi.

Já dois escriptores nossos descreveram tão largamente a vida d'ella, os srs. Joaquim Vasconcellos e José Ribeiro Guimarães, que eu novidade nenhuma poderia accrescentar ao que disseram.

Mas se no theatro não tivemos outra celebridade, podemos regosijar-nos de enumerar nas classes particulares cantoras de incontestavel merecimento; e na mesma occasião em que, no theatro do Conde do Farrobo brilhava em todo o esplendor D. Carlota O'Neill, rodeavam-n-a D. Maria Joaquina Quintella, D. ..... Mauriti, D. Francisca Martins, e D. ..... Bastos.

. . . . . .

IV

D. Carlota O'Neill, amando um homem digno do seu coração pelo muito que elle lhe queria, e pela nobreza do seu caracter, casou; e não se illudiu quando julgou que a felicidade dos dias que vivesse poderia enflorar esta união.

Mas é cruel o destino! Um dia pressentiu que o brilho do mundo a estava captivando com ironia pungente; minava-a uma doença cruel.

O amor ao seu marido e ao seu lar dobrou então certamente, como sempre augmenta o affecto a tudo que vamos perder... Ainda lhe parecia talvez ouvir as acclamações aos seus triumphos artisticos; olharia com tristeza para o seu piano, e para as suas musicas dispersas em redor; e, já sem forças para soltar o

seu canto formoso, julgaria escutal-o ainda nos sons da sua alma, como vemos o brilho de uma estrella quando ella já desappareceu do firmamento.

. . . . . .

Nota do editor. — Nada mais se achou escripto d'este formoso trecho.

CAPITULO XVI

Conclusão da Parte I

Comprehende este livro duas Partes.

Na primeira, como acabamos de vêr, apresentou-se a mulher portugueza, que se distinguiu no valor politico, moral, ou social, nas sciencias, lettras, e artes. Não comportando os limites do plano geral a indicação de todas, exposeram-se como exemplos as principaes em cada uma d'aquellas manifestações.

Tomei, como representantes da litteratura enclausurada, a Soror Brigida de Santo Antonio, e a Soror Violante do Ceo, talentos dos mais elevados; mas não deixo de reconhecer a intelligencia de Soror Maria de Mesquita Pimentel, do antigo convento de S. Bento de Castris, a das duas Franciscanas da Esperança, Maria do Ceo, e Maria Magdalena da Gloria, e de muitas outras de menor valia. De toda essa escala de variados talentos participou o Mosteiro em Portugal; nem

podia deixar de assim acontecer, sendo, como era, a instituição monastica a mais caracteristica e generalisada. A litteratura dos Mosteiros deve porém ser julgada (como todas as litteraturas e todas as instituições) não pelas ideias dos tempos seguintes, mas á luz dos principios, dos sentimentos, das crenças, e até das crendices e dos preconceitos da sua era.

E assim, tambem na litteratura profana, e pelo motivo exposto, não deixarei n'este momento de numerar os nomes de escriptoras d'este seculo, e, por assim dizer, achegadas a nós: a sr.ª Viscondessa das Nogueiras, ...
a sr.ª D. Maria Soares de Albergaria, Condessa de Montemerli, em Italia, pelo seu casamento, auctora de Cartas sobre a questão italiana, e de dois romances *La bella Baglia* e *Les sensations d'une morte*. Outras ha ainda (nem todas podem ser eguaes) que tiveram o merito de dedicar tempo e affecto ás bellas lettras.

Depois de vermos até aqui a mulher portugueza na Historia, passemos a consideral-a, na Parte II, perante as suas diversas condições no estado actual da civilisação portugueza, e na esperança do seu progresso.

Nota do editor.—Junto com este capitulo achavam-se já alguns materiaes começados a affeiçoar para a biographia de mais algumas escriptoras; mas, por muito confusos e succintos, não pareceu deverem ser transcriptos aqui esses apontamentos.

PARTE SEGUNDA

A MULHER NA ACTUALIDADE

CAPITULO I

A mulher nas suas condições civis

I

A Renascença deu os passos primordiaes para a emancipação do pensamento; e a philosophia do Direito viu então despontar os primeiros raios da aurora que allumiaria depois a Europa toda.

A justiça natural era proclamada, e vinha levantar a grande lucta com as velhas doutrinas, lucta assombrosa, que terminaria por entregar a victoria ao progresso das ideias e á razão da humanidade.

O Marquez de Pombal, aquelle revolucinario enorme, enthusiasmado com a philosophia nova, consentindo que o antigo Direito romano só fosse invocado quando as suas disposições se conformassem com a boa rasão, ampliou ainda este principio nos novos estatutos da Universidade, determinando que o Direito da natureza, nos casos ommissos da nossa Legislação, se firmasse na applicação rasoavel que as nações civi-

lisadas fizessem do Direito romano. O espirito d'esta innovação era já um passo admiravel.

O correr do tempo trouxe comsigo uma variedade de sentenças e opiniões contradictorias. A nossa legislação tornou-se um manto de retalhos; e o numero certo das disposições patrias vinha a ser menor do que as que se pediam aos diversos codigos estrangeiros, ao uso dos tribunaes, e ás opiniões contradictorias dos nossos jurisconsultos. Um verdadeiro cahos!

Alem d'isto, a nova organisação liberal, alargando os direitos individuaes, e exigindo mais garantias para a familia e para a mulher, pedia um novo Codigo, de accordo com os modernos principios da civilisação.

Era em 1850. O Governo encarregou um abalisado jurisconsulto, o sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje Visconde d'este titulo, de organisar um Codigo civil. Desempenhando-se tão gloriosamente do importantissimo encargo, apresentou o redactor a sua obra monumental, que, depois de revista por uma commissão, foi declarada Lei do paiz em 1867.

O nosso Codigo civil, consagrando a libertação das relações civis, tem direito a pedir um logar de honra no concurso das nações civilisadas.

II

É na presença do nosso moderno Codigo civil, que temos de analysar a mulher portugueza.

Que modificações fundamentaes trouxe o Codigo á mulher! Que progressos tem dado á condição feminina a civilisação actual da nossa Patria!

E todavia, não se me daria de apostar que, no meio dos seus romances, a nossa amavel patricia se lembraria de tudo, menos de folhear este semsaborissimo livro. Pois valia a pena, minhas senhoras; porque este semsaborissimo livro encerra para V. V. Ex.as nada menos do que a sua relativa emancipação.

E para mim é bemfazejo desabafo dizer isto; tendo de apresentar tantas tristezas no correr do meu escripto, é com o espirito desafogado e alegre que apreciarei, quanto me permittam as minhas humildes forças, o Codigo portuguez na parte em que se refere á mulher portugueza. Quando ha tantos assumptos para censurar, é bem agradavel poder louvar.

III

Respeitando os fundamentos da tradição patria, respeitando o que tinham de aceitavel para nós o antigo Direito, os codigos modernos, e as resoluções justas dos tribunaes, e aquilatando tudo segundo a philosophia da rasão, o Codigo portuguez elevou a natureza humana, reformando sobre os alicerces nacionaes o novo edificio civil.

Diga-se a verdadeira palavra: o Codigo, reconstituindo a familia portugueza, operou uma verdadeira revolução acerca da mulher, em relação aos direitos dos conjuges, aos filhos communs, aos bens e sua administração; e no tocante á dissolução do matrimonio a condição da mulher ascendeu em muitos pontos até á do homem, n'outros aproximou-se d'ella; elevação justa em si mesma, e gloriosa para o Direito nacional.

IV

Nas condições de filha, a mulher tinha já encontrado, quatro annos antes, uma reforma da mais alta importancia. Em 1863 Portugal abolira os morgados.

Rasão nenhuma podia já auctorisar esta velharia, contraria a todos os principios do justo.

Os vinculos representavam a servidão da terra, do espirito, da educação; a escravidão do filho, e principalmente da filha, que não tinha, no decorrer dos annos, senão a oppressão dentro do lar apóz a morte do pae, ou a profissão forçada n'um mosteiro. Nada mais respeitavel do que a vocação sincera: mas tambem, nada mais cruel do que a morte dentro da propria vida, quando eram suffocados os naturaes sentimentos da alma.

Pela nova legislação as filhas-familias foram chamadas a concorrer, com os irmãos primogenitos, á herança, já livre, dos seus progenitores. Quanta libertação! quantos casamentos! quanta felicidade não veio á mulher portugueza d'esta revolução do Direito civil!

Pela legislação anterior ao Codigo, a legitimação das filhas (não me refiro tambem aos filhos, porque o meu escripto é especialmente destinado á mulher), a legitimação das filhas, não nascidas de casamento legitimo, só se podia realisar sendo ellas simplesmente naturaes. O Codigo, porém, permitte a legitimação em todos os casos, excepto ás filhas adulterinas e incestuosas: mas para estas mesmas abriu a porta da legitimação por

meio indirecto, attendendo a que, se um tal nascimento era condemnavel, sobre as filhas todavia não devia recahir o rigor, merecido aliás por seus paes. Assim, o Codigo prohibe ao pae e á mãe, que no documento perfilhador se declare de quem proveio a filha, o que leva á possibilidade da perfilhação das filhas, qualquer que seja a sua origem. Poderá suspeitar-se n'isto uma restricção mental? é possivel; mas qual será o coração que a censure?

Na successão dos bens (não havendo filhos legitimos), as filhas naturaes herdam a herança toda; e concorrendo com legitimos, herdam uma parte; o que até aqui não succedia; e garantem-se alimentos, não só ás legitimadas, mas tambem ás adulterinas e incestuosas.

V

Se como filha temos visto melhorar tanto a mulher, subamos de ponto, e vejamos a esposa erguer-se nobremente, e receber da nova legislação o encargo natural de fiel companheira do marido, conselheira intima, egual, ou quasi egual, ao seu consorte, bem diversamente do que até aqui lh'o consentia a tradição nacional, em que se reflectia ainda a mortiça luz do Direito velho.

Vejamos. A primeira e fundamental conquista sanccionada no Codigo portuguez em favor da esposa é o patrio poder. O Codigo n'este ponto eguala-a ao marido. Hoje compete á mãe, conjunctamente com o pae, reger a pessoa dos filhos, protegel-os, educal-os, devendo a mãe ser ouvida, e devendo ser recebido o seu

conselho amoroso e sagaz, sobre os interesses dos mesmos filhos.

Estes grandes principios, fundados no mais verdadeiro Direito natural, são por um lado uma garantia em favor dos filhos, e por outro elevam a consideração e o respeito materno, assegurando á progenitora um nobre logar na organisação da familia, e outorgando-lhe a justiça, que tantos seculos lhe tinham usurpado.

Mais:

Era a mãe até agora prohibida de ser tutora dos filhos, a não o haver declarado o marido em testamento, salvo se o conselho de familia a nomeasse. Pois bem: hoje recebe a tutoria em virtude de um direito proprio, provindo da sua qualidade de mãe, e baseado nos dotes que se presuppõem na solida natureza materna.

Verdade seja que a Lei, querendo prevenir talvez a novidade da transição, colloca, para este caso, junto á viuva tutora um ou mais conselheiros, que a auxiliem com o seu voto; mas em todo o caso a mãe é a tutora legal dos filhos, e pode deixar de seguir o voto dos que lhe ficam nomeados para lhe apontarem o caminho melhor, ou a desviarem do ruim. Entretanto, esta prevenção tenderá a desapparecer, e a viuva virá a possuir, sem esta mesma peia, o direito completo.

No proprio caso em que não seja tutora legal, lá tem, como tutora segundo a natureza, na sua qualidade de mãe, lá tem no conselho de familia os que lhe podem dar parecer officiosamente. Não lhe faltam conselheiros.

E se não, vejamos:

Era uma filha unica, senhora da grande herança pa

terna. Duzentos contos. Não deixava de luzir o olho a dois conselheiros. Não que elles aspirassem a Bartholos do *Barbeiro;* o que almejava cada um era presentear a menina com um Almaviva do seu proprio sangue d'elles. Tudo caminharia muito bem para um dos dois, se a sorte não as tecesse. Um dia appareceu arrendado um primeiro andar defronte do palacete. Quem o virá habitar? Depressa o souberam, mãe e filha. Eram ambas muito devotas; e qual não foi a admiração das duas, quando viram armar um oratorio na sala fronteira? Redobrou a admiração, ao perceberem da sua janella, cada dia, entrar n'aquella sala um moço, de olhos no chão, todo elle simpleza e modestia, chegar á janella, entrefechal-a como em resguardo, defrontar-se com o oratorio pausadamente, ajoelhar, pôr as mãos, abaixar a cabeça, e bater no peito..... Depois, como receoso de que ainda assim o vissem, ia fechar a janella um pouco mais; calculando sempre o raio visual, tornava-se para a sua devoção tempo esquecido, e por fim, adiantando-se de novo á janella, abria-a em cheio, e, como que parecendo enleiado ao ver as visinhas, fazia-lhes ceremoniosa reverencia com os olhos quasi cerrados, e recolhia se logo, para não ser contaminado com o olhar feminino.

— Que moço tão sizudo e devoto! —dizia a mãe para a filha. — Não parece rapaz d'este tempo.

A filha concordava; e ambas, descendentes de Eva, iam todos os dias espreitar o devoto nas suas orações. A devoção augmentava na rasão directa do pasmo das duas.

Os conselheiros visitavam a casa, por seu dever de conselheiros, diziam elles; por interesse dos seus meninos, digàmos antes.

Um dia, á hora do costume, a filha, deixando a mãe na sala com um dos candidatos, appareceu sósinha na janella observadora; e que alvoroço sentiu, quando, pelo entrecerrado da janella fronteira, vê o devoto, com os olhos bem abertos, fronte erguida, todo elle como que resuscitado da sua propria mascarada, e, acenando risonho á sua gentil visinha, levar a mão ao coração (o que significava que a amava), e depois a palma da mão direita sobre a palma da mão esquerda, (o que ella traduziu, e não traduziu mal, por tenção de casamento).

Com o prologo que o ladino inventara para fazer a bocca doce á mãe, e com o segredo que teem as filhas para collocarem sempre a seu favor a materna protecção, navegava de vento em pôpa o licito projecto: mas ainda faltava o animo de investir abertamente contra o castello dos conselheiros. Conspiração no caso.

Uma noite a visinhança viu abrir-se a porta do palacete, e pela escada illuminada viu sahir a menina, coroada com as apetitosas flores de laranjeira, e duas horas depois entrar com as flores de menos, e um amoroso marido de mais.

A bomba estalou em plenas faces dos conselheiros. Regressaram apressados á cidade, não querendo acreditar no boato.

O boato, porém, significava duas coisas: a evaporação da riqueza por ares e ventos, e uma comedia de Molière, se elle ainda vivesse, com o fecho da moralidade: PARA QUE SERVEM OS CONSELHEIROS, QUANDO OS CONSELHOS SÃO DE MAIS?

. . . . . .

Tambem, por direito proprio, a mulher é chamada a dar consentimento para o filho menor casar, prevalecendo todavia o voto do marido, se dissentirem.

Mais direitos conquista ainda: na falta do pae, o de nomear tutor aos filhos em testamento, sem necessidade de confirmação do conselho de familia, excepto quando ella nomear o seu segundo marido; o de emancipar os filhos; o de não ser obrigada a acompanhar o marido para fóra do Reino; e o de publicar os seus escriptos (embora o marido lh'o não consinta), uma vez que alcance auctorisação do juiz.

VI

Passando aos bens:

A mulher portugueza encontra-se hoje, pelo moderno Codigo, em situação muito mais vantajosa.

A superioridade do marido no regimen administrativo, está consagrada, é verdade; e este ponto ha-de ser ainda por muitos annos o escolho, para a legislação europêa, ácerca da egualdade completa entre os esposos, e a necessidade de regular controversias das duas auctoridades no mesmo lar. Entretanto, modificações da mais alta importancia teem sido introduzidas em favor da esposa; conquista dos direitos femininos em relação aos bens, não inferior á consagração dos direitos em relação á pessoa.

Mas, se a administração geral dos bens continua a pertencer ao marido, a esposa já a pode agora gerir por direito proprio quando elle esteja impedido ou ausente; e se, em geral, não se pode apresentar em juiso

sem auctorisação do marido, o Codigo accrescentou ainda a bem da mulher a faculdade de o poder fazer em varias causas que tenham por objecto a defensa dos seus direitos proprios, e a dos direitos dos seus filhos.

O marido tinha sobre os bens um poder quasi discrecionario. O progresso introduzido pelo Codigo consistiu em abrandar este rigor, forcejando por dar mais garantias á propriedade da esposa.

O Codigo determinou que, se o marido contrahir dividas sem outorga expressa da mulher (não sendo em proveito commum) lhe fique responsavel a ella pelos seus bens proprios d'elle; providencia excellente, porque, se bem que a legislação antiga prohibia ao marido a alienação dos bens immoveis sem o consentimento da mulher, o marido podia contrahir dividas, que sujeitavam á venda em leilão esses mesmos bens da mulher, bens que a mesma legislação queria salvar, mas não salvava.

Antes do Codigo, a mulher casada administrava os seus bens proprios, concorrendo para as despezas do matrimonio com o que se combinasse, ou, na falta de combinação, com a terça parte. Não podia, comtudo, alienar os seus bens de raiz sem auctorisação do marido. Pelo Codigo moderno, a mulher, no casamento celebrado com separação de bens, conserva tambem o dominio de tudo quanto lhe pertence, podendo dispôr livremente dos respectivos bens, mas não os podendo alhear sem consentimento do marido.

Em relação ao regimen dos dotes, reconheçàmos, que, apesar de ser uma triste escravidão, é elle uma salvaguarda da esposa contra a administração ruim, a dilapidação, e a prodigalidade dos maus maridos, que não

são poucos. Os dotes existiam em Portugal; mas era de tal modo confusa a doutrina legislada, que muito se deve ao Codigo o tel-a chamado a melhor caminho: e d'entre as innovações favoraveis á esposa, não posso deixar de mencionar a que o novo Direito assegura á mulher, dando-lhe o poder de reivindicar os bens immoveis indevidamente alheados pelo marido, não só depois da dissolução do matrimonio, mas tambem na constancia d'elle, *ainda mesmo que a esposa consentisse na alienação.*

VII

Resta-me indicar a ultima palavra do Direito portuguez quanto á dissolução do matrimonio.

Portugal não tem o divorcio, mas unicamente a separação de pessoas e bens. Innovações transcendentes estabeleceu o Codigo em favor da mulher. Para o effeito da separação judicial, admittiu tambem o adulterio do marido com escandalo publico, desamparo completo da esposa, condemnação do marido a pena perpetua, e injurias graves.

Esta nova legislação, se, por um lado tem apresentado na pratica uma porta aberta para facilitar e amiudar as separações matrimoniaes, ás vezes com uso abusivamente lato, por outro (é innegavel) outorgou á mulher consagração de direitos. A mulher não é uma escrava, e justo é que o Direito a defenda, quando o marido a não respeita.

Aos novos principios do Codigo em favor da esposa, n'este ramo tão melindroso, deve-se accrescentar com louvor a seguinte disposição: sendo a acção intentada

contra a mulher, e esta absolvida, considera-se por Direito separada de pessoa e bens; principio este consignado no Codigo para consagrar a dignidade da esposa injustamente offendida na sua reputação.

VIII

O que fica exposto é sufficiente para levar ao convencimento de todos a transformação completa por que a mulher portugueza tem passado nas suas condições civis, depois do Codigo que ha vinte e tres annos rege Portugal.

Esta admiravel transformação realisou-se nos variados elementos constitutivos da personalidade feminina:

nos direitos da filha-familias;

nos direitos reciprocos entre a mulher e o marido;

nos bens; na administração; nas successões;

no accrescimo dos fundamentos para a separação dos conjuges, em consideração á esposa offendida na sua dignidade, na sua pessoa, e nos seus haveres.

Ha certamente ainda mais que realisar. Que motivo, por exemplo, justifica o ser a mulher obrigada, quando binuba, a dar caução, achando-se confirmada pelo conselho de familia na administração dos filhos do seu primeiro matrimonio, quando ao binubo não se impõe a mesma obrigação? Que rasão a impede de ser testemunha nos testamentos? de estar em situação igual na questão dos dotes, e outras clausulas do casamento? Que motivo ha para a inferioridade das penas no homem, nos casos de seducção ordinaria, onde, a par com o castigo, falta assegurar á juventude feminina muitos mais direitos civis sobre os seductores?

Estes, e por ventura outros pontos, completarão o assumpto n'um tempo mais ou menos proximo.

IX

Obtidas, como já foram, as conquistas que enumerei, tenho esperança de que no Codigo se verá um dia escripta a completa egualdade civil de ambos os sexos, o que nada tem com a egualdade politica, assumpto absolutamente diverso.

E todavia, quem nos diria a nós, meado ainda este seculo, que haveriamos já hoje de poder registar as victorias que a mulher tem alcançado?

A experiencia confirmou que a mulher é digna de vencer na lucta entre a sua servidão injustificada, e a libertação vencedora, primeiro pela philosophia, depois pela consagração das leis. O Codigo não tem que se arrepender da justiça que rendeu á mulher em Portugal. Ella não abusou, antes se ha mostrado merecedora das concessões que recebeu, desempenhando-se das suas novas attribuições pessoaes e administrativas com o seu adivinhar instinctivo, e imprimindo na sociedade forças novas de factos e sentimentos.

E assim, a mulher portugeza, lançando a vista para o seu passado, pode ver, com o Codigo na mão, que se desfizeram densas trevas na sua existencia social: que a sua dignidade se elevou, e com ella a nobreza da nação e até da humanidade, porque, assim como todos os cidadãos formam parte de um povo, todos os povos são solidarios, pelo exemplo, diante da civilisação universal.

CAPITULO II

A mulher nas suas condições de instrucção

PARTE I

I

Não permitta Deus que deixemos de fazer justiça ao passado no que elle teve de bom. A forma podia não ser sempre a que a civilisação de hoje proclama e adopta; as condições educativas podiam não comprehender a vastidão e a especialdade dos conhecimentos, cujo circulo se vai alargando cada vez mais, abrindo fontes novas á intelligencia, e horizontes mais largos ao trabalho; mas as intenções eram puras, e uteis os resultados. Assim, Lisboa e o Reino viam a caridade particular fundar para a orphandade feminina institutos de agazalho e educação, embora immensamente inferiores ás necessidades d'esta população infeliz.

II

Quanto ao Estado, a Lei de ensino de 1835 esqueciase da mulher. A de 1836 creava unicamente uma escola feminina em cada Districto. A de 1844 auctorisava já o Governo a ir creando successivamente escolas para o sexo feminino. Em 186. devia-se ao sr. Anselmo Braamcamp a abertura da Escola Normal. Finalmente em 1870 estreiava-se o Ministerio da Instrucção publica, e por meio d'elle, apparecia pela primeira vez a economia domestica, a hygiene, o talhe, o canto, a gymnastica, o desenho; e mais, no ensino complementar e profissional do mesmo sexo, maior desenvolvimento da gymnastica, da hygiene, do canto e do desenho, e historia natural, escripturação, e industrias de rendas, flores, e outras. Alem de tudo isto, uma classe infantil, ou preliminar, dentro da escola primaria, correspondente aos *jardins de infancia*, em quanto estes não podessem cobrir o Reino. Egualavam-se os dois sexos, de que até ali um era senhor, e o outro escravo, equiparando-se em numero as escolas, e em vencimentos os sexos, dando-se á mulher, como ao homem, uma carreira de accesso, e a ampla liberdade de ensino, para evitar que, pela inutil oppressão nos intitulados exames de capacidade, fossem retiradas do professorado muitas senhoras dignas d'elle. Uma serie de rasões justificam esta liberdade, ficando sempre aos paes de familias o direito da escolha.

A Lei actual quanto ao ensino profissional e escolas complementares,.....

. . . . . .

. . . . . .[1]

Mas deixemos o que mais propriamente pertence ao ensino primario, e entremos no importantissimo e capital assumpto da instrucção profissional da mulher.

III

O homem tem diante de si o ensino superior; a mulher está d'elle desherdada, mas é de rigorosa necessidade que o possua.

Isto não quer dizer (a seu tempo hei de tratar da emancipação scientifica do sexo feminino) que a mulher deva conquistar o *mesmo* alto ensino que o homem, mas um ensino superior *correspondente* ao ensino superior do seu companheiro. Ha até um erro enorme na applicação d'este termo. Urge que termine a phrase de «ensino superior» tomada na accepção em que actualmente é considerada. N'este sentido ensino *superior* exprime uma ideia sem a verdadeira significação, e é termo improprio das instituições democraticas. O ensino das artes, das rendas, das flores, pode ser um ensino tão *superior* para a mulher, como o das faculdades scientificas para o homem, com tanto que exprima o grau superior de uma manifestação do trabalho humano. A phrase «ensino superior» deve ser geralmente substituida por ensino *especial*, como se vai já em alguns casos principiando a applicar, embora envergonhadamente.

(1) *Nota do Editor.*— Este capitulo achava-se truncado n'este sitio.

O ensino *especial* da mulher corresponde, portanto, ao ensino superior ou *especial* do homem, no sentido que deixo exposto, como carreira, vida, emancipação individual, em cada sexo.

Na importantissima questão do ensino profissional da mulher, o que representa em Portugal o actual momento, por parte do Estado? Bem pouco, em verdade. Em Lisboa é o Conservatorio que tem sustentado a retirada. Honroso é para elle que a matricula apresente uma media de matriculadas, em quanto a dos alumnos é de . Parece que as meninas da Capital não querem ser senão musicas.

Mas se este facto é honroso para o nosso Conservatorio, bem vergonhoso é em relação ao ensino profissional: costumaram-se, durante meio seculo, a demandar a musica, por não terem tido mais que procurar.

IV

Não é facil encontrar em Portugal um homem verdadeiramente iniciador, e ainda menos um que reuna á elevada iniciativa o conhecimento e o amor da patria.

Um d'estes raros iniciadores appareceu ha poucos annos, mas despenhou-se, infelizmente, n'um fim prematuro.

Deveu-se ao benemerito Antonio Augusto de Aguiar, no seu Ministerio das Obras publicas, a fundação das escolas de desenho industrial, e das escolas industriaes, tambem para o sexo feminino. A primeira creação foi em 1884. Até ao fim de 1889 existiam no Reino de-

zoito escolas de desenho, e dez industriaes, sendo o numero das matriculadas, segundo os ultimos relatorios, de 516 na circumscripção do sul, e na do norte de 55, e notando-se muito aproveitamento em desenho e trabalhos manuaes nas escolas de Setubal, Alcantara, Leiria, e Thomar.

D'esta organisação sai desde já um instituto verdadeiramente sympathico: a escola de Peniche com a sua officina profissional de rendas.

Diz-se que o homem é a fera do homem. N'este caso, pode-se dizer que a mulher é a fera da mulher.

Sabe-se como teem sido afamadas entre nós as rendas de Peniche, uma das raras industrias da mulher portugueza. Suppunha-se que este ramo tradicional da arte aproveitava largamente ás mulheres d'aquella povoação, e que os laços fraternaes estreitavam as relações do sexo infeliz n'aquella redempção do trabalho. Pois os laços fraternaes eram, e ainda são, as cadeias do despotismo, e as relações femininas no bem commum e na regeneração feminina reduzem-se á escravidão do maior numero, da quasi totalidade!

Devia este facto ser atenuante para nós, pobres homens, tão accusados pelo sexo fraco de abusarmos contra elle da nossa força social, argumento atroador dos livros femininos, das discussões parlamentares, e até das espirituosas conversações nas salas. Pois, minhas senhoras, ponham os olhos em Peniche.

Diz-se «amigos de Peniche». Não menos se pode dizer «amigas de Peniche».

Em duas palavras:

A grande industria das rendas estava nas mãos do

monopolio feminino. As rendeiras, em numero inferior, representantes do capital, tinham por sua conta, em maior numero, as operarias (raparigas e creanças), que para fabricarem as rendas careciam de receber por emprestimo das mesmas rendeiras todos os materiaes, e até adiantamento de dinheiro. Depois, compravam ás desgraçadas os productos já fabricados por ellas, por um lado com a usura de quem pode impôr a lei draconiana, e por outro lado ficando sempre crédoras do que adiantavam. O facto cruel da necessidade do trabalho, a riqueza despotica de poucas, e a escravisada miseria de muitas.

A esta misera situação quiz obviar a nova organisação industrial. No entretanto as difficuldades surgiam de si proprias. Queriam as operarias concorrer á libertadora officina official, mas jaziam empenhadas nas mãos das despotas. Que se fez então? O Ministerio das Obras publicas pagou-lhes as dividas, libertando-as do monopolio.

Muito bem; mas o monopolio tem por arma constante a oppressão. Enraivecidas as rendeiras com a perspectiva de lhes fugirem as escravas, lançaram-lhes a ameaça de não as tornarem a empregar, se a officina official viesse a extinguir-se, como (assentavam ellas) se extinguiria em breve.

Grande serviço se deveu n'esta gloriosa lida ao benemerito Inspector da circumscripção do sul, o sr. Francisco da Fonseca Benevides, que poude conseguir que algumas energicas operarias, fazendo frente ás rendeiras crueis, se apresentassem com intrepidez, abrindo-se a officina official a 24 de Setembro de 1887, com quatorze raparigas (actualmente são trinta,

em Julho de 1890), que assim reuniam á suavidade do trabalho lucro maior.

E a horrorosa situação em que se achavam, conhece-se observando que, ainda assim, o salario mais elevado é de dois tostões, e o menor de dois vintens!! Pobre sorte a da mulher em geral! Isto é um beneficio!? e é.

Oxalá que o numero, ainda diminuto, logre poder-se augmentar successivamente para libertação das mulheres da nossa povoação maritima, e que, por esta reforma profissional do trabalho, e pelos cuidados de tão digno Inspector, o ensino d'aquella industria nacional adquira o brilho almejado!

Seja-nos regosijo que, havendo concorrido á Exposição universal de Paris em 1889 uma collecção de rendas fabricadas pelas alumnas d'esta escola profissional, o jury lhe conferiu a medalha de ouro pela excellente execução dos productos.

V

E todavia, louvando estas tentativas, que são aliás um grão de areia no deserto em comparação com as imperiosas necessidades do ensino profissional feminino em todo o Reino, o que lhe tem feito durante meio seculo a administração official da instrucção publica?

Onde estão as escolas de composição e impressão, que a administração central da instrucção publica podia e devia estabelecer na Imprensa Nacional de Lisboa, na da Universidade de Coimbra, e até em impren-

sas filiaes, a fim de se poderem crear officinas especiaes para o sexo feminino?

Onde estão as officinas, nas povoações principaes do Reino, superiores ás escolas primarias, para o corte de roupas de homem, e para o talhe dos vestuarios das senhoras?

Onde estão as escolas manuaes, junto ás primarias, por qualquer dos dois systemas, ou pelo *economico*, para habilitar a mulher a uma carreira de officio, ou arte, ou pelo systema *pedagogico*, para o desenvolvimento e flexibilidade das forças physicas, moraes e intellectuaes?

Onde estão as escolas normaes, e as geraes, de gymnastica, tanto ou mais necessarias para a mulher do que para o homem, porque é a organisação physica da mulher que tem de fabricar as gerações? E se a gymnastica não é profissão (a não ser excepcionalmente) é sempre a base para o bom e salutar trabalho das profissões.

Onde estão as escolas maternaes, ou, pelo menos, as escolas normaes para ellas, de que possa lançar mão a rede dos asylos, filhos da iniciativa particular?

Onde estão as escolas *especiaes* para fazer donas de casa, conforme as condições de cada classe, verdadeiras esposas e verdadeiras mães de familias, quanto á direcção, ao governo, e á hygiene, aproveitando a grande raiz do coração feminino, e não a deixando sem sol, sem orvalho, sem rega, sem cultura, sem os elementos indispensaveis para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de um grande bem?

Suppondes, no myope da vossa vista, que a escola

complementar, na irrisoria organisação que lhe destes, pode realisar esta importantissima missão?

Onde estão as escolas para formar creadas de servir (e digo *formar* intencionalmente, porque a especialidade de cada serviço e de cada carreira se deve considerar uma formatura, como supremo grau da possivel perfeição em cada arte)? Onde estão estas escolas praticas, que nos livrem d'esses antros chamados os *escriptorios*, d'onde as serviçaes saem sem principios, sem moralidade, sem amor á sua carreira, sem amor senão ao dia semanal que exigem, e de que ellas tantas vezes são as victimas?

Onde estão as escolas de bellas-artes, de pintura, escultura, modelação, gravura, photographia?

(Um nobre exemplo me apparece agora no espirito; e seja-me licito citar a tal respeito um nome distincto de senhora. Uma familia portugueza residiu oito annos em Paris. Quando ha um anno regressou a Lisboa, trazia a sua joven filha pintora e illuminadora notavel. Seguira e completara o seu curso na Academia das Bellas Artes de Paris com distincção. A sr.ª D. Christina Sanctos estaria n'este momento sem aprendizagem, como tantos milhares das suas patricias, se em vez de habitar n'um paiz estrangeiro, pedisse á sua patria o ensino especial que o Estado tinha obrigação de lhe facilitar. Nem todas as familias portuguezas podem chamar os Casanovas para lhes ensinarem as filhas).

Onde estão, nas povoações urbanas, as escolas commerciaes, em que a mulher possa aprender o que n'esta especialidade a habilite para caixeira, e para as diversas occupações com que n'este vasto ramo possa ganhar a vida quando d'esse ganho carecer? Onde,

nas povoações ruraes, as escolas onde as mulheres e filhas dos lavradores aprendam a fazer a sua escripturação, para não ficarem mudas espectadoras nos seus lares, e para poderem expender as suas ideias, aconselhando, com a sua perspicacia e espirito de observação, o que fôr de interesse para a sua familia e para a sua casa?

Onde estão as escolas centraes para formar enfermeiras, n'um paiz coberto de hospitaes, e que, desde que expulsou as enfermeiras pertencentes ás congregações, tinha por primeiro dever substituir o elemento expulso, por outro elemento que podesse ficar habilitado, não só para o serviço hospitaleiro, como para as casas dos particulares, onde tão necessario é n'um grande numero de occasiões?

Onde estão as escolas populares profissionaes de alfaiataria, de sapataria, de encadernação, de tinturaria, de tecelagem, de estampagem e pintura sobre esmalte, e ainda de outras occupações, que se ageitassem á condição natural do sexo fraco?

Acaso não seriam excellentes bases para estas escolas praticas as Casas Pias e alguns recolhimentos populares do Reino, com os quaes o poder central se entendesse, desenvolvendo-se para o sexo feminino uma semelhança do ensino fundado em Italia pelo immortal D. Bosco, e de que as benemeritas officinas de S. José para o sexo masculino, no Porto e em Braga, estão já apresentando exemplos tão admiraveis?

Por ventura não seria um enorme bem unirem-se n'este ponto, de commum accordo, os esforços e haveres officiaes e associativos, aproveitando-se aquellas bases, e não se deixando, sob pretexto de que pode

cada um fazer o que quizer na sua casa, até mesmo o inutil ou prejudicial á causa publica, deixar correr á revelia este importantissimo assumpto? Depois venham-nos dizer, de alguns d'esses institutos populares, que as que de lá sahem, em grande parte, são umas fidalgas, presumidas, ambiciosas, e aspirantes á vida desordenada, que faz da mulher o ente mais desventurado!

Quer-se um exemplo do muito que n'este genero se poderia realisar? Pense-se no util e vasto estabelecimento de educação profissional, que em 1870 se organisou para a mulher em Lisboa, e que um acto vandalico do Governo seguinte veio a extinguir, para satisfação pessoal.

Bella administração de instrucção publica em verdade!

VI

Estou-as ouvindo:

— «E o dinheiro?»

Ah! o dinheiro!

E o dinheiro desde meio seculo até hoje? E os milhões, em todo este decurso de tempo, para as reformas do exercito, que estremece, cheio de brios, por não poder desaffrontar a Patria, tanta é a mingua das forças nacionaes!

E os milhões para a nossa gloriosa marinha, que (apesar d'esses milhões) se vê forçada a presencear entre lagrimas o roubo ás nossas possessões de alem-mar?

E os milhões para os nossos caminhos de ferro? para as nossas estradas ordinarias? para tantos assum-

ptos em que o oiro tem sido, umas vezes dispendido com justiça, outras malbaratado sem conta?

Não, não é o dinheiro que desde meio seculo nos faltou para o deramamento da instrucção, e para novas fontes do trabalho. O que nos tem faltado, n'esta serie de reformas vaporosas, que da instrucção publica teem feito um escarneo, é apenas a comprehensão do que seja instrucção publica. O que nos tem faltado é o arrojo da iniciativa contra a rançosa chateza da rotina, e a força herculea na rigidez do braço. O que nos tem faltado é a prohibição de que a instrucção publica seja a manta de retalhos, d'onde tire cada interesse partidario ou particular um pedaço para se cobrir. O que nos tem faltado é a convição de que a instrucção publica, nas suas infinitas manifestações, deve hoje ser entre nós, não a accumulação esteril da papelada, mas uma monstruosa revolução, que reconstrua a Patria, desde os seus fundamentos da educação e do trabalho, transformando um povo que vegeta, n'um povo que viva.

PARTE II

I

Voltando a pagina, encontramos, como é natural, a iniciativa particular esforçando-se por derramar a instrucção profissional.

Ora aqui está um instituto deveras sympathico:

Sabemos todos o que são actualmente as creadas de servir: enxames de impossiveis, entrando azafamadas nos escriptorios, sahindo d'elles, não se conservando

nas casas, exigindo dias semanaes para seu recreio, e não inspirando a minima confiança. Surgiu uma ideia redemptora; e a sr. Viscondessa de Carvalho, que tantas vezes apparece n'estas lidas beneficas, disse comsigo:

—Fundemos uma associação protectora para educar costureiras e creadas de servir.

Bella semente esta ideia, principiada a realisar em 1883, e com tão bons fructos!

Devi á benemerita sr.ª D. Maria da Purificação José de Mello, Secretária da Associação, ser-me dado ver miudamente o instituto. Vêl-o em geral é facultado a quantos o desejem.

Vi e observei a singeleza, a modestia, do estabelecimento. Nada de francez, de musicas, de tendencias ambiciosas. Está ali a verdadeira costureira; está ali a verdadeira creada de servir. Mira-se ao comportamento moral, á simples leitura e escripta, e logo á aprendisagem do trabalho de uma casa, a todos os serviços domesticos, a talhar, costurar, fazer vestidos, lavar, engomar, pentear, cosinhar, e ao tratamento nas doenças. Ha cuidado especial em educar o espirito para garantir uma segura confiança.

«Não queremos unicamente fazer boas serviçaes — diz a Associação: — queremos mais: queremos que a serviçal possa tambem ser digna de que a dona da casa lhe possa entregar a direcção do lar, quando impossibilitada ou ausente. N'este intento são infiltrados os principios, e é encaminhado o systema.»

Nos referidos pontos é extremo o cuidado, e o ensino pratico amplamente desenvolvido.

Mostraram-me o estabelecimento, com toda a ama-

bilidade, as irmans Madre de Deus e Maria Cecilia. Não me recordando de que pertenciam ás nossas Hospitaleiras, e ouvindo a primeira falar a nossa lingua, perguntei-lhe de que nação era. Entrenotei-lhe então, n'um repente involuntario, a sombra de um sobresalto ao responder-me:

— Sou portugueza.

E accrescentou logo, com um ligeirissimo sorriso, que mal poude comprimir:

— Somos todas portuguezas.

Dormitorios, refeitorio, aulas, rouparia, em tudo aceio, ventilação, e arranjo.

No ensino pratico revesam-se todas as educandas, por turno, de maneira que ficam executando perfeitamente, sob a direcção superior, cada uma das funcções de uma casa, pelo ensino proprio, e pelo exemplo das outras. É a intuição applicada a todos os ramos, e presidida pela simplicidade e pelo acerto.

São 93 as educandas actuaes; as da casa nada pagam; ministram retribuição as do Congresso de beneficencia, e as de familias particulares. O estabelecimento tem já 10 creadas, que o honram pelo seu comportamento e bom serviço. Muitas casas se empenham em requisital-as.

É admiravelmente administrado este instituto, relata a commissão revisora, composta dos srs. Fernando Palha, Antonio Maria de Carvalho, e Joaquim Mauperrin Santos.

Sabe-se o perigo de se perderem as creadas no intervallo entre uma casa de que saem, e outra para que se ajustam. Para acudir a esse perigo, a Associação planeiou crear uma secção em separado, onde possa

recolher as creadas desaccommodadas até de novo acharem commodo, pagando apenas um pequeno subsidio.

II

É recentissima a Associação promotora do ensino para a infancia cega, actualmente *Escola Asylo Antonio Feliciano de Castilho.*

Foi iniciadora d'esta Associação a sr.ª D. Victoria Sigaud Souto, coadjuvada desde logo pelo sr. Fernando Palha; e tem por fim o instituto promover por meio do internado a instrucção e educação profissional d'estes seres tão infelizes quanto sympathicos. Abriu-se em 1888, e acha-se estabelecido na rua do Conselheiro Nazareth, n'um predio novo, arejado, e com as devidas condições hygienicas.

Visitei este importante asylo no dia 5 de Agosto ultimo, e cumpre-me declarar, em honra d'elle, que entrei *com o pé direito.* Vou explicar a minha phrase:

Mal se tinha aberto a porta, disse-me a joven porteira, com enthusiastica affabilidade, em que logo puz agradavel reparo: que entrasse, pois de certo queria ver o estabelecimento; que já me seria aberto, e logo mostrado; que estivesse á minha vontade; e isto sem me dar uma virgula para lhe responder, e sem tomar um respiro. E tudo era offerecer-me com o gesto e com as maneiras, que entrasse na sala proxima, que me sentasse.

Comprehendi logo que o bom e leal acolhimento feito a um estranho representava a estampilha da casa: eram bemvindos todos os que, pelo facto de se apre-

sentarem, exprimiam tacitamente o amor á Instituição.

Por serem ferias, não estava ali n'aquelle momento a benemerita directora, nem as educandas; recebeu-me com toda a bondade a sr.ª D. Maria das Dores e Sousa; mas se não estavam as educandas, uma ficara que valia por todas.

Oito anos de idade; apenas desde dezasseis mezes no Asylo, e já lendo perfeitamente, escrevendo tudo que se lhe dictava, contando, executando os principios musicaes, recitando gentilmente; pallida, interessante, sem socegar um momento, fervendo-lhe no cerebro uma altissima intelligencia; vendo com os dedos tudo quanto nós vemos com os olhos; com o sorriso encantador da sua infancia, martyrisada, sem ella o presentir, pela angustia innata na sua alma; anciando por ver a luz, o mar, as estrellas, a vastidão dos ceos, as maravilhas todas da Creação, e por ventura o ente amado, que n'um instinctivo sonho de amor lhe ha de apparecer algum dia... para lhe fugir!...

Perguntou-me docemente se lhe trazia flores, a mim, um desastrado, que nem me lembrara de lh'as levar. Vi então, que as ceguinhas ambicionavam adivinhar a belleza das cores pelo aroma que lh'as revela.

Isabel de Jesus é o nome d'esta ceguinha vidente.

Um traço engraçadissimo: quando ia já para escrever, pediu-me que lhe dictasse. Dictei: *Este estabelecimento é todo caridade.* Escreveu rapidamente; mas ao ler o que escrevera, teve um sobresalto de impaciencia. Que fôra? Com a pressa, juntára a segunda syllaba de *Este* com a primeira de *estabelecimento;* e por-

tanto, os dedos não leram instantaneamente as duas palavras. Ao impeto da impaciencia succedeu logo uma gargalhada, e apresentou em acto continuo, com um sorriso vencedor, a oração completa.

Como esta alumna, acham-se ali mais dez ceguinhos e sete ceguinhas.

«Quanto ao Nome que devia individualisar esta ins-«tituição,—diz a Direcção no seu Relatorio—«esco-«lhendo o de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO, o beneme-«rito amigo das creanças, o cego que via mais do que «os videntes, na phrase de Victor Hugo, a vossa Di-«recção tem a convicção de que escolheu bem, e que «poude collocar o seu primeiro instituto sob a égide de «um fervoroso protector da infancia; o qual, se lhe «houvesse sido dado assistir á inauguração d'elle, re-«jubilaria, como hão-de rejubilar mais tarde os que «n'elle vierem receber a luz espiritual do ensino, unica «que lhes mitigará a sède d'essa outra luz que não po-«déram ter.»

Escreveu a verdade a Direcção; mas jazem privados de vista, no paiz, tantissimos infelizes! e esta primeira casa da caritativa Associação educa por em quanto só dezoito, e lucta com difficuldades enormes.

Vinde ver estes dezoito desgraçadinhos, vós todos que passais por diante da sua casa salvadora! e lembrae-vos de que mais desgraçados ainda são esses milhares, que, sobre a sua sorte malfadada, padecem a escravidão da ignorancia, e da falta de trabalho futuro. Os antigos arrancar-lhes-hiam a vida, como seres inuteis; a beneficencia christan restitue-os á sociedade educados no espirito, e preparados para o trabalho. Mas o que são dezoito ressuscitados, trinta, quarenta,

em comparação com os que luctam com a desgraça da vida alem de luctarem com a cegueira!!

Vinde! vinde inscrever-vos! e a accumulação dos vossos obolos converter-se-ha em sorrisos das vossas consciencias!

III

Grandiosa Associação esta, organisada e sustentada por senhoras portuguezas: *Associação auxiliar da Missão Ultramarina*. Tem por fim concorrer para o estabelecimento de escolas femininas, formação de professoras, cathechistas, enfermeiras, e em geral de todo o pessoal que possa ser empregado em qualquer serviço de beneficencia nas nossas possessões ultramarinas. E ainda mais grandiosa, se podesse já possuir os haveres á altura do seu vasto emprehendimento. Está, porém, produzindo excellentes resultados.

Teem sempre tropeçado os missionarios de alem-mar n'uma grande difficuldade. O homem não é feito para educar a mulher. Mais praticamente do que a minha debil penna, o dirá, em poucas palavras, um homem que tem gasto a maior parte da sua vida n'essa Africa tão cubiçada, e tão infeliz, um homem a quem ella deve serviços extraordinarios, e cujo nome basta ser pronunciado, para que a Patria e a civilisação o cubram de bençãos: o Padre Barroso.

Pois é este benemerito, que na sua conferencia *O Congo* nos diz estas palavras:

«A organisação das missões dos antigos tempos deixa «muito a desejar. Refiro-me á falta do elemento femi«nino na educação da mocidade indigena. Por mais

«zelo que o missionario empregue na educação da preta, «nunca jámais conseguirá o que a irman-educadora con- «segue. Sem as irmans-educadoras, os resultados obti- «dos pelos missionarios serão sempre pouco solidos, e «não atacarão a selvageria pela raiz. A educação do indi- «gena será incompleta, se não abranger os dois sexos: é «urgente formar a familia christan na Africa *onde não* «*existe*. Cumpre educar a rapariga indigena para compa- «nheira do homem, para mãe de familias, para dona do «lar domestico. Esta educação só póde ser dada pela «irman-educadora nos internados das missões para ra- «parigas.» .....

Baseado n'estas ideias, é que um grupo de senhoras portuguezas organisou o nucleo de uma Associação que veio a receber a approvação legal dos poderes publicos, a demonstração do mais efficaz apreço por parte do então Ministro da Marinha, o snr. Chagas, a coadjuvação do Director geral do Ultramar, o snr. Costa e Silva, em todas as concessões officiaes, e o auxilio annual de um conto de réis pelo indicado Ministerio.

É claro, para quem maneje estes assumptos, o que a Associação terá luctado com as difficuldades impostas pela rotina, com o monstruoso *ámanhan*, e com a insufficiencia dos meios. Mas de uma lucta sem tregoas sae necessariamente a victoria.

Legalisada a Associação em 1883, logo a Meza reformadora das Missões lhe sollicitava tres irmans-educadoras, para irem fundar uma escola para os colonos madeirenses estabelecidos nos territorios de Humpata e Huilla, colonia de Lobango. No dia 15 de Maio de 1885 estreava a Associação o seu intento, enviando

para o Ultramar, conforme a sollicitação da Meza, as suas tres primeiras irmans.

Partiram resolutas para o seu destino. Mas quem tal diria? Chegando a Mossamedes, o que lhes havia de fazer logo o nosso Governador, Sebastião Nunes da Matta? Raptou-as, nem mais nem menos, ás irmans da Missão. Não se indignem os ouvidos pios; o rapto não foi para elle, foi em proveito da propria Mossamedes. A pretexto de não estar ainda preparada a casa no Lobango para as irmans, ali as reteve o Governador, entregando-lhes o ensino official, e auxiliando-as para iniciarem um estabelecimento de educação para as filhas dos colonos e popu'ação indigena. Raptos d'este jaez, é que não previa o Codigo penal; e por isso o Governador passou incolume, só com o castigo moral de vêr estreiar na cidade a Associação auxiliadora. Quando a casa para a escola se concluiu no Lobango, nem auctoridades nem povo deixaram ja sahir de Mossamedes o Instituto profissional das irmans-educadoras. Para o Lobango foram outras de Lisboa.

Soou então um grito de alarma. Com este primeiro exemplo, pediram-n-as de toda a nossa Africa. O arrojado Padre Antunes requisitou-as para Huilla; o benemerito Bispo de Angola, para Loanda e para o Zaire: pediu-as o infatigavel Missionario de Tete; as auctoridades para Goa e Macau; para a Missão de S. Salvador sollicitava-as em altos brados o admiravel Barroso. Desde logo seriam necessarias cincoenta. Cincoenta!? Só para as localidades mais importantes de todo o nosso Padroado, urgiriam, segundo os calculos estudados pela Associação, mil estações, com tres mil irmans-educadoras em effectivo serviço, e quinze mil aspirantas;

e ainda assim, ficariam em numero egual á Belgica, que não possue colonias, e em numero inferior á França, que dispõe de cento e trinta mil para o serviço interior e colonial!

A ultima palavra conhecida n'este momento (Julho de 1889), dá a esta Associação quarenta e duas irmans-educadoras, das quaes trinta e sete se acham funccionando no Ultramar, com excellentes resultados.

O Prior de Mossamedes escrevia para Portugal: que esta Missão modificára em pouco tempo de modo salutar os costumes da maioria dos parochianos, sendo as pretinhas instruidas não só no ensino moral e elementar, mas nos trabalhos profissionaes da cultura. E a Sociedade das Missões protestantes da Batavia na sua terceira conferencia elogiava a nossa Missão portugueza, «por ensinar as raparigas com um tacto verdadei-«ramente admiravel, inspirando-lhes a maior sympathia».

Além da séde em Lisboa, destinada especialmente para o ensino das educadoras, relativo á instrucção e ao trabalho, a Associação abriu já escolas preparatorias em Tentugal, Braga, e Vianna, e projecta il-as augmentando para acudir aos pedidos do Ultramar.

Quem ha pois que regateie elogios a esta Associação, salvadora da nossa mulher e da nossa familia africana, indigena e colonial?! E todavia, a sua receita propria é apenas de 500 a 600 mil réis annuaes.

Que beneficos esforços se não emprehendem para acudir a esta principal urgencia da infeliz população ultramarina! Com que anceio não é sollicitada a mulher-educadora por aquellas nossas gentes, faltas de ensino, e tão dignas de commiseração! E quando an-

ceiam pela mulher-educadora, é o coração d'ella que pedem. tão cheio de doces affectos; é o agazalho de espirito; é a luz de um lar que desconhecem; é uma fonte de trabalho, que lhes seja redempção e carreira.

IV

Ha tambem entre nós tentames de umas instituições parochiaes de ensino profissional, sympathicas por sua modestia, e pelo exemplo. Assim o pensaram, e entre si segredaram, cinco benemeritas: as snr.as D. Isabel Maria de La-Cerda Castello Branco, D. Julia Maria de Campos, D. Maria Barbara de Oliveira Martins, D. Maria José de Mello e Albuquerque, e D. Maria da Purificação José de Mello, fundando uma Associação protectora de Asylos para rapazes pobres na rua de Sant'Anna, á Lapa, e creando uma officina de sapataria, onde elles podessem aprender esse officio.

Á modesta instituição profissional da rua de Santa Anna, respondeu a da freguezia de S. Sebastião. Aqui foi caridoso iniciador o sr. Prior d'esta Parochia, J. B. Gil Carneiro, que, no empenho de realisar a sua beneficente ideia, convidou para nucleo da fundação as sr.as D. Maria das Dores de Almeida Pinto, D. Francisca Coutinho, e Marqueza da Ribeira Grande. Essas senhoras, mettendo mãos á obra, conseguiram que se estabelecesse, em 1889, o Asylo de Nossa Senhora das Dores para creanças pobres do sexo feminino. Ás externas, que passam já de cem, ensina-se instrucção primaria, dando-se-lhes uma refeição, fato e calçado. Ás internas orphans ministra-se tambem o ensino pro-

fissional para costureirás, creadas de servir, governantes de casa, alcançando-lhes a associação, quando já educadas, commodos decentes e fartos.

Se modestos no seu principio são estes institutos, aliás filhos estremecidos dos seus iniciadores, em maior ponto se estendem no Reino os Recolhimentos e Casas-pias, no ramo especial do sexo feminino, a que me referi. Estes estabelecimentos, de que um ou outro tem melhorado, carecem, no geral, de grandes reformas na educação, e novos horizontes quanto ao ensino profissional. Uma das reformas principaes é a permanencia mais demorada das Direcções administrativas, para se fixar e assentar o pensamento d'essas reformas (1).

(1) — Temos em Lisboa para ensino os Recolhimentos do Calvario, da Rua da Rosa, e o do Passadiço; no Porto o das orphans da Esperança, para meninas desamparadas, o do Postigo do Sol, e o do Resgate; em Braga o de Santo Antonio, para desamparadas, e o Conservatorio do Menino Deus, para orphans; em Coimbra e no Funchal, o Collegio das Misericordias para orphans; em Evora e Beja, Casas-pias; em Leiria o da Encarnação, para externas; no Redondo o da Senhora da Saude para meninas desamparadas; em Villa Viçosa o da Senhora das Dores.

Temos para acolhimento de senhoras edosas e desamparadas: em Lisboa, os recolhimentos de Lazaro Leitão..... ..... Mais..... o da travessa da Victoria; em Coimbra o do Paço do Conde.

Temos mais, para ensino do sexo feminino, os Recolhimentos (retribuidos) das Salesias, do Bom Successo, e das Dorothêas, em Lisboa; das Ursulinas, em Coimbra; de Santa Joanna, em Aveiro.....

V

A iniciativa particular da mulher portugueza, ou a respeito da mulher portugueza, tambem se extende, além da educação, a outros generos de soccorro. E assim, é formoso vermos a caridade, em associações, voltar-se para a infancia, que desde os verdes annos já padece, e esforçar-se por lhe minorar os padecimentos, e dar-lhe mão piedosa para a lucta da vida e para a constituição da familia.

Aqui está em Lisboa o hospital infantil do Rego (para ambos os sexos), o qual, devendo a sua iniciação a um legado de D. Joanna de Sande, encontrou n'uma direcção de damas presidida pela sr.ª Condessa de Ficalho diligencias efficazes para sua existencia. Não vi este hospital; mas, segundo informação de pessoa competente, «o tratamento é excellente ali, e tudo faz gosto «ver».

Alem temos no Porto outro hospital para creanças: o de Maria Pia. Ao bondoso coração do sr. Dr. Arnaldo Braga se deveu a creação d'este benefico instituto, despertada, no correr da sua clinica, pela necessidade de curar algumas molestias das primeiras edades no seio das familias. Foi depois auxiliado pela dedicação de outros amigos do bem.

Não entraria n'este quadro o hospital «Maria Pia», se, alem de representarem as meninas as tres quartas partes da sua população, nos não revelasse a Direcção administrativa um facto frizante. Expressa-se n'estes termos um dos relatorios:

«Todos os trabalhos que a Direcção cessante empre-«hendeu, apesar da sua boa diligencia teriam sido bal-«dados, se não fôra a coadjuvação prestimosa das se-«nhoras, que, por uma inspiração feliz, se aggregaram «á Direcção. Mais uma vez se comprova por factos a «importancia da missão social da mulher. O que ali es-«tá é obra da Commissão auxiliadora das senhoras. «Foram ellas que, pela sua vigilancia e visitas a esta «casa, pelos seus conselhos e inspecção, pelas suas «offertas e donativos, pelas suas diligencias e empe-«nho, conseguiram dotar esta casa, estabelecer o seu «fundo inicial, e organisar o regimen d'este estabele-«cimento.»

No Funchal instituiu a Imperatriz D. Amelia um hospital para meninas tisicas.

Na Regoa a Associação do hospital «D. Luiz I», fundado em 18..., ver-se hia nos mais serios embaraços, se não fosse o auxilio de 300$000 réis concedidos annualmente pela grande bemfeitora local, a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, alem da dadiva constante de muitos generos alimenticios com que soccorre o hospital.

A cegueira, correu a amparal-a na sua desamparada velhice a Associação Consoladora dos Afflictos, sustentando em Lisboa um hospicio, que abriga actualmente vinte e duas infelizes cegas.

Não havendo coisa tão triste como a impossibilidade do trabalho, para quem, durante uma vida inteira, tirou do trabalho a subsistencia, e alcança por fim a miseria, instituiram algumas senhoras beneficentes um Monte pio de caracter especial, differente dos outros

Monte-pios, para o sexo feminino, tendente a soccorrer as mulheres das classes populares, a quem uma eventualidade qualquer venha a impossibilitar do trabalho. É o Monte-pio de Nossa Senhora do Soccorro, na rua Nova da Palma, filho da Associação fundada em 1883. N'este anno de 1890 estão já inscriptas como socias duas mil e quinhentas senhoras e creanças.

Um salutar principio introduziu a Associação, devido á proposta energicamente sustentada pela sr.ª D. Maria Helena Jervis de Athouguia; e foi: que a associada, retirando se de Lisboa, ainda quando fixe residencia em qualquer dos outros districtos do Reino, continue sempre a ter direito ao subsidio pecuniario, se se inhabilitar.

Possue Coimbra tambem um Monte-pio exclusivo para o sexo feminino.

VI

Diante do nosso quadro do ensino profissional, official e associativo, caberia collocar (se possivel fosse) o vastissimo mappa-mundi da educação profissional, que já está enchendo de espanto a humanidade; mas é claro que nem n'um resumo o poderia eu aqui apresentar. Seja-me comtudo permittido trazer alguns exemplos da benefica iniciativa particular entre estrangeiros.

Bem perto de nós, na visinha Hespanha, vemos um espirito elevado fundar em Madrid em 1870 a admiravel Associação para o ensino da mulher: D. Fernando

de Castro, instituiu para a mulher escolas de commercio, de correios, de telegraphos, a escola primaria superior, a escola de professoras, escolas de linguas vivas, merecendo ser auxiliado, como o foi, pelo Governo, pelo Municipio da Capital, e até mesmo por outras Associações. Em 1884 o numero das alumnas excedia a quatrocentas; hoje deve ser muito maior.

D'entre muitas outras escolas profissionaes em Paris, vemos destacar a admiravel escola fundada em 1871 por Madame Victor Paulin, onde se habilitam as alumnas para diversos empregos commerciaes, do professorado, e das artes industriaes.

Madame Elisa Lemonnier, fundando uma Sociedade para o ensino profissional das mulheres, tem a alegria de ver esta sua fundação mantendo quatro escolas, que preparam quinhentas senhoras para as profissões commerciaes e industriaes, e em especial para a contabilidade e artes do desenho.

A Municipalidade de Paris tem cinco escolas; e até algumas das primarias se podem ver como especimens da instrucção profissional elementar.

Na Suissa o Governo central foi subsidiando successivamente os Institutos de ensino profissional fundados pela iniciativa particular.

Nos Estados-Unidos, nem falemos. Perde-se a cabeça no labirintho do inacreditavel. «Só os nomes de todos «quantos nos Estados-Unidos teem pago com o seu di-«nheiro para a causa da educação popular, — diz o professor Buttler n'um seu Relalorio — «*encheriam um volume!*» Calcule-se a quanto subirão os milhões applicados para o ensino profissional da mulher.

Citarei a Russia, tão despotica na politica, mas já tão adiantada na instrucção! Ressalta-nos d'entre as escolas profissionaes para a mulher o formosissimo Instituto particular de Kharkow. Fundaram-n-o sessenta professoras, e dedicaram-lhe o seu trabalho pessoal. Milhares de mulheres teem sahido d'este estabelecimento para professoras, ajudantas de cirurgia, aias de creanças, e outras profissões. Peço attenção para um ponto original e importantissimo: esta Sociedade faz leituras publicas ás classes populares, sendo um dos intentos principaes julgarem as leitoras, pelas impressões do momento, as apreciações feitas pelo auditorio. Uma grande Commissão de professoras escreveu então um livro, resumindo as observações feitas por ellas durante as leituras, e segundo as conversações que provocaram; comprehende esse livro a analyse de 2:500 obras, e tem por titulo: «*Que dar a ler ao povo?*» A questão principal era saber praticamente se se devia crear uma litteratura *especial* para o povo, ou se as obras da litteratura geral seriam accessiveis ás classes populares. Duas correntes se formaram na opinião: a primeira, em favor da creação de uma litteratura especialmente popular, teve por si, entre outras cultas intelligencias, o grande litterato Tolstoi. Teve tambem a segunda muitos partidarios illustres, que entendiam deverem-se fazer conhecidas do publico as obras-primas da litteratura russa, e estrangeira, embora se resumissem, e até se mutilassem ás vezes. Esta questão é de primeira ordem para a vida social de cada nação. A tentativa das professoras demonstrou que a litteratura geral é apreciada pelas classes populares. Este assumpto foi largamente exposto no excellente Relatorio da

sr.ª Christina Altchewsky, apresentado no Congresso de Paris por occasião da Exposição universal de 1889.

VII

Não pretendi senão apontar estes exemplos estrangeiros, que nos servissem de comparação com o estado do ensino profissional da mulher portugueza. Acabamos de ver como elle está atrazado! Uso de uma expressão de galantaria quando digo *atrazado*. Melhor direi, com as cartas na meza: não o possuimos. A administração central da instrucção publica durante meio seculo tem-n-o deixado jazer no mais completo abandono. Em geral, na propria classe elevada, a tendencia nacional pende muito mais para uma instrucção de ornato do que para um ensino de utilidade pratica!

Como vimos até aqui, e ainda depois continuaremos a ver nos Institutos de regeneração de Lisboa e Braga, é na caridade da iniciativa particular que poderemos encontrar um desenvolvimento mais largo do ensino profissional para a mulher. Honra lhe seja! Mas o que existe n'este genero, e tão glorioso é para o paiz, torna-se relativamente uma victoria em contraposição ao que não possuimos. E todavia, quanta dedicação! quantos esforços e sacrificios não está pondo por obra o elemento feminino, para fundar e sustentar estes estabelecimentos redemptores! Sim, dedicação e sacrificios, por parte d'estas heroicas damas, sacrificios que bem deveriam ser imitados por um immenso numero, mudo espectador d'este movimento admiravel. Porque (urge

dizel-o) esta iniciativa de umas, e esta cooperação das outras, abrange, não ha duvida, um grupo numeroso; mas quando o analysamos na pratica d'esses esforços e nos serviços com que a mulher advoga a causa do seu sexo, vemos que esse grupo lucta só por si proprio, e não vê ao seu lado um reforço de auxiliares, que distribua tambem uma parte dos seus haveres, e empregue os seus serviços pessoaes n'este assumpto vital para a nação.

Ah! minhas senhoras! lançae os olhos para estas classes desvalidas, que não sabem trabalhar, que não teem que fazer, ou que, pelo atrazo das industrias nacionaes, nunca podem chegar a reunir economias para os dias nefastos da sua impossibilidade. Das vossas corôas de brilhantes, vós, que sois nobres, e dos vossos dias de trabalho, vós, que pertenceis ás variadas classes laboriosas, arrancae algumas joias e alguns serviços, para augmentardes os institutos profissionaes, fontes de riqueza para a mulher. Desliza já um modesto rio de amor e beneficencia; convertei-o n'um mar, vós que o podeis fazer, do meio d'esses theatros, onde vos divertis, do centro d'esses campos, onde o sol vos allumia a fronte, que a fome não enruga. Não deixeis succumbir as vossas iniciadoras compatriotas na lucta do bem, em que se empenham! não deixeis estagnar os seus beneficos esforços! Que não se vejam sempre os mesmos nomes nos documentos da cooperação caritativa, nem se oiçam sempre as mesmas vozes bradando! Foi feita para mais alguma cousa do que para gosar, a mulher abastada; quanto mais a rica! Diz-se que o homem tem debaixo dos pés o campo da honra para batalhar em favor da justiça. Vós, se não sois

soldados da guerra, cumpre-vos serdes todas (como já vae sendo um grande numero) as guerreiras da beneficencia, n'este campo, da honra tambem, onde, se não ha Imperios para conquistar, ha outra victoria mais gloriosa: fazer recuar a miseria, e dar ao ente fraco o thesouro do trabalho.

CAPITULO III

A mulher nas suas condições educativas

I

Foram os primeiros annos da nossa epocha liberal uma transição da sociedade que desabava para a sociedade que renascia. Uma batalha destroça em algumas horas um exercito inimigo, e até aniquilla uma causa; uma sociedade não desapparece como as visualidades scenicas.

A epocha liberal recebia ainda os costumes da vespera, mas ia alteral-os paulatinamente, como é proprio da organisação humana. O regimen absolutista desconhecia a vida social e democratica, e as classes estavam distanciadas por barreiras, que não se transpunham. A sociedade alta dividia-se em grupos, conforme os laços do parentesco, formando cada grupo uma reunião differente. Os não parentes (cognominados *oitos e noves)* gosavam, como os Barbaros entre os Romanos, do direito de cidade, pelas prendas ou pelos haveres. O

bemdito ouro, sempre adorado, como o bezerro em todos os seculos! até mesmo a troco de serem calcados os mais melindrosos preconceitos!...

Mas então as paixões nos nossos theatros? a feira das nossas Avenidas? O menino alado sacudiria as azas e desappareceria sem victimas? Por Venus! (perdoe-se-me esta invocação, que, por uma Venus que eu invoco, andavam então muitas pintadas nos tectos das salas)! para não desapparecer o menino alado, lá estavam os primos e as primas.

Hoje anceiam todos por casar, e casam e brilham; não sei bem como, mas casam e brilham. Então, os filhos segundos não casavam; assentavam praça em Infanteria 1 ou em Cavallaria 4, ou refugiavam-se nas Conesias da Patriarchal (o que não os impedia sempre de se irem apaixonando pelas primas). Para estas, coitadas, as Conesias eram a clausura, a escravidão na casa fraterna, ou o casamento de encommenda. Mas em quanto não luzia o casamento de encommenda, apertavam os primos e as primas as mãos nas contradanças, e escreviam-se mutuamente cartas romanticas de dezasseis paginas e com linhas atravessadas, o que fazia trinta e duas, em papel arrendado, enfeitado de corações atravessados de settas. Feitas as contas, cada um d'aquelles ardentes folhetos se podia resumir em duas linhas: «Amo até á morte, e morro de ciumes toda a vida.» As quadrilhas francezas, novidade da moda, eram *marcadas* pelos condescendentes, que, para fazerem a bocca doce aos apaixonados, e ás vezes a si mesmos, multiplicavam o *grand' chaine*, e o *grand rond*, já se sabe para quê.

No entrudo, a loucura nacional. Na Quaresma, como

não se dançava, os afamados jogos de prendas, para saber cada um por que estava na berlinda (convertida em carta de amores); e cavatinas, e mais cavatinas, da «Clara de Rosemberg», da «Festa da Rosa», e da «Italiana em Argel» O immortal e perigoso *Te souviens-tu, Marie* chegaria brevemente, mas ainda era suspeito. Na Semana Santa os Officios em grande orchestra terminados de madrugada. Na Sé, tudo quanto havia conhecido em Lisboa; ia-se ali ouvir principalmente o solo do *Miserere*, cantado a primor, e que ficou tradicional: «Ensinarei aos impios os teus caminhos, e os impios se converterão para Ti».

Em educação publica feminina brilhavam duas instituições ambulantes: uma, sobre o burrinho mais pacato da Capital, a outra no mais inoffensivo cavallinho do mundo. No primeiro, equilibrava-se na sua cadeirinha, desde a manhan até á noite, a popular e ancian Madame Collaço, com os seus britanico-amarellos caracoes. No outro, erguia-se, com o seu sorriso doce, um dos artistas mais sympathicos, e ainda conhecido da actual geração, o Manuel Innocencio. A primeira corria os palacios a ensinar as linguas; o *maestro* ensinava piano. Quando, cada dia, se encontravam pelas ruas n'aquelle corropio os dois collegas, sorriam-se um para o outro, como se dissessem:

— Cá andamos no fadario!

Senhora que se presasse nunca punha os pés na rua. As carroagens paravam ás portas das lojas, vindo os caixeiros mostrar as fazendas, e os ourives as joias. A neve, tomavam-n-a dentro das mesmas carroagens, á porta do ainda existente botequim do Terreiro do Paço.

Para as classes medias o refresco era n'esse mesmo Terreiro do Paço, no Caes das Columnas, onde se saboreava o bello caramello, mergulhado em agua fresca repenicadamente apregoada. Theatros, roupa de Francezes. O de S. Carlos, fechado nos ultimos tempos, para evitar conspirações. Nos da rua dos Condes e Salitre, nenhuma familia sizuda podia ir assistir áquelles equivocos repertorios (decentes, ainda assim, se os compararmos aos que hoje formam, em grande parte, o curso de educação moral das familias).

A epocha liberal veio transformar o que fica indicado. O enxame dos emigrados importou ideias e costumes novos; depois o carro marchou por si mesmo. É lei de todos os seculos a transformação; mas o que mais varia é a forma. Á vida da familia succedeu a pouco e pouco a vida social; as classes altas foram descendo á proporção que as classes baixas foram subindo. Surgia e entremeava-se a burguezia. A classe financeira luzirá depois.

Assim como á mantilha succederá o nacionalissimo capote-e-lenço, do mesmo modo deu este a si proprio os foros archeologicos. Hoje uma senhora nas ruas differença-se da sua creada, quanto a vestuario, em andar esta com o trajo da sua ama em segunda edição não correcta e augmentada, mas impressa em typo safado. Poucas cidades tanto como a nossa se teem nivelado nos costumes sociaes. Não louvo, nem censuro; descrevo.

A onda irrompeu então. As ruas de Lisboa viram-se atravessadas por um carrinho guiado por um cavalheiro de sorriso immortal, levando sentado ao seu lado esquerdo um lacaio. Para que a palavra soasse mais

constitucionalmente, os lacaios passaram á promoção de *grooms*. Aquelle cavalheiro era o primeiro Ministro e Presidente da Camara dos Pares. O exemplo do Duque de Palmella, exemplo que não era senão o dos Principes da Europa, foi seguido pela primeira classe.

Abria-se S. Carlos, e principiaram as grandes batalhas de palmas, pateadas, e partidos. A S. Carlos fez logo concorrencia o theatro da rua dos Condes, que se arvorou em moda. Estreiara-se ali uma Companhia franceza de declamação, introduzindo a nascente escola romantica. Toda a gente conhecida ia ali vêr brilhar a primeira dama dramatica, madame Charton. Emilio Doux, actor mediocre d'essa mesma Companhia, mas d'um talento finissimo para director e ensaiador, creou ali em seguida (e pertence-lhe essa gloria) a primeira companhia portugueza, de Dias, Epiphanio, o grande e mallogrado Ventura, e Emilia das Neves, ao mesmo tempo que Almeida Garrett fundava n'aquella mesma scena o moderno theatro portuguez, com o seu «Auto de Gil Vicente». O Conde do Farrobo, assumindo as duas emprezas por um acto de bizarria digno da sua alma grandiosa, deslumbrava o publico apresentando em S. Carlos as operas e danças com uma riqueza de espectaculo, como nunca mais a capital presenceou, e mandando representar no mesmo S. Carlos pela companhia portugueza, com egual deslumbramento, os dramas, *D. João de Marana*, *O Ultimo dia de Veneza*, e outros. Ao mesmo tempo instituia duas vezes a opera comica em Portugal: uma na rua dos Condes, outra no seu proprio theatro das Laranjeiras.

Despontavam as funcções. O Duque de Palmella, Presidente do Conselho, abria o seu novo palacio do

Calhariz, dando um baile de conciliação, para o qual convidava as familias constitucionaes, e as realistas. Sob a sua presidencia iniciava-se o afamado Club do Carmo com os celebres bailes da segunda feira de entrudo, que chegaram ao nosso tempo. Instituia-se a «Assemblêa Philarmonica» para os serões musicaes, e a «Assemblêa Ingleza» para bailes esplendidos.

D'entre os bailes, porém, surgiram uns, que lograram levar a sua fama á propria Paris: os do Marquez de Vianna. O seu palacio do Rato era um deslumbramento de luxo, luzes, musica, dança, de tudo quanto podia estontear os phantasiosos espiritos da juventude, presidindo a tudo o bom-gosto, que dinheiro nenhum consegue, porque o bom-gosto é um condão mysterioso. Ali, destacando-se de todos, ostentava-se o vulto esculptural da sr.ª Infanta D. Anna, o ramalhete das meninas Kruzes, o collo arrebatador de D. Marianna Ponte, o talento gentil, que se revelava na fronte expressiva de D. Sophia Jervis, a graciosa Condessa de Mello, uma das mais sympathicas intelligencias da nossa terra, e (para não estender citações) duzias de borboletas, com os seus sorrisos de esperança, e o bulicio da sua verde mocidade.

Estava aberta, finalmente, a vida publica da nova epocha nacional.

II

A sociedade portugueza principiava a transformar-se nos seus costumes, e assim veio seguindo durante meio seculo até o nosso tempo.

A questão moral da mulher depende, na maxima

parte, da questão moral-social. Vejamos, por isso, rapidamente, o estado actual, como necessario fundo do quadro, centro essencial da sociedade feminina.

Que temos diante de nós?

Instituição nenhuma pode resistir ao tempo. Serviços importantes deve Portugal ao systema parlamentar; e para o attestar bastaria, como sua pagina de ouro, de 1842 a 1846, a missão desempenhada pela Camara dos Pares, que precedeu a revolução do Minho, para cujo resultado tanto concorreu a mesma Camara com a sua energica independencia. Mas o systema parlamentar (forçoso é dizel-o) tem decahido successivamente, e d'elle não resta senão a sombra, no complexo das suas condições.

Fulguram nas legislaturas talentos brilhantissimos; as sciencias e as lettras são ali representadas com summa distincção, sendo até de um dos seus mais levantados espiritos estas imparciaes palavras:

«Não é só nosso o defeito: está-se sentindo em to-
«dos os Parlamentos do mundo;..... e se as
«discussões insensatas, se as manobras indecorosas
«estão deshonrando por toda a parte o Parlamentaris-
«mo, mais contribue ainda para o desacreditar o *obs-*
«*truccionismo*, que está sendo o caracteristico do nosso
«paiz.»

O Parlamentarismo está viciado na sua origem, e nos seus resultados. Quem ignora que as eleições periodicas hajam sido um foco de corrupção moral? mas, peor ainda: esta corrupção imprime a sua influencia nas condições geraes, contaminando os espiritos para

as outras relações da sociedade. O Parlamentarismo cahiu no descredito publico pelo seu estado interior, pelo theatral apparato com que attrae o publico em se esperando scenas de doestos pessoaes, ao passo que vê desertas as tribunas quando se trata de questões serias. Em não menor descredito cahiu, por se ver que, em grande parte, o interesse particular, a ancia de carreiras, e a conveniencia partidaria, são elementos em que elle praticamente se baseia. A prova capital da sua decadencia, tem-n-a o Parlamentarismo em si proprio. Por uma especie de convenção tacita entre os partidos, tomam-se já como principio corrente as successivas dictaduras, e combatem-n-as todos com as mesmas palavras, entrelinhadas com os mesmos sorrisos.

Isto não quer dizer que o systema parlamentar deva perecer. Tal como está, é que tem os seus dias contados. Desempenhou-se da sua missão. Uma reforma essencial, que lhe revitalisasse a existencia, poderia por ventura tornal-o ainda proveitoso para as instituições politicas da nação.

. . . . . .

A que veem estas considerações? entram como consequencia do meu projecto de esboçar aqui o quadro da desmoralisação que tem empeçonhado o paiz.

III

Tambem se encontra viciada uma das instituições mais sympathicas do systema liberal. É para entristecer o presenciar até onde se tem abysmado o Jury en-

tre nós! Uma serie de decisões absolutorias tem indignado a consciencia publica, invertido todos os principios de justiça, e dado carta de alforria aos criminosos, absolvendo o assassinio, sanccionando o roubo, derrubando os fundamentos da ordem social, e auctorisando o exemplo do mal, que é o maximo perigo que pode existir n'uma nação. A receita absolutoria já não illude a ninguem. Testemunhas que faltem, ferias que se aproximem, preparo dos empenhos doirando a tendencia geral para a absolvição, tudo são delongas que vão arrefecendo a opinião publica.

O favoritismo no provimento de empregos, as preferencias contra aptidões comprovadas, o sophisma dos concursos, tudo são pontos aceitos do modo mais natural.

Na questão dos concursos, preparam-se scenas chistosissimas. D'entre muitas, indicarei uma ao acaso. Abre-se concurso para um logar de primeiro official. Um dos concorrentes excede com provas brilhantes os seus companheiros (o Jury assim o declara com justiça). É porém nomeado outro. Abre-se depois concurso para um logar de segundo official; concorre tambem o brilhante candidato preterido; mas d'esta vez apresenta as suas provas inferiores ás de outros candidatos, e é elle o provido; de modo que as conveniencias preteriram o mesmo candidato quando fôra o melhor, e nomearam-n-o quando teve quem lhe levasse a palma! Ainda assim... salvou-o a alchimia official.

IV

Os theatros devem-se considerar, não o pallido reflexo da vida, como o livro, mas a propria vida, real e palpitante. Tudo o indica. Não é a simples descripção no gabinete de estudo, ou no camarim solitario; são os sentimentos e as paixões communicando-se, excitando-se pela convivencia da multidão, pelo brilhantismo das luzes, pela explosão dos applausos, ou pela electricidade do riso; e por ser tudo isto, é que o mais perigoso excesso de todas as manifestações do pensamento reside no Theatro; por ser tudo isto, é que o centro mais importante para a formação e desenvolvimento dos costumes reside na scena. Para a educação nacional, é o Theatro mais do que a Escola, o Lyceu, ou a Universidade; é o instituto geral e social para ambos os sexos, e para todas as edades. Esta grande instituição, no Reino todo, congregando as classes, em centros attractivos, não encontra meio termo; pode ser a instituição mais moralisadora, ou a mais perigosa.

Ora pergunto a quantos espiritos justos e serios haja n'este paiz, que são ainda felizmente em grande numero:

Os theatros em Portugal, e sobretudo em Lisboa, elevam o espirito publico, ou, pelo contrario, reflectem immoralidade e menos decencia? Concorrem para a confraternisação das classes, ou apresentam focos de reciproca animadversão? Os personagens apresentados á multidão são generalidades apenas, ou são photo-

graphias de individuos existentes? Não são estes ali cobertos de ridiculo? Não se invocam leis improprias de um povo civilisado, para offender todos quantos, pelo facto de serem cidadãos, teem direito ao respeito geral?

E a uma tal *escola de educação*, menos moral e menos decente, levam os paes, no correr de cada anno (sem pressentirem o perigo), suas mulheres e suas filhas, que, por emenda peor do que o soneto, disfarçam já por fim na sizuda simulação dos rostos, quando as platêas lançam o olhar para os camarotes nas occasiões criticas das peças, a impressão das scenas escabrosas.

Bem sei que os theatros não devem ser egrejas, nem as peças sermões, e que é preceito theatral *castigarem-se os costumes rindo;* mas entre a graça franca e o riso indecoroso ha um abysmo. Este assumpto dos theatros é de certo um dos que mais teem concorrido para o deterimento dos costumes, por serem os theatros escolas geraes e permanentes.

V

Sobre estes elementos, ainda outros, que por sua influencia não são indifferentes para o estado geral.

Principiaram por poucos os suicidios; agora ha dias de dois, e de tres. O conhecimento d'elles importa para as familias a revelação da fraqueza do animo do suicida, que não teve o valor de arrostar com a adversidade. O suicidio pode ser uma epidemia parcial; mas, graças a Deus, nem toda a gente se quer matar.

O seu maior perigo publico é a contaminação pelo exemplo.

Invade-nos, por outro lado, o *estrangeirismo*. A mulher em Portugal tem de portugueza a terra que piza. Em grande parte são estrangeiros os moveis das suas salas, as alcatifas dos seus gabinetes, os livros que lhe formam o caracter, os trajos com que se adorna, as listas dos seus jantares. Não sabe muitas vezes em que lingua lhe falam, ou que linguagem lê. Uma grande parte dos nomes francezes, que, por decoro nacional, ainda se mascaravam de gripho, tomou já o direito de cidade. A lingua, que é a grande raiz de um povo, está tropeçando, não só nas palavras, mas (o que ainda é peor) na construcção. Se não quizer passar por uma semsaborona nas salas, a mulher ha-de responder ao *espirito* dos affectados, com o *espirito*, que tem tanto de nacional como a propria palavra substituida ao que se chamava o chiste, a graça. Aformoseie-se nobremente com a modestia, respeite-se no claro escuro da sociedade, e arrisca-se a não casar com algum titulo nobiliarchico, ou a não conquistar «uma fortuna financeira» Livre-se de ser bondosa, para não a accuzarem de carecer dos espinhos com que as rosas teem o direito de ferir.

VI

Para não me alongar, suspendo aqui este resumo do quadro social, onde a contaminação do exemplo se torna evidente.

E todavia, uma cadeira do nosso primeiro estabelecimento scientifico ensina platonicamente ás gerações

que a Justiça é a base do Direito! As gerações veem para a vida publica, e vendo que a Justiça se desfaz como a bola de sabão, lançam-se na voragem do *utilitarismo,* para não cahirem na innocencia de se alimentarem com *sopas de honra.*

É n'este centro social, n'uma desconsoladora situação de rebaixamento moral, de falta de principios solidos, de decadencia do caracter da nação, de pouco apreço á dignidade, de esmorecimento de crenças, de reciproco azedume envernizado de amabilidade exterior, e de ambições desregradas, a atropellarem os principios elevados para chegarem mais depressa aonde os outros chegaram primeiro, que a mulher se vê collocada!! É esta a influencia que ella involuntariamente recebe das instituições, dos factos, dos exemplos, não podendo, como não póde, desviar-se do centro em que vive!!

Accresce ainda um facto, e este é-lhe especial: o abysmo do luxo. E quando assim me expresso, não me refiro ao luxo em absoluto, ás grandes riquezas, mas sim ao desequilibrio entre os haveres financeiros de toda a variada escala dos lares, e a necessidade, embora ficticia, da apparencia social.

Quem não conhece este cancro?

Quem não vê nos theatros, nas avenidas, nas ruas, as nossas jovens concidadans, com os seus collos delgados, as suas cinturinhas esticadas, o seu andar pulado e incerto, e sobretudo os seus rostos macilentos? vê-se em tudo isso, não direi propriamente a fome, mas o roubo do alimento necessario á vida, n'um paiz quente, doentio, e sem educação physica.

E todavia, terá alguma culpa a mulher portugueza do complexo dos elementos que vieram formando, como

os negrumes que amontoam a tempestade, a situação exposta? Como sahir das encruzilhadas de um tal labyrinto?

Aqui desafoga por momentos o espirito, no meio do turbilhão que nos rodeia.

É uma lei social que nas civilisações ha sempre uma tendencia para reagir. Um dos grandes exemplos da Historia encontramos, ao desabar o corrupto Imperio Romano, na moralisadora seita do estoicismo. Cumpre fugir da exageração, quer no bem, quer no mal, e mesmo no meio de trevas nunca perder a esperança. Não desconheçamos no paiz uma grande parte d'elle, em que a mulher, de todas as classes, honra o seu sexo: mulher cuja familia arde nos laços santos da verdade e do amor: mulher em cuja vida brilham os exemplos do bem; mulher cujo caracter se não rebaixou; mulher em quem a dignidade e a educação se elevam a principios, e se realisam como deveres. Regosijemo-nos! mas reconheçâmos (e é o que desejo frisar n'este assumpto capital) que um perigo enorme reside na tendencia para o precipicio successivo da sociedade, e que essa tendencia geral passa a influir muito na mulher, principalmente quando a sua vida social lhe tem aberto novos horizontes pela frequencia dos theatros, dos circos, das exposições, dos concertos, dos passeios, dos campos, das praias, e outros logares concorridos.

Ao principio, nenhuma senhora entrava n'um *omnibus*: hoje entram nos americanos. Outr'ora nenhuma senhora assistia aos espectaculos senão em camarotes; hoje... (e nós todos que o digamos, pobres victimas dos chapeos e dos penteados) as plateias enchem-se

de senhoras. Não censuro nada d'isto; aproximo apenas a sequencia dos factos sociaes, para comprovação do assumpto que exponho.

VII

A quanto levo dito accresceu o resfriamento do elemento religioso, e da educação moral.

Um poeta, cheio de talento, embora sceptico, mas que chorava as lagrimas do seu scepticismo, cantou esta confissão sincera, que transplanto do livro d'elle pela bella nacionalisação que d'elle realisou Fernandes Costa:

Já tudo sei! Do mundo nos arcanos
não vejo escuridão
o que chama mysterios sobrehumanos
o vulgo da rasão.

Mas ah! que quando exclamo satisfeito
«Já tudo a mente vê»,
Sinto aqui no meu intimo, no peito
um mal, um não-sei-quê...

E o mesmo Bartrina accrescentou:

Se não ha Deus, nem alma, nem tambem
outra vida melhor do que a terrena,
pergunto: Para quê, porquê, e quem,
ao supplicio da vida nos condemna?

O imparcial poeta catalão, que era ao mesmo tempo um erudito, imaginou a sociedade chegada ao momento de saber tudo quanto humanamente se podesse saber; mas, esgotada toda a sciencia, falta-lhe ainda *alguma cousa* para além d'ella; e á insaciabilidade do saciado chamou a condemnação de não haver um Deus, uma alma, e uma vida melhor.

VIII

Exposto o estado actual como fundo do quadro, e vista n'elle a mulher, que não podemos arrancar da sociedade para a collocar no mundo dos espaços, não creio que, para acudir ás perniciosas influencias exercidas n'ella, possa haver outro meio senão uma solida educação baseada no principio religioso e no elemento moral.

A nação que não se estribar no principio religioso, é uma nação cheia de perigos, porque, tendo a natureza humana de equilibrar as suas forças moraes, como equilibra as suas forças physicas, carece d'um poder que se opponha ás paixões, derivadas tambem da mesma natureza. Sustentar o sentimento religioso é, por conseguinte, sustentar uma lei natural de primeira ordem; affrouxal-o nos costumes publicos é arrancar das relações sociaes uma ancora de refugio.

Não existe Deus, nem alma, nem consciencia, porque nem os homens os vêem, nem a experiencia os palpa. Mas o ente humano encerra um espirito (mortal mesmo, supponhâmos). Pois bem. Este espirito, que ninguem viu nem experimentou, é o nosso proprio tiranno, que nos diz:

— Vós ambicionaes sempre mais do que tendes, para nunca terdes o que ambicionaes.

Chamei-lhe espirito *tiranno*; e é exactamente a tirannia d'este espirito, quem eleva a humanidade; e esta aspiração ao infinito, que mais nos foge quanto mais o queremos abraçar, é o Progresso, deslumbramento prodigioso! Almeja na terra pela accumulação successiva de bens adquiridos, sobre novos bens desejados; e até, além da terra, anceia por aquelle *quê* invisivel invocado ha pouco pela voz conscienciosa do poeta sceptico.

Quando as crenças se elevam nos principios do bem social, eleva-se um paiz com ellas na dignidade dos sentimentos. Quando, pelo contrario, desfallecem, desfallecem com ellas os sentimentos nobres.

E como não ha-de a mulher, que e principalmente de quem se trata, deixar de cahir nos precipicios do nosso tempo, de mais a mais com a imaginação exaltada que a distingue, se não lhe derem, como um dos principaes elementos educativos, o principio religioso, não fanatico, nem hypocrita, mas nas bases vigorosas da verdade applicada á vida real, e á sua principal missão de educadora?

Mulher materialista, mulher sceptica ou athêa, mulher sem alteza de sentimentos, sem bondade nem modestia, regalem-se com ella os que assim a comprehenderem; que não se me afigura merecerem parabens as participações de casamentos d'esse genero.

É fazer grande injustiça á liberdade, suppôr que a falseiam quando a restabeleçam sobre o principio christão, quando, aliás, d'este principio é que ella descende. Mas se não querem a educação fundada n'este princi-

pio, se Deus, a alma, e a consciencia, são de mais n'este mundo, se nada d'isto concorre para o melhoramento social, e para o ennobrecimento do caracter, e para abrir as fontes da beneficencia, inventem uma nova moral, que não dependa de uma convenção, que não se corrompa no egoismo, e que ao menos eleve a descrença a crer sinceramente na sua mesma descrença.

IX

Existe por ventura a educação nacional da mulher?

Existe na iniciativa beneficente de uma minoria de familias, collegios, e escolas; mas não existe na generalidade do paiz.

«A educação da sociedade pela mulher». Perfeitamente. Mas a primeira que necessita de ser educada para esta enorme e difficultosissima missão é a mesma mulher. Não sahimos d'este circulo vicioso.

Em mais de meio Reino impera a mulher das classes populares. Está educada esta mulher para um tão alto fim?

Subâmos ás classes superiores. Exceptuando as minorias dignas do mais profundo respeito, as filhas das classes elevadas são educadas por suas mães, dia a dia, momento a momento? Descarnemos os factos. Primeiramente passa-se para este effeito educativo procuração aos collegios, como se não fosse o coração do lar o verdadeiro educador. Depois... a educação completa-se no Chiado.

O que ainda nos vale são as virtudes innatas na mu-

lher portugueza, o seu animo soffredor, a sua indole benefica, a sua compaixão, tudo qualidades affectivas que lhe proveem da organisação; e é a sua tradição amoravel, que praza a Deus nunca se offusque.

Um exemplo apontarei, e dos mais formosos; em Lisboa mesmo.

É casada, moça, gentil, e elegante. Um filho e uma filha recebem do coração d'ella a formação do caracter elevado e puro. O seu lar é um templo de ensino, de trabalho, e de beneficencia. Rodeada, desde alta manhan, das suas serviçaes, ella mesma é que dirige a sala da costura, e talha as roupas brancas necessarias para a casa; em redor as serviçaes, que em seguida as cosem. Annualmente são por esta senhora talhados, e do mesmo modo cosidos, os fatos para as creanças dos Asylos de infancia desvalida. Adoece qualquer das suas creadas? é-lhes então enfermeira de dia, e veladora de noite. Não lh'o desejam consentir, e a dona da casa responde-lhes: «Não tenho de realisar as vossas obrigações de manhan, e ninguem póde trabalhar sem descançar.» Tornando-se grave a doença, entende que mais doce será para a doente o carinho que lhe venha da sua alma d'ella, e a resignação que o seu conforto lhe consiga. Nos dias mais festivos do anno presenteia com vestuarios cada uma das suas servas. Os ordenados, colloca-lh'os no Monte-pio geral, accumulando os juros para ellas virem a ficar com os seus peculios. Carecendo alguma de ir á terra da sua naturalidade, para melhorar ou convalescer, vae por conta da ama, e esta envia-lhe de Lisboa, em generos, quanto possa alliviar-lhe o seu estado doentio. Se alguma se affeiçoa dignamente, põe-lhe casa apropriada, dá-lhe en-

xoval, e em seu nome manda a governanta ser madrinha do casamento. Pelo complexo d'estes factos pode-se ajuizar do resto. Esta senhora não só pertence á primeira roda, mas é mulher de um dos funccionarios da mais alta cathegoria politica.

Não sei se este quadro, representando a educação social pela mulher portugueza, levantará algum sorriso ás que não o comprehendam; mas creio dever considerar-se como um exemplo formosissimo para a educação da familia, do lar, e das classes, pelo amor e pelo ensino de um coração de oiro, brilhante como a virtude, modesto como o verdadeiro merecimento.

X

Mas existe a educação nacional?

Aqui seria a occasião de se pedirem contas ao supremo poder da instrucção publica pelo abandono da educação physica e moral, assumpto de vida ou de morte para um povo. É um facto lastimoso, que o poder publico tenha sempre tido em mais conta a instrucção, do que a educação. Está nas leis o principio, é certo; tambem é certo que falam de *educação* os programmas; na pratica porém, a educação não existe como principio geral, efficiente, e reformador.

E todavia, se os altos poderes da instrucção publica se devessem esforçar por lhe dar desenvolvimento mais serio e efficaz, era exactamente á proporção que fossem vendo ampliar-se o quadro social, cujo estudo se lhes tornaria indispensavel.

Quem não tem ouvido clamores pelo estado da edu-

cação nas escolas do Municipio? Se o mal provém da agglomeração das materias do ensino, porque não se teem creado escolas especiaes de *educação* moral, domestica, e hygienica, separando-a da *instrucção*, que a absorve? feito isto, porque se não tem decretado amplo desenvolvimento nos exames ao ramo educativo?

Porque não tem o poder supremo da instrucção publica aberto inqueritos aos estabelecimentos pios e ás escolas seculares?

Porque não tem creado para a educação uma inspecção especial? isso é que são os verdadeiros regulamentos, e os verdadeiros olhos da administração suprema; e esta questão é a primeira, a mais séria nos principios e nas consequencias, de todas as questões de uma nação.

Querem que se repita cá tambem o que em França disia o grande mestre Julio Simon? a saber: que lá a moral na escola primaria é restricta; nos collegios, larga; e que os moços, ao sahirem Bachareis saem sem nenhuma.

Querem que repercuta na Europa o brado da indignação, que, talvez entre lagrimas, lançou ao paiz uma das intelligencias mais elevadas da geração nova? «Com o regimen bestial e cahotico da nossa educação «domestica, e da nossa instrucção official, não se ad- «miram as estatisticas de Gueury e de Lisle; o que «pasma é que a população instruida não seja toda alie- «nada. É preciso que um cerebro seja bem robusto «para lhes poder resistir.» (1)

(1) Dr. Basilio Freire — *Os degenerados* — pag. 229.

Fôra consignada n'um canto da reforma dictatorial de 1870 uma disposição, que valia por uma lei, e pela qual todas as sobras annuaes dos diversos ramos da instrucção publica (e estas sobras elevam-se a contos de réis) seriam destinadas a.....
.....[1]

E sobretudo, se os institutos primarios não são sufficientes, com a organisação actual, para reunir a instrucção e a educação, urge uma grande reforma: a separação d'ellas duas.

Até agora a educação não tem sido senão uma serva da instrucção. Quaesquer que sejam os sacrificios, é indispensavel que cesse este enorme infortunio, e que a educação, nos seus ramos, physico, moral, hygienico, e domestico, adquira uma independencia propria, formando-se cursos especiaes nos centros mais importantes, abrangendo esses cursos todas as questões d'estes assumptos, não em generalidades, mas com amplos desenvolvimentos. Nos centros menos populosos, em que a emancipação completa não se possa realisar, eleve-se mais a educação, e torne-se effectiva.

XI

Não ver o actual estacionamento, e cruzar os braços diante da rotina, em materia d'esta gravidade, é um perigo immenso.

Não póde haver a pretenção de educar de repente

[1] *Nota do editor.*—Este capitulo tinha n'este logar uma lacuna.

todas as mulheres: mas haja esse desejo santo em relação ao maior numero.

E em todo o caso, se a sociedade proseguir no declivio, nem por isso terminará os seus dias; mas terá então de se reorganisar sobre bases novas e novos costumes, que não supponho serem os do levantamento do espirito e da dignidade humana.

CAPITULO IV

A mulher nas suas condições scientificas

I

Quizera dar-lhes o meu humilde voto; e se a consciencia não brigasse com o desejo, quanto folgaria de ficar vencido diante da maioria que me supplantasse!

Povôam-se as galerias da Camara quando se aguardam os discursos que levantam calefrios pela espinha dorsal. Como não seria encantador ver, de um lado a financeira Ministra, no meio de columnas de algarismos, a desembaraçar a meada da Directora Geral da Contabilidade publica; e do outro lado, sahir das bancadas opposicionistas a aspiranta á pasta, despedaçando com as delicadas mãos a sua carteira, pedindo ao boquiaberto continuo um copo de agua mais assucarada do que as imprecações dos seus labios gentis, despedindo settas de colera de uns olhos que não foram feitos para ella, á tempestade dos applausos das suas apaixonadas partidarias, leoas como a oradora!...

E não nos ser dado assistir a um espectaculo d'estes! presencear os combates em que o sexo debil vencia, não pelo poder do numero, mas com as armas da sympathia, cousa de que aliás ainda não resam, por ser desnecessario, os regulamentos da Camara! Que imperio não teria a maviosa voz feminina! que incertezas nos bancos ministeriaes! quantos roubos parlamentares nas votações perigosas! E o grave Poder moderador a ver dependente, ás vezes de um olhar no momento critico, ás vezes de um capricho, o equilibrio da sua esphera suprema!

No tribunal havia de ser o caso ainda mais intricado. As balas da palavra semelham-se ás de papel. Já não fazem jorrar o sangue no cadafalso, ou, para dar a côr verdadeira do costume nacional, correr na forca o nó da corda; mas lá está a Penitenciaria a negacear de um lado, e a Costa d'Africa a attrahir do outro. Teria um Jury attencioso a indelicadeza de dizer *sim*, quando uma gentil menina, entrajada em toga que lhe ficasse a matar, lhe pedisse um *não?* Quando praticariam isso corações de cavalheiros?

O Codigo! Quantos jurisconsultos presentes e futuros não affirmarão que o supremo Codigo é o da galanteria? O Codigo! Isso é bom para os homens! Na grande revolução juridica igualitaria, outros factos, outros costumes. Pois não ha um elemento novo? haja tambem novos motores.

E na monstruosa batalha triennal? Custa a resistir ao dinheiro, ao novo sino para a egreja da freguezia, á estradinha que nos leve o milho e a cortiça ao caminho de ferro; custa a resistir á collocação do filho bacharel; mas (confessemos a fragilidade humana)

quem resistiria ao satanico papelinho fechado em quadrilongo, alvo, perfumado, contendo o nome de uma dama, e offerecido por sua mão engraçada, como quem offerecesse uma esperança, dividida por mil, é verdade, mas sempre uma esperança?

Diz-se dos doentes, que basta o medico entrar no quarto para receberem meia cura. O que sentiriam então ao verem entrar a elegante Doutora? cura completa. Mas tudo tem compensações: se o doente logo assim se curasse, a Doutora só receberia de cada doente o honorario de uma visita, o que lhe não daria lautos jantares; e o boticario... morria de fome.

Não falarei dos exercitos femininos, apesar de nos dizer uma das Encyclopedias mais importantes da medicina que podem existir esquadrões de mulheres, como os das antigas amazonas, se a educação as adextrar para esse effeito.

Não falarei das engenheiras nem das theologas, nem de outras carreiras, que, perante a instrucção geral e as funcções publicas, pressupõem a egualdade dos sexos.

II

Ora essa egualdade, é que entendo não existe; e este é o ponto fundamental da questão.

Tem o homem mais força physica do que a mulher; e, ainda que muitas provincianas do Minho logrem apresentar maior robustez do que muitos homens da cidade, o facto deve-se á differente educação. O que preside á força physica deve presidir á força intellectual.

Querem abrir para a mulher todas as carreiras po-

liticas e scientificas? abram lh'as. Temos já n'este momento uma senhora portugueza medica, D. Elisa Augusta da Conceição de Andrade; é a primeira em Portugal; concluiu o seu curso na Escola medico-cirurgica de Lisboa em 1889; tem actualmente o seu consultorio para senhoras e creanças, e tem já realisado operações no primeiro hospital do paiz.

No Porto frequentam a Escola medica tres senhoras. As secretarias de Estado tambem talvez chamarão por ellas: e já ha exemplos: uma empregada na Chancellaria municipal de Moscow foi nomeada chefa de repartição. (Verdade seja, que o escripto d'onde extráio este facto accrescenta: «por ter mostrado aptidões *excepcionaes.*»)

Querem experimentar? Abram no paiz carreira ás eleitoras, ás elegiveis, ás medicas, ás advogadas, ás mathematicas, ás engenheiras, que preencham as suas respectivas funcções como o seu sexo rival. Se se conseguir o resultado, dobram-se a intelligencia e o trabalho da nação. Se falhar a experiencia, não nas excepções mas na generalidade, a questão ficará encerrada. As familias poderão perder o seu dinheiro, as emancipandas o seu tempo; mas qual é a experiencia que não pague o seu tributo?

Digo-o sinceramente: é uma questão de factos. Examinados elles, ha-de vencer um dos dois principios; pelo correr dos seculos, talvez; mas emfim: um d'elles ha-de vencer, e as opiniões não luctarão mais.

Comtudo, assim como sinceramente digo que se faça a experiencia geral, tambem sinceramente supponho, em meu humilde parecer, que a emancipação politica e scientifica não é um principio natural da mulher.

Outras carreiras lhe podem ser destinadas, outras fontes lhe devem ser abertas; esta, não. Creio que se lhe oppõem a sociedade, e a natureza.

A questão preconisada por Stuardt Mill, o chefe, ou, pelo menos, um dos eminentes chefes da emancipação absoluta da mulher, tem por fundamento o deixar de se basear na natureza humana. As qualidades intellectuaes da mulher, em geral, não são iguaes ás do homem; são diversas; e este facto deriva-se da organisação de cada sexo.

III

Vejamos se a emancipação absoluta da mulher se deriva da natureza.

O snr. Dally, na Encyclopedia das sciencias medicas de Dechambre, não pode esconder as suas aspirações favoraveis á emancipação feminina, e por isso o seu testemunho é imparcial.

Vê-se obrigado a confessar que a organisação das mulheres é em tudo mais delicada que a dos homens, porque os systemas lymphatico e cellular predominam no organismo feminino. Diz que a situação da mulher nas sociedades europêas é especial, não lhe permittindo o desenvolvimento intellectual das faculdades mentaes, nem sequer o das aptidões physicas além da genital; e lembra que em Dahomey as amasonas, em numero de milhares, constituem um exercito valoroso: mas accrescenta: *sendo votadas ao celibato.* Quer dizer: para a mulher ser levada *por natureza* á igualdade dos sexos, é necessario *desnaturalisal-a* da sua mis-

são capital. Sendo assim, o unico remedio para o genero humano não desapparecer da face da terra, seria passar para o homem o encargo da maternidade. Não sei se o homem estaria disposto a fazer essa figura interessante; mas se estivesse, a desigualdade ressurgiria, apenas com a mutação dos sexos.

Querendo ainda lançar o braço a uma taboa de salvação, Dally declara não se seguir que a actual forma da civilisação europêa em relação ás mulheres não dê logar a outra.

Quanto ao tempo da reforma educativa, poderia Dally encontrar resposta n'um livro portuguez ainda de hontem, tão imparcial como o seu.

«Para que um processo de educação bem entendida «podesse mudar a face da Europa, — diz o snr. Doutor Basilio Freire — seriam precisos muitos seculos «de inquebrantavel tenacidade na implantação das ideias «fundamentaes, o transcurso de numerosas gerações, «em que a hereditariedade podesse exercer amplamente o seu papel de elemento fixador dos caracteres adquiridos, tanto physicos, como intellectuaes e «moraes.» (1)

Veja-se o que teria de esperar a emancipação scientifica da mulher, mesmo para que triumphasse a aspiração de Dally.

Mas ha ainda mais: é necessario arrancar á natureza, na comparação anatomica dos dois sexos, o segredo da emancipação, ou não emancipação, conforme a igualdade, ou desigualdade, do humano organismo, e da estructura individual.

(1) Sr. Dr Basilio Freire—*Os degenerados*—pag. 229—nota.

Vejamos em resumo o que nos diz o Dr. Virey a respeito das differenças essenciaes entre a organisação do homem e a da mulher; quanto baste para aclarar o assumpto:

A differença da conformação physica dos sexos é analoga ás funcções de cada um d'elles. O homem é destinado pela natureza ao trabalho, *ao uso do pensamento*, a servir-se da rasão e do talento para sustentar a familia de que é chefe. No homem a capacidade do cerebro é consideravel, e contém mais massa encephalica do que o da mulher. A mulher não possue a perseverança, a alta capacidade, e a profundeza; d'isso lhe resulta a sensibilidade affectuosa, que a faz interessar-se pela infancia e pelos cuidados do lar. Á vista d'estas differenças, a constituição physica da mulher é destinada para essas funcções por uma Sabedoria maravilhosa. O homem vive mais fora de si mesmo, graças ao vigor dos seus orgãos e á extensão do seu pensamento. A mulher, mais concentrada em si pelos seus affectos e pela sua sollicitude natural. Elle recebeu em partilha o talento e a força. Ella a doçura do trato. O homem imprime em tudo quanto executa um caracter de rasão philosophica. A mulher presta a todas as suas acções o encanto do coração. A mulher é amada. O homem é respeitado. *A causa d'estas differenças, é necessario attribuil-a á constituição de cada um dos sexos.*

No homem a vitalidade expande-se para a cabeça, em quanto a mulher concentra a sua na matriz. Como as creanças, possue ella uma carne tenra, e orgãos flexiveis, que cedem com facilidade aos impulsos. Como segue mais as impressões physicas do que o encadea-

mento das ideias, entrega-se mais ás commoções do que á rasão fria e severa; procura as graças e o espirito de sociedade, que o homem substitue por um espirito mais apto aos negocios, pela solidez do raciocinio e pela extensão de vistas.

Toda esta assombrosa disparidade dos sexos leva a pensar que elles teem originariamente um principio de vida diverso, e uma essencia propria a cada um (1).

Ainda mais significativamente, se é possivel, se expressa o grande anatomista e profundo observador allemão Burdach no seu Tratado de Physiologia considerada como sciencia de observação, quando tambem apresenta a differença fundamental dos sexos segundo a natureza. Pouparei ao leitor as bases technicas relativas aos systemas osseo, muscular, e nervoso, e resumirei as consequencias naturaes que elle deduz da observação comparativa, para provar as differenças entre o cerebro do homem e o da mulher:

No cerebro feminino predomina a vida interior, em quanto no do homem predomina o complexo das relações exteriores; e como a analyse é propria do entendimento, e a synthese o é do sentimento, a tendencia do homem é para analysar, e a da mulher para synthetisar. Um procura a luz; o outro tem realmente em si o calor. A organisação do cerebro corresponde a estas relações. Os lobulos que teem maior desenvolvimento no homem são os anteriores, os dianteiros, e na mulher os posteriores. O homem tem a parte anterior

(1) — Virey — *Histoire naturelle du genre humain* — Tomo I — Livro I — Secção III.

da cabeça mais longa, a fronte mais elevada e desenvolvida do que a da mulher; ao mesmo tempo que na mulher o occipicio está de tal maneira saliente na parte superior do osso occipital, e posterior dos parietaes, que basta só esta circumstancia para se reconhecer o craneo feminino. A mulher concebe melhor a existencia real, do que a ideal, e por isso tem mais propensão para tudo que seja exterior, e menos para as ideias que põem a intelligencia em acção. Tem pouca espontaneidade de espirito. A sua imaginação é viva e ardente, mas não faz senão reproduzir; em quanto a do homem é mais forte, e verdadeiramente productiva. Não se encontra no sexo feminino a faculdade creadora que rompe novos caminhos, e penetra nas profundezas da sciencia. A mulher comprehende rapidamente, e julga bem, mais por instincto do que segundo a reflexão, e antes por inspiração, do que tendo a consciencia dos motivos. Possue a sagacidade, e sobretudo a prudencia, que é o talento de se saber guiar na vida. O bom senso das senhoras idosas é reconhecido geralmente, e por isso são consultadas nas circumstancias difficeis; mas a mulher não possue o talento de raciocinar, a faculdade das altas abstracções, a aptidão de ver as cousas na sua generalidade absoluta e independente de toda a especialidade empyrica. Para que a mulher se apodere de uma verdade, é necessario que seja uma verdade intuitiva; e sempre que o descobrimento de uma verdade exija combinações de raciocinios, e uma cadeia laboriosa de juizos, a mulher deixa logo de estar no seu campo, ao contrario do homem, que emprehende a demonstração, e não quer d'ella sahir. A essencia da mulher é a delicadeza e a doçura;

no homem dominam tudo a força e a espontaneidade (1).

É pois facto provado pela sciencia a desigualdade do corpo humano nos dois sexos, quanto aos ossos, aos musculos, e aos nervos. Ora as funcções do cerebro dependem essencialmente d'estes elementos; e por isso estas funcções teem de acompanhar a desigualdade das causas. Onde se viu que duas machinas, uma forte, outra fraca, podessem apresentar um producto igual?

IV

A este fundamento natural accresce outro, que, embora derivado tambem da natureza, se relaciona principalmente com o estado social, devendo produzir consequencias differentes:

A mulher, tendo a imaginação mais ardente, commove-se com mais facilidade. Tudo quanto depende da imaginação e da sensibilidade encontra eccho em seu peito. A sua alma eleva-se pelo principio religioso; a crença encontra n'ella guarida; a mulher sorri aos sorrisos das creanças; encantam-n-a as flores; é affavel para com os animaes, compadecida dos desgraçados, enthusiasta dos feitos heroicos. Quantos amores não teem provindo instantaneos das acções valorosas! O gladiador da antiguidade era uma fascinação para a

(1) — Burdach — *Traité de Physiologie considérée comme science d'observation* — obra traduzida do allemão por A. Jourdain — Tomo I.

mulher, como ainda hoje o é o toureador, não por matar, mas pela franqueza com que expõe o peito á morte. Igualmente significativo, mas ainda mais nobre, o alvoroço com que recebe em seus braços o ferido nas batalhas, quando a ferida foi consagrada á Patria. A arte, nas suas variadas manifestações, é a imitação da natureza pelo talento humano. A mulher é, por assim dizer, a arte viva, pelos encantos da sua formosura, ou pela graça da sua elegancia, ou pela melodia da sua voz, ou pela delicadeza do seu trato, ou pela doçura da sua companhia. Ella é o elemento artistico da vida; cada uma na sua classe, entende-se, porque á esphera de cada familia, e á situação de cada homem, corresponde cada mulher conforme a diversidade das posições sociaes.

Tudo mostra no homem o positivo da vida; na mulher, a expressão do bello; e a harmonia do todo é o bem da humanidade.

Merece respeito a mulher, que, divergindo das suas companheiras, se lançar nas carreiras publicas ou nas scientificas: fal-o ella por impulso proprio, e porque a sua educação a isso a encaminhou, e as suas faculdades intellectuaes tomaram um determinado rumo. Não faz essa mulher pequeno serviço á civilisação applicando-se ao desenvolvimento do progresso. Mas como a verdade universal não é essa, respeito tanto mais essa mulher, quanto não entra na generalidade. Assim como ha differença entre o poeta e o poetastro, assim existe entre a sabia e a sabichona. Molière não pintou uma Stael nem uma Girardin; pintou a presumida, que em logar do talento tem apenas a sombra d'elle, com a vaidade de mais, e a modestia de menos.

Cumpre á mulher educar o homem, não lhe cumpre ser educada como elle. É indispensavel que exista a igualdade dos sexos, mas por um principio natural, e não artificial. Mesmo quando a natureza lhe não vedasse as qualidades politicas e scientificas, a mulher que seguisse essas carreiras masculinisar-se-hia, teria de endurecer o coração para affrontar o duro coração do seu adversario, teria de ennodoar-se nas intrigas eleitoraes, de corromper-se na lucta pratica das assembléas politicas, de converter as doces qualidades do sentimento no rancor das paixões, que ainda duplicariam de azedume enxertadas na fogosa imaginação de que é dotada. É facto historico averiguado, que, nas tempestades revolucionarias a mulher se torna mais vingativa e sanguinaria do que o homem, exigindo mais sangue, e excitando a atrocidades. Bem sei que nem todas as mulheres se lançariam nas carreiras politicas e scientificas; mas a influencia anti-natural da que as seguisse recahiria sobre a sociedade.

Como é que esta mulher incutiria na familia os grandes principios da generosidade, do juizo imparcial? Como transmittiria a affabilidade e a doçura, se ella haveria de ter forrado o coração de qualidades oppostas, sob pena de ser uma politica inutil, ou uma sabia pouco positiva? Quando casada, e mãe, faria do lar o seu reinado, se a vida teria de lhe ser toda exterior e mundana?

— Remedio prompto: — dirão — Para que se fizeram os collegios?

Sim, os collegios realisam um nobre e grande serviço no ensino, na ordem, na emulação; mas na educação é necessario o perfume do coração materno. Onde

estaria então aquelle mutuo accordo entre a geradora e o gerado, entre a arvore e o fructo, sem aquella transmissão dos exemplos? sem aquella convivencia nos annos das provas, que é a mais alta de todas as sciencias, e o mais efficaz de todos os conselhos?

A mulher-homem! E é este o progresso que viria melhorar a humanidade, e que, em logar de fazer do lar um centro de amor, o converteria em discussão material, sem o formoso contraste entre as qualidades viris do homem, e os dotes sensiveis da sua companheira, da mãe de seus filhos! Progresso, que nos recuaria até á epocha pre-historica, se é verdade o que nos dizem os antropologistas.

O professor Hackel, por exemplo, declarou que a forma mais simples e mais antiga da reprodução fôra o hermaphrodismo; e, para defender o principio de que o genero humano era composto só de um sexo, ainda ha pouco um illustrado doutorando, hoje Dr. Eduardo Abreu exarou nas suas theses: que o antepassado primitivo do homem era um ser hermaphrodito.

Esta emancipação absoluta comprehendia-se; mas, confessemos que um sexo unico seria em verdade a mais detestavel semsaboria que a terra podesse presencear. Se a these do sabio doutorando exprimiu realmente um facto, por antiga lei da natureza, superior a nós, não lhe façamos nós uma parodia pelos costumes sociaes, parodia que está em nossa mão evitar. É o que succederia, se contrariassemos a desigualdade moral dos sexos, que aliás realisa a harmonia da egualdade humana.

Assim como é indispensavel conservar e apurar a rasão, do mesmo modo é indispensavel conservar e

apurar o sentimento, o sentimento forte, o dos grandes actos, das grandes dedicações, não o sentimentalismo romanesco. Pois bem: o sentimento humano é um thesouro preciosissimo; e a chave d'esse thesouro é o coração da mulher. Tudo que tender a comprimil-o na sua effusão, ou a desvial-o do seu fim, é uma desgraça social. Não se deixe elle suffocar pelo positivismo das sciencias. Para o endurecer cá estamos nós.

CAPITULO V

A mulher artista

Nota do editor.— D'este capitulo que tão importante promettia ser, nada existe escripto, senão um fragmento relativo a Emilia das Neves. O trabalho do illustre auctor tinha-se limitado por em quanto á reunião de apontamentos.

. . . . . .

No dia 16 de Agosto de 1838 corria em Lisboa uma admiração geral. Que fôra?

Na vespera *Um auto de Gil Vicente* de Garrett restaurava o Theatro portuguez; e no drama estreava-se uma menina de dezoito annos, que a dotes physicos extraordinarios realçados por uma voz privilegiada, como nunca se conhecera outra, reunia mais que o talento, o genio, que viria a fazer d'ella um assombro.

Na sua primeira noite de theatro, aquella que se chamava Emilia das Neves principiou por onde os

grandes talentos acabam. Depois, foi de triumpho em triumpho.

A geração actual não conheceu Emilia das Neves. A culpa foi da actriz, que não se retirou da scena quando viu que principiava a decadencia. Não é dado ao homem nem á mulher forçar a lei natural. O tempo, inimigo implacavel, não dá quartel. A paixão que esta notavel mulher consagrava ao Theatro foi ao mesmo tempo a sua gloria, e a sua inimiga. Dotada da imaginação mais phantasiosa que era dado conceber n'este mundo, não poude vencer a sua paixão.

Flagellada de inimigos e inimigas, tantos quantos lhe invejavam a superioridade incontestavel, não chegava a causar lastima, pois que as ruins invejas só merecem o desprezo.

Diziam alguns que Emilia das Neves não servia senão para os melodramas de alçapões e de reconhecimentos. Ah! vissem elles a encantadora ingenua do *Auto de Gil Vicente*, do *Alfageme*, do *Genio da Noite*, e da *Camara ardente!* vissem-n-a elles nos papeis ligeiros e risonhos, no e em *Maria, a guardadora de perús!* vissem-n-a elles nas altas e finissimas comedias *As duas educandas, A filha do Regente!* vissem-n-a elles em comedias de genero, como no assombroso papel do moço *D. João V* da peça de Rebello da Silva, e no mais assombroso e immortal das *Proezas de Richelieu!* Tinha todas as cordas mais variadas aquelle bello espirito: desde este mesmo papel do joven Duque, até aos papeis de mais alto genero, como os da *Adriana Lecouvreur*, da *Judith*, da *Mulher que deita cartas*, e tantos outros!

Não teve instrucção esta mulher. Nos primeiros an-

nos da sua carreira dramatica, decorava os papeis porque lh'os liam; e depois é que aprendeu a ler; mas nunca se aventurou a escrever uma carta pelo proprio punho. Não sabia historia, senão a das peças que representava. O seu Conservatorio foi a sua inspiração. *Decorava* todos os seus papeis, como lhe era necessario; mas nunca *estudou* nenhum. Ficava de bocca aberta quando ouvia dizer que a Rachel e a Ristori destinavam a estação calmosa para *crearem* qualquer dos papeis com que esses grandes talentos admiraram o mundo.

Nas suas escripturas exigia a condição de que não fosse á scena peça nenhuma sem o intervallo de vinte dias de ensaio; e isto, porque as peças que ella *salvava* se succediam sem interrupção umas ás outras.

Quando ella ensaiava a *Judith*, houve quem lhe levasse livros apropriados para ella estudar o caracter e a epocha da protagonista. Dias depois, perguntou-se-lhe pelo resultado; tinha principiado a ler, mas perdêra a paciencia, e adeus caracter e epocha da protagonista! Foi para a scena, e o correr de Dezembro de 1860 foi uma serie de triumphos, que ainda estão na memoria de alguns.

Não estudava, mas adivinhava. O talento estuda: o genio adivinha. Dois exemplos: Ristori, e Emilia.

Na Ristori, o estudo de ferro, desde as grandes scenas até aos mais ligeiros accessorios. Tudo formoso, mas tudo pautado. Vêl-a n'uma noite, era vêl-a em todas.

Na actriz portugueza, o contrario: nenhum estudo; pauta nenhuma; cada noite uma diversidade; era o que lhe sahia do espirito. Ao par de uma incorrecção de linguagem ou de accão, um impeto de alma, um

gesto, um olhar, arrancados do coração, e que levantavam a platèa inteira, ou faziam estremecer as fibras do espectador. Sahiam-lhe todos os cantos divinos d'este grande instrumento que se chama a alma; e ella nem tratava de o afinar.

Dizei ao mar que afine as suas ondas.

A natureza é grande, mas livre. Assim era a inspiração d'esta grande actriz. Tinha a harmonia do conjuncto formada das proprias desegualdades do momento.

Não pretendo em poucas paginas fazer o juizo critico d'esta actriz excepcional, que honrou a nação e não será substituida facilmente.

Não permitta Deus que eu negue o talento da Florinda, da Barbara, da Delphina, da Soller (para não falar das que ainda existem); mas houve uma, que, apesar da grande distancia na concepção geral, se aproximou entre todas de Emilia das Neves. Creio não estar longe da verdade mencionando só aquella perola encantadora que se chamou Manuela Rey, se não portugueza pelo nascimento, ao menos por adopção e ensino. Pomba adoravel, sem condições para actriz de alto drama, é certo: mas toda mimo e suavidade, toda amor e resignação, toda talento excepcional

. . . . . .

N. B. Seguem-se mais alguns apontamentos soltos, sem valia, e a consulta original do Conselho Dramatico, em 30 de Junho de 1865, propondo ao Governo que Emilia das Neves fosse classificada officialmente como *actriz de merito relevante*. É assignada a consulta por Antonio Augusto de Almeida Portugal Corrêa de Lacerda, João de Andrade Corvo, Carlos da Cunha e Meneses, José Maria Latino Coelho, Castilho, e Francisco Palha de Faria Lacerda.

CAPITULO VI

A mulher na desgraça

I

Urge assentar a questão francamente.

A mulher é o ente mais desgraçado que existe.

Não existe o absoluto na felicidade, porque em nenhuma cousa existe. O que desejo assentar é que nas relações sociaes entre o homem e a mulher ella é immensamente mais desditosa que o homem. Essa é a grande injustiça sob que verga e vergará a nossa companheira.

Esse facto exprime uma injustiça enorme; é o dominio da força sobre a fraqueza. Deve desapparecer, pelo adiantar successivo da civilisação, e já ella o tem modificado ao longo dos seculos. A mulher de ha tres mil annos não é a mulher de hoje; tratemos de que o seu estado melhore ainda, e muito mais.

II

Não nos illudâmos. Vemol-a ostentando nos bailes os seus trajos deslumbrantes, com a fronte coberta de joias, sorrindo de amor, ou de desdem, e reinando pela graça.

Vemol-a nos theatros, ouvindo nos camarotes as finezas acobertadas em generalidades, folgando de ouvir na declamação ou na musica a imagem do sentimento real, e ás vezes folgando mais com a vida e o enthusiasmo que palpita na sala do espectaculo, do que com o proprio espectaculo.

Vêmol-a passar em revista as avenidas, recostada negligentemente na sua carruagem; descontente dos seus banquetes, que seriam a salvação de duzias de familias; aborrecendo os campos e as praias, que seriam a saude de tanta gente!

Ha tambem a mulher que não é rica, nem bella no sentido deslumbrante do termo, e que, sem aspirar ás grandezas do mundo, se contenta com a doce mediania. Tem a abastança relativa á sua posição, é amada de seu marido, não lhe dão desgostos os filhos, e o seu lar, modesto mas tranquillo, vê correr socegados os dias da existencia. Quantas, n'esta e n'outras analogas circumstancias, tanta vez se podem considerar mais felizes do que as ambiciosas do fausto, ou as que, enfadadas d'elle, já não sabem o que desejem, nem a que aspirem!

Ha tambem, alem d'estas, as que miram a collocar na felicidade alheia a sua individual felicidade. A estas

embriaga-as o bem. Encerram em si proprias o thesouro das suas ambições. Se teem riquezas, repartem-as; se não passam da mediania, repartem os seus cuidados, o seu trabalho, e o seu exemplo.

Todos esses grupos que apontei representam, segundo as leis sociaes, a felicidade relativa d'este mundo.

Mas, defronte da mulher feliz, que é a minoria ainda assim, levanta-se a mulher desgraçada!....

III

Esta tem já antes de vir ao mundo o cunho da infelicidade.

Nasceu de união illegitima. Foi exposta. Engeitada de sua mãe, como sua mãe o fôra, não teve pae que a protegesse, nem mãe que a aninhasse, nem parentes que a soccorressem, nem um beijo, nem uma caricia, nem uma esperança! Foi lançada n'uma roda; a roda girou; uma ama mercenaria veiu buscal-a no dia seguinte, para ganhar com ella uns reaes amaldiçoados. O que a espera? a alcunha de *engeitada*. Se não tem a felicidade de morrer, ainda a espera a fome, a vergastada, o serviço superior ás suas forças, e a negra pagina do livro tenebroso.

As nações latinas, respeitando a ideia do caritativo instituidor, viram a impossibilidade de sustentar a roda fechada. O homicidio legal dos engeitados excedia todos os limites do possivel. Em França a mortalidade das creanças expostas e entregues ás amas era superior a 50 por cento; perto de cem mil creanças de pei-

to devora a morte entre os maus tratos das amas. E é esta mesma França que restaurou ultimamente as rodas!

Em Portugal era um horror!....

Mas se já não temos a roda fechada, temos, por uma necessidade absoluta, a roda aberta; quer dizer: ainda temos o engeitamento. N'este caso, o infanticidio, crime geral, entenda-se, rodeado de circumstancias attenuantes, é para a creança uma libertação.

Escapou da morte? a creança converteu-se em menina. A fera chamada homem quererá fazer esposa da que não pode ser ainda senão filha; quererá fazer da victima uma criminosa inconsciente. Espante-se, brade, mas succumba; a innocencia será sacrificada ás mãos d'esta fera que se chama o homem (mais do que fera n'este caso, porque os proprios animaes respeitam a femea em quanto não chegou á edade de lhes ser companheira; duas vezes fera o homem, se, alem de violentar a innocencia, a contamina; tres vezes fera, se, por fecho da sua obra, se faz assassino).

Se a boa sorte da creança a preserva d'este perigo, se entra incolume na juventude, a mesma juventude lhe abre aos pés outro precipicio. São doces as palavras do amor; e um amante desalmado sabe calcular, prometter, e sabe emfim armar o laço em que a victima ha-de cahir entre esperanças.

..... Um silencio desusado no quarto da apaixonada attrae a mãe, a mãe tantas vezes criminosa pelos principios que deixou de infiltrar, e pela carencia de conselhos dados entre afagos. É noite. A ave bateu as azas, e desaninhou. Consumou-se o rapto. Ainda está salva, se era homem honesto o allucinado

roubador; mas por um honesto, quantos malvados!

. . . . . .

IV

Ha os tratos ás creanças, e os frequentissimos tratos ás mulheres.

Ao par da mulher, que se lança ao mar, ou se arroja para fora do comboio em rapido andamento quando uma creança cae, e que a salva, arriscando a vida em morte quasi certa, que vemos nós tanta vez? mães atormentando filhas menores, já com violencias corporaes, já trocando constantemente a doçura em doestos, já encerrando-as em carcere privado, já martyrisando-as com fome, já, emfim, carregando-as de trabalhos superiores ás suas forças.

— Que havia de ser de mim se não tivesse tantas filhas! — respondia em certa occasião uma mãe, a quem lastimavam de ter um rancho numeroso.

Aquella mãe representava uma classe numerosissima do paiz. A filha é um capital desde os quatro annos. Nas classes urbanas, ao almoço uma chicara de agua de caffé com umas fatias de pão; nas ruraes, uma sardinha e um pedaço de broa ao almoço; segunda edição do mesmo ao jantar; e a imagem de um caldo de hervas á ceia! No correr do dia, o trabalho excessivo nos campos, na fabrica, e na serventia dos officios.

Os maus tratos no lar! Isso chega a constituir uma instituição social. Nas classes populares, e mesmo nas mais chegadas a ellas, marido que não *bata na mulher*

(é a expressão technica) não é marido que se préze. Atenuam o caso, é certo, umas vezes a embriaguez; outras vezes, a enfiada das provocações (ás vezes chegam a tal ponto, que nem Job resistiria ao convite); outras vezes.... o ciume. Seja assim; mas em todo o caso, nem por isso fica menos molestado e ferido o corpo da esposa, e alem do corpo o seu pondonor de mulher e de mãe.

Disse eu «nas classes populares». Quanta vez tambem nas elevadas! Ahi vae; ao acaso, um exemplo:

Filha unica; dezoito annos; adorada de seus paes; estimada de quantos a conheciam por sua gentileza; sympathica por sua doçura e educação primorosa. Havia de vir a ser rica. Antes o não fosse! Um dia *elle* disse-lhe: Amo-a. Ella já lh'o tinha dito sem uma palavra sequer, e sem ella mesma pressentir que lh'o dizia. Delatam estes segredos as innocentes, e adivinham-lh'os os malvados. Casaram. Os paes conheceram a obrigação de conceder o dote que o ladrão nobilitado lhes exigia. Passado tempo, a pallidez substituiu o rubor da saude nas faces da noiva, e a tristeza succedeu á alegria. O moço, que simulara de apaixonado, era um indigno. Primeiro maltratava-a de palavras; depois batia-lhe. A victima curtia calada a sua desgraça. Afinal adoeceu gravemente. A extremosa mãe, que não largara a cabeceira, escutou-lhe n'um dos delirios, uma revelação inconsciente: «Com o chicote, não!»... — implorava a misera toda em sustos. A mãe levou as mãos á cabeça, e n'aquella unica palavra leu a historia tenebrosa da que era o seu unico bem. A morte é o unico recurso do infortunio resignado; e foi-

lhe benigna, a morte, no verdor dos annos, e na innocencia de uma confiança paga com a traição.

. . . . . .

D'esta vez não é um malvado só; é uma familia inteira. Havia uma riqueza (sempre o dinheiro maldito!); e se uma das duas filhas ficasse solteira, a outra viria a herdar a totalidade dos haveres. Mas se de um lado havia o dinheiro para herdar, do outro lado havia o coração que palpitava. Amou. Ateou-se então a guerra no lar, e todos os obstaculos se opposeram á desventurada para lhe impedir o casamento. Do que então succedeu não foi responsavel a victima. Como era de prever, redobraram os obstaculos. Veio a doença, como vem de ordinario ás organisações martyrisadas. Á doença seguiu-se o carcere privado. A infeliz, sem o moço que a amava (e este amava-a de veras) pediu a alguem para implorar a intervenção do juiz. Debalde pediu; não se queria ser desagradavel á familia; e outra vez a compadecida morte veio resgatar outra infeliz.

Quantos milhares de exemplos semelhantes a estes! E quantas filhas... que nem são legitimadas! Abastados em finanças, e envernizados de homens de bem, estes paes nem querem perder a sua reputação, nem indemnisar a innocente victima do seu erro, dando-lhe um nome a que tem direito. Uma mezada encoberta, que para nada chega, ou uma infructifera recommendação á familia, socegam uma consciencia facil, que ainda em cima julga ter primado em generosidade.

E a miseria da mulher, proveniente da inhabilidade pela doença?

E outro grande infortunio: as que, perdendo os abri-

gos a que se tinham achegado, vêem desapparecer pela morte, ou tambem pela desgraça, esses abrigos unicos, não sabendo já então a quem recorrer, e impossibilitadas de pedirem ao trabalho o sustento da vida! N'este ponto, necessario é dizel-o, tem sido grande o tormento das recolhidas nos Conventos, quando lhes morre a ultima freira.

E as abandonadas a cada passo pelos maridos, ou pelos que o não são! Nem só a mulher é inconstante, como penna fluctuando ao vento (no dizer de uma conhecida canção); tambem o homem é vario; com a differença de que o desamparo da mulher tem consequencias muito mais terriveis.

E além do simples desamparo da mulher, ha o da mulher e das creanças, que todas ficam morrendo á fome. Ha, entre centenares de exemplos, um da rua de Santo Ambrosio: uma mãe e cinco filhos mortos de frio e de fome; ha o do beco da Encarnação: uma mulher sem um real para pagar o quarto d'onde fôra expulsa, e atirada para ali como um cão: ha n'uma sobreloja da rua dos Calafates uma a quem o marido abandonou, rodeada de seis creanças. Ha duzias e duzias, de que ainda memoro uma, cuja miseria faz cahir as faces de vergonha. Oiçam:

Por acaso já se esqueceria a Arte portugueza de um nome que ainda hoje é uma gloria da Patria? de Casimiro? Tantos são os genios artisticos de Portugal, que possâmos deslembral-os assim?

Ha poucos mezes, n'uma das estreitas ruas da cidade alta, via-se a uma janella, com a cabeça entre as mãos, e soluçando, uma senhora de sessenta annos, que fôra bella, bem educada, e vivera com seu marido

na abastança. Porque chorava em tamanha afflicção, tão proxima do desespero? Acabava de lhe ser retirado pelo Governo Civil o subsidiosinho que recebia para um quarto de habitação, e n'esse dia era posta na rua pelo senhorio. Esta senhora, idosa, alquebrada, deitando sangue pela bocca, e cega, era D. Carlota Joaquina da Silva, filha do maestro Joaquim Casimiro!

Uma visinha bondosa, quasi tão infeliz como ella (mas o pobre é que sabe avaliar a dôr do pobre) subiu a escada, e disse-lhe compadecida:

— Não chore, senhora; venha para o meu sótão: ao menos não ficará na rua.

E D. Carlota Joaquina, silenciosa, porque a actos d'aquelles, e em occasiões d'aquellas, só se responde com o silencio, seguiu a visinha, subiu, e deitando o seu cobertor velho e rapado sobre umas palhas, a um canto do sótão, onde a caritativa inquelina, doente e necessitada, engommava como podia, deu graças a Deus por lhe ter deparado uma alma que a recolhesse. Ali dormitou as noites (victimas d'estas não podem dormir) e ali recebia da que não podia repartir, uma chicara de café ou um pedaço de pão, quando ella os tinha, ou padecia a verdadeira fome quando, por mais doente, ou por não ter quem a acompanhasse á rua, não podia mendigar nas casas outr'ora suas conhecidas. Um dia, a visinha annunciou-lhe chorosa que nem essas mesmas palhas poderia continuar a dar-lhe; e na freguezia passou-se contra a infeliz um facto barbaro, que, por caridade christan, não lanço n'este escripto. O mundo é o mundo.

Junto ao mal, o bem. Uma senhora benefica socegou aquella alma afflicta, assegurando-lhe a renda de um

quarto; e um homem, que ainda outra vez nos apparece aqui, Rosa Araujo, obteve do Congresso de beneficencia um subsidio de quatro vintens diarios para a filha de Casimiro. É uma grande caridade; mas o que são 80 réis para uma doente, cega, impossibilitada de trabalhar? Escrevo aqui a sua morada: quarto da rua da Atalaya n.º 219, 2.º andar. Quem se compadecer d'este enorme infortunio, que tem pedido a Deus a morte como refugio, vá visitar aquelle quarto miserando, e aquella alma penada, que teve por pae um dos mais formosos talentos da nossa terra.

. . . . . .

E depois de quanto fica exarado n'esses capitulos a, respeito da exposição, dos maus tratamentos das familias, dos tratos, dos abandonos injustificados, das seducções, da fome, ainda se pergunta pelas causas dos suicidios femininos!

V

Chegamos á chaga da prostituição; é a macula mais horrivel da humanidade.

Nunca existiu sociedade sem esta chaga. Crenças religiosas, esperanças immortaes, prohibições legislativas, punições severas, abusos das auctoridades, arruamentos designados como aos mouros, aos judeus, e aos leprosos, vestuarios vermelhos, maldições das familias, tudo isso significa o ferrete da deshonra estampado na fronte da mulher. Este contagio não conheceu principio, nem talvez haja de ter fim.

Innocente como a pomba, abriu os olhos á luz, e entreviu o amor na virgindade da sua pureza. Por en-

tre os sorrisos da esperança, que é o mais formoso dos sonhos, sentiu estremecer todas as fibras ao olhar que a fascinou. Desconhecendo os precipicios da vida, brincou descuidada ás bordas d'elle, como a creança com o fogo. Attrahida pelas rosas, phantasiou o mundo todo côr de rosa. Era tudo verdade quanto elle, o homem amado, lhe dizia: que era formosa; que a vida era um paraizo; que a amaria eternamente; que por ella morreria; que a sua casa de ambos seria um encanto; que só do seu proximo emprego dependeria o casamento; que a familia a atormentava; que no futuro não veria ali dentro senão trevas, e só em desgostos viveria; que não se lançar ella nos braços d'elle era a prova da sua completa indifferença. E tudo isto era dito (ou parecia dito) com tanta seriedade, tudo isto acompanhado de tão convicta intimativa, que um dia, no momento fatal do espirito, no instante perigoso, a pomba já sem forças para o vôo que a salvasse, entonteceu e resvalou.

O ladrão fugiu.

Podia salvar-se ainda esta desgraçada; salvavam-n-a os principios moraes, os conselhos que lhe houvessem dado, a carreira que lhe tivessem aberto, e os braços da familia, que só foram feitos para agazalhar os que n'ella nasceram. Mas: educação, nenhuma! carreira, a fome! familia, o espancamento em nome da moralidade, ou a expulsão de casa, para invocação paternal da honra, que o proprio invocador não soube defender! A victima desappareceu da familia natural, em nome do amor, para dar entrada n'uma familia mais vasta, em nome da fome. Sobre um abysmo, outro abysmo.

Como esta mulher, mais cem, mil, milhões em cada

geração, milhões de milhões em todos os seculos. E como este homem, mais cem, mil, milhões em cada geração, milhões de milhões em todos os seculos.

Ella, fraca e inexperiente; elle, forte e seductor.

E na fronte d'estes milhões de mulheres, que não souberam ou não poderam salvar-se, imprimiram o ferrete, pelos costumes que elles proprios dictaram, aquelles mesmos que as precipitaram ao abysmo.

A victima, com as suas circumstancias attenuantes, á luz do dia, é uma infame; o algoz, com as mais aggravantes circumstancias, é um galanteador, merecedor de felicitações.

E ha justiça na terra

VI

Vejamos agora d'entre o cerrado da tempestade sahir um raio de formosa luz.

É a beneficencia estendendo a mão a esta immensa desgraça. A chaga encontra um balsamo, não de certo em toda a extensão d'ella, mas grande sem duvida.

Foi Braga que abriu o caminho, com o admiravel Collegio da Regeneração, fundado ha vinte e um annos (em 1869), e protegido por uma Associação de senhoras das primeiras cidades do Reino. Tem este Collegio por fim abrigar as mulheres cahidas, e rehabilital-as pela educação e pelo trabalho. Tem abrigado até agora 464 desgraçadas, existindo ahi annualmente, termo medio, 80 mulheres. Procura por tal modo desenvolver-lhes no coração o sentimento do justo, bom, e honesto, ensinando-lhes e fazendo-lhes amar o traba-

lho, e industriando-as nos diversos mistéres que devem completar a mulher, para lhe proporcionar os meios de ganhar honradamente a vida. Ensina-lhes (além de outras disciplinas, e da educação moral e religiosa) a costurar, engommar, cosinhar, serviços domesticos, todo o genero de costura á machina e á mão, tecer, fazer rendas, bordar, fiar, etc. Tem grandes officinas para estes trabalhos. Tambem tem o ensino pratico da agricultura na cerca.

Nas exposições do Porto, recebeu Braga o primeiro premio; depois, na de Lisboa em 1888, e na de Paris em 1889, foi premiada com diplomas de merito, e medalhas de prata e cobre.

Finda a educação, umas alumnas são entregues, completamente regeneradas, outras casam, ou vão servir, outras conservam-se no Collegio. Além está uma d'estas, dirigindo uma das secções.

Certo dia, uma virtuosa dama, a sr.ª D. Barbara de Proença, leu n'um jornal a noticia de que uma pobre rapariga, desesperada da triste vida que levava, ahi n'uma rua escuza de Lisboa, tomara veneno para se libertar do infortunio em que andava desde os treze annos. Tinha então vinte. A caritativa senhora tomou conta da infeliz, e mandou-a para este Collegio de Braga. Tem hoje vinte e sete annos, é formosa, de sentimentos elevados; e fez tantos progressos na sua educação, e trabalhou com tão boa vontade, que se tornou teceloa de primeira ordem, a ponto de merecer pela reunião dos seus predicados, que lhe fosse entregue a secção que habilmente dirige.

Educadas para ganharem honestamente a vida ficam todas; regeneradas moralmente, calculam-se oitenta

de cada cem: «média melhor do que a da gente capaz «cá de fóra» — informa-me chistosamente uma das senhoras de mais talento que me é dado conhecer.

Mas o ponto negro de todas as instituições! a mingua de meios. Ha um facto horroroso por entre tantas acções bellissimas; registal-o-hei:

Corta o coração ver chegarem á porta d'esta salvadora casa as arrependidas, e, fatigadas da vida dissoluta de que foram victimas, implorarem com as lagrimas nos olhos a esmola do acolhimento que lhes pode mitigar a fome, e da educação que as regenere! e ver a Direcção, pranteando talvez tanto como as desgraçadas que a imploram, obrigada a recusar-lhes a entrada no estabelecimento. Ricos! sahi um dia mais cedo dos vossos banquetes, e trazei as vossas migalhas a este salvador instituto.

VII

E todavia, ali está outro esforçando-se por nascer, e com intuito semelhante ao do Asylo acabado de mencionar.

O «da Regeneração» é para mulheres já pervertidas; este outro, inaugurado a 13 de Junho d'este anno de 1890, com sete meninas, denomina-se «da Preservação», e é destinado a lançar mão auxiliadora ás que estão em risco de se perder.

«Havia n'uma freguezia de Braga uma desgraçada «mulher, que tinha quatro filhas: uma de 18 annos, «outra de 16, outra de 14, outra de 11. Um malvado

«intrometteu-se no lar d'aquella familia, ganhando a «confiança da mãe e das filhas. O resultado foi a des-«graça da mais velha, a quem o scelerado roubou a «honra e a saude, vendo-se obrigada a dar entrada no «hospital. A mesma sorte ameaçava as tres irmans res-«tantes: mas uma pessoa piedosa d'esta cidade empre-«hendeu arrancar da beira do abysmo as tres desgra-«çadas. Por meio de esmolas, que a muito custo pou-«de obter, conseguiu internar n'um estabelecimento de «caridade as tres raparigas, com o fim de as educar «de forma a fazer d'ellas boas mulheres de trabalho.

«Aconteceu, porém, que posteriormente appareceram «mais desgraçadas nas circumstancias das tres referi-«das. O vicio tem subido em escala tal, que nem se-«quer os paes poupam as filhas! Nada menos de nove «desgraçadas nas condições indicadas sollicitaram a «protecção e o agazalho das almas boas contra a vo-«ragem do vicio que as ameaçava. Era preciso esten-«der a mão aos fracos, sustel-os na queda, amparar a «virtude.»

Taes são as nobres palavras, com que sete senhoras d'aquella cidade, agremiando-se em commissão fundadora, justificam a fundação do nascente instituto, e pedem para elle o obolo de 20 réis semanaes. (1)

Pouco ha bateu-se ao portão do rico, lembrando o Collegio da Regeneração, que á mingua de meios despede as desgraçadas que lhe vão implorar abrigo.

(1) — A primeira signataria é a sr.ª D. Maria da Apresentação Madureira e Costa, creio que tambem fundadora das officinas de S. José, ali; e o Director é o sr. Padre Manuel Martins de Aguiar.

Agora bate-se á porta do pobre, pedindo *um vintem semanal* para a nascente instituição, que procura evitar o abysmo, ensina o dever, e ministra o trabalho. É ainda apenas uma debil vergontea o Asylo da Preservação; mas das vergonteas, cuidadas com amor, é que se fazem as arvores.

VIII

O formoso pensamento de regenerar e rehabilitar pela educação e pelo trabalho mulheres perdidas, realisou-se egualmente na Capital; e a iniciação deveu-se a uma alma caritativa, a sr.ª D. Thereza de Saldanha e Castro (Penamacor), auxiliada por outras senhoras, que todas fundaram a Associação «de Santa Maria Ma«gdalena».

Ha males que veem por bens. Um dia o poder publico tirou-lhes para outro destino o edificio que lhes concedera.

— Pois não ha-de acabar esta grande obra de bem — disse de si para comsigo a iniciadora; e comprou-lhe uma casa, que todos e a toda a hora podem ver, na rua da Bella Vista, á Graça, n.º 72. É presidente da Associação a mesma sr.ª D. Thereza de Saldanha e Castro, e vice-presidente a sr.ª Marqueza de Rio Maior.

A auctoridade publica approvou em 1887 os estatutos d'este instituto redemptor. O variado ensino profissional é, em geral, da mesma natureza que no de Braga. Ha tambem uma vasta quinta, onde as asyladas se exercitam em trabalhos que lhes revigoram a força physica, e as distraem. Por vezes concede-se-lhes o

entretenimento de representações theatraes. Ha, entre outras, uma boa disposição: é a prohibição de alludirem entre si á sua miseranda vida anterior.

Em Julho d'este anno (1890) abrigava este Asylo, e ensinava, trinta infelizes, e breve esperava receber mais vinte. Os pedidos para entrada são constantes; e depois de educadas, o que mais custa ás asyladas é terem de sahir do estabelecimento.

Estas regeneradas já se sustentam com o seu trabalho. Entre outras coisas, fazem enxovaes, que parecem vindos de Paris. São exemplares no comportamento, e no amor ao trabalho, todas estas raparigas, e mostram-se satisfeitas, e gratissimas á casa, onde só as prende a boa vontade, a mudança de vida, e a esperança no futuro.

. . . . . .

IX

Chegando a este ponto, occorre perguntar se n'este mundo não haverá para a mulher senão uma serie de desgraças, que terminam tanta vez pela mais horrorosa de todas.

. . . . . .

Dizem espiritos affeitos a ver só á superficie das coisas, que estas desgraçadas estão já affeitas á sua sorte.

Exceptuando algumas, a quem, por novas e bellas, sorri temporariamente a vida, ou algumas tambem já callejadas no vicio, e que d'elle se embriagam, é bem certo que a quasi totalidade só considera o seu estado

como um grande mal. A fome, o vilipendio, que ellas avaliam mais do que se suppõe, o esfaqueamento, o assassinio, o desamparo, o suicidio, ou um desamparado leito no hospital, que, sem meios, é ainda outro tormento, eis ahi a historia da vida d'ellas. A prova é o afan com que vão implorar, chorando, que as recebam nos raros institutos de beneficencia d'este genero que já actualmente existem em Braga e Lisboa.

. . . . . .

Está provado que as leis civis e penaes são insufficientes para extinguir esta desgraça social; não supponho mesmo possivel que ella possa vir a desapparecer do mundo. Mas, se não podér ser extincta, é já um bem immenso o diminuil-a.

Chamar a educação moral do homem para este assumpto, mostrando-lhe quanto é horrivel precipitar no abysmo a fraca mulher que não sabe defender-se; abrir-lhe carreiras, a ella, para que a fome não acabe de precipitar as que uma vez tropeçaram; remediar a impunidade do Codigo penal; armar o fraco para resistir ao forte; multiplicar, pela iniciativa beneficente, os estabelecimentos para amparo das infelizes, e para sua educação e ensino profissional; chamar para esses institutos a attenção dos Governos; eis os meios que é indispensavel empregarmos todos, directa ou indirectamente, para minorar tamanha calamidade.

É pela força das ideias que se melhoram os costumes. Venham livros, folhetos, jornaes, conferencias publicas, advogar esta causa santa. Nas paginas que ahi ficam mostrei, como pude, a minha boa vontade.

CAPITULO VII

A condição da mulher portugueza perante as ideias e a influencia da opinião. A mulher politica

Graças ao progresso das ideias civilisadoras, e do poder da rasão humana sobre a sorte feminina, a mulher já deixou de ser a escrava do homem no estado civil, domestico e social; e hoje seria tomado como um doido o philosopho que invocasse para ella principios de escravidão, ou o legislador que tentasse exaral-os nos Codigos.

Em que distancia infinita não está a mulher europêa actual, da mulher dos primeiros Imperios da Historia, até mesmo da Grega ou da Romana, ou da mulher da edade-média, apesar da realeza com que a illustraram os torneios da Cavallaria, e os cantos dos trovadores!

A causa da mulher é uma das grandes causas do seculo XIX, como a causa das liberdades na politica, como a causa dos direitos humanos na philosophia, como a causa dos desenvolvimentos physicos e intelle-

ctuaes na educação geral; e esta causa da mulher todos os dias vai ganhando terreno, todos os dias vai conquistando palmas, todos os dias vai alcançando verdadeiras victorias.

O homem é a força; a mulher é a graça. Pois bem: a graça tem a pouco e pouco alargado com sorrisos as suas cadeias, e, com a sua fascinação, feito cahir aos pés, já com as concessões, já com as promessas, os que durante seculos se reputavam seus dominadores exclusivos.

Em Portugal a influencia das ideias foi sempre favoravel á causa da mulher; consequencia do sentimento nacional.

É o caracter portuguez essencialmente affectuoso. A legislação foi sempre temperada pelos costumes. As proprias revoluções politicas nunca foram crueis; e no dia seguinte a ellas vencedores e vencidos davam-se reciprocamente o beijo da paz. A nossa liberdade de imprensa tem sido de uma extensão, de que talvez não haja exemplo na Europa, sem se notar o minimo perigo para a causa publica. A pena de morte está abolida de direito ha dezassete annos, e havia muitos que os costumes a haviam desterrado, provando, á face do mundo, que a defensa social não carece d'ella como elemento de justiça publica. Esta doçura de costumes reconhecida nos Portuguezes provém do sentimento; e o sentimento nacional provém do sentimento feminino, do sentimento materno. O povo portuguez junta ás nobres qualidades do lar, da temperança, do patriotismo, do cavalheirismo, a benevolencia, o carinho, e o amor. É um povo-poeta, entresonhando com aventuras, e de uma docilidade extrema. Pode não ser

muito industrioso; pode não ser muito original; mas é trabalhador; e a doçura forma um dos seus caracteres mais accentuados.

Com taes qualidades de coração, vê-se que a influencia da mulher deve operar no seu animo, com as vantagens immensas de um enorme poder moral.

A mulher portugueza pode não fascinar pela sua extrema elegancia, pelo esplendor dos seus trajos originaes, mas teem um imperio irresistivel os seus olhos faladores, e a candura indiscutivel do seu coração ternissimo.

Como resultado d'estes factos, a condição social da mulher portugueza, independente da sua condição civil, e da sua condição educativa, cerca-a de uma importancia moral reconhecidamente superior, e colloca-a, em relação ao que já foi, n'uma esphera de melhoria incontestavel.

Esta influencia feminina, nascida do caracter nacional, é de vantagem extraordinaria, e é facilitação para as reformas civis que (segundo mostrei n'um dos capitulos antecedentes) se teem emprehendido em favor da mulher portugueza; e hade sel-o para as reformas politicas que o tempo houver ainda de trazer. Os factos já demonstraram que, depois das grandes transformações dadas pelo Codigo á condição civil da mulher, não houve razão para o minimo arrependimento por parte do legislador, e que a mulher portugueza tem sabido fazer o uso mais rasoavel e discreto das vastas attribuições e dos largos poderes que lhe foram outorgados.

Falei ha pouco das *reformas politicas*: referia-me ás reformas politicas ácerca da mulher.

N'este ponto acha-se Portugal n'um estado espectante. Os direitos politicos não teem sido concedidos á mulher, como o não teem sido nas outras nações da Europa. Nenhuma Portugueza é ainda elegivel, nem eleitora, nem Ministra, nem Deputada, nem Juiza, como tambem o não é a mulher ingleza, franceza, hespanhola, italiana ou belga. Estará proxima a mulher portugueza a receber os direitos politicos? não me parece.

Em dois partidos se divide o machinismo do poder nacional: o *regenerador*, e o *progressista*. Não me refiro ao partido *constituinte* (?). Ora succede em Portugal uma anomalia. Á frente do partido regenerador (conservador) acham-se cavalheiros, que anteriormente militavam nas fileiras mais liberaes; e, por outro lado, o partido progressista (o que se diz mais avançado entre os partidos monarchicos e que se denominava *historico*, por se considerar o depositario das ideias rasgadamente liberaes do antigo partido popular, *setembrista*), publica os seus programmas de reformas politicas quando está na opposição, e não os realisa quando sobe ao poder; e acontece mais: que o maior numero das reformas administrativas e dos melhoramentos materiaes tem provindo, desde a *Regeneração*, em 1851, do partido hoje conservador. Mas de certo não será d'este, nem de nenhum dos partidos monarchicos, que provirão as reformas fundamentaes dos direitos politicos outorgados á mulher.

Na presença d'esta situação, a causa geral da mulher, não só nas suas condições politicas como na melhoria geral de toda a sua causa, está na força da opinião publica, e na corrente das ideias. Esta força da opinião, e esta corrente de ideias, desenvolvem-se gradualmente

em Portugal, e cada vez se desenvolverão mais; desenvolvem-se pelas ideias avançadas da politica, pelas escolas, pela acção propriamente feminina, e pelo trabalho dos escriptores.

Não se pode duvidar de que a nobre causa da mulher (sem aqui entrarmos na apreciação dos differentes systemas, nem da diversidade das reformas possiveis, porque n'este momento não nos cumpre philosophar, mas historiar) é um dos artigos-programmas do partido republicano; e tambem não se pode duvidar (porque o temos defronte dos olhos) de que o complexo de doutrinas que os seus jornaes, as suas associações, os seus *meetings* expõem, doutrinam e influenceiam uma parte da opinião sobre a emancipação da mulher.

Passando ás escolas, é tambem indubitavel o espirito geral da mocidade n'este assumpto. Nas festas das escolas primarias, o assumpto da elevação e melhoria da sorte da mulher forma o thema exclusivo de um grande numero de oradores. Nas escolas superiores, que tanta influencia exercem na sociedade, não é menos certo que a mesma causa encontra as mais sinceras sympathias, como consequencia das ideias liberaes. Assim, á frente do Curso Superior de Lettras de Lisboa estão, em geral, os espiritos mais avançados nas ideias liberaes; na Universidade de Coimbra, o primeiro corpo docente de Portugal, e ainda hoje composto de cinco faculdades, a de Direito é exactamente a que insuffla maior influencia na mocidade, que no dia seguinte vae realisar as suas ideias no Parlamento, nas carreiras publicas, na imprensa, e portanto na generalidade do paiz; é composta, na quasi totalidade, de professores

pertencentes ás ideias mais avançadas, sendo notavel que um d'esses professores se considera a si proprio, e é reconhecido ali, como chefe do positivismo, e outro professor da mesma faculdade, é autor de um livro notavel, *A mulher e a vida*, obra que, alem de advogar, do principio até ao fim, a melhoria nas condições civis, domesticas, penaes, scientificas, e sociaes, da mulher, sollicita para ella a completa emancipação *politica*.

II

Não se encontram de certo nos modernos annaes portuguezes *meetings* nem conferencias femininas, em que o sexo gentil, nosso rival sympathico (por não dizer nosso dominador — dominado) tenha publicamente advogado a sua causa, ou sollicitado dos poderes publicos o alargamento dos seus direitos, e condições favoraveis á sua melhoria. Não faltariam de certo ali vozes eloquentes, nem convicções profundas, que impressionassem pelo sentimento, e convencessem pela rasão; mas as iniciativas para estas manifestações publicas são difficeis; é difficil a estreia de um commetimento assim, por isso mesmo que é modesto, e a mulher portugueza é modesta.

Se porém nos tempos modernos não se teem levantado essas manifestações, não é menos certo que a mulher portugueza tem demonstrado a sua valia intellectual, e sustentado brilhantemente o seu nome, sempre que em provas publicas se tem exhibido, como pensadora e como escriptora.

Cingindo-me ao ultimo periodo (para não alargar de-

masiado este esboço), vemos succeder ás notavais poetisas Marqueza de Alorna, Condessa de Vimieiro, e D. Francisca Possollo, á pensadora D. Maria Peregrina de Sousa, e tantas mais, a admiravel D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, dulcissima poetisa, prosadora arrojada, autora de tantos livros e outros escriptos no campo da educação da mulher.

Uma escriptora que seria uma gloria da humanidade em todos os seculos, e em todas as nações, pelo exemplo proprio no romance, no theatre, e na imprensa periodica, a sr.ª D. Anna Maria Ribeiro de Sá, tem provado que a mulher sabe encaminhar, pela santidade dos deveres, não só a familia, mas a sociedade. Os seus escriptos levantam o caracter humano, e fazem bem ás almas.

Distingue-se a sr.ª D. Catharina Michaellis Vasconcellos, portugueza de adopção, pela sua infatigavel perseverança nos estudos historicos, pelo seu vasto saber, e pelo seu criterio, e merece por tudo isso a mais honrosa menção n'esta lista de benemeritas.

Tendo percorrido o campo da imprensa litteraria, do romance, do theatro, a talentosa sr.ª D. Guiomar Torrezão publica annualmente um livro franco a todas as senhoras, a ellas dedicado por sua indole, e onde tambem annualmente se encontram, como estudo litterario e educativo para o sexo feminino, as biographias das mulheres mais notaveis. Esta collecção é dedicada á Rainha a sr.ª D. Maria Pia.

Nas poesias de outra poetisa notavel, habitante das margens d'esse Mondego que banha a fonte dos Amores cantada por Camões no seu livro immortal, ha muito e brilhante engenho; a sr.ª D. Amelia Janny

apparece nobremente nos saraus instructivos das escolas, e nas festas da Academia: e a numerosa juventude da Universidade de Coimbra levanta o espirito á voz d'ella, quando lhe applande os canticos da *Patria*, do *Progresso*, e da *Virtude*.

A joven D. Adelina Amelia Lopes Vieira, ausente de Portugal desde creança, torna á patria com um fito unico: quer que seja á luz do nosso ceo, nos prelos portuguezes, e entre concidadãos, que se publiquem os versos d'ella, cantos de amor entremeados com os hymnos ao cumprimento do dever e ao bem da humanidade. Publicado o livro, deixa de novo o seu paiz, para regressar á terra estranha onde desde creança habita com os paes. O seu livro é formoso: o exemplo que veio trazer aos compatriotas é documento do que vale o bom pensar da mulher portugueza.

A educação publica deve á sr.ª D. Maria Rita Chiappe Cadet obras muito apreciaveis em prosa e verso.

Um grande talento se abriga no espirito da sr.ª Viscondessa de Corrêa Botelho, a illustradissima auctora da *Luz coada por ferros*, da *Herança de lagrimas*, da *Regina*, e nacionalisadora de Mery, de Ville Franche, de Gratry, e de Cherbuliez.

Além da *Flor milagrosa*, deve-se á sr.ª Viscondessa de Villa-Maior um estudo sobre Camões, precedendo uma collecção de poesias escolhidas do poeta: estudo em que se torna notavel o vigor do estylo e o sentimento patriotico.

A instrucção e educação publica tiveram sempre na illustrada professora D. Maria José Canuto, gloria do magisterio portuguez, uma das mais audazes propugnadoras.

Haveria muitos e muitos mais nomes para citar; mas páro aqui, para não alongar demasiadamente o capitulo. Occorrem de certo ao leitor os nomes da sr.ª D. Marianna Angelica de Andrade, como poetisa, o da sr.ª D. Angelina Vidal, jornalista republicana, e no ramo das bellas-artes o da sr.ª Silva Reis como pintora e o da sr.ª Duqueza de Palmella, como escultora, que sabe dar á sociedade portugueza o nobre exemplo do trabalho fecundando a intelligencia.

III

A causa da mulher tem attrahido uma corrente de ideias no sentido favoravel á elevação das suas condições sociaes.

O regimen liberal estreiou-se com um *Tratado* sobre a educação, pelo fundador do Theatro portuguez e um dos primeiros poetas nacionaes, Almeida Garrett. Ahi as condições educativas da mulher faziam o assumpto principal.

No mesmo sentido publicou series de artigos no primeiro jornal litterario do paiz, *O Panorama*, o grande historiador Alexandre Herculano.

Castilho, antes mesmo do seu apostolado sobre a melhoria dos destinos da mulher (a que já nos referimos) tinha redigido uma das publicações mais serias, a *Revista Universal Lisbonense*, onde a mesma materia tinha frequentes vezes um dos primeiros logares. Nos seus livros em verso e prosa, a mulher é sempre apresentada como um ser perfectivel, merecedor de que os costumes e as leis a elevem ao logar que lhe pertence.

Na serie successiva das festas escolares, e dos numerosos relatorios das direcções que se acham á frente de tantas associações de educação e instrucção publica no paiz, a causa da mulher acha-se constantemente apostolada pelos oradores d'aquellas festas, e pelos directores d'aquelles relatorios. Aos discursos, aos relatorios, accresce uma grande quantidade de escriptos, vulgarisando successivamente a boa doutrina; e tudo isto tem influido a bem da mulher, que o mesmo é dizer a bem da sociedade, pela mulher, e tem adiantado as reformas, qualquer que seja a sua natureza.

Em 30 de junho de 1871 o poeta immortal Victor Hugo cobriu de elogios um escriptor portuguez pelo livro em que, elevando a mulher, advogava perante a opinião publica portugueza a causa da mulher portugueza. O poeta sublime escreveu o seguinte:

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Isto Victor Hugo. O livro do sr. José Palmella, «A aristocracia do genio e da belleza feminina na antiguidade» era applaudido pela imprensa periodica nacional e apresentado por escriptores notaveis, como Julio Cesar Machado, Candido de Figueiredo, D. Guiomar Torrezão, D. Marianna Angelica de Andrade, Alves de Moraes, e outros. A these do livro, pretendendo fortalecer a crença na grandeza moral da mulher, é esta:

Se a mulher, não tendo podido estudar e desenvolver-se, tem dominado nos seculos, o que não se deverá esperar d'ella nas sociedades modernas, onde já recebe educação geral, e onde já gosa de direitos?

E sendo esta a synthese do livro, o proprio auctor lança estas palavras como programma:

«Ao darmos á luz da publicidade este modesto livro «tivemos em vista combater a opinião d'aquelles que «pensam como Napoleão I: as maiores mulheres são «as que mais filhos podem dar á humanidade. Em «nosso humilde pensar, todas as mulheres podem ser «grandes, elevando-se a qualquer das tres espheras «que a natureza desenhara em volta da humanidade, «physica, moral, e intellectual, correspondentes á bel-«leza, á virtude e ao saber.»

Outro livro, dignamente destinado a elevar a mulher no conceito publico, foi este: *A mulher atravez dos seculos*, pelo sr. Marques Gomes, em que o seu illustrado autor sustenta a ideia suprema de que são as virtudes do coração que fazem toda a felicidade terrestre.

Já a proposito da influencia das escolas em favor das ideias liberaes, e portanto da questão civilisadora da mulher, indiquei, entre outros, um dos professores da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Aqui vem agora a proposito indicar a sua obra capital, e o nome do auctor. Refiro-me ao livro admiravel *A mulher e a vida* pelo sr. dr. Lopes Praça.

O escriptor, considerando a mulher debaixo de aspectos differentes, trata de demonstrar a elevação em que a devem collocar a opinião publica e as leis. Depois de instar para que a mulher seja melhorada nas suas diversas condições, ao chegar ás sciencias aconselha que lhe sejam todas franqueadas.

«Ousemos, — diz elle — reclamar para a mulher a «entrada franca do alcáçar das sciencias. Os tradiciona

«listas que sorriam da nossa audacia, interrompendo a «leitura, que nós, para evitar equivocos, abrimos já «este capitulo por onde, n'outro assumpto, o teriamos «terminado. Diremos que as mulheres, metade da es- «pecie humana, tambem merecem possuir estabeleci- «mentos de instrucção secundaria e superior, para lhes «ministrar uma instrucção accommodada á sua indole «e talentos. As Hypathias tambem poderão illustrar o «sexo feminino. Este melhoramento já tomou raizes em «povos estranhos; e se já a nossa Universidade se re- «temperou por diversas vezes com o chamamento de «sabios estrangeiros, que desdouro poderia haver para «o sexo feminino portuguez, em não poder desde logo «subministrar professoras devidamente habilitadas para «o magisterio? Proudon escrevendo a theoria do im- «posto teve por competidor uma mulher. Os Estados «Unidos, e até a Russia pensam activamente em levan- «tar o anathema secular que condemnava as mulheres «a não prestarem culto aos esplendores da sciencia. A «mulher possue, como o homem, faculdades intelle- «ctuaes, e teriam de certo mais facilidade em divulgar «a sciencia tornando-a accessivel a todas as intelligen- «cias..... A natural missão das mulheres na fa- «milia reclama que se lhes faculte a possibilidade de «se instruirem nas sciencias moraes e sociaes... O «que dizemos das sciencias moraes e sociaes, da es- «thetica e physiologia, poderiamos accrescentar relati- «vamente a outras sciencias. Appliquemos pois ás mu- «lheres, em relação á sciencia, a liberdade na applica- «ção do seu entendimento..... Nós pronunciamo-nos «pelo futuro, assistindo com prazer á dilatação dos «programmas (para o ensino das meninas) e arden-

«ciando o tempo da emancipação e da verdade: que «o Estado garanta a inteira liberdade de ensino, que a «iniciativa individual não ponha de parte a educação «scientifica das meninas que quizerem cultivar mais «largamente a sua intelligencia; as escolas primarias «chamarão as secundarias: estas, as superiores e as «profissionaes». (1)

A par da emancipação scientifica da mulher, o autor acceita e advoga a emancipação politica, entendendo que a solução mais rasoavel consistirá em entregar, por meio da instrucção, da moralidade, e da liberdade, aos povos o reconhecimento e a realisação pratica da emancipação politica das mulheres, sendo o caminho legitimo para essa emancipação a elevação progressiva moral, intellectual, religiosa, e artistica, do sexo feminino (2).

IV

Se bem que outras publicações especiaes não tenham por fim exclusivo a condição da mulher, é certo que, dedicando-se essas obras a melhorar as condições geraes da educação portugueza, n'ella se comprehende a do sexo feminino.

Alem d'isso, em grande parte tratam essas obras questões relativas á elevação moral e intellectual da mulher. Citaremos a Revista *Fröebel*, a Revista da Sociedade da Instrucção publica do Porto, o Methodo de leitura do sr. J. de Deus, as Farpas do sr. Ramalho

(1) Obra citada—Secção III, cap. I.
(2) Obra citada—secção V, cap, III,

Ortigão, a Educação physica do Dr. Augusto Filippe Simões, as publicações sobre gymnastica pelo especialista o sr. Paulo Lauret, os livros de leitura do sr. Simões Raposo e do sr. Affreixo, e diversas publicações do sr. Pinheiro Chagas e outros.

Nota do Editor.— Tinha o autor juntado a este capitulo, com o fito talvez em accrescentar a lista, muitos nomes de senhoras contemporaneas autoras de obras litterarias, musicas, pictoricas, etc., mas, ou recuou ante a ideia de tornar demasiadamente volumosa esta parte accessoria do seu estudo, ou não chegou a ter occasião de intercalar esses nomes.

CAPITULO VIII

A mulher nas suas condições economicas

Nota do Editor.— Ha apenas alguns materiaes para este capitulo. São noticias tiradas de jornaes; menção de um Regulamento que em Julho de 1891 se estava executando no Ministerio das Obras Publicas sobre o trabalho das mulheres e menores; documentos officiaes impressos, do Ministerio das Obras Publicas sobre Inquerito Industrial; e finalmente os seguintes apontamentos:

Raras são as fabricas que teem escola de ensino geral e profissional. Nas de louça das Devezas ha ensino de desenho e modelação para os operarios oleiros.

Ha fabricas onde os patrões nem sequer dão licença para os operarios irem ás escolas da localidade.

O mestre da fabrica de tabacos «Lealdade» de Gaia informou: «A pancada é o unico meio empregado aqui «na educação das creanças, o a sodomia um vicio mais «que frequente.»

Nas modistas é arrastado o emprego das aprendizas, porque, ainda que são principiantes, vão ganhando menos do que devia ser.

As costureiras (ali) o mais que ganham é 400 a 480, mas já de muitos annos. O geral porem, 300 a 360 réis por dia; mas o peor são as horas de serviço, porque trabalham desde as 9 horas da manhan até ás 8 da noite (exceptuada meia hora). Isto é o peor, a questão das horas.

Nas casas particulares que recebem costureiras para o trabalho domestico, é desde as 8 horas ou 8 horas e meia da manhan até ás 8 da noite; mas ahi dão almoço e jantar. Ganho: de 240 a 300 réis. O peor são sempre as muitas horas de trabalho.

Importante:

Ainda se fosse todo o anno! mas ha a *palha*, isto é, a quebra do trabalho nos intervallos das estações. Isto é: teem em geral trabalho durante nove mezes, e tres de palha (menos as mais favorecidas).

Costureiras de roupa branca, que trabalham para camisarias. Trabalham ainda mais, e ganham menos. Por exemplo: Camisas: uma por dia — 200 réis.

Ha costureiras de dentro nas camisarias, e recebem 300 réis por dia.

—

E á machina é 400 réis.

—

Luvarias. As luveiras ganham 500 réis quando trabalham muito bem.

—

Ajuntadeiras de sapatarias. Levam o trabalho para casa.

—

Lavadeiras. Que trabalho!! No inverno geladas. No verão assadas.

—

Engomadeiras. As melhores ganham 700 réis por dia. Termo medio da generalidade, 600 reis. As que estão porém nas engomadeiras a engomar para estas ganham somente 320 réis por dia a secco.

—

Cosinheiras. Em minoria ganham bem. 6$000 réis por mez, e comida. No geral 4$000 a 4$500 réis; mas o trabalho é muito pesado por causa do lume e dos arranjos da cosinha.

—

Importante:

E depois, não é só isto. E quando se lhes acaba o trabalho? quando são varias irmans n'uma casa?

A historia da Joaquina e das cinco filhas: só um vestido, que se revezava.

N. B.—Segue-se um resumo do Inquerito industrial de 1881.

—

Salarios das mulheres:

O que ellas ganham nas fabricas!! e em trabalhos de serventia!! e o que comem!!

—

Fazem differença as provincias entre si nos ganhos. Mas concorda esta differença com a differença proporcional das despezas?

—

O que ganham as costureiras!! e os mais trabalhos das mulheres!!

—

E as das classes populares? Lavadeiras, varinas, serventes, etc.

—

A questão das horas de trabalho ultimamente tratada no Congresso de Berlim (1890).

—

Já todas as nações teem feito as suas leis n'este sentido para os menores e raparigas. Todas as nações da Europa teem promulgado leis n'este sentido, e ha muito. E nós? Vêr isto.

—

Cá (diz um artigo do *Diario de Noticias* de 20 de Agosto de 1882) ha trabalho de largas horas para os rapazes de 7, 8, e 9 annos, de dia e de noite, com

pouco alimento, sem nenhuma instrucção litteraria e moral, e pancadaria que nem se sabe...

A Lei franceza da protecção ás creanças (Lei Roussel) foi votada em 23 de Dezembro de 1874. Iniciativa do Deputado Théophile Roussel.

Artigo de fundo muito bom no jornal *Le Voltaire* de 27 de Fevereiro de 1885.

CAPITULO IX

Lá fóra

Nota do editor.— Este capitulo parece devia ter sido uma resenha analytica dos esforços empregados em varias nações adiantadas da Europa em favor da mulher. O autor não chegou porem sequer a principial-o. Restam apenas os seguintes apontamentos:

Fragmento do jornal *Gazeta de Portugal* de 3 de Junho de 1890, onde se noticia uma conferencia publica realisada na Academia das Sciencias de Bucharest pela Rainha da Romania, que usa o pseudonymo *Carmen Sylvia*.

Fragmento do jornal *O Conimbricense* de 9 de Novembro de 1886 em que se menciona a Associação madrilena para o ensino da mulher.

Fragmento do *Diario de Noticias* de..... em que se menciona uma proposta do Deputado inglez James Stuart para que as mulheres possam ser eleitas membros dos conselhos de Condado.

—

Fragmento do jornal *Novidades* de 30 de Junho de 1889 mencionando a reunião de um congresso internaciocal *do direito das mulheres.*

—

Em Portugal a mulher é um ser inerte para a civilisação em geral, isto é: *como classe*, como metade que é da humanidade portugueza.

—

Certamente que ha por cá muitas mulheres distinctas; mas *como classe*, não.

—

Onde estão as sociedades para a leitura, como em Inglaterra? as sociedades femininas para a sua emancipação? Já não falo dos Estados Unidos.

—

Vem annexo a esta serie de apontamentos um folheto intitulado:

Coup-d'œil analytique sur l'histoire du suffrage de la Femme aux États-Uins d'Amérique etc.

Este exemplar tem a seguinte dedicatoria manuscripta:

To Mr. Antonio da Costa with the compliments of Theodore Stanton.

CAPITULO X E ULTIMO

A missão da mulher

Nota do Editor — São apenas apontamentos.

É pois necessario abrir novos horizontes á mulher portugueza.

Tudo depende da educação moral e profissional.

Que as classes altas (permittam-me que lh'o peça) se nacionalisem um tanto mais; lancem um pouco mais os olhos para as industrias portuguezas, para os livros da nossa patria, pensem mais na educação dos filhos nos lares; meditem, em summa, as miserias portuguezas.

Eleve-se, pelas reformas da educação, o nivel intellectual e moral das outras classes.

Se o novo Ministerio da Instrucção publica não houvesse sido uma caricatura, na sua organisação, nas suas vistas estreitas, nos seus resultados contraprodu-

centes, eu pediria a esse infecundo Ministerio, que as ideias de reforma, nos assumptos da civilisação feminina, partissem d'elle. Dirigir-me-hei porém unicamente aos esforços da opinião publica.

Ninguem mais do que o humilde autor d'estas linhas aprecia e apregoa quanto amor, quantos sacrificios, quantos extremos se abrigam no coração da mulher portugueza. Mulher nenhuma, como ella, ha tão meiga, tão carinhosa, tão soffredora. Altas virtudes a adornam. Deixada na sombra uns poucos de seculos, carece de tomar finalmente o seu logar. Está chamando por ella o trabalho nacional, proprio das suas faculdades especiaes. Está chamando por ella sobre tudo a grande missão de educadora, em todas as classes. O filho está dependendo da mãe para esta lhe cohibir instinctos brutaes: para elle não espancar a esposa, para não violar a virgem, para respeitar em tudo a fraqueza feminina, que é o alicerce mais forte da humanidade.

Está nos labios de todos os pensadores, que a mulher foi creada sobre tudo para verdadeira mãe de familias. Oxalá que essa phrase tão banal se realisasse na pratica! Mas ser mãe de familias não é só levar o parco jantar ao marido, e leval-o cosinhado sabe Deus como; desgrenhar-se, contra todos os attractivos do bello e do bom, remendar os filhos, e pretender ensinal-os com arremeços e brutalidades.

No assumpto moral e social da mulher ha uma revolução para fazer, se se quizer satisfazer o progresso.

N'este vasto theatro que se chama a patria portugueza, não basta que a mulher seja mera espectadora: é necessario que represente o seu grandioso papel, que se desempenhe da sagrada missão de educadora

e trabalhadora, conforme a sua indole e as suas faculdades

Perdemos muito tempo para a melhoria da mulher desde 1834, e principalmente desde 1851, quando, a par do novo Ministerio das Obras Publicas, se poderia ter creado o da Instrucção publica.

Entretanto, a situação da mulher portugueza tem melhorado um tanto. Na ordem das relações civis, a legislação anterior aos Codigos não conheceria a mulher portugueza se lh'a mostrassem como ella já hoje se acha, com direitos muito superiores aos da sua antecessora, como filha, esposa, mãe, e tanto na sua pessoa como nos seus bens. Pelo Codigo civil, pelo commercial, e pelo penal, melhorou visivelmente.

Na sua situação educativa e instructiva, os factos demonstram o grande augmento do numero de escolas, de alumnas, e até da dotação official para o desenvolvimento do ensino, e o melhoramento nas habitações de muitas professoras. Não contribuiu menos que tudo isso a acção particular, por meio da iniciativa *individual*, e pela de um numero immenso de associações que se teem fundado e se acham funccionando. Collocou-se este grande elemento da acção dos cidadãos ao lado do elemento official, e desempenhou um papel importantissimo como fonte de instrucção geral para o sexo feminino em Portugal.

Acompanhando o quadro do ensino assim melhorado, vemos os outros elementos, embora por modo indirecto, acudirem a ajuntar-se ao elemento directo do ensino, para abrangerem o assumpto no seu vasto circulo; vemos as conferencias, os saraus, os theatros, os concertos, a convivencia geral nas cidades durante o anno

todo, tornada ainda mais intensa uma parte do anno nas praias e campos; vemos as exposições, os centennarios, desenvolverem cada vez mais os conhecimentos, o apuro das ideias, o gosto do bello, n'uma palavra, o alargamento da alma.

Perante as ideias e a opinião publica, a emancipação politica da mulher ainda não obteve na generalidade a força necessaria para se impôr ás leis do Reino. A emancipação politica da mulher está porem nos desejos de um partido, como aspiração assente e vigorosa; partido que, se ainda não se acha dentro da rotação constitucional, é o que necessariamente representa o dia do futuro, d'aqui não sabemos a quantos annos (porque não somos prophetas), nem dirigido por quem (porque não ha nada mais mysterioso do que o sello da politica).

Se a emancipação social da mulher portugueza não tem ainda por si a opinião geral, a sua emancipação scientifica tem ganho mais terreno. Já uma donzella de familia conhecida na Capital, a sr.ª D. Laura Placido da Conceição d'Almeida Ferreira, se está preparando habilmente na Escola Polytechnica de Lisboa com as sciencias mathematicas e naturaes, para seguir o curso de Medicina na Escola Superior; e ninguem ainda levantou voz contra esta innovação.

Se a emancipação politica da mulher, e mesmo a sua emancipação scientifica, só teem por emquanto vozes, livros, e discursos, em seu favor, é certo que a emancipação especial da mulher para o amplo desenvolvimento das suas faculdades, com as quaes possa influir no homem pelo bom conselho, guiar os filhos, dar-lhes uma educação larga, encaminhal os para as industrias,

para as artes, vae ganhando terreno, terreno firme, já reconhecido em muitos factos.

Este partido, principiado a organisar ha quarenta annos por Antonio Feliciano de Castilho, de certo que não chega ainda até onde podia chegar; mas ganha proselytos de dia para dia, e ha-de vencer. Tem já conseguido muito em relação ao passado, e ha-de ir alcançando successivamente mais. Assim como, quando o Codigo Civil appareceu, e n'elle as conquistas promulgadas por Lei, a opinião publica recebeu com approvação geral a transformação das condições civis da mulher, por estar ganha na corrente das ideias a causa civil da mulher, do mesmo modo a corrente das ideias está gradualmente vencendo em todos os outros pontos da causa feminina; e, assim como a mulher portugueza mostrou ser digna de receber aquelles melhoramentos na sua sorte, assim tambem continuará a mostrar que merece receber os que a rasão, a justiça, e a conveniencia propria e nacional lhe vierem a outorgar.

Uma grandissima victoria moral, base de victorias reaes, alcançou ella já: é a certeza de que na consciencia publica a mulher, infeliz e sympathica metade do genero humano, vale mais, do que os seculos anteriores julgavam.

Os legisladores não se atrevem já a negar aos philosophos a importancia e os direitos da mulher, nem a influencia extraordinaria das suas faculdades e dos seus sentimentos sobre o bem especial do homem, e sobre a civilisação da humanidade; só pedem tempo, e dinheiro. Quando uma causa alcança esta altura, está ganha.

A mulher portugueza conta uma tradição historica

honrosissima. A mulher actual, apresentando-se tão digna, como temos visto na transformação civil e pedagogica já obtida, tomando a peito, como tem tomado, a fundação de tantos institutos educativos a bem do seu sexo, dotando-os, subsidiando-os, e servindo-os, exhibindo tão dignamente provas publicas nos exames das disciplinas em que tem obtido os louros dos seus trabalhos, e tendo, em summa, recebido da natureza e da tradição as qualidades do caracter affectuoso, da abnegação, do sacrificio, qualidades que lhe são peculiares, hade saber manter com honra sua e proveito geral os novos foros da civilisação, e collocar-se nobremente ao lado da mulher europèa, quando brilhar sobre a humanidade o sol da justiça n'esta santa causa.

A MULHER EM PORTUGAL

INDICE

Advertencia do editor 5

Parte I — A MULHER NA HISTORIA

Secção I — *A sombra do claustro*

Cap. I — A mulher nas classes elevadas. 13
Cap. II — A mulher nas classes populares 23
Cap. III — As versejadoras da Côrte..... 36
Cap. IV — A senhora D. Filippa 52
Cap. V — Duas poetisas infelizes..... 62
Cap. VI — D. Leonor de Mendanha (Soror Brisida de Santo Antonio)... 75
Cap. VII — Soror Violante do Ceo..... 92
Cap. VIII — D. Feliciana de Milão..... 104

Secção II — *No mundo*

Cap. I — A Infanta D. Maria e a sua academia litteraria..... 123
Cap. II — Um menino entre os doutores.. 165
Cap. III — D. Bernarda Ferreira de Lacerda..... 174
Cap. IV — Josepha de Ayala..... 189
Cap. V — D. Leonor da Fonseca Pimentel 202

Cap. VI — Viscondessa de Balsemão (D. Catharina) 213
Cap. VII — Alcippe (Marqueza de Alorna). 229
Cap. VIII — Francilia (D. Francisca de Paula Possollo) 241
Cap. IX — Tirce (A Condessa do Vimieiro D. Theresa de Mello Breyner) 251
Cap. X — D. Marianna Antonia Pimentel Maldonado 266
Cap. XI — D. Maria Cecilia Aillaud..... 273
Cap. XII — D. Maria Rita Chiappe Cadet, D. Antonia Gertrudes Pusich, D. Maria Felicidade do Couto Brown (Soror Dolores), D. Marianna Angelica de Andrade 304
Cap. XIII — D. Henriqueta Elisa Pereira de Sousa 312
Cap. XIV — D. Maria José Canuto..... 326
Cap. XV — D. Carlota O'Neill..... 332
Cap. XVI — Conclusão da Parte I..... 337

Parte II — A MULHER NA ACTUALIDADE

Cap. I — A mulher nas suas condições civis 341
Cap. II — A mulher nas suas condições de instrucção 354
Cap. III — A mulher nas suas condições industriaes..... 385
Cap. IV — A mulher nas suas condições scientíficas..... 408
Cap. V — A mulher artista..... 422
Cap. VI — A mulher na desgraça..... 426

Cap. VII — A condição da mulher portugueza perante as ideias e a influencia da opinião. A mulher politica..... 444
Cap. VIII — A mulher nas suas condições economicas..... 458
Cap. IX — Lá fora..... 463
Cap. X — e ultimo — A missão da mulher 465

BINDING SECT. SEP 12 1977

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

HQ
1697
C67

Costa, Antonio da
A mulher em Portugal

(30)